MARLI DOCKHORN LEMKE

A Educação Luterana no Brasil: um Estudo sobre o Desenvolvimento Histórico, Filosófico e Sociológico das Escolas Luteranas no Paraná (1853-1992)

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Alvino Moser

CURITIBA
1992

Marli Dockhorn Lemke

A Educação Luterana no Brasil: um Estudo sobre o Desenvolvimento Histórico, Filosófico e Sociológico das Escolas Luteranas no Paraná (1853-1992)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, pela Comissão formada pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Alvino Moser
Setor de Ciências Humanas
Letras e Artes, UFPR

Profa. Dra. Zélia Milléo Pavão
Setor de Ciências Exatas, UFPR

Prof. Me. José Augusto das Neves Miranda
Setor de Educação, UFPR

Curitiba, 21 de dezembro de 1992

Lembrem-se disso pais: não prestarão melhor serviço a Deus, à cristandade, ao mundo todo, a si mesmos e a seus filhos do que educando bem estes filhos ... Pois é este o caminho certo para o céu - Jesus Cristo.

Martin Luther

Sumário

Lista de Abreviaturas e Siglas VII
Resumo VIII
Abstract IX
Introdução 01
1. Inspiração Metodológica 04
1.1 Fundamentação em Max Weber 05
1.2 Definição do Problema da Pesquisa:
A Sobrevivência das Escolas Luteranas
no Paraná 21
**2. Tendências Filosófico-Pedagógicas
da Educação Brasileira** 25
2.1 Escola Tradicional e a Escola Nova 26
2.2 Escola Tecnicista 27
2.3 Pedagogia Histórico-Crítica 29
3. Princípios da Educação Segundo Lutero 31
3.1 Resumo dos Princípios Segundo Lutero
(Ver Anexo A) 32
3.2 A Análise de M. A. Manacorda sobre a
Reforma e a Escola 36
3.3 A Filosofia da Educação Luterana Compilada
por M. C. Warth 38
**4. Histórico da IECLB, no Brasil, sobre a
Fundação e Manutenção de Escolas** 41
4.1 Seleção de Documentos Publicados
no Período da Escola Tradicional 42
4.2 Seleção de Documentos Publicados
no Período da Escola Nova 53
4.3 Seleção de Documentos Publicados
no Período da Escola Tecnicista 63
4.4 Seleção de Documentos Publicados
no Período da Pedagogia Histórico-Crítica 71

5. Histórico da IELB, no Brasil, sobre a Fundação e Manutenção de Escolas 93
5.1 Seleção de Documentos Publicados no Período da Escola Tradicional 94
5.2 Seleção de Documentos Publicados no Período da Escola Nova 103
5.3 Seleção de Documentos Publicados no Período da Escola Tecnicista 118
5.4 Seleção de Documentos Publicados no Período da Pedagogia Histórico-Crítica 126
6. Análise do Problema 150
6.1 As Escolas Luteranas no Período da Escola Tradicional 152
6.2 As Escolas Luteranas no Período da Escola Nova 154
6.3 As Escolas Luteranas no Período da Escola Tecnicista 157
6.4 As Escolas Luteranas no Período da Pedagogia Histórico-Crítica 161
7. Limites e Perspectivas 167
Anexos 173
A - Princípios da Educação segundo Lutero 173
B - A IECLB e a IELB no Brasil e no Paraná - Fontes Bibliográficas 195
C - Apontamentos para o Histórico do Colégio Martinus - Curitiba 213
D - Apontamentos para o Histórico da Escola Rui Barbosa - Imbituva 240
E - Apontamentos para o Histórico de Marechal Cândido Rondon e Escolas Luteranas 252
F - Apontamentos para o Histórico da Escola Santa Cruz - Capanema 286
G - Apontamentos para o Histórico do Colégio Cianortense - Cianorte 297
H - Algumas Escolas Luteranas e/ou Alemãs Extintas do Paraná 305
I - Relação de Escolas Luteranas associadas à Associação Evangélica de Educação - IECLB 332

J - Relação de Estabelecimentos Luteranos
de Ensino - IELB 335
Glossário 344
Notas de Referências 347

Lista de Abreviaturas e Siglas

ANEL	-Associação Nacional de Educadores Luteranos (IELB)
ASSINTEC	-Associação Interconfessional de Educação de Curitiba
CDEME	-Centro dos Diretores do Ensino Médio Evangélico (IECLB)
CELADEC	-Comissão Evangélica Latino-Americana de Educação Cristã
F.L.M.	-Federação Luterana Mundial
ICSL	-Instituto Concórdia de São Leopoldo (IELB)
ICSP	-Instituto Concórdia de São Paulo (IELB)
IECLB	-Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
IELB	-Igreja Evangélica Luterana do Brasil
I.L.	-Revista Igreja Luterana (IELB)
JOREV	-Jornal Evangélico (IECLB)
L.C.	-Periódico Lar Cristão (IELB)
MEC-USAID	-Os acordos entre o Ministério da Educação e Cultura (Brasil) e a Agência Internacional para o Desenvolvimento (U.S.A)
M.L.	-Revista Mensageiro Luterano (IELB)
P.L.	-Periódico Presença Luterana (IECLB)

Resumo

Inspirando-se na metodologia de Max Weber, esta pesquisa investiga a questão da sobrevivência das escolas confessionais particulares das Igrejas Luteranas (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e Igreja Evangélica Luterana do Brasil) no Estado do Paraná - Brasil. A análise é feita seguindo-se a periodicidade das tendências filosófico-pedagógicas da escola tradicional, nova, tecnicista e histórico-crítica. Desde 1853 a 1992, em cada um dos períodos, é demonstrado como e porque as escolas confessionais vão desaparecendo. Em anexo à pesquisa, estão os apontamentos das escolas que sobrevivem atualmente bem como os apontamentos de algumas escolas luteranas e/ou alemãs extintas do Paraná. A pesquisa espera contribuir para com o problema da escola particular versus escola pública.

Abstract

Based on Max Weber's methodology, this research investigates the survival of Private Confessional Schools in Protestant Churches (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB and Igreja Evangélica Luterana do Brasil - IELB) in the State of Paraná - Brazil. The analysis follows the philosophical and pedagogical principles of traditional, behaviorist, technicist and progressist trends. It is presented how and why confessional schools have been disappearing during such corresponding theories from 1853 to 1992. Enclosed to the research there are notes of schools wich are surviving nowadays as well as notes of some Lutheran Protestants and/or German Schools which vanished in the State of Paraná. The research is expected to bring contributions to the problem of private versus public schools.

Introdução

A preocupação hoje, em torno da questão da escola particular e da escola pública, chega a ser dramática. E' sem dúvida um dos maiores problemas que a educação brasileira enfrenta.

A nossa preocupação, neste momento, é com relação à escola particular confessional. E mais especificamente, com a educação luterana. Investigar a estrutura global da Igreja Luterana exigiria um estudo muito mais profundo, bem como um espaço maior de tempo. Assim, defrontamo-nos com a questão das escolas luteranas e com o tipo de educação que aí está sendo desenvolvida e não a educação luterana como um todo.

Para fundamentar nosso estudo, foi preciso organizar o histórico da **Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil** - IECLB - e da **Igreja Evangélica Luterana do Brasil** - IELB. Mas este histórico, só no que dizia respeito à fundação e manutenção de escolas. Fizemos então um levantamento das publicações em cada momento histórico, contextualizado nas tendências filosófico-pedagógicas da educação brasileira.

Para aprofundar melhor a questão teórica da pesquisa, introduzimos em capítulos à parte, um breve relato daquelas tendências, bem como a filosofia luterana de educação.

Toda a seleção dos dados girou em torno do problema a ser investigado - a questão da sobrevivência das escolas luteranas - e especificamente das escolas no Paraná. Esta metodologia inspirou-se no método compreensivo da sociologia de Max Weber.

Desta forma, tentamos entender porque tantas escolas

confessionais deixaram de existir e como o Estado, no avanço da escola pública, interfere na permanência ou não das escolas confessionais luteranas no Paraná. Sendo esta uma questão mais profunda a ser investigada futuramente.

No capítulo que se refere a análise do problema estão as nossas primeiras impressões a respeito da questão investigada. Como pano de fundo está o conflito entre o que os luteranos defendem como educação ideal, isto é, a preservação dos princípios cristãos já defendidos por Lutero e do outro lado a realidade por eles vivenciada. Esta realidade encontra-se nos relatos e nas entrelinhas das entrevistas que estão nos anexos desta pesquisa. A distância entre o real e o ideal é enorme. Daí a necessidade de aprofundar a questão dos valores luteranos de educação.

Acreditamos que, da forma como organizamos os documentos coletados, é possível levantar outros problemas e no conjunto de várias análises poderemos chegar mais próximos do centro da questão. Assim, pretendemos contribuir para com esta temática e entender que uma escola confessional particular não deixa de ser uma escola pública. Mas esta escola confessional pública precisa encontrar seu espaço para sobreviver.

No último capítulo, em limites e perspectivas, falamos justamente desse assunto. Trazemos à tona considerações e questionamentos. A educação pública brasileira precisa melhorar e a educação luterana pode e deve contribuir. E' preciso encontrar caminhos para ambas que não deixam de se preocupar com um só e o mesmo povo.

Capítulo 1
Inspiração Metodológica

1.1 Fundamentação em Max Weber

Para esta pesquisa, baseamo-nos na exposição de Julien Freund sobre o pensamento sociológico de Weber. Não foi possível, de momento, consultar von Schelting e R. Aron que expuseram, respectivamente, o pensamento epistemológico e histórico de Weber.

Fizemos várias leituras nas próprias obras de Weber, chegando a nos aprofundar, por exemplo, em seu conceito de ação social. Isto nos possibilitou entender a vivência cristã das comunidades e escolas luteranas.

No entanto, para este trabalho, limitamo-nos a entender o assim denominado, "método compreensivo". Para isso, fizemos a leitura nas entrelinhas de sua obra: *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

Desta forma, passamos a expor o pensamento sociológico de Weber, segundo Julien Freund.

Conforme o autor mencionado, a visão de mundo de Weber considera que, no estado atual da ciência, é impossível edificar sistemas definitivos. O que se consegue é unir *provisoriamente* certo número de relações, mas não se pode construir um sistema global.[1]

Weber evita reduzir suas explicações a um núcleo único. O conhecimento e a ação nunca se realizam definitivamente. Nenhuma ciência tem condições de satisfazer nosso saber. O entendimento é incapaz de *copiar* o real. Entre o real e o conceito a distância é infinita. Seja qual for o *método*

adotado, tudo o que é possível é *ordenar* relativamente o *real*, nunca esgotá-lo. O método, qualquer, só pode fornecer aspectos do mundo empírico. Por isso Weber se opõe a classificadores, dialéticos e outros que constroem conceitos e pretendem daí extrair a realidade. Tais filosofias ele chama de "emanatistas".[2]

Weber é analista puro, preocupado em *conhecer* os dados históricos e em interpretá-los dentro dos limites controláveis.[3]

Só se pode determinar o sentido (histórico, social) relacionando-o com os valores considerados essenciais para os homens da época.

O essencial é que no momento em que julgamos o significado, precisemos sempre com absoluta clareza a que ordem de valores nos referimos senão, nos arriscaremos a cair numa confusão prejudicial ao trabalho científico pelo fato de termos talvez atribuído *nossa* escala de valores *ou* por termos embaralhado indistintamente todas estas séries de valores.

Raciocínios falsos têm origem na confusão de valores. Qualquer fenômeno estudado deve indicar a que valores se referem.[4] O *antagonismo* dos valores é simplesmente *insuperável*. Definir (escolher) uma posição é opor-se a outra.[5]

Weber continua um inspirador, nunca foi nem quis ser um mestre. Ele deseja que seu pensamento seja polemizado. Ficou sem amigos, devido a neutralidade axiológica.[6]

Weber passava por ateu, mas a sociologia religiosa é

fundamental para a análise da sociedade.[7]

Quanto à metodologia, fiel a Kant, Weber nega que o conhecimento possa ser uma reprodução integral da realidade: "O real é infinito e inesgotável".[8]

O problema fundamental é a relação entre lei e história - conceito e realidade - tanto os métodos "generalizantes" quanto os "individualizantes" são incompletos. Nenhum é ideal. Tudo depende do "faro" do sábio.[9]

Segundo Weber podem existir tantas ciências quantos forem os pontos de vista e os pontos de vista são inesgotáveis.[10]

A seleção dos dados entre os aspectos da realidade é infinita. O sábio decide sobre os conceitos que lhe são úteis e que rigor lhes dar com vistas a sua pesquisa. O rigor, não é pela precisão numérica, pode também ser obra da crítica, racionalização lógica, exatidão nas observações ou acuidade da intuição.

A soma de conceitos e seleções, jamais será o total do real.[11] Qualquer que seja a análise com pretensões ao título de conhecimento científico, deve submeter-se às regras do controle, da verificação, da prova e que são as mesmas para as ciências positivas e empíricas.[12] Necessidade e liberdade transcendem o saber empírico, não devem orientar o trabalho do sábio.[13] Só há ciência do que é. Causa pode ser efeito, efeito pode ser causa, depende do ponto de vista.[14]

Os aspectos da seleção considerados são por motivo do rumo de nossa curiosidade e do fim da pesquisa. Julgamento de valor não é ciência, é pura subjetividade.[15] E nesse sentido -

avaliação (sistema de valores) - dependem da nossa vontade e dizem respeito à nossa fé em fins últimos - dos quais não há ciência. A relação com os valores constitui a base das perguntas que formulamos à realidade. Realizamos a seleção segundo uma relação com os valores.

O sábio (investigador científico) deve esforçar-se por fornecer ao leitor a possibilidade de controlar a precisão de seu raciocínio e a solidez de suas considerações.[16]

O sociólogo projeta uma luz nova sobre a questão investigada (por causa de sua relação com os valores) faz abordagens inéditas, levanta novos problemas, descobre aspectos novos. O conjunto de todos pontos de vista, nos permite, uma *idéia tão exata* quanto *possível*.

Nenhum sábio esgota o problema, ao contrário, a realidade se torna cada vez mais inteligível em sua complexidade à medida que novos historiadores, sociólogos, etc, a estudam em funções com outras relações com os valores.

O historiador de hoje tem tanto interesse na realidade antiga quanto os de outras épocas. Os valores são o princípio da seleção.[17]

O papel da relação com os valores:

1. determina a seleção do tema;
2. triagem entre o essencial e o acessório;
3. significação que se lhe atribui;
4. causalidade;
5. afasta o que é simplesmente vivido ou vagamente sentido.[18]

Por isso, toda ciência procede necessariamente por *in-*

terpretação.

A *interpretação fundamentada na relação com os valores* é que confere uma significação a uma atividade por se colocarem ao mesmo tempo os *motivos* e o *fim*.[19]

Para dar aos *conceitos* utilizados pelo método histórico um rigor suficiente é que Weber criou a noção de *idealtipo*.[20]

Idealtipo é o conjunto de conceitos que o especialista das ciências humanas constrói unicamente para fins de pesquisa.[21]

A noção de tipo pode tomar o sentido de um conjunto de traços comuns (o tipo médio), mas também o de uma *estilização* que põe em *evidência* os elementos característicos, *distintivos* ou *típicos*.

A *idealidade* desta construção conceitual é uma racionalidade *utópica*, que nunca ou raramente é encontrada em sua pureza na realidade empírica e concreta.

O idealtipo consiste em uma representação ideal e consequentemente de uma totalidade histórica singular, obtida por meio de racionalização utópica e de acentuação unilateral dos traços característicos e originais para dar uma significação.[22]

O idealtipo não precisa exprimir a verdade "autêntica", é impossível saber como eles pensavam exatamente naquela e nesta época.[23]

Historiadores e sociólogos que não constroem idealtipo, o fazem inconscientemente - fazem passar seus julgamentos de valor por ciência. Termos gerais: cristianismo, feudalismo, chefe

de empresa, valor, são idealtipos.[24]

Weber tinha consciência das falhas de sua teoria. Muitos o condenaram. Ele responde: "enquanto não tivermos algo melhor..."

O *método idealtípico* tem a vantagem de salvaguardar o rigor conceitual, a unidade e a originalidade de um conjunto histórico, cada vez que a curiosidade nos leva a estudá-lo em sua singularidade.

O idealtipo comanda a *teoria da possibilidade objetiva* e da *causa adequada* (Ensaio: Estudos Críticos de Weber falam dessas duas categorias em metodologia da História).[25]

A história não é racional em si mesma, mas o historiador consegue racionalizá-la relativamente, o que significa que, na medida em que ele consegue formular julgamentos objetivos de ordem probalística sob a forma de uma relação adequada entre *a causa e o efeito*, é possível um conhecimento científico da História, apesar do encontro de irregularidades devidas ao caso ou aos acidentes e à intervenção da vontade humana.

Para Weber não há diferença de natureza entre uma atividade individual e uma atividade social ou coletiva. Cultura não é obra de um ser, mas de uma sociedade (mas cultura helenística, por exemplo, é singular).[26]

E' somente comparando a atividade real do agente com aquela atividade ideal que ele (o sociólogo) poderá saber se o agente tinha razão de contar com as esperanças que nortearam seus atos, quais os erros cometidos durante o empreendimento,

ou quais os elementos exteriores imprevisíveis que desviaram a atividade de seu objetivo inicial.

Sobre *a neutralidade axiológica*, o problema: tem o *sábio* o direito de aproveitar a autoridade adquirida, em matéria puramente científica, para impor seus pontos de vista pessoais e partidários?

E' preciso distinguir entre ciência e fé (não só religiosa, mas também política, ética, etc).[27]

O que Weber não admitia era que se apresentassem como verdades científicas convicções pessoais e subjetivas sob o hábil subterfúgio que se confunde com uma pretensa boa-fé (que se apoia numa crença).

Para evitar equívocos, Weber distingue dois planos: o da *pedagogia* e o da *pesquisa*.

Na sala de aula o professor não deve impingir aos alunos suas convicções pessoais, deve (somente) dar cumprimento a sua tarefa pedagógica.[28] A universidade não é privilégio de nenhuma doutrina especial. Todos têm direito a opiniões contrárias.[29]

A função do professor é ficar a serviço da disciplina que ministra. Se não puder deixar de fazer avaliações, que tenha a coragem de dizer aos alunos quando se apoia em raciocínio empírico ou apreciação pessoal.[30]

No campo da pesquisa a distinção entre ciência e convicção corresponde a uma necessidade lógica, de sorte que se comete um pecado contra o espírito da ciência, desvirtuando-a em posições subjetivas. Mesmo difícil, é obrigatória a separação, senão se deixa de ser sábio.

O papel do professor é *interpretar*, analisar, expor uma situação com todos os recursos do método científico, e *não* apresentar seu parecer pessoal, ou aprovar um gênero de opinião e desaprovar outros.

Não é vedado à ciência estudar *avaliações* (opiniões sobre ...), desde que não se avalie.

Quando não se sabe (pela investigação), deve-se dizer simplesmente que não se sabe explicá-los. E não jogá-los aos naturalismo, espiritualismos, superstições e outros.[31]

A ciência pode dizer-nos o que podemos e, conforme o caso, o que queremos fazer, de modo algum, porém o que devemos fazer.

Em resumo: se a neutralidade axiológica permanece um problema no campo da pedagogia, que cada professor pode resolver a seu modo, pode-se impor com uma necessidade lógica no campo da pesquisa, sob pena de desvirtuar a ciência.

O historiador da arte estuda a arte e não responde se se deve fazer arte.

Lendo-se Nietzsche, quando este julga os últimos homens que descobriram a felicidade, pode-se sempre perguntar a ciência: que devemos fazer? como devemos viver? não dará nenhuma resposta, porque ela - a ciência - é teoria. Esta resposta cada um deve procurar em si mesmo, de acordo com o seu gênio ou sua fraqueza.[32]

Quanto ao método da compreensão, sabe-se que Weber não foi o seu inventor. O historiador Droysen, por volta de 1850, é que elaborou este método pela primeira vez.[33]

Em relação à sociologia religiosa, a conduta significativa

de ser religioso é que interessa a Weber. Não é, como na posição positiva, a negação ou o desprezo da religião. Mas sim, é no sentido de compreender qual a influência do comportamento religioso sobre as outras atividades, ética, econômica, política ou artística, e de apreender os conflitos que possam surgir da heterogeneidade dos valores que cada uma delas pretende servir.[34]

Mais do que qualquer outro, o problema de tensão entre religião e as outras atividades reteve a atenção de Weber.[35]

Assim, foi que escolhemos para esta pesquisa, a obra mencionada no início desta parte, para adentrar no espírito do método compreensivo. Mesmo porque, esta nossa investigação trata justamente da questão de determinada religião (luterana) e de suas escolas.

Falaremos, então, analisando a própria obra de Weber, não só da ética protestante e do espírito do capitalismo, como também da forma (método) pelo qual é conduzido o assunto.

Iniciando, diferencia católicos de protestantes, destacando que os últimos possuem maior número de escolas modernas (politécnicas) para a época. Os católicos preferem a aprendizagem humanística.[36] Investiga, portanto, os elementos que diferenciam as duas crenças. Procura encontrar a característica ascética comum de muitos protestantes. E a combinação entre o capital e o ascetismo é encontrado em especial no calvinismo protestante, muito mais do que no luteranismo.[37]

Para captar o sentido, deixa o geral e penetra no particular para ver as diferenças. E assim tenta descobrir o

porquê é diferente. Questiona porque acontece em determinado lugar (e época) e não em outro.

As forças mágicas e religiosas e os ideais éticos delas decorrentes sempre estiveram entre os mais importantes elementos formativos da conduta. E' com elas que os estudos de Weber se preocupam.[38]

Os conceitos surgem no final da investigação, por exemplo, o conceito de "espírito".[39]

Para investigar o conceito de vocação, busca a origem na concepção do termo em Lutero e diz ser tarefa de investigação.[40]

A vocação, em Lutero, surge para o trabalho secular como expressão de amor ao próximo. Visão ingênua em contraste com a visão de Adam Smith, sobre a divisão do trabalho que obriga cada um a trabalhar para os outros (ver comentário no capítulo 7).

Estudando Lutero, na investigação das diferenças na origem da concepção de vocação, Weber ressalta:

> Em primeiro lugar, quase não é preciso apontar para o fato de Lutero não poder ser identificado ao espírito do capitalismo, pelo menos no sentido em que temos usado esse termo, nem, aliás, em qualquer outro sentido. Mesmo aqueles círculos religiosos, que mais fervorosamente costumam cultivar o feito da reforma, não são em seu conjunto amigos de qualquer forma de capitalismo, e o próprio Lutero teria sem dúvida repudiado violentamente qualquer parentesco com uma mentalidade como a de Franklin.[41]

Como se trata de um tema polêmico e a nosso ver muito importante para os dias de hoje, onde a educação para o

trabalho é supervalorizada, ressaltamos algumas questões sobre o assunto.

Segundo Weber, o efeito da Reforma, como um todo, em contraste com a concepção católica, foi aumentar a ênfase moral e o prêmio religioso para o trabalho secular e profissional.

Assim, ao nosso ver, é preciso selecionar para este estudo, as diferenças fundamentais do pensamento de Lutero e dos luteranos em relação à vivência "cristã", dos puritanos ascéticos. Para esta diferenciação seguiremos as próprias explicações de Weber.

O desenvolvimento posterior da concepção de vocação manifestada pela Reforma, passou a depender do desenvolvimento da religiosidade, na forma em que, daí por diante, foi-se dividindo nas várias igrejas reformadas.

A autoridade da Bíblia, da qual Lutero acreditava retirar a autoridade de sua concepção de vocação, favorecia em seu todo uma interpretação tradicionalista.[42]

A noção moderna de vocação não está baseada na autoridade pessoal de Jesus - "dai-nos hoje o pão nosso de cada dia".

O apóstolo Paulo vê a vocação com indiferença. Como esperavam a vinda do Senhor, cada um devia permanecer em seu posto e na atividade secular em que o chamado do Senhor o tivesse achado.

Para Lutero, o indivíduo pode alcançar a graça, qualquer que seja o seu tipo de vida, pois não há sentido algum na curta peregrinação da vida em pôr ênfase em determinado tipo de profissão.[43]

A profissão concreta do indivíduo vai sendo interpretada cada vez mais como um dom especial de Deus, e, a posição que ele oferece na sociedade, como preenchimento da vontade divina.

Lutero não se liga a uma concepção fundamentalmente nova. A pureza da doutrina como único critério da infalibilidade da Igreja, cada vez mais aceita por ele depois da Guerra dos Vinte, bastou para pôr em cheque o desenvolvimento de novos pontos de vista no plano ético.

O conceito de vocação permaneceu assim em sua forma tradicional. A vocação para ele era algo aceito como uma ordem divina, a qual cada um devia adaptar-se. O trabalho vocacional é a tarefa ordenada por Deus.[44]

Uma concepção de vocação, no sentido luterano, só possui alcance problemático (fundamentos inseguros) para o que Weber procura. Pois o sentido, a significação que Weber procura, não pode ser derivada diretamente da posição de Lutero e da sua igreja frente à vocação secular, e, provavelmente, não será tão fácil encontrá-la, como em outras correntes do protestantismo.

Assim, para encontrar o espírito do capitalismo, Weber volta sua pesquisa para Calvino e Zwínglio. A repugnância, tanto de católicos quanto de luteranos, repousa sobre as peculiaridades éticas do calvinismo. Basta uma observação superficial para verificar que se encontra aí um tipo de relação entre vida religiosa e os atos seculares completamente diversa, tanto do catolicismo como do luteranismo.

O apego ao mundo, a valorização da vida secular como dever (dos puritanos) deixa de ser afim ao luteranismo, pelo

menos ao de Lutero e de Paul Gerhard.[45]

Weber admite que o centro do pensamento original de todos reformadores, era a salvação das almas. Os resultados culturais da Reforma foram em boa parte consequências imprevistas e até opostos ao que os reformados realmente desejavam.

Weber pesquisa então Calvino, o calvinismo e outras seitas "puritanas" para explicar o desenvolvimento do espírito do capitalismo.[46]

Weber não quer fazer um juízo de valor do conteúdo da Reforma. A pesquisa é feita para tornar mais claro o impacto que os motivos religiosos tiveram no processo de desenvolvimento da moderna cultura secular, surgida de inúmeros fatores históricos.

Também não se pode aceitar a tese de que o "espírito do capitalismo" teria surgido de determinadas influências da Reforma.[47]

O que se pretende é avaliar em que medida os fenômenos culturais contemporâneos se originaram historicamente em motivos religiosos, e em que medida podem ser relacionados a eles.

Tendo identificado a origem de seu objeto de estudo, Weber passa a analisar um determinado tipo de protestantismo. Expõe para isso, os fundamentos religiosos do ascetismo laico. E distingue, em todo capítulo IV, o luteranismo do ascetismo proveniente do calvinismo. Desde a doutrina até a vivência:

> Em chocante contradição com o luteranismo, esta

> atitude para com a vida ligou-se também ao quase desaparecimento da confissão - da qual Calvino somente suspeitava em virtude de suas possíveis más interpretações sacramentais - em todas as relações onde o calvinismo se desenvolveu em toda a sua plenitude. Foi este um acontecimento da maior importância.[48] ... Em vez de humildes pecadores, a quem Lutero prometia a graça se a Deus se confiassem em fé penitente, foram produzidos estes santos autoconfiantes...
> ...Por outro lado, a fim de alcançar aquela autoconfiança, uma intensa atividade profissional era recomendada como o meio mais adequado (para alcançar a graça).[49]

Na metodologia empregada, Weber constata que no específico (na singularidade) é que se pode observar as diferenças. Destacamos ainda em sua interpretação:

> O processo de santificação da vida (dos puritanos) podia, assim, tomar quase o caráter de uma empresa comercial (negociação com Deus para obter a graça). À completa cristianização de toda a vida era a consequência deste tipo metódico de conduta ética a que o calvinsimo, diferentemente do luteranismo (sem grifo no original), obrigava os homens.[50]

Weber diz que ao luteranismo, devido a sua doutrina da graça, faltava a sanção psicológica de conduta sistemática que o compelisse à racionalização metódica da vida. Diz ainda que as diferenças de conduta chegam a ser chocantes perante os olhos dos ascéticos.[51]

Daí o porque de Weber pesquisar o pietismo, o puritanismo e a conduta ascética e não propriamente o luteranismo. Coloca que a conexão entre a moralidade e o perdão dos pecados ... "é tão frouxa como o luteranismo em geral".[52] Faz, igualmente referência a um, que se diz represen-

tante da linha "paulino-luterana". No entanto, observa influências luteranas nos movimentos da religiosidade ascética.

Observando, então, que é na idéia puritana de vocação, atuante na vida profissional, em que o "espírito" do capitalismo se desenvolve, Weber faz a análise da *ascese*. Diz que o ascetismo cristão já tinha dominado o mundo a partir do *mosteiro* (salvação pelas obras). Agora o ascetismo adentrou no mercado da vida, e de forma racional (Deus abençoa seus escolhidos através do sucesso em seu trabalho).[53]

Na concepção puritana de vocação, a ênfase sempre é posta no caráter metódico da ascese vocacional, e não, *como em Lutero*, na aceitação do destino de Deus (cada um no lugar em que Deus o chamou). Diz Weber que Lutero nunca conseguiu se libertar da indiferença paulina pelo mundo. Só o fato de aceitar o mundo como ele é, por si só já constitui um dever, um mandamento de Deus.[54]

Da combinação da restrição do consumo com a liberdade da procura de riqueza resulta, é óbvio, na acumulação capitalista através da compulsão ascética à poupança. Assim:

> Um dos componentes fundamentais do espírito do moderno capitalismo, e não apenas deste, mas de toda a cultura moderna: a conduta racional baseada na idéia da vocação, nasceu - segundo se tentou demonstrar nessa discussão - do espírito da ascese cristã (sem grifo no original).[55]

Falando dos bens materiais que assumiram uma força sobre os homens, como nunca antes na História, Weber conclui:

> Ninguém sabe ainda a quem caberá no futuro viver nessa prisão, ou se, no fim desse tremendo desenvolvimento, não surgirão profetas inteiramente novos, ou um vigoroso renascimento de velhos pensamentos e idéias ... mas, com isto, alcançamos o campo dos juízos de crença e de valor, com os quais não deve ser sobrecarregada essa exposição puramente histórica. (sem grifo no original)[56]

Até aqui relatamos a visão de Max Weber e selecionamos os pontos divergentes do luteranismo em relação ao espírito do capitalismo. Também tivemos com isto a intenção de entender melhor o próprio *método compreensivo*.

Pelo exposto, já podemos deduzir que nossa primeira abordagem nesta investigação, sobre as escolas luteranas no Brasil e especificamente no Paraná, será o próprio pensamento de Lutero. E a tentativa é a de descobrir a forma pela qual este pensamento se desenvolveu no cotidiano das escolas luteranas.

1.2 Definição do Problema da Pesquisa: A sobrevivência das escolas luteranas no Paraná.

Nesta pesquisa, por opção, tivemos o cuidado de registrar cuidadosamente em títulos distintos, as publicações da **Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB** e da **Igreja Evangélica Luterana do Brasil - IELB.**

A intenção foi trazer aos leitores o genuíno que há em cada concepção luterana, isto é, da IECLB e da IELB. Coletamos os dados sendo estes selecionados em relação ao objeto de pesquisa. A documentação publicada é como se fosse um mundo à parte. E' de uma riqueza de informações que podemos até afirmar: inesgotável.

A seleção baseou-se nas palavras-chaves: história-filosofia-sociologia. Os textos foram selecionados em cada período histórico definido em relação ao contexto brasileiro. Seguimos rigorosamente as datas de publicação selecionando os conteúdos, evidentemente com o critério da sequência cronológica. Quanto à filosofia, selecionamos os assuntos nos documentos, os que se referissem aos princípios cristãos defendidos por Lutero em seu tempo e preservados pelos luteranos até hoje. Sociologicamente, tentamos observar como os princípios luteranos da educação acompanharam o contexto brasileiro e isto em cada período histórico previamente definido. Tentamos, inclusive, observar se houve inovação ou não.

Assim, construído um tipo ideal de educação (os princí-

pios luteranos) procuramos investigar, ao longo da história, o desenvolvimento - inovação, transformação, adaptação e mesmo descobrir o porque do desaparecimento - das escolas luteranas no Brasil e especificamente no Paraná. Consideramos para esta pesquisa apenas a análise dos documentos de influência geral no Brasil e as cinco escolas que continuam funcionando até hoje no Paraná, nos moldes luteranos: uma em Curitiba, Imbituva e Capanema e duas em Marechal Cândido Rondon.

O problema então transparece claro, das próprias preocupações com que os autores dos textos selecionados se ocupam o tempo todo: *a sobrevivência da escola evangélica luterana comunitária.*

Também, dos próprios textos, podemos colocar as perguntas da pesquisa: qual a razão de existir a escola particular confessional? Como, então, manter as escolas comunitárias e/ou paroquiais?

Emerge, destas questões investigadoras, outra que consideramos de suma importância. A saber, a interferência do Estado nas escolas particulares, através da imposição da legislação de ensino. Este problema, por si só, já pode vir a ser objeto de uma futura pesquisa.

Tomamos o cuidado em selecionar os textos publicados em periódicos oficiais e a coleta limitou-se ao fichário das bibliotecas centrais das Igrejas. E diga-se de passagem, não fosse este fichário, teria sido impossível levar a efeito esta pesquisa neste espaço de tempo.

Convém ressaltar a informação de que muitos dos documentos das comunidades luteranas foram recolhidos durante

a Segunda Guerra Mundial e de que estes documentos serão liberados pelo governo nos próximos anos, isto é, 50 anos após o término da Guerra. Por isso mesmo, as igrejas não possuem toda documentação de base para análise de sua história.

Referente às escolas, nos históricos anexos, o material foi coletado "in loco". Cada escola contém uma peculiaridade à parte, o que também poderá ser investigado no tocante à legislação e a "imposição de regimentos, currículos, métodos e até filosofia oficial". Os dados estão aí, mas também de momento, pelo volume de informações e limite de tempo para a investigação, ficam para serem analisados na continuidade da pesquisa.

Nos anexos, acrescentamos alguns depoimentos baseados em gravações, as quais temos sob confiança dos entrevistados, em nosso poder. A história "viva", isto é, a vivência dos luteranos deixa transparecer muitas informações importantíssimas.

Como diz o historiador luterano, Joachim Fischer, a finalidade última da história é I.R.A., isto é: Informação, Refletir e capacitar-nos para AGIR. E para isto tem o embasamento bíblico quando diz que o conhecido historiador Lucas escreve em ordem para o Senhor Jesus.[57]

A partir do tipo ideal construído, tentamos então também, construir o real vivenciado pelos luteranos em relação a questão da sobrevivência das escolas. Nos três primeiros períodos, baseados nos documentos publicados, a compreensão do real ficou mais próxima. Mas a tentativa de captar o sentido do direcionamento no presente momento histórico, ficou mais difícil.

Max Weber, neste sentido, diz muito bem que a ciência consegue construir sistemas, mas estes não são definitivos.

Considerando o real inesgotável, os limites da pesquisa restringiram-se à análise apresentada sobre um dos aspectos do real.

Por ser uma investigação que tem como pano de fundo a questão dos valores, a metodologia inspirada em Weber, foi a que melhor preencheu a forma de pesquisa. Por isso mesmo, dentre outras, nós escolhemos esta.

Somente a partir destes dados mais precisos e sistematizados num esboço histórico, poderemos aprofundar o problema investigado. A fundamentação é de essencial importância. Como não existe trabalho histórico neste sentido, no Brasil, acreditamos que com estas monografias de base, estamos ajudando a clarear a questão da escola particular, especificamente da confessional. E assim, colaborar para com a história da educação brasileira em todos os sentidos, incluindo a parcela de contribuição luterana na busca de melhoria e do próprio sentido da vida de nossa população.

Tomamos o cuidado de colocar nossa análise em capítulo à parte. Assim, esperamos que tenha ficado clara a forma de organização da pesquisa. Nossas próprias deduções encontram-se na "Análise do Problema" e nos "Limites e Perspectivas".

Capítulo 2

Tendências Filosófico-Pedagógicas da Educação Brasileira

2.1 A Escola Tradicional e a Escola Nova

O presente capítulo está baseado na análise feita por M.L. de Arruda Aranha[1], e para os Acordos MEC-USAID em Otaíza de O. Romanelli.[2]

A educação tradicional (enraizada nos princípios educacionais da Idade Média) se acha centrada no professor e na transmissão dos conhecimentos. O mestre detém o saber e a autoridade. Dirige o processo e é o modelo a ser seguido.

O movimento da escola nova começou no Brasil na década de 20 (sec XX). Mais precisamente, em 1932, no ***Manifesto dos pioneiros da educação nova***, com os representantes Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho. Surge na época do conflito entre os escola-novistas e os católicos conservadores, que detinham o monopólio da educação elitista e tradicional.

Na escola renovada o aluno é o centro e a nutureza psicológica da criança é acentuada. A escolha dos conteúdos é de acordo com os interesses do aluno e o professor desperta este interesse incentivando a espontaneidade. E' sugerido um não-diretivismo e o professor apresenta-se como o facilitador da aprendizagem.

A escola tradicional valoriza os aspectos de aquisição de conhecimentos transmitidos e priviligia a memória. E' valorizada a competição. As normas disciplinares são rígidas e garantem a submissão e obediência.

A escola nova valoriza não só os aspectos intelectuais,

mas também as atitudes e a aquisição de habilidades. E' de importância a cooperação e solidariedade. Pretende-se estimular a responsabilidade, a capacidade crítica e o estabelecimento de uma disciplina voluntária.

As transformações sociais, a partir da industrialização, exigiam que a nova escola preparasse para o novo. O liberalismo (teoria política e econômica da burguesia), vem ao encontro dos princípios da escola nova, a que seria a "redentora" promovendo educação para todos. No entanto, a escola nova contribuiu para com a elitização do ensino. A crítica ao autoritarismo descambou em ausência de disciplina. A escola pública perde em qualidade (conteúdo) de ensino.

O mérito da escola nova está nas formas de questionamento dos problemas da escola tradicional e na tentativa de preparar para o novo tempo.

A filosofia da escola nova baseia-se nos princípios pragmáticos de Dewey e W. James.

2.2 A Escola Tecnicista

A partir de 1960 surge a proposta tecnicista baseada na convicção de que a escola se tornaria mais eficaz se adotasse o modelo empresarial.

A escola fica inserida no modelo de racionalização e produtividade do capitalismo.

A tendência tecnicista, oriunda dos Estados Unidos da América, inspirada em Taylor, sofre no Brasil, após o golpe de 1964, o direcionamento a partir dos acordos MEC-USAID. A con-

sequência foi a implantação da reforma de ensino: Leis 5540/68 e 5692/71.

O objetivo, como já foi dito, é o modelo empresarial. O conteúdo baseia-se em informações objetivas, o saber científico exigido pela moderna tecnologia. O método supõe o taylorismo: divisão de tarefas, técnicas, planejamento racional. O professor é apenas o executor técnico. A relação professor x aluno dispensa o encontro afetivo, as discussões e os debates.

A fundamentação está influenciada pelo positivismo e pela psicologia americana behaviorista.

A reforma não aconteceu a nível real, pois os professores permaneceram com idéias tradicionais e escola-novistas.

Intensificou-se a burocratização do ensino e as funções dos professores foram menosprezadas. O valor foi colocado nos cargos técnicos: planejamento. Uns planejam (técnicos), outros executam (professores). A reforma foi imposta, e para inclusão da pretendida neutralidade técnica (acordos MEC-USAID) foram retiradas disciplinas de base como filosofia, história e geografia. Alguns autores argumentam que o propósito mesmo foi consciente, por parte dos técnicos e burocratas da USAID e MEC, ao retirarem dos currículos disciplinas de aprofundamento e reflexão. Assim, a "massa" trabalhadora aceitaria a reforma iludindo-se e os verdadeiros problemas educacionais continuariam sem solução.

A ajuda americana foi de fato "ajuda" para os países capitalistas. O Brasil, país ajudado, continua permanecendo na periferia do sistema capitalista internacional. E a escola, com o

currículo tecnicista, contribuiu para que nosso país tivesse um povo marginalizado. Um povo que não aprendeu a pensar.

As reformas educacionais ficaram submetidas aos interesses estrangeiros.

Influenciados por modelos estrangeiros, descuidou-se de descobrir quais os nossos problemas.

2.3 A Pedagogia Histórico-Crítica

Na década de 70, o otimismo da escola nova cede lugar à escola tecnicista. Mas a análise feita pelos teóricos crítico-reprodutivistas descobre o caráter ideológico da educação (Bordieu e Passeron, Althusser, Baudelot e Establet). Estes, criticando a escola capitalista, consideram-na mera reprodutora das desigualdades sociais.

Na busca por saídas e influenciados ainda pelas teorias progressistas (Snyders), os teóricos brasileiros apresentam suas análises e propostas. Destacam-se Dermeval Saviani e José Carlos Libâneo. Comumente estes autores são citados como sendo os precursores da tendência progressista crítico-social dos conteúdos.

A escola não é a salvadora da sociedade (a escola nova) mas, pretende-se transformá-la no local da socialização do conhecimento elaborado. Assim, a escola apesar de ser o local onde se reproduzem as desigualdades sociais (visão pessimista), pode também vir a ser local de transformação desta nossa realidade social. Assim, a ênfase nos conteúdos (saber elaborado) que deverá ser absorvida de forma crítica

(problematizar: filosofar profundamente), possibilitará a superação da desigualdade social. A formação essencial é a educação para o trabalho.

A categoria trabalho é entendida como integração entre trabalho e escola, como atividade existencial humana fundamental. Não é aprendizagem secundária nem técnica. O que interessa é que o aluno possa compreender o processo do fazer na politecnia. Aprender o sentido do trabalho no mundo físico e social. O alvo é atingir a consciência crítica em direção a uma cultura nacional (sem a separação de classes em cultura erudita e popular). A escola deve dar um saber para o trabalho e também um saber sobre o trabalho.

O professor passa a ser de suma importância, visto que, sendo ele conscientizado da necessidade de lutar, selecionará os conteúdos que visam a busca da transformação social. A maneira como o professor ensina possibilitará a conscientização de seus alunos na integração trabalho e escola. Serão feitas denúncias aos órgãos públicos e ao governo, exigindo a atuação para que tenham acesso à escola, e que as desigualdades sociais sejam superadas. As associações de classe são incentivadas e toda a sociedade é chamada para discutir os problemas da realidade brasileira, buscando a melhoria de vida.

Como pano de fundo temos as concepções de Marx e Gramsci.

Capítulo 3

Princípios da Educação Segundo Lutero

3.1 Resumo dos Princípios da Educação Segundo Lutero[1]

A. O Homem em Relação a Deus e o Universo

A Bíblia ensina que Deus criou o universo e mantém, governa e sustenta toda a criação. O homem é a obra máxima da criação. Foi criado para louvar, glorificar e agradar a Deus e o faz através da *adoração* a Deus e *pelo domínio* de sua criação.

Deste fundamento decorre que o Ensino deve estar voltado para formar o homem para adoração a Deus. Para isto, Deus utiliza-se da Igreja através da Formação Sacerdotal. E para o domínio responsável da criação de Deus, é necessária a Educação Secular: O preparo para a atuação consciente e responsável do homem na preservação do Evangelho, da Igreja e do próprio Mundo.

B. A Salvação do Homem pela Fé em Jesus Cristo

A Bíblia ensina também que, embora caído em pecado, o homem não foi abandonado por Deus. Na verdade, o amor de Deus pela humanidade é tão grande que mandou a este mundo, caído em pecado, o seu próprio Filho, Jesus Cristo, entregando-o ao sacrifício máximo na cruz, para que todo o que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna.

C. O Homem e sua Atuação no Mundo

A Bíblia ensina ainda que o homem, levado à fé em Jesus Cristo, praticará as obras do amor, conforme expressas na vontade de Deus resumida nos dez mandamentos.

Deste fundamento decorre que o ensino deverá estar voltado para prática das obras do amor de acordo com a vontade de Deus. Na explicação de Lutero sobre os dez mandamentos, de acordo com o Catecismo Menor, encontramos que o resumo dos dez mandamentos é o amor (Rm 13.10).

D. Os Pais e a Educação

A responsabilidade primeira de ensinar é dos pais. Esta verdade Lutero também deduz da Bíblia.

Educar os filhos no conhecimento de Deus é um dever dos pais, sob pena de perderem a graça divina. O quarto mandamento é o mandamento com promessa: "para que te vá bem e vivas muito tempo sobre a terra". Por conseguinte, se os filhos forem educados no temor do Senhor, Ele há de abençoar ricamente aos homens.

É dos pais, portanto, *a responsabilidade primeira em educar os filhos espiritualmente e de acordo com a vontade de Deus*. "Pois como os filhos saberão obedecer o mandamento de Deus se este não for ensinado?" Esta responsabilidade também está expressa nas Confissões Luteranas, que citam o versículo bíblico: "Os pais têm o dever de instruir seus filhos na disciplina e admoestação do Senhor".

De igual forma, a Igreja e o Estado são co-responsáveis

na educação dos homens. A educação começa no seio da família e toda sociedade é, juntamente com ela, responsável pela educação dos homens.

Desta forma, Lutero chama a atenção às autoridades para que estabeleçam e mantenham escolas cristãs. Igualmente, exorta aos pais sobre o dever de encaminhar os seus filhos para serem instruídos na palavra de Deus e para o preparo de "excelentes e bem formados cidadãos, e mulheres virtuosas e caseiras, que poderiam então criar filhos e serviçais piedosos".

Lutero afirma categoricamente que Deus ainda mantém este mundo por causa do ofício da pregação, devido à missão dos cristãos em redimir o mundo. Afirma ainda: "*Deus não vai fazer milagres enquanto os homens têm condições de resolver os seus problemas*".

Decorrente do mesmo princípio de autoridade e responsabilidade, *os pais, a Igreja e o Estado,* superiores hierárquicos, precisam preocupar-se com a educação dos filhos, jovens e de todos os homens.

Lutero insistia em que fossem estabelecidas escolas cristãs. Só estas poderiam realmente atender à vontade de Deus para os que buscam em primeiro lugar o seu reino, a promessa é acrescentar todas as outras coisas, inclusive a subsistência.

Em decorrência dos fundamentos anteriores, verifica-se que a Bíblia é a fonte para chegar-se ao conhecimento de Deus, de sua criação, de sua vontade para com os homens, do seu amor e da responsabilidade do homem frente à educação. Temos agora o quinto fundamento.

E. A Bíblia Como Fonte de Fundamentação Teórica

A Bíblia é a infalível e inspirada Palavra de Deus. Seus relatos históricos, absolutamente verdadeiros. O Deus verdadeiro (Pai, Filho e Espírito Santo) só pode ser conhecido pela revelação da Sagrada Escritura. Sua finalidade principal é tornar o homem sábio para a salvação em Jesus Cristo.

Visto que toda fundamentação teórica de Lutero é bíblica, o conhecimento da Bíblia é de importância essencial em todo pensamento educacional de Lutero.

Deste fundamento decorre que o *ensino* deve estar voltado para aprender em primeiro lugar a Palavra de Deus. Através do estudo da Bíblia chega-se ao conhecimento de Deus. Para isto é necessário conhecer as línguas, as fontes.

A preocupação quanto ao conhecimento das línguas já é motivo, por si só bastante forte, para estabelecer escolas cristãs. Pois é nas línguas que está contido o *Evangelho*. São elas a bainha de onde se tira a espada do espírito, a caixa de onde procedem em jóias, o recipiente de onde se bebe o vinho, a cesta de onde se busca o alimento. E' preciso cultivar as línguas para preservar o próprio Evangelho.

Deste fundamento decorre ainda que todos precisam pelo menos saber ler e escrever para chegar ao conhecimento de Deus através do estudo da Palavra.

3.2. A Análise de M. A. Manacorda sobre a Reforma e a Escola

Mario Alighiero Manacorda, em sua obra *História da Educação*, sob uma perspectiva na dimensão histórico-dialética, ou seja, o marxismo, destaca os princípios educacionais contextualizando Lutero. Em sua forma peculiar de análise, como diz Paolo Nosela na contracapa, Manacorda "revolve o leito pedregoso das palavras e dos documentos e nos restitui os traços vivos da história". E para isso, dá sua especial atenção aos documentos "secundários" para recompor a direção geral do percurso do homem na luta por uma educação libertadora. E' a luta entre os homens das **erea** (palavras) e os **ergon** (ação, ato, ações (**erga**)).[2]

O pedagogista, o filólogo e historiador Manacorda diz que os grandes inspiradores da Reforma na Alemanha, Lutero e Melanchton, se situaram na linha ideal (não chegaram a ver suas idéias concretizadas). Mas que foi Lutero quem deu impulso prático e força política à programação de um *novo sistema escolar, voltado* também à instrução de meninos destinados não à continuação dos estudos mas *ao trabalho*. Estas deduções são retiradas dos próprios textos das cartas (manifesto) e escritos de Lutero.[3]

Para reforçar a análise dos princípios educacionais segundo Lutero (Anexo A), destacamos aqui, as deduções de Manacorda:

> ...Lutero dirige-se não somente aos políticos como

> também aos pais, para que, além de preparar os filhos para o trabalho nas empresas familiares, os mandem à escola.[4]
> E' interessante como ele tenta conciliar o respeito pelo trabalho manual produtivo com o tradicional prestígio do trabalho intelectual.
> Se a necessidade de ler as Sagradas Escrituras e a capacidade de interpretar a palavra divina nelas contida está na base desta nova exigência da cultura popular, é porém o desenvolvimento das capacidades produtivas e a participação das massas na vida política que exigem este processo.[5]

Manacorda coloca que talvez, a expressão mais clara desta nova consciência esteja no obra de Melanchton *In laudem novae scholae* (1526) sendo ele, o *praeceptor Germaniae* quem elabora um *projeto* de instrução. Eis o que Melanchton diz sobre a importância da história:

> E torna-se absolutamente necessária a história: esta,...faz entender o que é belo e o que é torpe; ninguém pode dispensá-la nem na vida pública nem na vida privada, porque os ensinamentos que ela dá capacitam a administrar quer a vida pública quer a privada. Acho que este mundo não pode dispensar o sol, que é sua alma, menos ainda é possível, sem prejuízos, dispensar a história, que é o relatório dos negócios civis.[6]

Analisando, Manacorda diz que nestes conteúdos da instrução especialmente no *valor do conhecimento da história civil e política*, talvez esteja o *espírito mais genuino da Reforma*. A força educativa no plano político é o fato de que a própria autoridade imperial teve que assumir esta nova concepção de uma escola pública para a formação dos cidadãos ou, pelo menos, dos governantes. E conclui esta parte:

> Embora aqui não apareça claramente a exigência de uma cultura popular, é, porém, *de grande importância histórica* a tomada de consciência do valor laico, estatal da instrução, concebida não mais como algo reservado aos clérigos, mas como fundamento do próprio Estado.[7]

O que nos chamou a atenção nesta análise, foi a ênfase dada pelo autor na relação educação e trabalho. Encontra a semente, a origem desta concepção na relação entre trabalho manual e intelectual. E' bom frisar, considerando ser este um dos temas mais discutidos atualmente, que seria interessante aprofundar um estudo partindo da vocação em Lutero (análise em Weber) e como os luteranos pensam esta questão nos dias de hoje.

Como escreve Adam Schaf, deixamos seu questionamento aqui também registrado: "Por que reescrevemos continuamente a história?"[8]

Manacorda reescreveu a história da Educação: da antiguidade aos nossos dias.

3.3 A Filosofia da Educação Luterana compilada por M. C. Warth[9]

Introduzindo o assunto, M.C. Warth entende que a filosofia luterana de educação é a teologia bíblica na perspectiva luterana aplicada à educação.

A visão de mundo dos luteranos se expressa pela fé em Jesus Cristo. Esta perspectiva é básica para o relacionamento

com o eu, com o mundo e com Deus. Disto depende o sistema de convicções de valores e de conduta.

E' convicção dos luteranos que o *projeto fundamental de Deus é a Vida*. Daí a tarefa do cristão e da educação cristã: com um novo "espírito voluntário" viver e ajudar os outros a viver. Daí surge todo um sistema de valores. E' necessário escolher entre o bom e o melhor. E o valor primeiro vem revelado na Escritura: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mateus 6:33).

O sistema de conduta está fundamentado na *lei invariável* expressa no Decálogo (os Dez Mandamentos) e nas *leis variáveis* das ordens sociais criadas por Deus: da família, do casamento, da educação, da economia, da sociedade, do estado e da comunidade religiosa (a igreja organizada). O cristão reconhece que entra em cada uma destas ordens sociais por meio de uma vocação. Não é necessário que se preocupe além da vocação em que vive, a não ser que recebe uma nova vocação de outra ordem.

São dois os objetivos fundamentais da filosofia luterana de educação. Primeiro: a graça de Deus em Cristo é salvadora. Pela fé, esta relação com Deus é chamada de *justificação*. Segundo: o educando cristão precisa continuamente permanecer em contato com a mensagem da graça de Deus, para conservá-lo na fé. Este processo contínuo é chamado de santificação. Nesta santificação da vida é preciso aprender continuamente a viver *sensatamente* com o "eu", *justamente* com o mundo e *piedosamente* em relação a

Deus.

Os agentes na tarefa educacional cristã são: Deus, os pais e outras autoridades: a igreja e o estado.

Warth explica como aplicar a filosofia luterana de educação à escola. A escola cristã entende que não pode haver dissociação entre um ensino religioso e outro secular. Há um só mundo: o mundo de Deus. Por essa razão a escola cristã não é somente para cristãos, mas é uma escola pública. Nenhuma verdade "secular" pode ser contra a Verdade de Deus. Todos têm direito à vida. Jesus disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim" (João 14.6).

Conclui dizendo que sempre haverá lugar e oportunidade para realizar a filosofia luterana de educação e que todos os esforços devem ser somados para que se possa cumprir a missão educacional com o povo de Deus no Brasil.

Capítulo 4

Histórico da IECLB, no Brasil, sobre a fundação e manutenção de escolas

Para informações detalhadas sobre o histórico da Igreja, ver os textos de Dreher (*Presença Luterana*, p. 13) e Fischer (*História da Igreja*, p. 11). Para este histórico, selecionamos apenas dados importantes para a análise do problema desta pesquisa. Também no periódico *Presença Luterana* (1970 e 1990) encontramos artigos importantes que poderão ser consultados.

No século XIX, as Igrejas no Brasil orientaram-se para fora: os católicos, para Roma; os evangélicos de língua alemã, para a Alemanha; os outros evangélicos, para os Estados Unidos da América.[1]

4.1 Seleção de Documentos Publicados no Período da Escola Tradicional

Nos séculos XIX e XX, a liderança intelectual e espiritual dos imigrantes alemães estava fortemente influenciada pelas idéias do idealismo alemão e pelo romantismo. Assim a própria teologia corresponde às idéias do idealismo e romantismo alemão. Influenciados por essas idéias, os imigrantes alemães trouxeram a teologia luterana para o Brasil. No entanto, aqui, a vida das comunidades deve ser observada dentro do contexto da história do Brasil.[2] Em 1818 já tinha havido uma pequena imigração de alemães e suíços.[3] Conforme Helga Piccolo, os objetivos da imigração para o Brasil foram: desenvolvimento da agricultura, difusão do trabalho livre e o branqueamento da sociedade brasileira.[4]

Observamos então que a alternativa protestante foi aberta por motivos econômicos e políticos, no final da época colonial. Mas aos protestantes ficou proibido criticar publicamente a religião católica e converter brasileiros ao protestantismo.[5]

Na *Constituição* imperial de 1824, em seu artigo quinto, constava: "A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com o seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo".[6]

O Brasil desconhecia o matrimônio civil, como a religião católica era a religião do Estado, somente os matrimônios contraídos na presença de um sacerdote católico tinham validade legal. Com a vinda de jesuitas alemães para o Brasil a situação se modificou.[7]

No *Decreto* de 21/10/1865, o governo estabelecia que todas as crianças nascidas de matrimonios mistos deveriam ser educadas dentro da fé católica romana.

Somente na República (1889), com a introdução da separação Igreja e Estado, é que começa a igualdade de direitos para os protestantes.

A imigração alemã, iniciada em 1824, deveria servir para a posse e consolidação do território. Nessa época as fronteiras do Rio Grande do Sul ainda estavam em litígio.[8]

Os brasileiros, que haviam lutado para conquistar o território, viam-no sendo dado pelo governo a imigrantes estranhos.[9]

A maioria dos pesquisadores crê que a imigração germânica no Brasil se deve especialmente a uma sugestão da Imperatriz Leopoldina, filha do Imperador Francisco I da Austria.

Para Portugal não era interessante convidar imigrantes de nações possuidoras de colônias (França, Espanha, Holanda, Inglaterra), o que significava riscos. Também motivos sociais e econômicos foram em última análise, motivos da imigração alemã para o Brasil.[10]

Os imigrantes brancos cultivavam suas terras, o que era inédito. Só os escravos faziam isso. A mentalidade brasileira era da opinião de que o trabalho braçal era indigno ao homem branco.

Os imigrantes eram considerados pessoas de segunda categoria.

No Período Colonial, proibia-se o ingresso de protestantes e eram combatidos. Agora, os hereges entram no país e recebem de presente terras do Imperador católico do Brasil.[11]

Segundo Dreher, os luteranos brasileiros foram trazidos ao país contra o elemento negro, substituíram mão-de-obra escrava, mas não souberam mostrar a necessária solidariedade com o negro. E', pois, compreensível que a instalação do luteranismo não se tenha dado em virtude de atividades de sociedades missionárias luteranas, mas como consequência das necessidades do ser humano migrante. A maioria dos luteranos descende de imigrantes alemães. Dos 300.000 alemães que ingressaram no Brasil, 60% eram protestantes.[12]

Continua afirmando que a maioria dos imigrantes

alemães era do Partido liberal e fiéis defensores da monarquia. Os alemães foram marginalizados.[13]

O Rio Grande do Sul adotou uma constituição positivista, segundo o qual o Estado de modo algum pode interferir na vida intelectual do povo. As ciências, as artes e a religião devem desenvolver-se independente do Estado. Seguindo o lema positivista, "aprenda quem quiser, ensina quem puder", possibilitou-se um enorme desenvolvimento das escolas particulares teutas.[14]

Esta foi a época para a germanidade no Brasil. A mudança de ordem filosófica e política, saudade pelos da descendência teuta, transformar-se-ia em verdadeira armadilha para eles, pois levou-os a uma marginalização total, justamente pela causa de sua concentração na identidade teuta.

A marginalidade seria eliminada de forma violenta após o término da República Velha, que trouxe consigo o final da era de domínio positivista no Brasil.

Pretendia-se preservar a germanidade dos teutos e garantir mercado para a indústria alemã. Pretendia-se alcançar a agressiva política de preservação de germanidade, através da imprensa, a escola alemã, as congregações e igrejas de fala teuta e a marinha alemã.[15]

As tentativas de influir nas escolas de fala teuta, através dos professores, material escolar e de subvenções financeiras, tiveram um êxito bem maior. A subvenção às escolas veio não só de Associações como também do próprio Reino Alemão. No ano de 1902, 56 escolas recebiam um total de 42.068 marcos. Em 1905, o fundo de auxílio era de 15.000

marcos e neste mesmo ano foram enviados para o Brasil 60.000 marcos. Em 1905 foi lançado um livro em língua alemã com referências à vida na Alemanha, lendas alemãs e cenas da vida do imperador alemão. Toda essa ação tinha em vista o fato de que a escola alemã "deveria impedir por tanto tempo quanto possível o desaparecimento da imigração alemã qual adubo dos povos na mistura racial brasileira".[16]

Com a participação do Brasil na Primeira Guerra, foi proibida a circulação em língua alemã e ordenado o fechamento das escolas nas quais não era ministrado o ensino da língua portuguesa.

Ao final da Guerra, em 1918, parecia que a imagem da Alemanha feita pelos teuto-brasileiros, estivesse destruída. Mas, ao contrário, os teutos concentraram-se novamente nos valores de sua etnia. Mesmo porque, após a Guerra, foram marginalizados politicamente.[17]

A partir de 1823/24, com a vinda de imigrantes protestantes, o Brasil deixa de ser país totalmente católico-romano. Essa imigração concentrou-se especificamente nas três províncias: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.[18]

Na Alemanha, as igrejas evangélicas foram administradas (1824) pelas autoridades estatais. No Brasil, porém, os próprios cristãos tinham que organizar suas comunidades.[19]

Os agricultores desenvolveram o seu próprio sistema comunitário. Reuniram-se em comunidades religiosas, construíram com sacrifício escola, igreja, casa pastoral. Na maioria das

vezes existências fracassadas assumiram o pastorado e professorado.[20]

Os imigrantes organizaram sua própria vida eclesiástica. Os primeiros cultos, domésticos, realizados em cabanas. Mais tarde construíram o primeiro prédio comunitário - a escola - na qual, aos domingos, também eram celebrados os cultos. Ao lado da escola o cemitério, pois no cemitério público ou católico, os protestantes não podiam ser sepultados.

Não tinham pastor, então elegiam o pastor colono que assumia também as funções de mestre-escola e como a escola fosse ao mesmo tempo templo da comunidade, surgiu o binômio escola-igreja, professor-pastor.

Com a existência do professor nas comunidades, evitou-se por muito tempo a clericalização na igreja. Em tempos mais recentes, a maioria dos professores foi ordenada, e a igreja vem tendo dificuldades para definir o lugar e a função do ministério catequético em seu meio, dando margem a uma consequente clericalização.[21]

A luta para estabelecer a Igreja foi tão grande que esta não teve como se preocupar logo em "criar" escolas. A fundação de um Seminário para formar pastores, era prioritária.[22]

A ajuda da Alemanha era indispensável no início da colonização, mas ao ser mantida por muito tempo, retardou a formação de pastores no Brasil. De acordo com a tradição luterana, as comunidades evangélicas em nosso país deram uma contribuição muito importante para a história da educação. Na falta de escolas públicas criaram toda uma rede de escolas

comunitárias.[23]

A autonomia luterana no Brasil, devido o elemento forte "germanidade", ficou limitada às determinações da Alemanha. A Igreja sofreu as influências mais de "alemã" do que propriamente "evangélica luterana".[24]

Organizações européias enviam missionários para o Brasil. A partir de 1897 a "Associação da Caixa de Deus" (Gotteskasten - mais tarde "Federação Martinho Lutero"), uma entidade de características luteranas confessionais, também iniciaria suas atividades no Brasil.

Com a fundação do Sínodo Riograndense (1886) o protestantismo pode se apresentar diante das autoridades civis e assumir tarefas de pregação, escolas e missão.

Em 1905 surge o Sínodo nos Estados de Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo, fundado pelos missionários enviados pelo "Gotteskasten".[25]

Uma das principais características dos Sínodos era a participação de membros não-pastores (leigos) em seus órgãos diretivos. Essa prática é própria de Igreja Luterana.

Sobre questões da vida pública os Sínodos raras vezes se manifestaram. Mas, de acordo com a tradição evangélica, apoiaram as escolas comunitárias de primeiro grau e as associações de professores evangélicos.

Os Sínodos fomentaram e promoveram a fundação de escolas de segundo grau e em 1909 um centro de formação de professores primários, a Escola Normal Evangélica, hoje Escola Evangélica de Ivoti.

Somente a nacionalização promovida pelo Estado Novo

(1937 ss.) reduziu essas atividades drasticamente.[26]

Outro desafio para a IECLB era o surgimento, entre a população teuto-brasileira, primeiramente no Rio Grande do Sul, a partir de 1900, de outro ramo do luteranismo, mais confessional e relacionado com a Igreja Luterana - Sínodo de Missouri, dos Estados Unidos. Desse trabalho surgiu a igreja-irmã da IECLB, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Hoje há boa colaboração entre as duas igrejas luteranas em diversas áreas.[27]

Na Primeira Guerra Mundial foram interrompidos todos os auxílios financeiros e pessoais vindos da Alemanha. Finda a Guerra, os Sínodos voltaram a ser assessorados pela Alemanha.

No contexto pós 1871, entre os protestantes de ascendência germânica, surgem formulações extremamente problemáticas, nas quais se afirmava que se deveria levar "o Evangelho aos irmãos na fé e aos compatriotas em línguas e índole alemãs" e preservar "com isso tudo o rico tesouro da cultura germânica". Essas concepções culminavam na tese de que germanidade e Evangelho teriam um relacionamento de vida e morte.[28]

Até a Segundo Guerra Mundial, o analfabetismo era praticamente inexistente nas áreas em que viviam os luteranos.[29] Em 1900, dos 30 pastores do Sínodo Riograndense, apenas quatro não trabalhavam em escola.[30]

Podemos entender, nesse período, que a escola-templo, tinha um valor fundamental para os imigrantes. Certamente a contribuição das escolas luteranas, principalmente no Rio Grande do Sul, deixa marcas na história da educação brasileira.[31]

"Nenhuma vila ou cidade, nenhuma picada deve estar sem escola evangélica", dizia o pastor Pechmann, presidente do Sínodo em 1901, quando fundou a Associação dos Professores Evangélicos.[32]

O objetivo principal da escola era o de ensinar o jovem a ler, escrever, fazer contas e dar-lhe um bom fundamento na doutrina cristã. Edelberto Behs coloca como proposta inovadora do Sínodo, em 1925, a exigência de escolaridade mínima de 4 anos para o jovem ser admitido ao ensino confirmatório da Igreja. Assim, a Igreja exige obrigatoriedade escolar mínima.[33]

Arthur Blasio Rambo escreve sobre *A Escola Comunitária Teuto-Brasileira: A Associação dos Professores* (1898 a 1938). Neste seu trabalho procura mostrar o esforço educador desenvolvido pelos professores das escolas comunitárias católicas. A Associação foi fundada no Rio Grande do Sul em 1898, sendo responsável pelo grande êxito das escolas católicas.[34]

O mesmo autor publicou também um estudo sobre a escola comunitária teuto-brasileira (católica), concluindo que o "Império não se intrometia na vida dos imigrantes. Isto pode ser interpretado como ponto positivo, pois deixou o imigrante livre com seus costumes. Ninguém, neste período, via o imigrante como traidor em potencial. Este respeitava as leis e às autoridades, tudo fazendo para se tornar útil à pátria".[35]

Ainda, do mesmo autor, *Escola Alemã: o Teuto-Brasileiro e sua Identidade*. Neste trabalho, Rambo tem o propósito de mostrar que os imigrantes alemães,

com sua identidade peculiar, trouxeram contribuições novas que marcaram a fisionomia humana do Brasil meridional. A diretoria da comunidade não esperava pelo Estado, encarregava-se em tomar todas as providências para que a escola funcionasse a contento.[36] Não fosse a escola não se teria preservado a cultura e a religiosidade. A missa e o culto tinham frequência elevada.[37] Era também o único lugar de encontro aos domingos.[38] A associação dos agricultores era interconfessional.[39]

Assim, deduz o autor, católicos e protestantes antecipavam-se em 60 anos ao Concílio Vaticano II e ao Conselho Mundial das Igrejas. Fizeram nascer em 1900 as primeiras cooperativas do Brasil.[40] Mais tarde separaram-se. Protestantes fundaram, em 1910, a "Liga União Colonial" e os católicos, em 1912, a "Sociedade União Popular". A escola perpetua a identidade cultural e é agente de integração nacional. A vida religiosa intensa marcou a maneira de ser destes imigrantes.[41]

Sobre a escola evangélica teuto-brasileira, Walter Koch, da UFRGS, apresenta um estudo sobre a língua alemã, como sendo o elemento unificador da "memória cultural" do grupo de imigrantes.[42] Pois antes de 1871, não houve imigração alemã propriamente dita. Assim, é a língua e não a nacionalidade que caracterizou o alemão no século passado. "Alemão" é conceito cultural e não político. Neste contexto, diz o autor que é evidente que a escola e a Igreja deviam constituir os dois grandes mecanismos de auto-conservação dos teuto-riograndeses evangélicos.[43]

Sobre este período, Koch também escreve:

> O sistema eclesiástico-escolar evangélico teuto-brasileiro, que no decorrer de um século, havia desenvolvido considerável grau de estabilidade no ambiente da nação brasileira, apesar de inegáveis divergências internas que, no entanto, atestam antes o vigor de uma organização criada em moldes altamente democráticos, foi abruptamente desestabilizada na década de 30 por fatores tanto internos como externos.[94]

Sobre este período, temos também a publicação do livro de Arnildo Hoppen sobre *Formação de Professores Evangélicos no Rio Grande do Sul* - I Parte (1909-1939).[95]

Passaremos, agora, para o próximo período, quando será enfocada especialmente a "nacionalização" e a "descentralização" das escolas evangélicas luteranas.

4.2 Seleção de Documentos Publicados no Período da Escola Nova

A partir de 1930, com a política de nacionalização, que pretendia integrar os grupos étnicos à sociedade brasileira, o impacto maior foi em relação às escolas. Foi proibido o ensino da língua alemã, professores estrangeiros impedidos de lecionar. Como os professores eram na maioria pastores alemães, as escolas ficaram sem mestres.

Com o ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial, a situação se agravou ainda mais. Os Sínodos, que até então trabalhavam isoladamente, começam a se preocupar com a fusão dos mesmos, para formarem a Igreja.

No ano de 1933, a política na Alemanha fez com que alguns pastores e membros de comunidades, se aproximassem do "Movimento de fé teuto-cristão", do qual assumiriam algum ideário ideológico que procuravam. O atendimento de Igreja alemã fomentou a relação Igreja e Germanidade. Daí comprender-se a política de nacionalização do governo brasileiro, na década de 30.

Getúlio Vargas, no primeiro período de governo, entre outras, adotou medidas que visavam a criação de núcleos de colonização mistas para evitar o surgimento de núcleos etnicamente homogêneos. Quanto às medidas que visavam a integração das escolas consideras "escolas estrangeiras", o governo exigiu de início o ensino de todas as disciplinas na língua nacional, excetuando-se o ensino de língua estrangeira.

Posteriormente proibiu-se o ensino da língua estrangeira para menores de 12 anos.

O governo brasileiro teve que tomar medidas também contra o Movimento Integralista e a atividade de Organização para o Estrangeiro do NSDAP, onde muitos teuto-brasileiros haviam se filiado (nas assembléias era decidida a filiação do associado ao partido nazista e à "Federação de Associações Alemãs").

De 1939 a 1945, nos anos da Segunda Guerra Mundial, as medidas de nacionalização foram repressivas, oportunidade em que alguns funcionários foram além de sua competência.

Proibiu-se a publicação de jornais em língua alemã, o uso da língua alemã em lugares públicos, foram confiscados livros e documentos em casa de teuto-brasileiros, houve destruição de bibliotecas alemãs, confisco de armas das sociedades de atiradores, prisões e confinamentos. Ocorreram incêndios e depredações.

Querendo ou não, praticamente todos os descendentes de alemães foram atingidos pelas discussões. Os teuto-brasileiros sentiram-se como cidadãos de segunda ou terceira categoria.

Para os descendentes de imigrantes se sentirem integrados ao povo brasileiro, foi necessário um longo e doloroso processo.[46]

Em 1934, dos 99 pastores, 68 se dedicavam ao ensino.[47] Também, neste mesmo ano, as estatísticas assinalavam um total de 513 escolas evangélicas. Destas, 290 escolas comunitárias ligadas ao Sínodo e mais 223 escolas mantidas por associações, que atendiam primordialmente alunos evangélicos.[48]

Em 1938, das mil escolas católicas e evangélicas existentes, sobraram duzentas em 1945. Ou se transformaram em públicas ou fecharam, diz Rambo. Conclui o autor que os danos são irreparáveis: desaparece junto com a escola a figura do professor: mestre, educador, líder comunitário, conselheiro. O governo conseguiu a antipatia dos colonos que no íntimo queria a nacionalização, mas não de forma tão radical. Diz ainda Rambo que "o estado jamais conseguirá a eficiência de uma comunidade comprometida diretamente com a educação dos filhos.."[49]

Em outra pesquisa, Rambo coloca que no final da década de 30, todos se orgulhavam de suas escolas. A escola significa progresso. O autor também prova que a suposta resistência à nacionalização não passava de um equívoco. Na escola, o filho do colono aprendia de tudo para gerenciar a agricultura. Destacamos, ainda, do autor: "... religião e leitura bíblica é tão importante quanto língua e aritmética".[50]

Wilhelm Wachholz, em seu trabalho ***Nossas Escolas Comunitárias perante os desafios da década de 30 do nosso século***, dá uma visão geral do ensino brasileiro e faz um estudo específico das escolas no Sínodo Rio-grandense. Para este estudo, o autor faz a leitura dos periódicos alemães da década de 30 (e diz: não há outras fontes).[51] Também se baseia nas leituras em Rambo para dizer que as escolas eram comunitárias inicialmente e depois acabaram tornando-se paroquiais. A escola é entendida como um dever dos pais. Aponta para o problema de hierarquia de direitos sobre a escola: é da família, da comunidade? da Igreja? do Estado?[52]

Comenta também, o autor, sobre a escola "pública de Vargas", a "nacionalização" e a *Constituição de 1934*. A escola particular fica sujeita ao reconhecimento do poder público.[53] Traz dados estatísticos sobre o número de escolas particulares evangélicas fechadas no Sínodo Riograndense. Os dados estão incompletos, mas de 500 escolas em 1937, reduziram-se para 160 em 1945.[54]

Problematiza também a questão da língua. "Como ensinar na língua que não sabem?" Este fato já representou, por si só, a "morte das escolas evangélicas teuto-brasileiras".[55] Conclui dizendo que o governo passou a exigir dos imigrantes o que durante aproximadamente um século ele próprio não ofereceu. As escolas teuto-brasileiras não conseguiram encontrar sua identidade.

A nacionalização cortou a iniciativa dos imigrantes e não solucionou as deficiências do ensino oficial.[56]

Quanto à questão da proibição da língua alemã nas escolas, encontramos situações diferentes. Edelberto Behs registra como proposta inovadora, tendo inclusive se antecipando à lei estadual de 1938 no Rio Grande do Sul, a preocupação do Sínodo em melhorar as aulas de Português. Isto, para a escola evangélica localizada na cidade.[57]

Sobre o problema da linguagem, destacamos ainda, da tese de Rambo, que a nacionalização resultou em quase que uma geração ANALFABETA (cita a si próprio, o autor). Os quase 100% de egressos pouco sabem além de escrever o nome, não falam nem português, nem alemão. Usam vocábulos truncados, até

incompreensíveis. Perderam o interesse pela leitura, música, canto, cultura geral. O que se questiona, diz Rambo: "não é a necessidade de integrar sempre melhor no corpo nacional as diversas etnias e culturas, mas a forma interpretativa, brutal e irracional com que o processo de nacionalização foi conduzido".[58]

Em 1950 a IECLB foi admitida ao Conselho Mundial de Igrejas e à Federação Luterana Mundial. No ano de 1955 os Sínodos foram reconhecidos como "igrejas independentes". Desde 1958 a IECLB pertence à Confederação Evangélica do Brasil.

Nos anos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), encerrou-se o ciclo em que os Sínodos estavam fortemente orientados para a Alemanha. Iniciou-se a terceira etapa da história da IECLB, a da igreja nacional autônoma.

O primeiro sinal concreto da união do povo luterano em torno de um objetivo comum em âmbito nacional foi a abertura da Escola de Teologia em 26/03/1946, em São Leopoldo, com treze estudantes. Hoje Faculdadde de Teologia. Observa-se que esta fundação acontece um ano após o término da Guerra.[60]

Os quatro Sínodos reuniam-se numa igreja.

Os anos entre 1949 e 1968 estiveram em boa parte preenchidos por questões de ordem estrutural e de adaptação da Igreja formada pelos Sínodos.[61]

O Centro dos Diretores do Ensino Médio Evangélico (CDEME), faz questão de publicar as orientações que o então diretor do Colégio Sinodal, Pastor Rudolfo Saenger, dava ao trabalho da escola evangelica.

A abertura desta publicação traz o texto de Martinho Lutero, onde ele dá ênfase para ter cuidado especial para com

as escolas. Interpretando diz que estas são essenciais para a Igreja e a sociedade. O professor cristão mantém Concílios permanentes na sala de aula. A escola deve estar perto da Igreja.

Destacamos algumas considerações apresentadas nesta publicação:

> Pedir que se diga algo sobre as vossas escolas, as nossas escolas, equivale pedir opinião sobre o mundo. Não há mundo mais importante nem mais abandonado que o da escola.
> Os responsáveis pelos destinos do século XX sempre tiveram idéias, palavras e mesmo dinheiro em profusão para amontoar pedras em edifícios alterosos. Com tudo isso uma coisa lhes falta: espírito e coração do que espírito.
> E' tão barato dar dinheiro e falar em sacrifícios, abandonando, depois, a escola ao professor por decênios a fio.
> E' tão barato chamar o magistério de sacedócio e pensar que com maiores ordenados se fazem melhores professores.
> Escola existe para servir a uma comunidade, ensina a sociologia educacional.
> A comunidade é um organismo complexo que vive no município, atua no Estado, forma e transforma uma nação e se projeta na história do mundo. Meu Deus, o teu servir não tem fim, desde que servindo criaste o universo.
> A escola evangélica é uma pequena comunidade evangélica que serve a uma grande comunidade evangélica.
> Que é uma comunidade evangélica? - São dois ou três reunidos, - unidos em oração, no meios dos quais está Ele, Jesus.
> E' uma comunidade que vive do Evangelho, pelo Evangelho e para o Evangelho.
> Um casal assim constituído, uma família assim alicerçada, uma sala de aula assim vivificada é uma comunidade evangélica, um mundo que vive da fé.
> Achais que em uma escola evangélica a Palavra de Deus pode ser tolerada? - Nunca. Ele é que tolera, anima, vivifica a escola.
> A sua Palavra ocupa o primeiro lugar. No coração do aluno e na palavra do professor. No pátio, na mesa

de refeições e na cátedra das altas ciências.
Que o cristão creia de fato o que crê: ele, o Mestre, é a vida.
A Vida é o maior dos mistérios com que se debate toda a filosofia e a ciência.
Achais que Deus está presente no fenômeno vida. E não estaria presente na vida de vossas escolas?
O vosso deus é um fetiche, se não exigir atitudes claras de ordem moral para com os irmãos.
Não encontrei palavra mais profunda sobre o Salvador do que esta: A vida estava nele, e a vida era a luz dos homens.
A escola é o encontro com o mundo e seus problemas. Encontro cheio de encruzilhadas tentadoras. O Caminho é um só: Cristo.
Promover o encontro das boas escolas por reuniões, congressos de professores, diretores e alunos, consolidá-los por artigos e parágrafos?
Quanto esforço supérfluo, se não fizeram antes, muito antes, o encontro com o Mestre dos mestres !
Fundamentação do saber? - O saber humano é tão vasto e belo que uma vida só jamais o abrange todo.
Luzes verdes de uma infinita sucessão de verdades surgem, ofuscam, brilham e se apagam. São as verdades poderosas criando culturas seculares e destruindo-as.
A verdade é uma só, no céu e na terra: Cristo.
Formação de intelectuais? - Um intelectual livre, sem vinculações - que Deus nos guarde ! - é o inimigo número um de toda comunhão sobre a terra, já disse alguém.
De problema em problema, de solução em solução. E' um grande método de trabalho, desde que se aprendeu a ir de coração a coração, de alma para alma.
Mestre, aluno há que não procura a tua sabedoria mas apenas o teu coração.
Conhecimentos! Conhecimentos! - Maior sabedoria teve o vale que canta: Onde o Senhor não constrói a casa, trabalham em vão os obreiros.
O homem é bom por natureza, afirma o esperançoso Rousseau. E dois séculos radiantes cantam esta melodia. Como souberam exultar a cada uma das grandes invenções! No século atômico cada uma delas enche de pálido temor até o último selvícola. E isso não se refleteria na sala de aula?
Muita coisa foi destruída pelas armas atômicas, antes da primeira explosão, inclusive a fé na fórmula mágica da pedra filosófica.

> Não existiria nenhum pavor, não fosse aquela primeira dúvida que destruíu o Paraíso e continua destruindo paraísos.
> Não existiria nenhuma esperança alentadora, não fosse aquele fato: Assim amou Deus ao mundo que deu o seu Filho Unigênito.
> A Imodéstia Modéstia de Sócrates: Sei que nada sei. A humilde sabedoria de Paulo: Não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço.
> Crítica? - A liberdade é a condição inalienável do pensamento crítico. Viríamos banir das nossas escolas a origem de toda ciência? Só os espíritos servís fogem da crítica.
> Há uma única constante que não admite crítica: Deus. Ou por ventura ainda quereis vós mesmos ser deuses? Muitas torres já foram construídas de Babel para cá. Outras tantas ruíram.
> Que situação dolorosa: há muitas escolas no mundo, boas escolas, escolas cristãs e evangélicas. Há poucas escolas evangélicas.
> Todo trabalho criador na escola evangélica depende da incansável e sempre renovada atuação do espírito criador de Deus.
> Junho de 1953.[62]

Consta no folheto que o CDEME, desde sua fundação em 1952, tem sido um elo de união entre as escolas e um meio de ação para o aperfeiçoamento de professores e alunos, através de congressos, olimpíadas estudantis, encontros e grêmios. Sua vinculação com o Departamento de Educação da IECLB objetiva, entre outros, velar para que os estabelecimentos se conservam dentro da orientação de Igreja, tratar da vocação, renovação e formação do magistério evangélico, auxílios financeiros públicos e particulares e edição de livros didáticos. Que o centro possa ser integrador: como manifestação de unidade de ação e pensamento dos estabelecimentos evangélicos.

Diz: "A presença, neste folheto, de estabelecimentos de

todos os Sínodos constituintes de nossa Igreja, é bem um testemunho desta identidade de propósitos".

A seguir, no folheto tem uma foto com os diretores que fizeram parte da Assembléia Geral do CDEME em 1964 (este folheto é reimpresso) e também a ROSA de Martinho Lutero, com sua explicação. Esta ROSA é utilizada como símbolo em muitas escolas luteranas.

No folheto, também estão citados a maioria dos estabelecimentos de ensino (Teológicos e os chamados "seculares") dos três Sínodos que a IECLB congrega no momento: o Riograndense, o Evangélico Luterano Unido e o Brasil-Central. E' constatada a escassez de professores, especialmente no Sínodo Luterano Unido. Diz: "Além de sua responsabilidade direta pela formação de seus obreiros, a Igreja inscreveu ente os seus objetivos, o de proteger, favorecer e auxiliar os estabelecimentos de ensino de qualquer grau e demais instituições de ordem educacional".

Foi significativo o crescimento de escolas de grau médio nos últimos vinte anos. Funcionam hoje (deve ser 1953, mesmo, na primeira impressão) 30 estabelecimentos, a maioria integra este folheto (o que já mencionamos).

E' neste folheto que consta um histórico do Colégio Martinus, de Curitiba (PR), sobre o qual falaremos no *Anexo C*, quando da análise das escolas no Paraná. A saber, no folheto só consta esta escola no estado, objeto desta pesquisa, especificamente.[63]

A folha dominical (*Sonntagsblatt der Riograndenser Synode*) de 17 de agosto de 1958 registra o Quarto

Congresso dos Professores Evangélicos de 5 a 9 de setembro. Reune, principalmente os professores de cursos secundários. O redator menciona o discurso do sr. H. G. Naumann, que explica "os motivos íntimos que levaram as igrejas evangélicas desde o tempo da Reforma do séc. XVI a fundar e manter escolas para a instrução da juventude". Também, o deputado estadual, sr. Norberto Schmidt, ressaltou os méritos do ensino particular no país e diz ter entrado com um projeto de lei para duplicar a subvenção do estado para as escolas particulares.[69]

Como vimos, neste período, a maioria das escolas evangélicas desaparecem ou se transformam em públicas, perdem assim sua identidade e com ela o caráter de preservação de princípios bíblicos de educar, segundo Lutero. A seguir, a seleção de documentos publicados no próximo período.

4.3 Seleção de Documentos Publicados no Período da Escola Tecnicista

A partir de 1962 (Quarto Concílio Geral), a fusão dos Sínodos passou a denominar-se **Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB**. Registra Dreher, sobre este período: "Os anos entre 1949 e 1968 estiveram em boa parte preenchidos por questões de ordem estrutural e de adaptação... A caminhada era lenta, mas buscava-se ligação com os novos tempos".[65]

A seguir, passamos a condensar as principais publicações sobre educação divulgadas neste período.

Na ***Folha Dominical***, Friedhold Altmann escreve sobre "Unsere Schulen" (Nossas Escolas), questionando: "qual escola quero para meu filho? o que será das nossas escolas das comunidades? como vamos mantê-las? não é dever do estado?

Todos os líderes das comunidades fazem estas perguntas. As respostas são com certeza diferentes. Chama a todos, igreja e estado para a responsabilidade e aí sim a escola estará em primeiro lugar. A juventude depende desta responsabilidade. Diz: "Um estado pode rápida e frequentemente mudar sua face e sua aparência enquanto que os fundamentos da escola luterana permanecem na verdade da Palavra, que é eterna. Nossas escolas sempre foram estatais, nas quais foram ensinadas ordem, respeito, eficiência e autoridade.

Faz um apelo aos jovens para que se tornem professores e que esta força evangélica chegue às escolas para

que as crianças também possam ter o seu ensino religioso. O objetivo é reunir todas as forças e todas as igrejas cristãs brasileiras para que o materialismo e o ateísmo não tomem conta do ensino.[66]

Subsídios para uma tese *Aluno e Escola Evangélica no Processo de Atualidade* são publicados na *Folha Dominical* de 30 de setembro de 1961. O tema aqui transcrito foi apresentado no Quinto Congresso dos Professores Secundários Evangélicos dias 25 a 27 de julho. O enfoque do tema trata do aluno como centro: como agem sobre o jovem as influências do lar, da sociedade e escola, e como ele reage e se ajusta a estas influências.

O lar ideal é descrito como: compreensão, amor, bom exemplo, respeito ao próximo e valorização dos bens culturais e espirituais. A escola ideal: maior reconhecimento do valor e dos direitos do indivíduo. Já a sociedade, em retrocesso, é assinalada pelo desvirtuamento dos valores, indiferença para com os princípios, supremacia do físico (valores materiais) sobre o espírito, falta de reverência à vida e à criação.

No lar, os pais não formam ambiente propício à educação e fogem a responsabilidade por comodismo ou ignorância. São solicitados demais pelas ambições geradas pela sociedade.

O aluno, não tendo ambiente ideal no lar, foge para a sociedade que lhe oferece "recursos técnicos mal conduzidos pela civilização hodierna". A Sociedade os chama de juventude "transviada", esquecendo que ele é o espelho da sociedade.

E na escola evangélica? Como enfrentar a situação? Vale a pena?

A presença ao Congresso justifica a fé no êxito da tarefa. Mas depende da análise dos seguintes pontos:

I - Real sincronização de esforços entre escola, comunidade e Igreja (Sínodo), pois toda escola deve ser desejada e reconhecida em sua função pela comunidade e Igreja. Daí a necessidade de ter corpo docente evangélico, organizar cursos para professores de doutrina.

II - Instalações materiais que habilitem a escola a competir com os recursos com que a sociedade atrai e influencia os jovens, dando a estes recursos, orientação positiva e sadia. O professor deve ser senhor e não escravo dos recursos e capacitar o aluno a usá-los da mesma forma.

III - Existência de um corpo docente integrado por um número suficiente de professores evangélicos cônscios de suas responsabilidades e deveres. Formados em faculdade de Filosofia e dispostos a se integrarem plenamente no trabalho das escolas.

IV - Remuneração condigna, segurança material que garanta uma situação social à altura de suas funções.

V - Clima de confiança e cooperação entre pais e professores.

VI - Fé no Senhor e no seu Evangelho. Crer é o ponto fundamental e é também o mais facilmente esquecido.

Conclui: "Será que nós, os responsáveis, temos tempo para esta juventude e a estamos amando, compreendendo, reconhecendo, chamando, educando?[67]

O Departamento de Educação do Sínodo Riograndense, a

10 de junho de 1962, publica na *Folha Dominical* relatório sobre o trabalho educadional (apresentado ao 56o Concílio Geral). A ênfase é quanto à formação de professores evangélicos. Demonstra o relatório, a preocupação quanto à expansão do ensino público e gratuito, obrigando muitas diretorias de escolas evangélicas a revisarem suas modalidades de manutenção. Também estão sendo revistos os programas em uso para o ensino evangélico em escolas primárias e de grau médio. Também em destaque: "Grande perplexidade causou no setor de ensino médio a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a qual, depois de 10 anos, inesperadamente é sancionada em fins de 1961 para entrar em vigor a 01 de janeiro de 1962, obrigando os estabelecimentos e os nossos órgãos oritentadores (nos Conselhos Estaduais de Eduação) a organizar às pressas e em meio de um tumulto de interrogação o início de novo ano letivo. O Departamento de Educação passa a ter a colaboração do prof. Wilmar E. Keller no tocante à assistência mais perfeita e esclarecedora para vencer melhor a tarefa bastante ampliada com a nova orientação traçada pela *Lei das Diretrizes e Bases.*"[68]

Na *Folha Dominical* dos dias 01 e 08 de novembro de 1964 está publicado um artigo de H. G. Naumann *O Ensino Evangélico na Escola*, resumindo temos:

1. **A tarefa** - a ordem vem do próprio Senhor da Igreja: "Ide, fazei discípulos..." Assim, a Igreja somente é Igreja Cristã enquanto obedece a ordem missionária e por todos os meios (inclusive escola).

2. **A nossa situação** - a legislação atual, a Lei 4024/61, art.

97, possibilita a ministração do ensino religioso nas escolas públicas, sem ônus. Obrigatório para a escola, facultativo para o aluno (de acordo com a confissão religiosa do aluno).

3. **Conteúdo e objetivo** - não se ministrará Ensino Religioso ou Educação Religiosa. Substituir-se-á os termos por Ensino Evangélico ou Doutrina Cristã. Jesus Cristo representa o fim das religiões. A fé cristã é o contrário da religião humana: religião quer ir a Deus. Cristianismo: Deus veio ao homem, em seu Filho Jesus. O conteúdo, nesse sentido, não pode ser o cultivo de sentimentos religiosos do homem natural, nem ensino de moral cristã. O conteúdo será o estudo da Palavra de Deus, contido no Velho e Novo Testamento e a história dos testemunhos de Jesus Cristo (História da Igreja, Catecismo e Hinário).

4. **Quem ministrará o ensino evangélico?** - a) toda a Igreja, toda a comunidade, cada membro. Aos pais e padrinhos cabe uma missão especial e ao professor cabe uma missão especial na educação religiosa. Também ao professor de língua, de ciências, de história, de artes. "Sabemos que a fé nunca pode ser despertada através da ação humana, pela educação, por exemplo. A fé é sempre obra do Espírito Santo". Porém, o professor é o educador cristão, como todo cristão, são chamados a prestar seu testemunho. Deus sempre age através de homens - também através de professores e educadores.

b) Quem, porém, deverá ministrar o Ensino Evangélico propriamente dito? - Cita Lutero: "um cristão não somente tem o direito e o poder de ensinar a Palavra de Deus, porém tem a obrigação de ensiná-la, sob pena de perder a sua alma e a graça divina".

"O princípio evangélico da liberdade de consciência não nos permite exigir do professor que ministre o ensino evangélico". O professor é apenas o porta-voz, nada mais. Cabe aos professores ouvir o chamado do próprio Senhor através do chamado da Igreja. Em muitas escolas evangélicas o ensino evangélico está sendo ministrado de maneira insuficiente. A preocupação: qual é a razão de chamarmos uma escola de evagélica? O ideal seria o professor formado em faculdade de Filosofia e Teologia.

E no setor primário estadual? Deve haver a preocupação da comunidade de zelar para que nas escolas públicas haja sempre um professor evangélico que se responsabilize pela assistência religiosa dos alunos evangélicos. Também a próprios professores evangélicos que atuam em escolas estaduais e são até formados por escolas evangélicas.

5. **Sugestões finais** - a) livros didáticos evangélicos; b) ensino religioso ser remunerado, diretoria do Sínodo examinar o problema; c) divulgar os programas experimentais de ensino evangélico. Conscientizar o cristão evangélico da ordem missionária do Senhor.[69]

Em 02 de abril de 1967, a *Folha Dominical* publica, por K.G. Schmeling, o trabalho intitulado *Irradiação Comunitária da Escola*. O tema foi apresentado no 1 Encontro de Estudos de Ex-alunos Normalistas, em setembro de 1966. A preocupação é também quanto à existência ou não de uma escola particular. No momento atual (1966/67), quando as escolas públicas inclusive superam, muitas vezes, em qualidade as escolas particulares, qual o sentido de ainda existirem esco-

las particulares? Lembra antes, do grande valor histórico que as escolas tiveram no passado não muito remoto, quando contribuiram para com a diminuição do analfabetismo do Rio Grande do Sul. Todas as crianças, indistintamente, foram instruídas quando só escolas particulares comunitárias existiam. E agora? Procura-se a resposta na *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, na *Constituição Federal* e na *Lei das Diretrizes e Bases* (art. 2, parágrafo único). Destacamos: o Estado deve fornecer e assegurar a existência de escolas privadas; que os pais possam exercer o direito de opção. Daí, qual educação a escola particular deve oferecer? A escola não pode ser "classista", "segregada". A escola deve ser "livre" para receber todos grupos sociais, sem distinção de crença, raça ou condição social". E nessa condição, diz: "repito: apoiada em uma definida orientação espiritual, adquire sua razão de ser, tornando-se centro de irradiação sobre a comunidade e não apenas "sua" comunidade religiosa". E ainda: "Essa irradiação comunitária manifesta-se essencialmente através da manutenção de uma orientação definida, em defesa dos valores perenes da humanidade, da nação e da família, mesmo quando em oposição à opinião da "massa" e da "moda".

Cita o salário-educação e a cedência de professores públicos para a escola livre, em troca de matrículas gratuitas. Mostra que o poder público quer ajudar. Questiona e ao mesmo tempo faz um apelo aos pais e à comunidade para não se acomodarem. E' hora de aperfeiçoar as escolas e receber todos os alunos. A escola romperá os limites da comunidade religiosa, justamente através de seus vínculos espirituais.

"E assim, a escola pública e a escola livre tendem a aproximar-se cada vez mais...", ou será o inverso?

Conclui: "Cabe a nós... manter-nos alertas, a bradar contra uma involução que destruirá uma das nossas mais preciosas instituições."[70]

Sendo estas as publicações selecionadas neste período, seguimos com o próximo.

4.4. Seleção de Documentos Publicados no Período da Pedagogia Histórico-Crítica

As igrejas luteranas existentes no mundo em 1970, pelo que relata Doerzapff, são ou estatais, como na Escandinávia, estaduais, como na Alemanha, ou "voluntárias", como nos Estados Unidos ou no Brasil. A percentagem populacional que a elas pertence vai decrescendo naquela ordem. A IECLB pertence a esta última categoria. O número de membros da IECLB não chega a 1% da população do Brasil. Mas representa dois terços dos luteranos existentes em toda América Latina. A IECLB é a única Igreja Luterana membro da Federação Luterana Mundial, que se utiliza da língua portuguesa, um dos dez mais falados idiomas do mundo.[71]

Segundo Fischer, a IECLB envolve-se muito mais do que no passado, em questões que dizem respeito ao todo da sociedade: formação da vida política, cultural e econômica. Como aconteceu, por exemplo, em 1970, no *Manifesto de Curitiba*, que aborda a relação entre Igreja e Estado, e em 1976, no documento "*Nossa Responsabilidade Social*".[72]

Para o quadriênio 1983 a 1986, a IECLB estabeleceu cinco prioridades: a confessionalidade luterana, comunidade missionária na realidade rural e urbana, educação, questão indígena e contribuição dos membros para sua Igreja.[73]

Reinhart Muller, citando a análise feita por H. E. Todt, sobre como se entende a igreja hoje entre nós, diz:

> ... A igreja precisa manter uma distância crítica

> frente ao mundo, caso contrário ela inevitavelmente passará a ser parte que se adaptou a este mundo, caso contrário ela não poderá ser sal da terra nem transmitir uma esperança que transcende a tudo que se realizou na terra; somente ao ir além de tudo que é imanente, ela poderá manter viva a busca pela verdadeira humanidade do ser humano.[71]

No mesmo artigo de Muller, estão documentados alguns posicionamentos sobre o anteriormente citado (in Fischer) ***Manifesto de Curitiba*** aprovado no VII Concílio Geral da IECLB de 22 a 26 de outubro de 1970.[75]

Também Martin N. Dreher, menciona o ***Manifesto de Curitiba***, que demonstra que: "as dificuldades políticas, sociais e econômicas que passam a atingir o país, não deixam de ter influências diretas sobre a vida de toda Igreja.[76]

Em ***Presença Luterana*** - 1970, no artigo ***Olhando para a frente***, o pastor Arno Dreher, como diretor da Comissão Latino-americana da Federação Luterana Mundial escreve: 95% dos membros da IECLB são brasileiros. Assim, não poderia esta Igreja ser identificada como "alemã" conforme publicações no Brasil, sobre protestantismo.

E frisa: "A conservação da língua dos imigrantes foi a coisa mais natural. Não havia escolas nem professores (brasileiros, no caso) que ensinassem aos filhos dos imigrantes a língua falada no Brasil". Também deduziu que ninguém diria que a Igreja Católica do Brasil é uma igreja portuguesa, só pelo uso da língua. A igreja pentecostal Congregação Cristã do Brasil começou usando a língua italiana.

Destaca que a IECLB marcou presença na educação

brasileira durante mais de um século. Contribuiu para com a erradicação do analfabetismo e para com a elevação do nível cultural e social do nosso povo brasileiro. Criou e está mantendo centenas de escolas primárias e dezenas de ginásios, colégios, escolas normais e técnicas.

Também, neste período, o autor deste artigo, destaca que as escolas primárias servem a grande percentagem de alunos não luteranos.

Outros setores sociais, além da educação, também são de preocupação da IECLB, como por exemplo, a recuperação social dos marginais, na busca de condições de vida justas e dignas para todos os brasileiros.

Ressalta que, a nova visão ecumênica, apoiada pelos luteranos, é contribuição e não competição. "E' assim que fazemos a obra educacional: não competindo com o Estado, mas contribuindo com nossa porção". E uma contribuição valiosa é a criação de uma consciência teológica, fundamentada no Evangelho puro, que exerça uma influência criteriosa nas consciências dos homens.

E conclui dizendo que não se deve olhar para o passado melancolicamente, pelas dificuldades. Mas olhar para o futuro "conscientes da tarefa que o Senhor espera que cumpramos", não em um espaço indefinido, mas aqui e agora, dentro da realidade da nação brasileira, na época atual".

A IECLB encerrou sua fase provincial em 25 de outubro de 1968 com a união dos Sínodos, inaugurando a existência como Igreja nacional que vê e capacita a sua tarefa em âmbito nacional.

Neste período, o Brasil conta com 85 milhões de habitantes, sendo que 643 mil habitantes são luteranos da IECLB."

O prof. Vilmar Keller, como diretor do departamento da IECLB escreve sobre *Novas Perspectivas na Educação*. Faz a relação entre educação e desenvolvimento. A educação desempenha papel preponderante na corrida do desenvolvimento na qual o Brasil hoje ingressa (1970). Todo sistema brasileiro anseia por reestruturação. O ensino particular deve participar deste processo, orientando sua linha de ação pelas metas quantitativas e qualitativas que se busca atingir. As escolas da IECLB não podem restringir-se a relatos do que faz e fez, mas projetar-se sobre o que se deva ou pretenda fazer, destacar as contribuições que queira dar, as tarefas a cumprir. O autor, resumindo, diz também que: "Tendo em conta que a única cousa que a Igreja, em princípio, deve realizar com exclusividade, é o oferecimento do Evangelho e a iniciação em formas de vida cristã, e que o ensino na fé cristã é, por excelência, a única obra educacional especificamente cristã", ressalta ser esta a tarefa educacional mais legítima de uma comunidade cristã, natural depositária da mesma. E' encargo irreversível da Igreja, por decorrência, cuidar da formação de obreiros para estas tarefas. Para esse fim, a Igreja mantém a nível superior a faculdade, seminários e os cursos intensivos. Também vinculados, um Instituto de Diaconia, o Pré-Teológico e também um Curso de Professores Catequistas de nível médio. E ainda as Escolas Bíblicas. Tudo o mais que se faz no campo educacional "em princípio, não é nada cristão, mas secular, e em relação a

isto o cristão compartilha sua tarefa com todos os homens, com os quais é solidário". Esta solidariedade, aliada à preocupação de oferecer ensino na fé cristã compeliu as comunidades da IECLB, desde há mais de um século, a instalar escolas. Muitas surgiram de falta de providência do poder público. Outras tiveram origens fundamentais em sólidos conceitos pedagógicos e objetivos educacionais definidos que lhes deram características próprias.

Hoje - 1970:

100 escolas primárias;

30 escolas de ensino médio oficializadas (8 escolas normais;

12 colégios secundários;

11 colégios técnicos (comerciais e agrícolas);

27 cursos ginasiais (enfermagem e economia doméstica);

12000 alunos no primário e 8000 no ensino médio.

A primeira contribuição para a educação luterana com preponderância ao técnico e científico, é a democratização. Abrir as escolas a todos os alunos que as procurem, eliminando as barreiras sociais que separam até os próprios irmãos na fé. Só assim cumprirão a sua vocação evangélica.

As comunidades não poderão arcar com o sustento das escolas, por isso a colaboração financeira do Estado, no sentido de suprir a insuficiência de recursos dos pais, será indispensável. E' preciso esforço conjugado: poder público e iniciativa particular, para soluções a curto prazo, com vistas

ao desenvolvimento. Para isto é necessário um sistema único, com objetivos e metas comuns - porém - administrativamente independentes e com liberdade de ação e autonomia pedagógica.

A existência da escola livre e comunitária será a expressão da realidade democrática do País. Os pais poderão exercer o seu direito de opção pelo gênero de educação que queiram proporcionar aos filhos - princípio consagrado na *Lei das Diretrizes e Bases*. As escolas devem visar a valorização do homem e elevar o seu nível social, contribuir para o fortalecimento comunitário e formação de lideranças, alfabetizar e capacitar profissionalmente os adultos e adolescentes. Assim a Igreja e suas comunidades darão uma contribuição valiosa para o desenvolvimento, colocando a serviço da sociedade todo seu patrimônio espiritual e material. Todos que detém parcela de responsabilidade são chamados a colaborar na tarefa educacional.[78]

No final da publicação, in: *Presença Luterana*, 1970, estão relacionados os Estabelecimentos de Ensino Médio oficializados. Ao todo, nas quatro regiões eclesiásticas da IECLB constam 29 Estabelecimentos de Ensino Médio no Brasil.[79]

Lutar pelas escolas comunitárias é uma questão de sobrevivência. O entrevistado Garlet, sendo questionado coloca alguns posicionamentos. Distingue escola evangélica como sendo aquela que se propõe a educar com base na Palavra. Cristo é sujeito. A escola evangélica educa o indivíduo para ser pessoa para seu próximo. O Evangelho não é uma ideologia. E' preciso lutar pela sobrevivência da escola comunitária. Não deixar que o Estado monopolize a educação,

nem que a rede particular explore a educação com intuito de obter lucro. A escola evangélica comunitária, também sujeita ao sistema estatal, deve formar pessoas críticas, "bombardeando" o negativo. Isto é Reforma de Ensino. E esta reforma deve ser protestante = testemunhar em favor de justiça social, dignidade humana, solidariedade. A Igreja deve esforçar-se ao máximo para manter a escola comunitária. Delas provém a maioria das lideranças. Os colaboradores das escolas devem ser bem pagos e cada um paga a escola de acordo com suas posses. E' preciso conscientização para que se contribua para uma obra comum. E conclui: A situação financeira é crucial, quem sabe vale a pena pensar sobre isto?![80]

Na segunda quinzena de março de 1977 outro artigo, aliás, está publicado em documento encaminhado à Presidência do Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul, intitulado ***A Presença da Escola Comunitária no Ensino do Estado assegura aos pais uma possibilidade de opção***. O documento faz um pedido ao CEE para que se proceda um reexame das diretrizes que norteiam a concessão de bolsas de estudos, por compra de vagas e cedência de professores. E' preciso preservar a existência da escola particular comunitária, não só por razões filosóficas e pedagógicas, mas também pela ordem econômica. Nem a escola "particular", que seleciona pela classe econômica seus alunos; nem a pública, totalmente gratuita, que leva à inércia, podem realizar o ideal democrático. Somente a escola comunitária integra o social e obtém a participação ativa da família e da comunidade, também no custeio do ensino. Entre o Estado e a

escola deve existir espírito de parceria, e não de um anacrônico paternalismo.

Garantir a presença da escola comunitária (que não visa lucros) assegura aos pais a possibilidade de opção pelo gênero de educação que queiram dar a seus filhos. E' necessário que a legislação do ensino assegure o real exercício desse direito, coibindo, de outro lado, eventual tendência monopolista do Estado.[81]

No mesmo jornal, mais um apelo: *As escolas evangélicas querem negociar*. Keller diz: O Estado acha que dando bolsas para os alunos está fazendo um grande favor para as escolas. Nós queremos um negócio com o Estado. Se tivermos a metade do dinheiro que ele gasta na rede pública, as nossas escolas estariam em boa situação e ainda sobraria dinheiro. Achamos que a escola particular deve continuar cobrando dos que podem pagar. Mas o Estado deveria pagar a quem não pode cobrir as despesas de ensino. Por sermos evangélicos, é o de justamente não sermos uma escola de elite. Na atualidade o ensino se tornou e está se tornando cada dia mais caro. Os pais não estão dispostos a sacrifícios. Consideramos a liberdade de educação uma coisa sagrada, consagrada na *Constituição* e nas leis de ensino.

Na realidade, o que vai decidir a permanência das escolas de livre iniciativa é a capacidade financeira que ela terá para sobreviver.

Assim como existe uma crise nas comunidades, existe uma crise na escola e há até quem afirme que se uma comunidade é viva, atuante, então sua escola também o é, como

reflexo da comunidade.

A qualidade e ensino na escola comunitária garante sua sobrevivência. Cita o exemplo do Colégio Evangélico Alberto Torres, de Lajeado, RS, que teve 80% de seus vestibulandos aprovados.[82]

Ainda no mesmo jornal *Como manter as escolas comunitárias?*. Frente às dificuldades financeiras, o assunto em todas as reuniões é o mesmo. Qual a razão de existir e como manter as escolas hoje? Para que subsista é necessário transformá-la em escola-empresa, com qualidade de educação. A rápida expansão da escola pública parece tornar desnecessária a presença da escola de livre iniciativa. Cita o documento encaminhado ao CEE, onde é consenso dos diretores de que as escolas devem pleitear do Estado recursos permanentes como um direito e não como um favor. Relaciona também a crise de identidade e a razão de existir da Igreja e consequentemente da escola comunitária evangélica. Se a Igreja não tem identidade, como é que a escola evangélica pode ter.

A escola evangélica não pode mais ser confessionalmente fechada, nem tampouco de cunho missionário para fins de conversão. Ela tem razão de existir enquanto se orientar por uma "filosofia": atender à responsabilidade político-social da Igreja com ensino de qualidade, ajudando a definir o que é confessional, ecumênico e missionário. A grande maioria dos pais mandam seus filhos à escola particular pela qualidade de ensino e não pelo fato de ser comunitária evangélica. A escola deve ser o laboratório número um de vivência cristã. E em última instância, quem define o que a escola comunitária deve ser é a

própria comunidade. Mas estas, até agora, estão caladas. Falta-lhes impulso frente a mais um desafio: manter suas escolas comunitárias.[83]

Em junho de 1977, na segunda quinzena, a professora da Escola Dominical, Anneliese Quandt, escreve sobre educação religiosa nas escolas públicas e protesta contra o ensino dado por professores católicos que não estão seguindo o programa ecumênico (estão ensinando culto à Virgem Maria, santos e outros). Faz um apelo às autoridades da IECLB e a membros que ocupam cargos oficiais para educação de seus filhos, o futuro da Igreja. Preservar a fé.[84]

Em agosto de 1980, o *Jornal Evangélico* traz notícias do XIII Congresso de Professores Evangélicos com o título *Educandários evangélicos atendem aspirações da comunidade*. De 28 a 31 de julho, reuniram-se 500 professores vinculados à IECLB, sob o tema "O Professor de Escola Evangélica: uma Reflexão Crítica". A insegurança e incerteza transparece na pergunta pelo futuro da escola comunitária. O Secretário de Educação do Rio Grande do Sul, presente à abertura, refutou a crítica de que o Estado não estaria apoiando as escolas particulares comunitárias e confessionais. Da sobrevivência destas escolas depende a qualidade do ensino no país. Outro palestrante lembra que o positivismo ainda está fortemente influenciando o monopólio estatal que quer moldar uma juventude uniforme e obediente. Esperar recursos do Estado, estes serão irrisórios. As escolas comunitárias continuarão a depender das comunidades mantenedoras do interesse das famílias pelo seu tipo de educa-

ção e dos professores que renunciam a uma tranquila função pública.

O Centro de Diretores de Escolas Evangélicas, em suas reuniões periódicas, procura "redescobrir e por a salvo uma unidade e identidade da Escola Evangélica". Há escolas evangélicas de todo tipo: cada uma é fruto de seu próprio ambiente - é uma escola livre para atender às aspirações da comunidade à qual serve. Há as que dão ensino ensino evangélico e as que dão ensino cristão (ecumênico).

Na mesma página deste jornal o destaque ainda, como resultado do XIII Congresso, a Escola Confessional é tida como alternativa na Educação Brasileira. Depoimentos de congressistas elogiam a forma direta e aberta com que são tratados os pontos falhos no setor educacional. Faz-se questão de apresentar palestras questionadoras. A escola comunitária orienta o estudante para que ele seja sujeito do processo de seu desenvolvimento e não objeto. A escola comunitária, como instrumento da Igreja, fazendo missão, está ajudando a construir um mundo mais justo.[85]

Em fevereiro de 1981, o novo titular do Departamento de Educação, professor Dorival Fleck, publica um artigo intitulado: *A escola comunitária evangélica se justifica*. Diferencia-se, nesta publicação, escola comunitária de escola particular. Lembra-se de que o Estado deveria providenciar verbas, como foi já solicitado no XIII Congresso, mas permanece o "diálogo de surdos", nada o Estado tem feito, as escolas subsistem com recursos da comunidade. Quanto à questão de que a escola comunitária é melhor do que a escola pública, Dorival

Fleck diz: "Sim, a escola comunitária evangélica se justifica. Como membro da Igreja, como cidadão e como pai de família quero que minha Igreja tenha uma palavra a dizer numa escola. E a escola estatal não é neutra, nela não encontro conteúdos específicos que a educação de meus filhos deve ter. Quero alternativas".

Como professor diz: "O risco que a escola evangélica corre é o de querer se nortear pela escola pública". Diz também: "No momento em que a escola comunitária não pode mais competir com a rede pública, ela morre. Este é um desafio constante, e isto é bom". Diz que é falsa a imagem de que a escola evangélica é uma escola para elite. Mas deve se preocupar em ser escola de elite, isto é, de qualidade, senão perde sua finalidade.[84]

O *Jornal Evangélico* em junho de 1981 publica uma meditação proferida pelo pastor Gustavo Schuenemann durante o XIII Concílio do Distrito Eclesiástico São Paulo: "Lutero defende uma Igreja participante na Educação". Diz o pastor: A fé sem obras ou fé sem amor está morta. A fé se expressa em atuação, em vivência cristã. A educação se realiza pela instrução, doutrinação, elevados conselhos e bons exemplos, enfim, pela vivência. O tripé básico: lar, escola e igreja promovem a verdadeira educação cristã influenciando, colaborando e divulgando os conceitos e valores cristãos. O homem por ser imperfeito desobedece a Deus. O perfeito, no entanto, já pode se tornar realidade pelo perdão, pela efetiva renovação da vida do homem.

Na meditação, o autor cita Lutero no tocante aos

princípios democráticos e chama a todos os cidadãos (lar, escola, igreja, governantes e governados cristãos ou não) a se preocuparem com o sacerdócio educacional para que "nós cristãos - sal da terra e luz do mundo - mostremos nossas boas obras da educação e glorifiquemos nosso Pai que estás nos céus".[87]

Em novembro de 1981, também no *Jornal Evangélico*, o Conselho de Educação da IECLB, em sua terceira reunião ordinária de 23 a 25 de outubro, realizada em Joinvile, SC, preocupou-se com a questão do ensino religioso e a Lei 5692/71. Constatou-se que há material didático, mas faltam recursos humanos para o trabalho.

O ensino religioso pode ser desenvolvido em duas modalidades: de caráter confessional e interconfessional. Dependendo da realidade e possibilidade. A Igreja entende ser este ensino sua tarefa e admite sua própria falta de ação nesta questão.[88]

Na primeira quinzena de junho de 1992 traz um breve histórico da Escola Evangélica de Ivoti que participa da importante tarefa do preparo de obreiros para a IECLB. E' uma escola criada a partir das necessidades da IECLB. Certamente o Lehrerseminar criado em 1909 e que reabriu em 1950 com o nome de Escola Normal Evangélica, contribuiu e influenciou a educação luterana no Paraná, através dos professores e catequistas. No entanto, por limitações nesta pesquisa, não entraremos, no momento, neste assunto de formação dos professores.[89]

Em 1985, 1986 e 1987 o Centro de Elaboração de Material - CEM - da IECLB, publica uma série de materiais didáticos, edi-

tando inclusive o periódico *Revista do CEM*. Selecionamos alguns artigos que passaremos a citar, alternando com as publicações do *Jornal Evangélico*, sempre utilizando o critério para seleção de acordo com o objetivo desta pesquisa.

Em 1985, já na primeira quinzena de janeiro, o *Jornal Evangélico* coloca em destaque **Educação é o tema da IECLB em 85.** A educação se dá também pela experiência da própria vida. Esta manchete está também como capa da *Revista do CEM*, ano VII, n 02, 1985.

Importante também a Bibliografia que a revista publica, sobre educação. Selecionamos uma lista para que se possa fazer análise das indicações colocadas para as escolas "evangélicas" da IECLB:

Pequena bibliografia sobre Educação

Isto não se aprende na escola (A educação do Povo nas CEBs) Laura M. Schneider Duarte. Vozes.

Cuidado Escola! (Desigualdade, domesticação e algumas saídas) Equipe do IDAC (Instituto de Ação Cultural). Brasiliense.

A Vida na Escola e a Escola da Vida. Idem.

Vivendo e Aprendendo. Idem.

Estórias de quem gosta de ensinar. Rubem Alves. Cortez Editora/Autores Associados.

Conversas com quem gosta de ensinar. Idem.

A Bíblia na Escola. Wolfgang Gruen. Paulinas.

Educação e Vida. Pierre Furter. Vozes.

Pedagogia do Oprimido. Paulo Freire. Ed. Paz e Terra.

Escola e Democracia. Demerval Saviani. Cortez Editora.

A questão da educação indígena. Bartolomeu Meliá.

Brasiliense.

Comunicação e poder (A presença e o papel dos meios de comunidação de massa estrangeiros na América Latina) Pedrinho A. Guareschi. Vozes.

Evolução da Fé na Criança. Teresinha Batista. Vozes.

Educação e Dependência. Manfredo Berger. DIFEL - co-edições.

O que é Educação. Carlos Rodrigues Brandão. Brasiliense.

Aprendizagem e vivência do evangelho. Centro de Elaboração de Material. Sinodal.

Escola, Estado e Sociedade. Barbara Freitag. EDAART - São Paulo Livraria Editora Ltda.

Ensino: uma tarefa de reflexão. Juan Mosquera. Editora Sulina.

A construção do homem segundo Piaget. (Uma teoria da Educação). Lauro de Oliveira Lima. Summus.

Artigos:

Educação: Para a liberdade ou para a Opressão? Edmundo Gruebber em *Proclamar Libertação* - Volume X - Editora Sinodal.

Lutero e Educação. Martim Volkmann em *Reflexões em torno de Lutero* - Volume II - Editora Sinodal.

Educação: Educar para a Esperança. Dorival Fleck em *Revista do CEM*, n 02, 1983.

O Pedagogo em *O que Lutero disse*. G. Fitzer. Civilização Brasileira.[30]

Citamos também outros títulos, com respectivos autores e "flashes". Por ser extenso o material publicado, não é possível, de momento, entrar em detalhes.

Na *Revista do CEM* em 1985, o embasamento em "Lutero como Educador" consta na introdução "do *Prefácio do Catecismo Menor*, retoma-se a antiga tradição, neste artigo, da escolinha "alemã" do século XIX no Brasil. Por amor de Deus e por esta juventude, não menosprezeis a educação, diz Lutero. O artigo ressalta a importância da Educação e da Escola Cristã. Em destaque: "Educação Cristã - responsabilidades dos pais. A educação permanente - somos sempre aprendizes (ainda que adultos)". Sempre embasado em Lutero, chama a atenção para atualizar o contexto do *Catecismo Menor*, buscando novos desafios, formulando a tarefa e ação educativa da Escola Cristã ou Evangélica, hoje.[91]

Dr. Gottfried Brakemeier - A título de introdução - "O principal fator educativo é o exemplo e a vivência. A educação deve capacitar as pessoas para a fé, o amor e a esperança".[92]

Danilo Streck - *Método em Educação* - alguns indicadores: "Como educadores cristãos, a questão do método tem necessariamente uma dimensão teológica".[93]

Dorival A. Fleck - *Crise na Educação* - Por quê?: "Liberalismo, o Escola-Novismo, o Tecnicismo - há saída para a crise?"[94]

Dorival Fleck, como diretor do Departamento de Educação da IECLB, escreve no *Jornal Evangélico*, na primeira quinzena de 1985, sobre o *Processo Orgânico da Educação*. O tema do ano, da IECLB: *Educação: compromisso com a verdade e a vida.* Diz ele que no atual sistema educacional brasileiro, tanto a escola estatal quanto a escola particular, apresentam graves problemas. "No

cômputo geral, a escola particular comunitária leva vantagens, talvez por ser a única capaz de se identificar filosoficamente com clareza, apesar de ser privada". E ainda diz-se, às vezes, que à Igreja só interessa a educação na fé, o ensino religioso, e que o resto cabe ao Estado. Isto demonstra o desconhecimento do fato pedagógico. Não é possível separar as coisas da educação - ela é um processo orgânico. Que o ano de 1985 possa ser momento histórico em educação na IECLB e que as escolas em conjunto possam buscar uma expressão evangélica de educação.[95]

O pastor Tito L. Lermen, na segunda quinzena de janeiro de 85 do *Jornal Evangélico*, questiona: "Educação - prioridade: sim ou não?". Diz que questionar é fruto da abertura na época. "Como anda o exercício da crítica, da busca por uma política educacional em nossa Igreja?" A educação, na IECLB, continua sendo tratada como uma espécie de "quinta roda da carroça". "E' óbvio que a educação é fundamental e é preciso encará-la como tal promovendo a participação de todos na busca de uma proposta educacional que poderá traduzir-se em uma pastoral de educação, válida para toda a IECLB".[96]

O professor Hermedo Wagner defende a existência da Escola Comunitária hoje, quando esta oferecer algo que qualquer outra escola particular ou estatal não pode oferecer. Ele diz: "A vivência e a experiência me ensinaram que a escola evangélica é um lugar de testemunho, de vivência, e de ensino evangélicos". A escola será evangélica quando se orienta, nas suas decisões, na sua "práxis", no seu ensino e na educação que promove, pela orientação definida baseada no Evangelho de Jesus Cristo.[97]

Educar significa ensinar a pensar - é o tema defendido pelo pastor Edmundo Grubber. Baseado em Eclesiastes 9.13-18 diz que devemos valorizar bem mais a sabedoria do humilde, do pobre. Precisamos partir da realidade vivencial do povo. Lembra o pastor Martin Reusch, que comentando Lutero no *Prefácio do Catecismo Menor*: "não se pode obrigar ninguém a crer...", diz que o ensino deve respeitar o outro como sujeito de seu processo. Cita exemplos que mostram com clareza a falha da pedagogia que educa mais para a dependência do que para a maturidade cristã. Assim: "Servimos exatamente ao tipo de educação que criticamos. Cita Grote e Gerhard von Rad, é preciso conhecer a realidade, analisar criticamente, depois agir e conquistar a liberdade. Enfim, "educar significa ensinar a pensar". Sempre baseado no texto bíblico, tentando responder: Que tipo de educação praticamos em nossa comunidade, na Igreja?"[98]

Reunindo cerca de quatrocentos jovens das comunidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro de 4 a 10 de fevereiro de 1985, o *Acampamento* teve como tema, a educação. No relato do professor Dorival Fleck, este destacou que o significativo na educação é aquilo que causa sofrimento. O pastor Silvio Meincke constata que há contradições entre os valores que recebemos e os valores do Evangelho. Desafia os jovens para que estes descubram o que é uma educação comprometida com a verdade e a vida. O professor Ernest Sarlet, Secretário de Educação de Novo Hamburgo, com larga experiência na área educacional da IECLB arrancou salva de palmas dos jovens acampantes quando disse:

"as escolas evangélicas infelizmente se elitizaram por completo". Sarlet dasafiou os jovens a dar um "basta de comodismo" e sugeriu que pressionem a Igreja para buscar saídas, pois esta tem compromisso de lançar-se à periferia e levar a educação às crianças. Provoca os jovens: "seja rebelde, mas não apenas resmunge, faça algo de concreto".[99]

No acampamento dos jovens, em Cascavel, o pastor regional Humberto Kirchheim, mostra a triste realidade educacional: "Brasil gasta mais de 5000 dólares por habitante para fins militares e apenas 30 dólares na educação". Vida boa como mostra Jesus (faz citações bíblicas) tem a ver com perdão e aceitação. Tem a ver com as estruturas, sistemas e leis. Vida tem a ver com todas as necessidades básicas da pessoa: saúde, alimento, justiça, com leis, com educação.[100]

Notícias no *Jornal Evangélico* em março de 1985, mostram que sobem para 56 o número de escolas afiliadas ao Departamento de Educação da IECLB. E' de 130 o número de escolas da rede evangélica no país. Para 1985 estão previstos a Segunda Consulta sobre Educação Cristã e o Segundo Fórum da Escola Evangélica. Também, seis Encontros de professores evangélicos de diferentes áreas (ciências, língua portuguesa, estudos sociais, educação artística, matemática e língua estrangeira). O Departamento prevê o envio de diretores para cursos no exterior e se define como: "O Departamento de Educação é uma comunidade de escolas que se entendem em missão".[101]

Na *Revista do CEM*, o professor Irineu Lasch, publica *Conflitos na educação - meios para mudan-*

ca. Precisamos de uma educação corajosa, aberta para o conflito. Anexo também, uma pesquisa com os alunos do Colégio Evangélico de Lajeado (RS).[102]

A escola comunitária é herança do Sínodo Riograndense. E' distinta da escola particular, da estatal e da paroquial católica. Na sua concepção, é uma escola pública, mas uma escola pública cristã, como a queria Lutero. "Essa escola marcou todo o sistema educacional do Rio Grande do Sul (diz Dorival Felck)", comenta o jornalista Edelberto Behs na edução especial do *Jornal Evangélico*.[103]

Em novembro de 1986 o *Jornal Evangélico* publica: *Escola Evangélica jamais poderá se tornar elitizante*. Os direitos de escolas evangélicas, inclusive o do Colégio Martinus de Curitiba, PR, concordam que é preciso pressionar as autoridades para aplicarem melhor os recursos estatais destinados à educação. A escola comunitária precisa continuar não só como pluralidade de opções, mas principalmente pela qualidade de seu trabalho. A pressão, junto ao governo, inclusive se justifica, para que também o operário possa matricular seu filho na escola que ele escolher. "Precisamos dar condições para que também os filhos dos evangélicos possam estudar nas escolas comunitárias". Tem-se apelado, inclusive a rifas para arrecadar fundos.

Os participantes do 10o Seminário de Diretores distribuiram carta-aberta em que solicitam às autoridades imediata revisão dos planos de aplicação de recursos estatais destinados à educação, imediata definição dos mecanismos que regerão o reajuste de anuidades e fixação de valores de bolsa

de estudos para o ano de 1987, e imediata liberação dos valores das parcelas de bolsa de estudos.

No documento, os participantes exigem das autoridades que assumam a posição a favor da continuidade da escola comunitária - pela importância que têm (pluralidade de opção e qualidade de trabalho).

A citação do documento está em destaque, no mesmo jornal, sob o título *Estatização da escola brasileira confraria princípios democráticos*.[104]

Ainda, em 1987, *O testemunho na escola evangélica"* de Hilmar Kannenberg coloca o amor ilimitado, o aluno como sujeito, a convivência integral. E como fórum de reflexão, diz que a Escola Evangélica precisa ter certeza de sua proposta pedagógica e torná-la pública - testemunhar.[105]

Em 1988, *Educação Cristã e Criatividade*, publica atividades sobre a Pedagogia de Jesus. Há uma série de programações sobre temas bíblicos, envolvendo exercícios, dramatizações e atividades plásticas.[106]

Assim, existem outras publicações destinadas aos que atuam na Educação Cristã, quer nas Igrejas ou Escolas Evangélicas.

A partir desta data, por limite de tempo, nesta pesquisa, não foi possível averiguar as publicações. Os arquivos na biblioteca estão sendo atualizados. Assim, fica por ora até aqui, a seleção de dados.

Mencionamos ainda que a IECLB faz parte da ASSINTEC (Associação Interconfessional de Educação de Curitiba). Sobre a associação, Sueli Westley Ficker Pereira escreve um breve rela-

to histórico (1973-1989).[107]

O *Jornal Evangélico*, em 1981, publica: "Na Grande Curitiba, 236 escolas públicas já estão sendo atingidas pelo trabalho da ASSINTEC e que envolve mais de 3 mil professores" e em torno torno de 110 mil crianças. Afirma Carlos Dreher, pastor da IECLB e diretor da ASSINTEC na ocasião.[108]

A IECLB também possui representação na CELADEC (Comissão Evangélica Latino-Americana de Educação Cristã).

No próximo capítulo, estaremos historiando sobre a IELB, que na sequência cronológica teve sua fundação no Brasil posteriormente à IECLB. Ao final da pesquisa, faremos a análise sobre a questão problemática da sobrevivência das escolas luteranas no Brasil e no Paraná em específico.

Capítulo 5

Histórico da IELB, no Brasil, sobre a Fundação e Manutenção de Escolas

5.1 Seleção de Documentos Publicados no Período da Escola Tradicional

O número insuficiente de pastores no Brasil para os imigrantes alemães fez com que o Sínodo de Missouri dos Estados Unidos se preocupasse com os luteranos no Brasil. Foram informados que cerca de sessenta mil protestantes não tinham assistência religiosa. Em abril de 1899, o Sínodo de Missouri decidiu que havia chegado o momento de iniciar a missão no Brasil. No início de 1900, foi feita uma pesquisa para o envio de missionários para cá. No dia primeiro de julho de 1900 seria fundada a primeira congregação do que viria a ser a IELB, na região de alemães pomeranos em São Pedro, RS (interior de Pelotas). Outras congregações naquela região, também decidiram chamar pastores do Sínodo de Missouri.

Os colonos haviam estabelecido dezenas de escolas e congregações que, na ausência de pastores ordenados, eram atendidos por leigos sem formação teológica e até mesmo sem qualificação moral para o cargo.[1] Houve desavenças entre os pastores-leigos e também com os do Sínodo Riograndense.

O trabalho se expandia para o nordeste do Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre começou com uma escola. Todos os pastores missourianos lecionavam em escolas paroquiais, na época. Jornais e revistas do Brasil, Alemanha e Estados Unidos, acusavam os missourianos de serem agentes a serviço de interesses políticos e ecomômicos dos Estados Unidos.[2]

O prof. Mário L. Rehfeldt, em sua tese *The First fifty years of the History of the IELB, the Brazilian District of the Missouri Synod*, escreve sobre as escolas paroquiais; traduzindo temos:

> O estabelecimento e a formação de escolas paroquiais era um dos principais feitos da IELB no início do século. A primeira fundada por Brooders em 1900 em São Pedro - 'Se queremos fazer missão aqui temos que dar atenção à escola'. Nas áreas de imigração não havia escolas públicas. Se quisessem aprender alguma coisa, teriam que fundar suas próprias escolas.
> Muitas vezes grupos indiferentes religiosamente pediam ao Sínodo de Missouri para providenciar instrução para seus filhos. Isso favoreceu o crescimento da IELB. Porém, isso dificultou o trabalho dos pastores - 'as escolas eles procuravam, porém pouco participavam dos cultos'. Mesmo assim, a escola foi um grande instrumento missionário. 'A escola é o elo, é o ponto chave da comunidade'. Começou a preocupação de se mandar professores sinodais para o Brasil.[3]
> Foi também nas escolas paroquiais que o trabalho em português começou.[4]
> Muitos pastores ficavam esgotados pela sobrecarga de trabalho na igreja e nas escolas.[5]
> Era comum a Igreja de Roma demonstrar sua oposição ao trabalho escolar das igrejas evangélicas colocando escolas perto de onde havia escolas paroquiais luteranas.[6]

Em 1903 acontece a abertura do Seminário, destinado à formação de pastores e professores. Em 1904 houve a organização do Distrito Brasileiro do Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados. As congregações desenvolveram um sentimento de unidade e começaram a interessar-se por assuntos da Igreja como um todo.[7] Em 1905 foi aberta a Casa Publicadora Concórdia, como agência da Casa Pu-

blicadora Concórdia de Saint Louis, Estados Unidos, para atender a Igreja e escolas.[8] Em 1907 o seminário teológico reabriu em Porto Alegre com ajuda dos Estados Unidos. Em 1912 formou-se a primeira classe de professores e em 1915 formaram-se os cinco primeiros pastores no Brasil. Já em 1922, há mais pastores brasileiros do que norte-americanos trabalhando no Brasil.[9]

A expansão da Igreja é dificultada pela falta de pastores e pelas dificuldades de recursos financeiros: ônus limitados para missão no Brasil, pelos Estados Unidos, pobreza dos imigrantes no Brasil, falta de instrução na mordomia cristã e a indiferença espiritual dos membros. Tudo isto demonstrava a resistência às praxes genuinamente luteranas, pois muitos ficaram sem assistência espiritual durante longo tempo.[10]

De 1914 a 1918, período da Primeira Guerra Mundial, pelo decreto de 1917 acontece o fechamento de Escolas e a proibição da língua alemã. O periódico *Kirchenblatt* deixou de circular a partir de 31 de outubro de 1917. A maioria das escolas paroquiais "fechou" porque não tinham condições de ministrar aulas em português. Nenhum sermão podia ser em alemão, as igrejas também foram fechadas: nem pastores, nem membros falavam o português. Até o Seminário fechou. As contribuições financeiras diminuíram. O Sínodo agiu como pôde para que pastores e professores não sofressem necessidades. O Sínodo dos Estados Unidos enviava fundos para a manutenção. As diretorias das comunidades enfatizam a origem norte-americana (sem conexão com a Igreja Estatal alemã) para não serem perseguidos na Guerra.[11] Assim, podemos entender a colocação de Arnildo

Hopen quando diz que os missourianos eram vistos como brasileiros mais leais do que os do Sínodo Riograndense. Durante a proibição do alemão, traduziram-se hinos, orações e liturgia, começando a nascer frutos em língua portuguesa.[12]

Também devido a proibição do *Kirchenblatt*, começa a ser editada a revista *Mensageiro Cristão* (25 de dezembro de 1917) que, em 15 de maio de 1918 passa a circular como *Mensageiro Luterano*. O objetivo da revista é principalmente apresentar as doutrinas Luteranas e refutar doutrinas falsas, principalmente a católico-romana.[13]

A 23 de agosto de 1915 é fundada a Conferência Evangélica de Professores, em Ijuí, Rio Grande do Sul. Os principais pontos abordados foram os seguintes:

1. Reuniões periódicas para tratar de assuntos pedagógicos, para sentir espírito de união.
2. Estudo de métodos regulares para conseguir uniformidade e qualidade no trato das matérias.
3. Conferências para servir de elo para as comunidades darem mais atençaõ às escolas.
4. Elevar espiritualmente o nível do professor.
5. Criar, eventualmente, uma biblioteca escolar.

Resolvido também que o Distrito Brasileiro do Sínodo Missouri (hoje IELB) edite livros escolares.

O documento consultado diz que : lamentavelmente o livro de atas destas conferências foi encerrado em 4 de setembro de 1920. Existe uma ata (3 de agosto de 1926) posterior que diz: "Há necessidade urgente de reuniões em língua portuguesa, pois o governo está exigindo, os rapazes vão

prestar o Serviço Militar e precisam falar português, também é necessário para o convívio diário".[14]

No período pós-guerra inicia-se a missão entre luso-brasileiros e negros. Não houve danos físicos e materiais ao Sínodo e o *Kirchenblatt* volta a circular em 1919, também volta a ser feito o trabalho quase que exclusivamente em alemão.

Mas voltou a "indiferença espiritual" dos membros. Os pastores se sentiam obrigados a redobrar esforços na educação paroquial a fim de restabelecer o nível de vida cristã anterior.[15]

Em 13 de abril de 1920 são registrados os Estatutos do Distrito Brasileiro do Sínodo Missouri, com o nome de "Synodo Evangélico Lutherano do Brasil". Em 1951 o nome é alterado para "Igreja Luterana Brasileira" e Igreja Evangélica Luterana do Brasil, oficialmente, em 1956.[16]

O Reverendo Carlos Henrique Warth, escreve sobre a história da IELB e o início do trabalho no Rio Grande do Sul. Neste documento cita que "de 1920 em diante o tabalho da Igreja transpôs os limites do Estado. Registra, portanto, o início do trabalho no Paraná, na Colônia de Cruz Machado.[17] Sobre o trabalho no Estado do Paraná, o relato está com título específico como anexo.

Sobre este período, o Rev. C.H. Warth também relata nas *Crônicas da Igreja:*

> Convencidos deste fato, os primeiros pastores, além de fundarem congregações luteranas no Brasil, trataram igualmente da fundação de escolas paroqui-

> ais. Como não havia professores, eles mesmos lecionavam nas escolas, sujeitando-se com boa vontade às fadigas e aos sacrifícios inerentes ao O primeiro pastor que aqui chegou, o Rev. C.J. Broders, na qualidade de prospector, logo depois da fundação da primeira congregação em São Pedro, Pelotas, abriu uma escola que ele mesmo dirigia.
> A respeito da escola paroquial de Porto Alegre, o Rev. W. Mahler escreve no primeiro número do Kirchenblatt editado em 18 de novembro de 1903: 'Nossa escola reúne 115 alunos em duas classes. O que agrada muito aos pais é a instrução religiosa proporcionada a seus filhos nessa escola'.
> Nos primeiros anos, em vista da falta de professores luteranos para as nossas escolas paroquiais, foi preciso chamar professores dos Estados Unidos. Vieram os seguintes: H. Wilke, C. Neukuckaut, H. Sonntag, K. Naumann, J. Steiner, H. Weincich e J. Neukuckatz.
> No ano de 1912 formou-se, no Seminário Concórdia de Porto Alegre, a primeira turma de candidatos ao magistério, constituída de apenas três jovens: Frederico Strelow, Francisco Hoffmann e Carlos Roll. Em 1916 concluiu o curso de pedagogia o estudante Francisco Krueger, e em 1919 recebeu o seu diploma de professor João A. Schmidt. Em 1918 foi eliminado o curso pedagógico para somente recomeçar em 1923.
> No primeiro relatório estatístico publicado em 1907, lemos que, nas 13 escolas então existentes em 9 paróquias, lecionavam 11 pastores e 3 professores contratados. Na falta de professores, estudantes do Instituto serviam temporariamente como professores em algumas escolas. ...
> A estatística de 1924 acusa os seguintes dados: 68 escolas com 2028 alunos, atendidos por 25 pastores, 37 professores e 4 estudantes.
> Os livros usados no ensino da religião eram procedentes da Concordia Publishing House de St. Louis, essa editora da Igreja-mãe. Após a fundação da Casa Publicadora Concórdia de Porto Alegre, os livros usados nas nossas escolas começaram a ser ali impressos.[18]

Seguem algumas publicações sobre Educação Cristã, neste período:

No *Mensageiro Luterano*, abril de 1924, está publi-

cado um texto de *Lutero sobre a educação cristã dos filhos*. Como já se especifica sobre este tema em capítulo à parte, destacamos: "Geralmente a culpa pela perdição dos filhos cabe aos pais. Geralmente faltam nestes dois lados: ou por carícia e mimo excessivos, ou por severidade e amargura demasiados. De ambos os lados é necessário ter-se medidas".[19]

Mensageiro Luterano, janeiro de 1924, o artigo *O plano clerical - Liberais a postos* é reproduzido integralmente por R. H.. O artigo é assinado por um "ex-padre" e faz um apelo aos "Liberais, a postos! Defendemos as escolas! Não deixemos a tirania de Roma rasgar a página da liberdade que é a glória da nossa Constituição!"

R.H. menciona, que reproduz o artigo dos liberais porque este interessa muito aos luteranos porque ele serve de brado aos que pregam a liberdade de consciência.

Os liberais defendem a escola neutra e acusam os católicos romanos no que se refere a introduzir nas escolas públicas o ensino da doutrina católica. Mas aplaudem os católicos por pretenderem criar escolas católicas por toda parte, pois contribuem no combate ao analfabetismo.

Os liberais não consentem neste crime de opressão das consciências e lutam pela manutenção do ensino neutro na escola pública excluído todo proselitismo religioso ou ateu.[20]

R.H. escreve sobre *A administração do Ensino Religioso nos Colégios Públicos*". Ataca veemente o deputado Plínio Marques por defender a entrega do Brasil aos "abutres do papa" institucionalizando o ensino religioso - naturalmente o católico-romano - nas escolas. Diz R. H., "o

passo seguinte será a frequência obrigatória". Aí, o povo brasileiro não terá mais liberdade de pensamento". "A massa popular agrilhoada pela ignorância e pela superstição, para propulsionar os interesses que estadistas pouco patrióticos e prudentes lhes pretendem lançar no regaço". "O papismo sempre foi o mesmo. E era de pensar que não cessaria também aqui no Brasil até que obtivesse de novo seus fins".[21]

No período de 1900 a 1932 constatamos que a preocupação da IELB estava mais voltada a sua instalação como Igreja Luterana no Brasil. A escola era necessária como complemento aos trabalhos da Igreja. A própria revista *Mensageiro Luterano* foi introduzida como a que se preocuparia em combater doutrinas falsas, principalmente o catolicismo romano. Os artigos publicados na revista, os quais relatamos, demonstram que é preciso educar os pais, estes seus filhos, para preservarem os princípios cristãos.

Também neste período, a Editora Concórdia lança a série *Ordem e Progresso* (1922) que é utilizada "pelas aulas primárias do Brasil". Observa-se nestes livros, que os próprios textos de alfabetização e cálculo, ensinam as verdades bíblicas e contém temas de cunho moral cristão. Tudo é cuidadosamente montado e selecionado.

No primeiro livro de leitura temos temas como: "O Natal", "Jesus, o Bom Pastor", "Oração da Noite". E' ilustrado e contém explicações sobre gramática e ortografia. No final constam explicações da edição, em alemão.[22] No segundo livro de leitura temos os temas: "Rocha Eterna", "Jesus, o Bom Pastor", "Oração da Manhã", "Dia da Páscoa". Além de outros temas

gerais, como por exemplo, o "Hino do Descobrimento".

Seguimos, agora, com o próximo período histórico-filosófico. Temos, desde já, o Estado interferindo na existência das escolas luteranas. E os católicos "impondo" via Estado, as aulas de ensino religioso nas escolas públicas.

5.2 Seleção de Documentos Publicados no Período da Escola Nova

No período de 1930 a 1937, o trabalho da IELB se expande para outros estados brasileiros como no Rio de Janeiro (1929), São Paulo (1932), Minas Gerais (1933). Mas o trabalho continua sendo, com maior desenvolvimento, nos Estados do Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e principalmente no Rio Grande do Sul. Em todos os estados, funcionavam, paralelamente, as escolas paroquiais.[24]

Neste mesmo período o número de membros batizados de 19.844 foi para 35.932 e de 43 para 67 pastores, sendo que de 81 foram para 140 escolas paroquiais.[25] O crescimento espiritual aumentou, sendo demonstrado na frequência aos cultos e participação na Santa Ceia. As comunidades tornaram-se financeiramente independentes, mas outras dificuldades financeiras surgem devido o "corte de verbas" dos Estados Unidos.[26]

Na década de 30 era publicado um periódico - *Unsere Schulen* - (Nossas Escolas) provisoriamente. Em 1936 foi transformado num jornal pedagógico *Wacht und Weide in Kirche, un Schule*.[27]

Em 1933, oito pastores receberam seu diploma e cinco professores.[28]

Sobre a nacionalização, Rehfeld escreve que esta afetou

a vida de todos os cidadãos, até mesmo a vida no lar. Na escola primária, todo ensino deveria ser feito em português. Os princípios da escola tinham que ser brasileiros. Nenhuma construção que tivesse servido de igreja poderia ser usada como escola ou seus fins. Todas as escolas e professores tinham de ser registrados no Estado sob rigorosa inspeção federal. Só o português deveria ser falado no perímetro da escola.

As leis escolares não tinham nada contra as escolas particulares em si. Mas seu efeito foi trágico para as igrejas. Das 139 escolas paroquiais (da IELB), 24 aproximadamente tiveram de ser fechadas (maioria no Espírito Santo e Santa Catarina), porque os professores não eram nascidos no Brasil.[29]

Até mesmo escolas particulares foram fechadas. Em Cruz Machado, PR, a escola não fechou porque seu professor, A. Elicker, era brasileiro.

Em 1938, 21 outras escolas paroquiais, frequentadas por 1200 alunos, foram fechadas.

Em 1939 muitas outras foram fechadas devido as exigências dos decretos federais.

Em 1940, no Sínodo de Missouri (IELB), o número de escolas decresceu para 99 e em 1941 para 91 escolas paroquiais. O número de alunos descresceu para 4159 em 1940 e em 1941 para 3554 alunos.[30]

Onde as escolas eram fechadas não havia substituição por nenhum tipo de escola pública. Não somente a educação religiosa, diz Rehfeld, mas toda educação sofreu com isso.[31]

De 1937 a 1945, após a I Guerra, como já dissemos anteriormente, as Igrejas e escolas voltaram a usar o alemão.

Com a lei de Getúlio Vargas proibia-se o uso do alemão na escola (salas de aula e pátio - as crianças não entendiam português) e só brasileiros natos poderiam ser diretores. Somente 40 dos 90 pastores e professores sinodais do Distrito Brasileiro do Sinodo Missouri eram brasileiros natos. Em consequência 24 escolas da Igreja foram fechadas em 1938 e assim por diante. A lei igualmente proibia que qualquer prédio usado para o culto pudesse ser também utilizado para fins acadêmicos.[32]

Em 1941 todos os sermões deveriam ser em língua nacional (decretado). Nas áreas onde o português não fosse bem entendido, poderia ter em alemão após o de português.[33]

Em 22 de agosto de 1948 nasce, no Espírito Santo, o futuro ICSP (1983), com o nome de Escola Normal Rural, mais tarde transferida para o Rio de Janeiro (1957) e depois São Paulo (1962).[34]

Também neste ano, nenhuma publicação havia em alemão. Em 1942, o Brasil entra na Segunda Guerra Mundial. Os pastores e leigos sofreram violentas perseguições. Uma Igreja foi queimada em Passo de Sant'Ana, Rio Grande do Sul, e a congregação torturada sendo uma pessoa morta. Sete pastores tiveram suas bibliotecas em alemão confiscadas e também sete pastores foram proibidos de "pregar". Dezenove pastores foram presos, mas libertos em 1942, pelo menos dois (August Heine, 30 anos e Germano Beck, 20 anos, em dezembro de 1946 inocentados e libertos).

No Seminário todo ensino era em alemão antes da Guerra. A única obra em português era o Catecismo Menor de

Lutero. O ensino teve que ser feito sem o uso de livros, no período da Guerra. A relação com os Estados Unidos foi prejudicada inclusive através do correio. Pastores americanos retornam aos Estados Unidos e a falta de pastores tornou-se assim permanentemente mais aguda.[35]

Terminada a Guerra, a tendência foi as coisas voltarem ao normal. Cerca de uma tonelada de livros teológicos usados foram enviados dos Estados Unidos para repor as bibliotecas perdidas na Guerra.

A supressão da língua alemã por oito anos, no entanto, transformou o distrito brasileiro, em grande parte, numa Igreja nacional. As congregações passaram a usar o português exclusivamente ou juntamente com o alemão.[36] De 1937 a 1945, apesar das dificuldades, a Igreja teve considerável aumento de pastores, congregações e membros. Em 1940 é iniciada a missão no norte do Paraná e em 1951, na Bahia e Pernambuco.

De 1937 a 1945, as mais prejudicadas foram as escolas paroquiais, muitas foram fechadas.[37]

Após a Guerra, escolas paroquiais proliferaram novamente. Em 1945 havia 4106 alunos e em 1950 um total de 5990 alunos sendo 128 as escolas paroquiais.

Um Conselho Distrital de Escolas foi apontado para melhorar os padrões de ensino.[38]

Escreve C. Warth nas *Crônicas da Igreja*:

> Em 1938 novamente nossas escolas enfretaram sérias dificuldades, causadas pelo programa de nacionalização adotado pelo governo. Foi proibido o ensino de qualquer língua estrangeira nas escolas primárias. Nossas escolas em geral, não somente conseguiram

> sobreviver, mas foram aumentando gradativamente até o ano de 1957. De 3.668 alunos em 1938, a matrícula subiu para 7.784 alunos em 1957.[39]

No período de 1945 a 1950, a IELB registrou crescimento de mais de quinze mil membros e 99 congregações. O número de pastores decresceu de 95 para 88.[40]

Apresentaremos daqui para frente, os textos publicados, sobre educação e escolas.

Outubro de 1937, *Mensageiro Luterano*, registra um artigo sobre *Os Jesuítas* onde diz que estes não podem ser "matéria morta no Brasil" como se julgava. A revolução de 30 foi-lhes propícia. Os jesuítas encontram-se assentados na Câmara Federal, nas prefeituras e os bispos, arcebispos e cardeais estão amoldando a legislação aos seus interesses internacionais. O ensino nas escolas públicas é controlado pelos jesuítas. Relata ainda o documento que: "não desejamos uma campanha odiosa contra os jesuítas, mas previnir os eleitos de Deus da acção dos agentes do antichristo prophetizado" (...) "Se conquistarmos uma só alma para Christo, estaremos recompensados".[41]

No ano de 1939, consta tombado no Instituto Histórico da IELB, o primeiro livro de leitura para Escolas Evangélicas Luteranas, da Editora Casa Publicadora Concórdia (em língua alemã). Nas primeiras páginas estão, para aprender a ler, uma série de orações. As historinhas contam episódios da vida familiar cristã, mostrando o temor e o amor de Deus. Ensina os procedimentos em relação aos pais, ilustrando o brinquedo com a

bonequinha.[42]

No *Mensageiro Luterano*, 1940, novamente um artigo *Os jesuítas perante os séculos*. O assunto não trata especificamente sobre escolas, mas o selecionamos para poder demonstrar o posicionamento dos luteranos que pretendem esclarecer como os jesuítas "danificaram" a nação brasileira. Entre outras, o artigo publica afirmações como esta: "Os jesuítas são a maldição da nossa história".[43]

Em 1941, abril, está um artigo *A reforma do Ensino e a religião*. Neste, combate-se tenazmente a possibilidade de incluir o ensino religioso nas escolas públicas. Pois, que ensino seria este? Católico, luterano, calvinista? Não se pode obrigar ninguém a fazer qualquer coisa contra a sua consciência. Defende a posição do Ministro de Instrução que pede aos pais para cooperarem na educação dos filhos. Também reconhece que a religião é uma das mais importantes forças educativas. Pois os luteranos, diz o redator do artigo, não aceitam outra educação escolar senão aquela que é orientada inteiramente pela religião, daí o grande sacrifício em manter escolas paroquiais. Mas esta educação é dever da Igreja e não do Estado. Esta verdade já vem de Lutero, o pai da instrução pública. Por isso faz um apelo ao Estado para que "nos deixe as nossas escolas paroquiais" e que "exija de nós que as nossas escolas sejam eficientes como as suas (do Estado), mas não nos roube nunca o que ele (o Estado) não nos pode dar: a Palavra de Deus, a eficientíssima garantia de nosso sistema educacional". E ainda: "Aqueles que querem fazer das escolas públicas, local de catequese católica, incorrem em grave erro pedagógico".

Destacamos ainda esta frase do redator: "capacitando os homens de amanhã para a luta da vida, fazendo deles elementos úteis à coletividade. Ao mesmo tempo faremos uma obra altamente patriótica, auxiliando o nosso benemérito Governo no combate ao pernicioso analfabetismo. E se da nossa parte fizermos tudo ao nosso alcance, o Governo não nos tomará as nossas escolas paroquiais".[44]

Na revista *Igreja Luterana*, O. A. G. publica em maio de 1943, um artigo intitulado *O ponto morto na Escola*. Aponta para a escola com calmarias: Não há entusiasmo, não há vida, não há progresso. Onde estão as causas? no aluno? no professor? no método? no material didático? - E' preciso averiguar as causas. O termômetro do mestre são os alunos fracos. Por isso o professor deve: a) entusiasmar os alunos, b) tornar interessante e atrativo o assunto, c) estabelecer contato direto com todos os alunos durante a aula. E conclui dizendo: "Portanto, empenhemo-nos numa luta sem tréguas contra as "calmarias" na escola, porque a indiferença e a inércia da idade escolar são males que facilmente deitarão raízes profundas para um futuro pouco promissor - também para o trabalho na Igreja".[45]

Em 1943, a revista *Igreja Luterana* publica a legislação do governo (estadual e federal) sob o título: *A formação Moral e Cívica da Juventude Rio-Grandense dentro do ambiente escolar*.

Entre outros assuntos de que trata a portaria (não consta número e diz "Portaria" - aspas no texto original) da Secretaria de Educação e Cultura (Rio Grande do Sul):

destacamos para o objeto da nossa pesquisa as seguntes colocações:

As escolas (públicas e particulares) deverão:

- aprimorar o culto à Patria;

- ter um patrono com padrão digno de ser imitado;

é facultativo:

- manter o nome de escola com denominação de sua orientação confessional;

- cultuar grandes vultos da história;

- manter e conciliar símbolos religiosos com os símbolos pátrios.

E ainda, em destaque:

"2b - As escolas pertencentes à rede mantida pelas Igrejas Reformadas terão o direito de colocar, nas salas de trabalho, retrato dos seus reformadores, qualquer que seja sua nacionalidade sem prejuízo, porém, da determinação do item anterior" (o dos símbolos).

Fala ainda, da Bandeira, do Hino e as normas de utilização, como integração do espírito nacional. Diz em "12b - Se alguma cerimônia cívica, por força do item citado, se realizar em domingo, a direção da escola procurará conciliar o horário, de modo a respeitar o sentimento religioso dos alunos, conforme a confissão a que pertençam". E no ítem 14 - "... o professor deve dar o exemplo"[96]

Interessante também a preocupação, neste período, com a "Educação Sexual dos Escolares". Um artigo conclui resumindo: 1) Na Bíblia encontram-se conhecimentos dos pecados e a força para viver uma vida casta e decente. Não impedir as crianças

de ler trechos que se ocupam com pecados contra o sexto mandamento (adultério). 2) Na escola primária a educação admissível é uma explicação e aplicação prudente do sexto mandamento. 3) Em casos especiais, entrar em entendimento com os pais, para uma aplicação mais direta das verdades bíblicas.[47]

Em 1945, a *Revistalgreja Luterana* transcreve trechos de um artigo intitulado *Ameaça à liberdade religiosa* publicado por um *Expositor* da Igreja Presbiteriana. Nestes trechos, observa-se nitidamente a preocupação dos protestantes com o plano maquiavélico dos que perseguem os *acatólicos* (termo muito usado nas publicações da época). Para impedir a entrada de missionários protestantes no Brasil e América Latina, apela-se para a "Política da Boa Vizinhança", considerando os missionários elementos nocivos a esta política. Mas o embaixador americano, "joga no lixo" a carta dos "católicos" que solicita o impedimento, apelando para a política da boa vizinhança. Isto, baseando-se na *Constituição* brasileira.[48]

Na mesma revista, também em 1945, aparece um artigo falando sobre *O futuro de nossas escolas paroquiais*. Para responder a pergunta: está assegurado o futuro das nossas escolas cristãs? O autor do artigo recorre à história das escolas luteranas, buscando esclarecimentos para o presente e futuro. Mas, a história que relata é a das escolas dos sínodos americanos.

A lição que o autor tira das histórias das escolas paroquiais americanas é que as mesmas diminuiram por falta de compreensão do objetivo do ensino religioso e pela negligência na

formação dum professorado apto. E o distrito brasileiro? Diz o autor que a situação não é desesperadora. No Brasil há 7500 crianças em idade escolar. Destas, apenas 2500 frequentam escolas luteranas. A respeito dos professores, ainda há bons e dedicados professores. No entanto, o autor questiona se as comunidades luteranas conhecem o verdadeiro objetivo do trabalho escolar. São simples escolas ou têm outras finalidades? Ele acredita que todas as congregações reconhecem o valor real, devido a consequência da nacionalização. E termina dizendo, cheio de entusiasmo, em continuar para frente, à luz da história, pois também no Brasil não existe obstáculo que obstrua a marcha em prol da escola paroquial.

Ainda na revista (em 1945), há um artigo sobre *A leitura da Bíblia na Escola*, apresentando o programa e a metodologia. Destacamos a frase: "Que os fracos na leitura também recebam sua oportunidade de ler na Bíblia".[49]

Outro artigo, de 1946, *Hinos e Salmos na escola*, exalta o cultivo da música (hinos) e poesia (salmos), e justifica dizendo por que cultiva: "1. caráter doutrinário; 2. confissão comum de fé; 3. embeleza o culto, anima os alunos e eleva os corações acima desta vida com suas preocupações; 4. memorização anima os dias da velhice ou enfermidade".

Incentivar o canto individual deve ser o alvo (para o crescimento individual e independente de cada um).

Os salmos não podem ser o *quanto* possível, mas o *melhor* possível.[50]

Mais um artigo *A obra de missão entre os alunos, não pertencentes à nossa igreja*. Neste artigo, o

autor, A. A. Weber, diz que o Sínodo procura organizar uma escola em todos os lugares possíveis. E que em primeiro lugar a escola destina-se para seus próprios filhos. Pois Deus diz: "Vós, pois, não provoqueis a ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor". Desta forma, é obrigação de uma comunidade (que reúne os pais) velar pelo bem de seus filhos). Mas assim como as portas da Igreja estão abertas a todos que pretendem ouvir a Palavra de Deus, assim também as portas da escola estão abertas para todos, com fins missionários.

O artigo apresenta problemas práticos de como tratar aos alunos não luteranos. Não se deve obrigar ninguém. Mas quando os pais não concordam ou a criança não quer participar das aulas de ensino religioso, deve-se agir com calma para explicar os objetivos da escola cristã. Diz: "não queremos colher antes de semear", mas se os pais se negam pela participação nas aulas de ensino religioso, não se pode matricular seu filho na escola paroquial. Da mesma forma, as crianças que se negam a estudar, não podem ser aceitas, pois prejudicariam as demais crianças que tenderiam a imitá-los. Se alunos pobres necessitam de material para estudo, e se fosse este caso o de não estudar ensino religioso, então é dever da comunidade providenciar os livros e demais materiais.

Desde que haja participação dos alunos não pertencentes à Igreja, o Espírito Santo, através das palavras e exemplos dos professores, agirá nos corações dos incrédulos e os levará à salvação em Cristo, este é o objetivo misionário de uma escola cristã.[51]

A *Revista Igreja Luterana*, em 1947, publica *Esclarecimentos sobre os documentos relacionados com o registro do professor*. Ressaltamos o item 5: "De acordo com a Lei Orgânica do Esnino Primário, decreto n. 8529, de 02.01.46, art. 34, nenhum estrangeiro poderá lecionar em curso primário"; e 6: "caso já tenha registro não poderá lecionar: Português, Civismo, História do Brasil e Geografia". E no item 9, "a prova de habilitação fica dispensada até entrar em vigor a lei que regulará a habilitação dos professores particulares, salvo aqueles professores que tenham concluido seus cursos em escolas oficiais do governo".[52]

Em 1949, a mesma revista volta a publicar sobre o registro de professores. Este trata do registro do professor junto ao Ministério do Trabalho exigido para o magistério em escolas particulares, além do registro na Secretaria da Educação.[53]

A edição *Série Concórdia* de 1948, traz em sua *Segunda Aritmética* problemas de matemática que envolvem a realidade da comunidade. Como por exemplo: "Nossa comunidade comprou um harmônio por Cr$ 875,00, o frete importou em Cr$ 83,00 ..."; outro: "Em nosso colégio empregam-se por dia 40 minutos de ensino religioso, 50 minutos de ... Quantos minutos em cada matéria por semana?"[54]

Na *Terceira Aritmética*, também: "A nossa comunidade conta 185 alunos. Num domingo assistiram ao culto 115 alunos, no domingo seguinte 138. Quantos?" e vários outros, por exemplo, sobre a era cristã, em anos, meses e dias.[55]

Em 1947, consta publicado na *Revista Igreja*

Luterana os *Cem anos de abençoada luta em torno da verdade*. Nesta revista técnica para pastores e professores, o prof. O.A. Goerl relata as lutas doutrinárias que o Sínodo Missouri atravessou. Diz respeito à United Lutheran Church of America. A ênfase está já no título: *Igreja de Cristo é Igreja militante*. Analisa a influência do Racionalismo nos estudandes de teologia, entre eles o iluminismo e o naturalismo. Na pedagogia menciona Basedow e Rosseau. A luta da Igreja Luterana é constante, para preservar puros os princípios da Palavra de Deus, combatendo as filosofias racionalistas. A partir das colocações, faz o relato de ida destes protestantes aos EUA e o nascimento e crescimento inicial do Sínodo de Missouri naquele país.[56]

Em 1949, está publicado na *Revista Igreja Luterana* o seguinte questionamento: *Quais são as virtudes de escolares que são absolutamente necessárias para um ensino profícuo?*. E a resposta: silêncio, atenção, ordem, comportamento, obediência. Toda explicação respalda-se em princípios bíblicos e conclui dizendo que ao professor cristão compete inteirar seus alunos destas virtudes escolares, lembrando o apóstolo Paulo: "... não julgo que seja perfeito, mas ... prossigo para o alvo".[57]

Para captar o espírito da filosofia luterana deste período histórico, mais um artigo publicado na *Revista Igreja Luterana* de 1949, que foi transcrito e condensado de *Lutheran Education* (*O professor luterano na escola isolada*). A análise destas citações será feita nos próximos capítulos, abrangendo o todo dos conteúdos pesquisados.

O artigo é americano, mas foi traduzido e publicado na revista que é de âmbito nacional, daí a seleção do mesmo para observarmos a contextualização. O citado artigo é um diálogo entre dois viajantes, um passageiro qualquer e um professor luterano de escola isolada. O passageiro questiona como pode um só professor dar conta de lecionar para as oito séries e todas as disciplinas para 36 alunos. E ainda, porque todo dia uma hora de ensino religioso. O professor responde a metodologia que utiliza, seus horários e monitoria dos alunos mais velhos. A comunidade de 180 pessoas sustenta o pastor e o professor porque acredita que a "verdadeira e única educação para seus filhos é a educação cristã". Daí o motivo de ser o ensino religioso a principal matéria do professor, sendo que a própria educação cristã o convenceu de servir ao Senhor, sendo esta a única finalidade de sua vida.[58]

Nesta mesma revista, logo depois do artigo que acabamos de comentar, está publicado um pensamentto de R.C. Rein: "A diferença da filosofia luterana de educação cristã e da educação secular está: 1. em sua fonte de conhecimentos; 2. em seu conceito sobre o aluno (o homem); 3. no alvo que procuram alcançar; 4. nos meios que empregam para alcançar o alvo.[59]

Neste período são publicadas orientações sobre a prática escolar com respeito à transferência, no caso, seguir o programa mínimo do Estado, para aceitar e expedir transferências. São mencionados, então, os programas do primeiro ano de estudo.[60] Também métodos do ensino da leitura são relatados na revista.[61]

Selecionamos ainda para retratar o espírito da filosofia

luterana nesta época, o artigo: *Escola Pública e Escola Particular*, publicado na *Igreja Luterana* de 1958. Neste texto, comenta-se sobre o combate da Igreja Católica, à laicização nas escolas públicas sob influência do prof. Anísio Teixeira do MEC do Rio de Janeiro, baseados na filosofia da vida de Karl Marx. O comentário a respeito da nota diz que o arcebispo não deveria se preocupar, pois os professores continuam rezando "Ave Maria" (aspas no texto). Isto é, mesmo sendo leigo, o ensino, os professores católicos passam o ensino religioso a seus alunos. Também o estado não tem condições de oferecer mais vagas e construir mais escolas. Daí o porque das escolas evangélicas não poderem ser dispensadas pelo estado. Onde for possível deve-se instalar escolas particulares evangélicas para educar os filhos na fé da Igreja.[62]

Continuamos agora, enfocando os dados do período chamado Tecnicista.

5.3 Seleção de Documentos Publicados no Período da Escola Tecnicista

De 1960 a 1970 houve enorme decréscimo de escolas e no número de alunos. A razão foi o aumento das escolas públicas. Muitos pais entendiam que não precisavam mais pagar e investir em escolas da igreja. Após a guerra, congregações e associações de membros da IELB fundaram ginásios e escolas de 2o grau. Em 1966 foi fundada a Escola para Deficientes Auditivos em Porto Alegre, RS. No norte do país foram fundados Centros Integrados de Missão, visando auxiliar o homem, tanto em suas necessidades espirituais quanto materiais.[63]

No início de 1960, a IELB, sendo ainda distrito do Sínodo de Missouri, decidiu que chegara a hora de se constituir em igreja autônoma. E começaram os trabalhos neste sentido. A partir de 1965, a IELB recebe a concessão de status de igreja irmã dos Estados Unidos da América.[64]

Neste período, C. Warth escreve nas *Crônicas da Igreja* sobre o sistema escolar da IELB, tem todo um capítulo dedicado. Destacamos:

> 'Apascenta os meus cordeirinhos!' Com esta ordem Jesus se dirigiu a Pedro. Queria que em seu apostolado fosse um bom pastor, não somente de ovelhas e, sim , também dos cordeiros do rebanho de Cristo, isto é, de sua igreja. Valeu esta ordem também aos outros apóstolos? Sim, toda a igreja cristã foi incumbida com essa missão. Pelo batismo e a pregação da palavra de Deus, pelo constante ensino bíblico até ao fim do mundo, devem ser levados a

> Jesus e pastoreados tanto os adultos como as crianças.
> A melhor maneira de ensinar e educar nossos filhos é por meio de uma escola paroquial cristã. Numa tal escola o professor, além das matérias seculares, exigidas pelas leis do estado, antes de tudo, ensina a religião. O ensino diário de todas as matérias e de toda a educação deve estar sob a influência da palavra de Deus. Numa escola cristã reina um espírito cristão, e os alunos não estão em perigo de aprender coisas que não condizem com a palavra de Deus a e disciplina cristã.[65]
>
> De 1957 em diante descreceu de 7784 para 5557 alunos em 1966. Em 1973 eram 8524 alunos. O número de escolas diminuiu de 130 para 96 em 1969.
> Como o governo, nos últimos anos (1974), muito tivesse feito para a alfabetização do povo, formando grande número de professores e construindo em toda parte grupos escolares nas cidades e vilas e escolas isoladas no interior tornava-se cada vez mais difícil para as nossas escolas competir com as escolas públicas. A atual situação vem exigindo esforço muito maior da parte das congregações para sustentar uma escola paroquial. O resultado é que muitos membros achavam desnecessário manter uma escola, por considerarem ser impossível arcar com um ônus tão elevado. E assim há prédios escolares vazios, sem alunos e sem professores.[66]
>
> 51 professores se achavam em 1968 no exercício de suas funções em nossas escolas.
> Estranha-se talvez o grande número de desistências. Entre outros motivos pode-se mencionar o salário insuficiente que percebem.
> A vida de um professor, especialmente no interior, é uma vida cheia de sacrifícios. Seu trabalho muitas vezes não é devidamente reconhecido e estimado. Diversos professores, durante muitos anos, tiveram que atender duas escolas, tendo de cavalgar debaixo de um sol abrasador ou exposto à inclemência de mau tempo, ao meio-dia, durante uma hora ou mais, para se deslocarem de uma escola à outra. Houve casos em que professores fizeram isso durante mais de 20 anos.[67]

Após, através dos documentos selecionados, vamos constatar o apelo, até dramático, para as comunidades não fecharem suas escolas paroquiais.

No *Mensageiro Luterano* de 1961 é feito um apelo às escolas através do artigo *As nossas escolas paroquiais e a perseverança na Palavra de Deus.* O idealismo, ou melhor, usando as palavras dos luteranos, a fé na escola é marcante neste período. Começa fazendo referência às palavras de Lutero que pedem zelo pela educação cristã dos filhos. Aí, enaltece a idade de ouro da IELB pelo seu crescimento para acima de 100.000 "almas". O período do Natal é momento propício para conservar o valor da escola paroquial luterana: Faz o apelo: fundemos e sustentemos escolas paroquiais! Cita novamente Lutero, que diz o mesmo no seu tempo. Então a dedução: "... por isso mesmo, quem não se importa com que os seus filhos aprendam a Palavra de Deus e julga não valer a pena ter cuidado para que sigam o caminho da vida eterna à luz do Evangelho, prova com isso que ele próprio não dá valor à Palavra da Vida". Mais um apelo: "Um provérbio popular diz: 'o barato sai caro'. Muito mais a educação dos nossos filhos numa escola gratuita, não cristã em sentido luterano".

Profetizando, diz o texto: "o edifício sem alicerce há de ruir. Uma geração fraca no conhecimento cristão é levada 'ao redor por todo vento de doutrina', diz Paulo. Não saberá distinguir entre a verdade e o erro, tornando-se presa fácil das seitas que a cercam. A escola paroquial é o viveiro da Congregação e da Igreja. Mediante a escola cristã será preservada a Palavra de Deus."[68]

Outro artigo, em janeiro de 1962, intitulado *A escola paroquial e o lar*. Pede-se para reler o artigo de dezembro de 1961 e pensarem bem na escolha da escola em que

os pais matricularem seus filhos. O contato dos pais com os filhos que estudam em escola paroquial é bênção para os mesmos. E os filhos tornam-se verdadeiros missionários no lar. Todas as disciplinas são ministradas à luz da Palavra de Deus. Faz um apelo aos pais para que pensem bem no futuro das escolas cristãs e de toda a Igreja. "Não é sem profunda razão que nossa Igreja se entrega à dispendiosa empresa de preparar professores paroquiais".[69]

Em fevereiro de 1962, *Por que as escolas devem chamar professor paroquial?* O chamado de um professor para a escola, sem dúvida, requer elevada despesa. "O comodismo e a educação gratuita dos filhos não devem levar os pais cristãos a porem desta maneira em perigo a alma de seus filhos". Insiste para que cada congregação chame o seu professor paroquial (formado pela Igreja - 40 professores formados e 123 contratados).[70]

Frisando ainda o valor da escola cristã sob o título *Qual a melhor herança que os pais podem legar aos filhos?*

Deixa claro que o objetivo desta série de artigos é o de encorajar os pais e professores para que mantenham a todo o custo as escolas paroquiais. O motivo é sério: legar aos filhos a verdadeira herança, a vida eterna. Os bens terrenos, o nome honroso e a cultura intelectual secular são grandes perigos para a salvação. O apelo da série é devido a decadência das escolas paroquiais nos últimos anos.[71]

Em março de 1963, Arnold W. Schneider escreve no Mensageiro Luterano *Apascenta os meus cordeirinhos*.

Campanha esta resolvida na 37 Convenção da IELB em janeiro de 1962. Visa mostrar a importância da escola paroquial e escola dominical para ajudarem os pais a educarem seus filhos.

A vantagem, a diferença entre a escola cristã e as outras deve ser percebida pelos cristãos, a cristã é a única escola para a educação de seus filhos. A escola pública só transmite conhecimento, não educa. Só a escola cristã integral educa a criança, atinge o coração, a vontade, molda o caráter. Ensina os deveres para com Deus e para com o Estado. Os professores, além de adestrar os alunos no conhecimento secular, devem, antes de tudo, guiar seus alunos a Jesus.[72]

Continuando a campanha decidida na Convenção, Martin Raschke descreve *A Situação Atual das Escolas Paroquiais*:

ano	congregações	escolas	alunos
1910	48	40	1450
1957	149	decresce	
1963	540	112	5.834 (3.581 luteranos)
	+ 218 pontos missionários		

Neste mesmo ano de 1963, é de 120.000 o número de membros da IELB, sendo que 15.000 são crianças. Se somente 3.581 alunos estudam em escolas luteranas, onde estão as outras 11.000? Pergunta o autor acima citado. E faz um apelo aos pais.[73]

No jornal *Evangelisch-Lutherisches Kirchenblatt*, dz que: "No Brasil nossos pastores têm em geral 7.4 comunidades ou pontos de prédiga. A isto se inclui que

59 destes pastores também lecionam... A razão é que sem percentual destes pastores são ligados às escolas e que muitas comunidades, por falta de recursos, não podem ter mais um professor".[34]

Em junho de 1963, M.W. Flor destaca: *Por que é importante a frequencia de nossos filhos numa escola paroquial?*

O argumento para que os pais continuem mantendo seus filhos nas escolas paroquiais é o que as diferencia das demais escolas, a saber, a instrução cristã. A discussão é que a escola paroquial não garante que o aluno tenha a salvação eterna (objetivo final). Mas cita as palavras de Lutero: "Onde a Palavra de Deus não governar, ali não aconselho que alguém ponha seu filho. Deve desmoronar e perder-se tudo o que não é impelido pelo espírito de Cristo". Apoia o governo no sentido de criar escolas para tirar o povo da ignorância e analfabetismo, mas esta só pode produzir bons cidadãos para o mundo, falta a conversão a Cristo, pois todo o ensino é secularizado e agnóstico.

O declínio na curva estatística da escola particular, desde 1957, pode ser a nacionalização. Mas a causa verdadeira, diz o autor M.W.Flor, é a falta de informação e compreensão, e a indiferença nas congregações.[35]

No *Mensageiro Luterano* de 1963, *A escola paroquial e missão* de G. Strelow. Neste artigo constatamos a ênfase em que a escola paroquial é vista como aquela que não ministra somente o ensino religioso, mas também outras disciplinas, isto é, uma educação integral mas dentro de

um espírito cristão. E por isso, tendo demonstrado sua eficiência, as escolas luteranas são procuradas por pessoas não pertencentes à Igreja Luterana. Sendo assim todo o ensino é ministrado para todos os alunos, desta forma, a missão acontece, pois todos os dias o ensino religioso é ministrado, através de todas as disciplinas, dos hinos e orações. O objetivo deve ser ganhar almas para Cristo (não se ganha todos para a Igreja ...). Cita o exemplo de uma família japonesa que se filiou à Igreja em São Paulo, através da escola (o mesmo texto aparece publicado no *Evangelische-Lutherisches Kirchenblatt*).[76]

Augusto Gedrat escreve sobre o *Sustento das Escolas Paroquiais* na campanha *Apascenta os meus cordeirinhos*. A discussão é: devem os paroquianos solicitar auxílio financeiro de órgãos governamentais? Conclui o autor que aceitando auxílio, a escola corre o risco de perder seu caráter confessional. Insiste que Igreja e Estado não podem ser confundidos. Lembra que a Igreja, na Convenção de 1934, em Boa Vista do Erechim, resolve que a escola paroquial não pode aceitar subvenção governamental. Também publicado no *Ev. Luth. Kirchenblatt*. A resolução não sofreu alteração, no entando as escolas aceitam auxílios e até pleiteiam.[77]

Faz o apelo para que todos, mesmo os que não têm filhos em idade escolar, contribuam, segundo suas posses, para o sustento da escola paroquial. E se todos os paroquianos chegem a essa conclusão não faltarão meios para o sustento da escola paroquial. Porque se for estipulado taxa, os filhos dos pobres não conseguirão manter seus filhos na escola paroquial, conse-

quentemente procurarão escolas públicas.

Tendo como pano de fundo a pedagodia tecnicista, a partir da Lei 5692/71, o período seguinte no entanto intitula-se pedagogia histórico-crítica e sobre o qual relatamos a seguir.

5.4 Seleção de Documentos Publicados no Período da Pedagogia Histórico-Crítica

Em 1978, a IELB declara-se administrativamente independente, mas não quanto ao auto-sustento. Constaou-se, neste período, a falta de pastores.

Já em 1901, o diretor da missão americana apontou três razões para dizer que a missão no Brasil levaria muito tempo para se tornar auto-sustentável: a. congregações pequenas, longe uma da outra para formar paroquias; b. congregações bem mais pobres que as norte-americanas e custo de vida elevado no Brasil; c. congregações brasileiras não conscientes da responsabilidade de ofertarem. Somente o incentivo à pregação produzirá a consciência dos brasileiros. Reduziram-se os salários dos pastores para que as congregações pudessem ser auto-sustentáveis. Não se poderia comparar com a missão nos Estados Unidos da America. Não se pode elevar os salários ao padrão americano, cada realidade estuda suas possibilidades.

Em 1980 é que a IELB obtém sua independência administrativa, mas não resolveu até hoje seu auto-sustento.[78]

Em 1984, o seminário teológico de Porto Alegre é transferido para São Leopoldo. Desde 1979 funciona em São Leopoldo o pré-seminário de 1o e 2o Graus.

Os seminários formam pastores que atuam na Argentina, Paraguai, Estados Unidos, Venezuela, Portugal, Alemanha, Bélgica e França.

Em São Leopoldo, desde 1979 são oferecidos cursos de pós-graduação, nas férias de inverno.

O historiador e teólogo, Rev. Paulo Buss, faz apelos pedindo para as comunidades protegerem documentos e enviar relatórios.[79] Deduz-se que a história está sendo aprimorada.

Mais recentemente, diz Paulo Buss, a Igreja voltou a insistir na importância da escola paroquial para uma boa formação cristã das crianças.[80] Nestor Beck também aponta: "Tomem nota luteranos: somente pela educação - e educação cristã de qualidade - poder-se-á manter a verdade do evangelho".[81]

No ano de 1983, reabre-se o Instituto Concórdia de São Paulo, que havia encerrado suas atividades na situação problemática em que a lei 5692/71 situou as escolas particulares. Para maiores informações consultar a monografia da autora deste trabalho citada no Anexo A.

O Instituto Concórdia de São Paulo oferece desde a pré-escola até a Faculdade de Teologia (segundo seminário aberto pela IELB).

Desde 1987 são oferecidos cursos por extensão: de teologia, diaconia em educação cristã, em música e em evangelismo.[82]

Em 23 de outubro de 1986, a Comunidade Evangélica Luterana "São Paulo", a partir das Faculdades Canoenses de Canoas, RS, encaminha *Carta Consulta* ao Conselho Federal de Educação com vistas à criação da ULBRA - Universidade Luterana do Brasil. Esta foi autorizada através do Decreto Federal n 95.623, de 13.01.1988.[83]

Seguem-se os documentos publicados sobre educação e escolas, neste período.

No *Mensageiro Luterano* de setembro de 1971, um artigo intitulado *Painel Educacional*, de Milton Scholze, baseado em apostilas de didática, trata do binômio professor x aluno. Toda escola vive em torno desse binômio. O autor diz que melhor se diria que a escola gira em torno de ambos do que só no professor (escola antiga) ou ao redor do aluno (escola atual).[89] Relata então sobre a necessidade de um bom relacionamento entre o professor e o aluno, não mencionando, no entanto, ligação aos princípios luteranos de educação. No nosso entender, baseia-se na didática com ênfase na psicologia aplicada neste momento, nas escolas.

Em 1974, também no *Mensageiro Luterano*, consta um artigo de Lauro Patzer sobre *O Ensino Religioso nas escolas públicas*. Antes da entrevista está publicado pelo editor uma nota a respeito da problemática encontrada pelas escolas paroquiais que "por uma série de razões estão diminuindo gradativamente. A maioria subsiste através dos convênios com o governo". A IELB, através de uma comissão, está fazendo um levantamento total da situação.

Lauro Patzer entrevista a supervisora do Ensino Religioso da 27a DE, Renny Lucia Meveghini, formada em Teologia pelo Colégio Santa Ana e em Pedagogia. Diz a supervisora da SEC do Rio Grande do Sul que somente as denominações religiosas registradas na SEC é que podem encaminhar professores às escolas oficiais para ministrar educação religiosa. No momento estão registradas as Igrejas: Episcopais,

Metodista, IECLB e Católica. O Estado não prevê ônus para o horário dessas aulas. Esta medida vale só para o Rio Grande do Sul. Os trabalhos são orientados pela Equipe Interconfessional. Quanto à questão de o aluno de outro credo assistir às aulas em escola confessional particular, a entrevistada responde: "No momento do aluno se matricular ele deve ser cientificado do credo que a escola professa. Caso o pai concordar o aluno precisa sujeitar-se até o fim. O pai e o aluno, obviamente, não são obrigados em aderir àquela escola. Podem escolher outra. Tudo depende do acordo feito no ato da matrícula".[85]

Em abril de 1975, o *Mensageiro Luterano* publica o artigo *História de Educação*, onde o prof. Erno Oscar Koller faz uma abordagem das escolas particulares no Brasil.[86]

Em 1979, o Departamento de Ensino da IELB comunica que estão sendo implantadas as habilitações do Magistério e Básico em Saúde no Instituto Concórdia de São Leopoldo. Abre-se a oportunidade para as moças especialmente formarem-se numa escola da Igreja. Nestor Beck, que assina o artigo, cita o educador (e historiador da educação) americano Frederick Eby que questiona "como ensinar moral sem ensinar religião?" E isto a escola pública não o faz. Daí o exemplo dos americanos (e não nós "macaquearmos") criando e mantendo suas próprias escolas. "Devemos criar e manter boas escolas cristãs - não só à base de verbas propiciadas pelo governo ou anuidades, mas à base das nossas ofertas! Este investimento "seguramente nos dará um "retorno": liderança cristã para a igreja e a pátria nas gerações que hão de vir", diz Beck. A comunicação do Secretário Executivo do Departamento de Ensino preocupa-se também com o

atendimento a ser dado pela Igreja aos universitários, dons preciosos concedidos à Igreja (Efésios 4.11-12).[87]

Igreja Luterana em 1980 - "Uma revista para adultos em Cristo" - publica, de Ervino Much: *O desenvolvimento do ego e a educação paroquial* onde faz uma comparação entre os primeiros cinco Estágios de Erikson com a educação paroquial e secular. Ao fazer a análise, diz que no primeiro e segundo estágio, a Igreja não tem influências, pois a mãe é que mais influencia. Dos 4 aos 6 anos já começa, a professora da Escola Dominical, a assumir papel importante. No quarto estágio, dos 8 aos 12 anos, a escola dominical, a devoção doméstica, toda a atividade religiosa vão lançar os fundamentos para a vida futura. E no quinto estágio, na busca da identidade, dos 13 aos 16 anos o jovem põe em cheque seus valores. Aqui a influência dos valores cristãos deverão ser de preocupação redobrada. A orientação segura habilitará o homem para toda boa obra (2 Timóteo 3.16).[88]

A escola luterana foi à falência? é o título do artigo de Germano Blumm. Pergunta esta que ele faz a mais de dez anos. As estatísticas da IELB mostram que as escolas morreram, foram à falência e mesmo se tornaram escolas-empresas ou subvencionadas por órgãos públicos.

No entanto, o ideal, o espírito, os princípios de educação luterana não morreram. Morreu a organização escolar exterior, esta não deu certo. E questiona: "Será que não chegou a hora de recuperar um novo sistema de educação cristã na IELB? Quem sabe se Deus não permitiu a falência do modelo por ser tradicionalmente muito 'fechado'? Não seria oportuno transcender

as barreiras históricas - sem, contudo, abrir mão da pureza doutrinária - e encontrar soluções educacionais de maior abrangência?[89]

Nestor Beck comunica como Secretário Executivo do Departamento de Ensino da IELB, sobre o tema *A Igreja e a Educação*. Cita que a missão da Igreja é a missão; o "ide fazei discípulos"; Colossenses 1.28: anunciar a Cristo, ensinando a todo homem afim de apresentá-lo perfeito em Cristo. Isto impõe um ensino sistematizado, tanto dentro da Igreja, quanto à igreja em relação à sociedade de um modo geral. Cita a explicação de Lutero sobre o Quarto Mandamento: formar homens e mulheres úteis à igreja e à sociedade. E conclui: "Sendo assim, precisamos todos redescobrir continuamente a missão educacional da igreja e nos dispor, com nossos talentos e recursos financeiros, a cumprir a mesma". Lembra Lutero mais uma vez: "... todos lastimamos este estado de coisas (não educar cristãmente), mas não vemos que nós mesmos somos os culpados..."[90]

Consta publicado, de Nestor Beck, a palestra proferida aos pais e professores da escola de 1o Grau do Instituto Concórdia de São Paulo. Trata dos objetivos da educação. "Que visão temos destes filhos e alunos no futuro?" Criarão um mundo melhor para a própria geração deles e as novas gerações ou farão deste mundo um inferno para si e para os outros... O mundo funciona como grande mecanismo de substituição: "O que o homem semear, isto também ceifará".

"Queremos ensinar-lhes a vencer na vida - isto é, ser malandro? ou vamos ensinar-lhes a obedecer os preceitos de Deus? E como vamos fazê-lo? Obrigá-los pela força? Ou pelo

exemplo?"

E' preciso deixar bem claro o que a escola cristã pretende, já que os pais confiam seus filhos a uma escola cristã.

A escola cristã pretende:

1. transmitir uma visão de mundo de acordo com o sábio propósito de Deus;

2. transmitir uma concepção de vida que não é resultado da evolução do mundo. Cada ser humano é responsável perante o Criador pelo que faz da própria vida;

3. mostrar que todos os grandes mistérios do mundo e da vida encontram resposta em Jesus. Ele é a pedra angular da educação cristã;

4. "a escola cristã, daí para frente, procura fazer da criança tudo o que ela possa vir a ser, sob o Criador, na sociedade em que vive. Procura fazer da criança uma pessoa que saiba orientar-se e agir no mundo, que seja capaz de guiar a própria vida e a dos semelhantes que lhe forem confiados, que saiba prover o sustento próprio e dos seus, honradamente, que coopere com o Criador na condução deste mundo".

"que haja entendimento entre pais, alunos e professores para fazer de São Paulo e do mundo um lugar melhor para se viver".[91]

Lar Cristão, 1982, Elmer Flor, *A semente é a Palavra de Deus*. O professor é o semeador. E' mestre em especial o que se dedica à educação para os céus. Critica Rosseau e seus adeptos. O ser humano é pecador por natureza. Educação o transforma. O próprio professor deve reconhecer-se

como pecador. Despertar a necessidade de um Salvador é o objetivo básico para que haja mudança de comportamento no educando que se deseja conduzir a Jesus. Quem cria estas condições é o Espírito Santo. Pais e professores são apenas instrumentos (semeadores) nas mãos de Deus. Os conteúdos vitais do ensino cristão são regidos pela Palavra de Deus. E diz Elmer Flor: "No que tange à avaliação, à sala de aula, os bancos e à cátedra da escola são lugares dos mais abençoados para que a sementeira da palavra se processe com muito êxito. O discípulo se educa para os céus, antes de mais nada... O educador não se vanglorie de sua eficácia..."

E ainda: "Na escola de muros ou sem muros, no recinto dela ou, abolida a cátedra, ao vivermos com nossos alunos nos fogos cruzados da vida, talvez tenhamos de rever tudo e proceder, afinal, à retroalimentação... A salvação de almas imortais por Cristo - é graça - E' verdade que educa para a vida eterna."[82]

Novamente, Nestor Beck - discorrendo sobre os departamentos da IELB - na qualidade de Secretário Executivo do Departamento de Ensino diz que: "A IELB precisa fundar e manter escolas". A preocupação é com as crianças da zona rural onde os pais se contentam com escola municipal desprovida de recursos. Ressalta que, com apoio da congregação, a escola paroquial terá recursos suficientes e através de professores excelentes quanto à qualificação moral, a educação será formadora da personalidade e ter-se-á pessoas dedicadas ao serviço de Cristo a ao bem-estar do próximo. O professor paroquial estará altamente motivado pelo amor a Cristo e ao

próximo e não visará lucro. A escola paroquial funcionará à base de uma filosofia cristã: "Estará, de todos os modos, transmitindo uma visão de mundo que tem Deus como centro, e uma concepção de vida que encara o homem como criatura de Deus que vive por graça de Deus e é responsável a Deus pelo que faz". Por isso a IELB e as suas congregações devem empenhar-se pela educação de seus filhos. Além dos recursos das congregações pode-se usar também os do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação: o salário-educação.

Quando o número de famílias não permite sustentar uma escola paroquial, os pais devem interessar-se pela escola municipal para elevar o nível educacional e que os filhos concluam pelo menos o 1o Grau e lutar para que façam eventualmente o 2o Grau. As escolas rurais precisam preocupar-se com a educação do meio ambiente e tecnologia avançada. Os pais precisam ser esclarecidos sobre os conhecimetos científicos.

Independência financeira da igreja envolve necessariamente melhoria na situação econômica dos membros da IELB e isto só é possível quando tiverem educação necessária para apoiarem os propósitos da Igreja.

A escola mantida pela congregação, e de alto nível intelectual e religioso continua sendo um dos melhores instrumentos missionários. Nestor Beck faz um apelo: "Cristo abre o futuro, vamos aceitar o desafio, para que nossa Igreja não entre no século XXI com escassa formação e baixo nível educacional".[93]

Dieter Jagnow publica um artigo traduzido da *La*

Biblia en America Latina sobre *Uma aula de educação cristã em Nazaré.* O modelo é a família do próprio Cristo. A ênfase é a função social da família. Chama para a responsabilidade dos pais no mundo de hoje. E conclui: "A santa educação de amor e disciplina, estudo e trabalho, oração e conselho, compreensão e bom exemplo do lar de Nazaré tornou possível a integral formação humana de Jesus - o homem perfeito, o Mestre do bem viver". Importante as citações bíblicas do perfil do homem perfeito - Jesus:

- manso e humilde (Marcos 11.27);
- sereno diante das crises e perigos (Mateus 8.24-27);
- sábio e incisivo diante das ciladas (Lucas 20.20-26);
- valente e enérgico diante do pecado e da injutiça (João 2.13-16);
- generoso e compreensivo diante do arrependimento (João 8.3-11);
- nobre e magnânimo para com todos os imimigos (João 18.11);
- eloquente e profundo na exposição da verdade (Lucas 6. 20-49);
- responsável e corajoso diante do dever (Mateus 16.21-28);
- fiel à sua missão, mesmo diante da morte (João 19.30).

Escola Paroquial - uma agência missionária é o artigo do Rev. Werner Sonntag, na qualidade de Diretor do Colégio Concórdia de Porto Alegre, que escreve no *Mensageiro Luterano*:

> As diversas fases pelas quais as escolas paroquiais passaram, ao longo dos anos de história, não deixaram de ser influenciadas pela história educacional do governo em relação às escolas particulares. Também a preservação da cultura germânica influenciou a criação e manutenção das escolas paroquiais.

A seguir, relatamos as considerações do artigo mencionado.

Após um período que se caracterizou pelo fechamendo das escolas paroquiais na IELB, notamos uma reversão do quadro. Neste período a IELB desistiu de formar professores paroquiais, encerrando as atividades de sua escola de pedagogia.

Nos últimos anos houve novamente um considerável crescimento. Hoje o motivo de abertura de escolas é: preservação e divulgação da fé em Jesus, a única que salva. Os desejos da cultura étnica evoluíram para preservar a cultura da fé. Toda ação (obra) da Igreja se resume em Educação Cristã e Missão que são na verdade um só objetivo. A missão é para com aqueles que não ouviram e ainda não crêem. A educação é para com todos, para que continuem ouvindo as boas novas da salvação, para que se alimentem com o estudo da Palavra e cresçam na fé. A escola paroquial perde seu sentido de existir se nela não for ensinada a Palavra de Deus "que pode salvar". A escola cristã, como extensão tanto do lar como da família congregacional, deve ensinar a fazer seus filhos crescerem na graça e no conhecimento. A tarefa dos pais, para inculcar a Palavra de Deus a seus filhos, está cada vez mais difícil. Muitos pais trabalham fora do lar e a transmissão da fé e dos valores cristãos fica restrita a alguns breves contatos, onde os valores cristãos podem ser impostos. Os filhos são influenciados, gostando ou não, pelos valores seculares que os

cercam diariamente. Aqui a escola cristã pode oferecer ajuda aos pais na tarefa de educar cristãmente seus filhos. "O envolvimento com a Palavra da Verdade pode produzir respeito e amor a Deus, conhecimento da salvação e, como resultado da fé, senso de justiça, desejo de paz e ajuda aos pobres e oprimidos do mundo", diz Sonntag.

E continua dizendo que a escola cristã deve estar preparada para ensinar conforme o ponto de vista do cristianismo. Faz-se necessário o professor cristão poder exercer essa influência. Também a convivência cristã faz com que a comunhão entre cristãos (cada aluno é um sacerdote) influencie uns aos outros (o aluno também é professor da Palavra ...). Nenhum outro agente pode partilhar as Boas Novas de forma mais eficaz, a influência dos grupos cristãos, do ponto de vista psicológico, também favorece o ajustamento adequado do ser humano (os professores também na maioria não são luteranos). Hoje, a maioria dos alunos não são membros da Igreja Luterana.[95]

No *Mensageiro Luterano* de 1987, em *A Livre Iniciativa na Educação*, o mesmo autor, então vice-presidente do Sindicato das Escolas Particulares do Rio Grande do Sul e diretor do Colégio Concórdia de Porto Alegre, dá sua opinião sobre o assunto dizendo que a escola paroquial está incluída entre o direito legal das escolas de livre iniciativa. A preocupação, no momento, é em relação à nova Constituição que talvez possa inviabilizar a existência de escolas particulares. Há uma luta acirrada e cega contra a escola particular, estas pessoas, inclusive professores, não percebem que estão lutanto

contra a própria democracia, pretendendo tirar o direito dos pais na escolha da educação complementar na escola para seus filhos. São os pais que recebem de Deus a incumbência de educar seus filhos e procurar com isso a escola que mais se identifica com sua filosofia. O Estado não pode violar o direito dos pais.[96]

Em 1987, na *Revista Igreja Luterana*, está publicada a palestra do Rev. Dr. Martim C. Warth, proferida no 1o Congresso da ANEL, em julho de 86. Trata da *Filosofia Luterana de Educação.* Sobre o tema, objeto mesmo desta pesquisa, relatamos no capítulo 3 item 3.[97]

Em março de 1987, o *Mensageiro Luterano* publica a *Carta Aberta ao sr. Presidente da República*, José Sarney, encaminhada por: presidente da ANEL, Rev. Prof. Elmer Flor; secretário executivo do Departamento de Ensino da IELB, Rev. Dr. Martim C. Warth; e pelo assessor técnico-pedagógico, Rev. Prof. Werner Sonntag, em 18 de novembro de 1986. A carta é um apelo para que o governo permita oferecer condições de sobrevivência às escolas de iniciativa privada, e que permita aos pais a escolha da educação cristã que desejam dar aos seus filhos: "Defendemos a pluralidade de ensino e lutamos por ela. E' condição da democracia a existência de opção e possibilidade de escola da família do tipo de educação que deseja para seus filhos". Escola única significa retrocesso na democratização. A escola, sem fins lucrativos, está diante da inviabilidade. Não reivindica do governo auxilios que por direito lhes cabe. Os Estados da Federação elevam os salários de seus professores com dinheiro que é de todo povo, transformando-se em concorrente desleal.

Conclui: "Agradecemos sua compreensão e atenção à dramática situação de nossas escolas".**

Em julho de 1988, é publicado o depoimento de um professor de ensino religioso, a saber, Rev. Gerhard Grasel. Inicia dizendo que faz constante avaliação crítica de suas atividades como professor de ensino religioso de 1o e 2o Graus para corrigir trajetórias e metodologias. Acredita que de 1a a 4a Séries é o período ideal para semear a Palavra. Na adolescência, período de contestação, é muito difícil o trabalho. E no 3o Grau deve ser maior ainda, devido o ambiente pluralista e relativista. A experiência do autor deste depoimento é a partir da 6a Série até o 2o Grau.

Desabafa dizendo que o ensino religioso é muitas vezes desprestigiado grosseira ou disfarçadamente. E' visto como matéria que castra, inibe e que "corta o embalo da vida". Religião para muitos é o reduto do conservadorismo. E' coisa para gente fraca, frágil, dependente e que não consegue enfrentar e suportar a vida, precisa da fantasia religiosa como analgésico do sobrenatural e espiritual.

Faz um apelo para que se "limpe a área" do professor cristão, eliminando estes preconceitos. Esta é a primeira tarefa e a outra é ser mesmo um professor cristão, isto é, acreditar de fato nas palavras que estão sendo ensinadas. A Bíblia é fonte primária e é absoluta autoridade. E' outra dificuldade nos tempos atuais, quando se quer relativizar a Bíblia. A tensão entre autenticidade bíblica e relevância não será eliminada mas o compromisso do professor com o homem moderno jamais pode abrir mão do compromisso com a Palavra de Deus.

O professor deve ter o seu tempo e o seu contexto, estar informado sobre todas as áreas do conhecimento humano - mas jamais deixar a imagem negativa de que religião é alienação, fantasia.

A educação é talvez o único caminho para construir um país mais justo, mais humano, mais sério. Então, educação cristã é o supra-sumo, a nata - o ensino religioso é fundamental, é o mais importante.

Não confundir ensino religioso com manipulação religiosa, pois esta fere a dignidade e liberdade do ser humano. Cristo convidou, não impôs.

Termina, questionando: "Como cultivar e colher a semente? E a pastoral escolar nas escolas paroquiais e também públicas? As casas e apartamentos estão trancadas. As escolas continuam abertas para o contato e o ensino ... para o ensino da salvação em Cristo".[99]

Um jovem estudante de teologia do Instituto Concórdia de São Paulo, Paulo R. Teixeira, questiona *Deus age através de escolas?* e publica em maio de 1989, no *Mensageiro Luterano*, o relato de sua vida e de sua família, que se filiaram à IELB, tendo sido iniciado por ele a filiação, através da Escola Luterana onde estudava em São Paulo. E conclama: "O único responsável foi Deus", através dos fiéis anunciadores de sua Palavra. Deus agiu através da escola cristã e luterana e continuou agindo.[100]

Novamente, Werner Sonntag, agora na qualidade de Secretário Executivo para formação de Recursos Humanos da IELB, expõe sua opinião sobre: *A importância da Escola*

paroquial nos 85 anos da IELB. Lembra que Lutero se posiciona sobre o dever da Igreja e também do Estado para com a manutenção de escolas. Também com o conteúdo do ensino religioso e, das assim chamadas, matérias seculares. Continua: Hoje mais do que nunca, a Igreja tem o dever de proporcionar alternativas sadias para a educação correta. Não isentar os pais de sua responsabilidade, mas assumir a corresponsabilidade. Considera "uma irresponsabilidade quando pais têm condições e em cujas congregações existem escolas paroquiais, matriculam seus filhos em qualquer outra escola, cuja filosofia educacional e orientação religiosa não conhecem ou da qual nem querem tomar conhecimento".

Acusa: "A escola paroquial, por vezes, se tornou um negócio em vez de uma atividade congregacional". Há muita coisa para ser corrigida. Desafia a todos para se posicionarem: "Corrigir ou abandonar a escola paroquial?"[10]

O *Mensageiro Luterano*, agosto de 1990, coloca já na capa o destaque - *Qual o futuro da educação?*

O editorial, escrito pelo Rev. Oscar Lehenbauer, Secretário Executivo da 'Area de Ação Paroquial da IELB, trata da escola confessional:

Ontem - A Escola esteve intimamente ligada a todo movimento da Reforma e contribui para sua sedimentação. Lutero viu na escola um instrumento para promover o evangelho e manter a ordem externa do estado temporal (o mundo precisa de homens e mulheres bons e educados).

Hoje - E' propósito da Igreja manter escolas para a promoção do evangelho. A escola paroquial ou confessional hoje, não atende mais somente filhos dos membros da Igreja. Esta mudança acarreta problemas pois faltam recursos para preservar a filosofia luterana. A confessionalidade passa a ser expressa por "um par de aulas de ensino de cultura religiosa". Em muitas escolas 70% de professores e alunos já não é mais constituído de luteranos. Entra na questão do público x privado e defende a escola privada constatando que esta também é pública (está aberta ao público) sendo que a escola confessional permite que os pais optem pela educação de seus filhos.

O futuro - Os luteranos, por tradição, valorizam a educação. Devem lutar pela sobrevivência, manutenção e expansão da escola confessional. Esta luta faz parte da nossa natureza de cristãos e de pessoas preocupadas com a sobrevivência de humanidade (a educação é essencial a esta sobrevivência), da promoção do evangelho e da participação na formação de pessoas que sejam eticamente cristãs.

No mesmo *Mensageiro Luterano*, agosto de 1990, explicando a capa, o Rev. Oscar Lehenbauer intitula seu artigo: *O ensino privado não pode ser exposto à execração pública*. Aqui defende a escola de iniciativa privada dizendo que esta oferece aquilo que o Estado não está conseguindo. Cita Lutero, dando ênfase, quando este diz que "cada cidadão livre das indulgências ..., deveria destinar parte dessa verba para o treinamento das crianças pobres, o que deveras seria um precioso investimento".

Conclui: "Partindo do princípio de que as escolas particu-

lares são necessárias e, até, imprescindíveis, não podemos deixá-las morrer, porque amanhã poderá ser mais difícil começar tudo de novo".

O secretário executivo, Werner Sonntag, da 'Área de Formação e Recursos Humanos da IELB, na mesma revista, questiona: *Escola Paroquial - Vale a pena?* Fala sobre a política educacional do governo, que nos últimos anos, pelo emaranhado de leis, impossibilita qualquer planejamento racional das escolas de "livre iniciativa". As crises e dificuldades são maiores na área econômica e esta se reflete na qualidade de ensino. Pergunta-se: "Por que o governo não deixa de atrapalhar, já que muito pouco ou nada ajuda?"

Vale realmente a pena continuar insistindo? Pergunta. Conclui: a escola paroquial representa uma das maiores bênçãos, desde que suas potencialidades sejam utilizadas e exploradas. Por isso vale a pena continuar lutando. Mas se uma escola pretender lucros, esta "não deveria ter se aventurado nesta empreitada".[102]

Ingo Dieter Pietzsch, diretor do Centro Educacional Luterano de Jaciara, MT, escreve em 1991 no *Mensageiro Luterano* "Escola Luterana - Um desafio":

> A única justificativa para a Igreja Luterana manter escolas, é missionária. Queremos oferecer aos alunos e às famílias a oportunidade de conhecerem uma visão cristã do mundo e da vida, baseada nos princípios bíblicos.
> Este trabalho é viável, e longe de ser uma utopia.[103]

No mesmo ano, o capelão da Escola Vera Cruz de Porto Alegre, RS, Christian Hoffmann, escreve no *Mensageiro*

Luterano sobre a capelania escolar. Na ementa diz:

> Participantes do Primeiro Seminário de Capelania Escolar concluem que há necessidade urgente de fazer algo mais do que simplesmente repassar cultura religiosa através de brevíssimas aulas de ensino religioso. Entendem que é preciso redescobrir a escola como parte integrante da missão conferida por Cristo à Igreja.[104]

Neste período é fundada a ANEL - Associação Nacional de Educação Luterana (em 26 de outubro de 1985), que congrega educadores e estabelecimentos luteranos de ensino. A Associação se manterá fiel à doutrina e prática luteranas (Artigo 1). Tem por fim promover a educação luterana para o bem da sociedade, promovendo entre outras atividades a democratização da educação e atendimento aos educadores e escolas. A ANEL não tem fins lucrativos, não remunera os membros da diretoria e do Conselho Fiscal e aplica integralmente sua receita na manutenção e desenvolvimento de suas finalidades dentro do país.

O 1o Congresso da ANEL aconteceu em 1986, de 25 a 27 de julho. Neste congresso, um dos temas principais abordados foi: *Filosofia Luterana da Educação*, apresentado pelo Dr. Martim C. Warth. Esta publicação está referida no Capítulo 3 desta pesquisa, conforme já mencionamos anteriormente. [105]

No 2o Congresso, um dos temas principais foi *A Escola Confessional Luterana como Agência Evangelística*. A publicação dos "anais" deste congresso está no *Mensageiro Luterano* de setembro de 1988. O lema: "Fui designado pregador, apóstolo e mestre" (2 Timóteo 1.11).

Estiveram presentes 230 educadores representando 10 estados e cerca de 30 escolas luteranas. Também representantes da Argentina e Uruguai.

Nas palestras, foram destacadas as seguintes proposições: 1. "o professor como comunicador da Palavra" (pregação) - enfatiza a busca de novas técnicas e recursos na pregação da Palavra na escola e fora dela; 2. "o professor como apóstolo" - a escola descrita como agência evangelística; 3. "o professor como mestre" - destacados os aspectos da Psicologia Institucional para a promoção de um clima escolar sadio. Problemas de relacionamento fazem com que as escolas não atinjam seus objetivos. O poder do Espírito Santo oferece soluções adequadas para as crises eventuais.[106]

O 3o Congresso da Anel, realizado em julho de 1990, sob o tema "A Comunidade Escolar - uma família de Deus", desenvolvido pelo Rev. Werner Sonntag, dizendo que a ANEL é uma associação incomum, pois quase todas as associações se encontram para "lutar contra quem está do outro lado, na oposição". Já a ANEL se une para buscar objetivos comuns: "Há uma vontade e consenso de buscar os melhores caminhos para atingir os objetivos educacionais propostos". A comunidade escolar deve ser "uma família de Deus". A escola torna-se um agente do bem, do amor que Deus tem e quer fazer sua família sentir objetivos mais amplos do que de qualquer escola.

Só a escola cristã oferece educação completa prevista na *Constituição* brasileira: "a educação ... visa o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

A escola particular no Brasil tem vivido períodos alternados de relativa tranquilidade e de crises mais ou menos agudas. Principalmente financeiras, geradas pela alteração política. Hoje estamos em crise, diz Sonntag. E continua comentando que se a finalidade de uma congregação é gerar lucro, não deveria criar escolas. Só vale a pena continuar lutando pela escola luterana com base na concepção filosófica luterana de educação. Conclui dizendo que é preciso encontrar caminhos que desvinculem a livre iniciativa da dependência política em relação às escolas. Viver de favores do governo pode comprometer a prática filosófica luterana.[107]

Neste 3o Congresso, a presidência da ANEL apresentou seu relatório, no qual destacamos: Diversas escolas luteranas foram visitadas no Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia, Espírito Santo e outros estados do nordeste brasileiro. A defesa da escola confessional foi feita de público, perante os órgãos governamentais - prova disto é a carta aberta encaminhada ao governador do Rio Grande do Sul, através do prefeito de Canoas, fruto de reuniões de diretores de escolas luteranas da área. Foram incentivados os professores para participarem de debates nas constituições estaduais, em defesa da escola de livre iniciativa. Diante da crise brasileira e com o controle governamental sobre as anuidades escolares, a ANEL se preocupa com a contratação de Assessor de Orientador Técnico-Pedagógico. Isto deverá ser assunto do 1o Encontro Nacional de Diretores de Escolas Confessionais Luteranas que acontece paralelamente ao congresso da ANEL.

Também neste congresso foi apresentado o trabalho intitulado *Capelania*, experiência vivenciada e inovadora do Instituto Concórdia de São Paulo. Este trabalho visa integrar a escola com a comunidade luterana, professor e aluno tendo como objetivos o atendimento pastoral permanente e missionário entre os alunos, pais, professores, enfim toda comunidade não luterana e luterana.[103]

No artigo "Educadores se Unem", publicado em dezembro de 1991, no *Mensageiro Luterano*, encontramos:

> ANEL - na Vanguarda da Educação
> Há muito não se concebe mais a educação como algo pronto, estático, a ser repassado de geração a geração. Esta linha pedagógica (na qual, diga-se de passagem, a maioria de nós teve sua formação) é aquela que coloca o professor como o *centro* do processo ensino-aprendizagem, como sendo o "dono da verdade". Ao aluno cabe apenas imitá-lo e dele absorver toda a cultura e sabedoria.
> As tendências pedagógicas resumem-se basicamente em duas: *reprodutora e transformadora*. A primeira é conservadora e de consenso. Aí se encontra a *escola tradicional*, enfocando o professor como *sujeito* e o aluno como *objeto* da educação: aquele "despeja" seus conhecimentos e este os obsorve e reproduz.
> Na última - a *transformadora* - se encontra a *escola crítico-social*. Esta vê o aluno (não importa a faixa etária) com um ser dotado de criatividade e inteligência, enfocando-o como *agente* do processo ensino-aprendizagem, juntamente com o professor. A este cabe despertar e estimular a criatividade do aluno e orientá-lo em todo o processo. Ao aluno cabe buscar, pesquisar, experimentar, construir. Sua bagagem cultural resultará mais concreta e efetiva, com maiores chances de conviver numa sociedade em constante mutação e na qual já não cabem mais meras reproduções do passado.
> O que muda, portanto, não são os *conteúdos* mas sim os *métodos de ensino*. Acreditando nesta pedagogia transformadora, a ANEL tem-se preocupado em preparar professores para atuarem com maior

> segurança frente a uma nova concepção de educação, colocando à disposição de escolas e professores (por cidades ou região) seminários e simpósios variados.[109]

O 4o Congresso da ANEL realizou-se em julho de 1992. Os temas do Congresso, no programa, apresentaram como momento devocional o método VER (a alegria da descoberta), JULGAR (a responsabilidade da decisão) e AGIR (a prontidão para servir). As oficinas trataram sobre: Educação Especial, Educação Ambiental, Educação Religiosa, Educação Globalizada, Educação Lúdica e Educação Construtivista. E as palestras: "A valorização da Carreira do Professor" e "Educação Autogerenciada".[110]

Neste período denominando Escola Histórico Crítica, foram editadas pela Concórdia Editora de Porto Alegre os livros:

- *A Igreja ensina os seus pequeninos* de A.H. Jahasmann (1967), traduzido por Arnaldo Schuler;[111]

- em 1987, *Filosofia Luterana da Educação*, também de A.H. Jahasmann, traduzido por Martinho Lutero Hoffmann;[112]

- em 1988, *Igreja, Sociedade e Educação, estudos em torno de Lutero*, do dr. Nestor Beck que inclui a caracterização da ULBRA - Universidade Luterana do Brasil, autorizada pelo Conselho Federal de Educação, pelo Decreto n. 95623, publicado no Diário Oficial da União em 13 de janeiro de 1988.[113]

Neste período igualmente, são publicados os artigos de Ari Gueths - "Lutero, o Educador"[114] -, Nestor Beck - "Lutero e a Educação"[115] -, Evandro Denzin - "Lutero e a Educação"[116].

A IELB começa a se preocupar com a educação em todos

os níveis e esta preocupação educacional extrapola os limites da escola paroquial que agora possui novas características. Assim, começa-se a investir na educação cristã em sentido amplo e profundo na família, nas escolas confessionais que ainda existem, nas escolas públicas e principalmente na Igreja como um todo.

Passaremos a fazer esta análise no próximo capítulo.

Capítulo 6

Análise do Problema:

desenvolvimento histórico, filosófico, sociológico das escolas luteranas no Paraná - inseridas no contexto brasileiro - e a questão da sobrevivência da escola evangélica luterana comunitária.

Por si só, a seleção dos dados já demonstrou a forma pela qual, as escolas evangélicas luteranas, passaram a se desenvolver: desaparecendo, adaptando-se, ressurgindo com novas perspectivas buscando seu próprio sentido no continuar a existir.

No entanto, colocando nosso ponto de vista, mesmo este já ter perpassado durante toda seleção de dados anotados, passamos a relatar o que chama a atenção em cada período histórico. A tentativa é, ao final da análise, descobrir, dentre todas as alternativas, qual a hipótese que mais interfere ou interferiu ao longo dos anos, na permanência ou não da escola luterana e especificamente no Paraná.

Pela riqueza de informações, constatada na coleta dos dados, é possível ao leitor, tirar suas próprias deduções. Não limitamos a seleção exclusivamente ao problema levantado. A complexidade e profundidade do assunto fez com que se percebesse que são interdependentes os diversos fatores que compõe a questão da sobrevivência da escola evangélica luterana.

Do grande número de escolas "comunitárias" existentes no início da colonização alemã no Paraná, somente cinco sobreviveram até a presente data. E cada uma com características totalmente diferentes uma da outra. Aliás, será que ainda podem ser denominadas evangélicas luteranas?

Por uma questão de organização e também por já ser convencionalmente aceita a separação dos períodos históricos, na educação brasileira, seguiremos ao assunto: escola tradicio-

nal, nova, tecnicista e crítica, tentando responder:

- como os princípios luteranos de educação foram sendo preservados ou como estes se adaptaram ou se transformaram com novo sentido, no contexto histórico filosófico "convencional" brasileiro? A preservação destes princípios contribuiu para com a sobrevivência das escolas luteranas? Que outros fatores interferiram?

6.1 As Escolas Luteranas no Período da Escola Tradicional

Historicamente, no Brasil, este período está enraizado nos princípios educacionais da Idade Média (ver capitulo 2). E' a chamada educação "burguesa".

Quanto aos luteranos, neste período, sua preservação de princípios evangélicos luteranos apresenta-se no auge de realização. As escolas conseguem, até mesmo através dos livros didáticos, obter educação integral cristã em todas as disciplinas. O professor não é só aquele que detem o poder e o saber, mas é o próprio exemplo a seguir os ensinamentos bíblicos. Respeitado como o que detém a autoridade delegada pelo próprio Deus.

Mas, em relação a generalizar de que este período é educação burguesa e eletista não é a verdade constatada na vivência dos luteranos. Os pais, através das comunidades, instalavam escolas e todos os filhos dos colonos as frequentavam. Temos o relato de vários depoimentos. Inclusive era exigência, nas colônias, que as crianças tivessem certa

escolaridade para poderem ingressar no ensino confirmatório e realizarem publicamente sua profissão de fé cristã.

O princípio democrático era uma constante neste período histórico. O ensino da Palavra de Deus (Bíblia) era em primeiro lugar e as demais disciplinas não menosprezadas, mas complementando a educação para servir no mundo.

Era a escola comunitária pública, no sentido mesmo em que Lutero a idealizou. Os pais contribuíam com suas ofertas em dinheiro e mantimentos. Tanto para o sustento do pastor, como do professor, os quais, na maioria das vezes, era a mesma pessoa. Essa contribuição livre e espontânea (no sentido bíblico de oferta) fez com que a escola sobrevivesse e se tornasse muitas vezes mais importante que a própria Igreja. E' preciso lembrar, que neste período, só era permitido realizar cultos em casas que não tinham aparência de templo.

Afirmar que a escola comunitária surgiu porque o Estado não oferecia escolas públicas, é questionável. Pois, se a escola evangélica luterana oferece uma educação embasada filosoficamente, não o faz nos moldes em que a escola pública esteve e está estruturada, pois a escola cristã pretende oferecer o que o Estado não pode, isto é, a própria filosofia cristã. Sobre este assunto será tratado no último período.

As publicações retratam o combate ao catolicismo como forma de preservar a fé "pura" luterana, baseada nos textos bíblicos. Num país onde filosofia católica imperava (no sentido próprio da palavra), a "luta" entre católicos e protestantes continuava. Mas na vivência, os alunos católicos e protestantes, frequentavam juntos a escola mais próxima na colônia. Isto se

pode constatar nas teses que pesquisam a escola teuto-comunitária no Rio Grande do Sul.

No Paraná, nesse período foram criadas e permanecem até hoje, a Escola Evangélica de Imbituva e o Colégio Martinus de Curitiba. Ambas nasceram das necessidades e peculiaridades locais da época. Podemos afirmar que sobrevivem até o momento, por estarem respaldadas firmemente nos princípios evangélicos e asseguradas pelo grande número de membros filiados às igrejas locais.

A permanência, no entanto, dessas escolas, percorreu desenvolvimento diferente e específico, o que se poderá observar nas pesquisas de cada escola, em anexo.

No período ora analisado, estas duas escolas enquadram-se no que foi mencionado aqui, a respeito do contexto brasileiro.

6.2 As escolas luteranas no período da escola nova

E' o período da nacionalização. E com ele, a triste realidade onde se constata o desaparecimento das escolas teuto-brasileiras, entre elas as de cunho evangélico-luteranas.

A preocupação em estatizar o ensino brasileiro levou os governantes, influenciados pelo anti-nazismo nos períodos de guerra, a simplesmente decretar o fechamento das escolas alemãs. E' claro que os imigrantes contribuíram para tal decreto, a sua maneira, enraizados em tradições alemãs.

Este fato, é sem dúvida, marcante para este período. Desta forma, os filhos dos luteranos perderam os moldes da

escola tradicional e com eles os princípios da educação cristã. A Igreja, por si só não conseguiria suprir as dificuldades de entendimento e evangelização na Palavra de Deus.

A legislação foi a variável que contribuiu para com o completo abandono dos princípios luteranos. A partir daqui podemos levantar a hipótese de que o Estado, através de normas impostas em nome da democracia, tira a liberdade religiosa e a opção dos pais, que legalmente estaria assegurada na Constituição do País.

Verificamos, a partir deste período, o conflito latente entre a "filosofia oficial" e os princípios de educação cristã.

As idéias selecionadas nos documentos desta época retratam não só, a preocupação com as questões católicas quanto ao ensino religioso nas escolas públicas, como também as influências de outras filosofias. A saber, combate-se o racionalismo, o jesuitismo.

Nota-se a influência dos princípios da escola nova, nos textos publicados. Os dados são cuidadosamente adaptados aos princípios evangélicos. Crivo para análise. Igualmente, o civismo é incentivado. Mas não há questionamentos, por exemplo, ao culto exagerado à Pátria.

Os conteúdos continuam sendo ministrados nos moldes tradicionais. Mas já existem nas escolas os livros chamados "oficiais". Dificilmente poderíamos constatar se os conteúdos eram ministrados tendo o aluno como centro e segundo seus interesses, como pregava a Escola Nova. O que se pode perceber é que o Catecismo e a Doutrina Cristã cotinuavam sendo marcantes. Mas, nas demais disciplinas já havia a influência dos

temas da época, pelos demais livros adotados.

Aqui neste período, a escola luterana já começa a se tornar seletiva. Pelo menos limita-se a oferecer o ensino somente para os seus paroquianos. Por questões de sobrevivência, já se começa a "pagar taxa" para a escola. São admitidos, então, alguns alunos de outras confissões. Inicia-se o caráter de escola particular e defende-se o ensino laico nas escolas públicas. O mesmo princípio é defendido pelos idealizadores da Escola Nova. A questão da subvenção do estado para com as escolas particulares também é a temática em discussão naquele momento.

No Paraná, o Colégio Martinus de Curitiba reabre suas atividades, após a guerra, com novas perspectivas. Sobrevive novamente, tendo o apoio dos membros da comunidade local.

Imbituva, muda de nome: Escola Rui Barbosa. Cuidadosamente segue à risca o que a legislação impõe. E consegue, com apoio não só da comunidade, mas da população local, sobreviver com formas diferentes. Como se pode constatar, no histórico da escola em anexo, a maioria da população da pequena cidade do interior do Paraná, é evangélica. O prefeito, quase sempre tem sido luterano e assim obtém o apoio das autoridades locais e numa espécie de convênio - mas não oficial - conseguiu preservar os princípios luteranos de educação. Os professores também são luteranos e a prefeitura ajuda na manutenção. Encontramos aqui, a típica escola pública cristã idealizada por Lutero.

Não podemos afirmar, neste período, se apenas esta escola funcionava nos moldes tipo "convênio" - Igreja e Estado.

Mas podemos assegurar que, gradativamente as escolas luteranas do tipo comunitário foram desaparecendo ou transformando-se somente em públicas, sob fiscalização direta do Estado. E desta forma, perderam a liberdade de propagar a filosofia evangélica nas escolas. No final deste período, são fundadas, no Paraná, entre outras, as escolas luteranas em M. C. Rondon.

6.3 As escolas luteranas no período da escola tecnicista

Aqui a escola particular confessional evangélica luterana começa a perder a sua identidade. Não encontra sua razão de existir ou mesmo competir com as escolas estaduais. Não somente os pais, mas os próprios dirigentes de escolas e da Igreja começam a se perguntar porque ainda persistir na preservação de escolas confessionais.

Na década de 1950, as escolas que nascem no Paraná, são as que acompanham os migrantes na exploração das terras no oeste e norte do Estado. Observamos que os descendentes de imigrantes preservaram a famosa frase: " ao lado de cada igreja, uma escola". Mas, na década de 1970, o mesmo episódio acontece: desaparecem as escolas cristãs na medida em que as escolas públicas gratuitas são instaladas.

Favorecem a implantação de escolas estaduais, as leis 4024/61 e 5692/71. E as escolas confessionais, simplesmente precisam adequar-se às leis. Interessante aqui, a análise dos regimentos e os planos de implantação gradativa da lei 5692/

71. As cinco escolas luteranas que hoje existem, todas elas possuem em seus arquivos, os planos de implantação. Cada uma, a seu modo, procurou conservar nos regimentos a filosofia cristã. Mas esta se restringiu a algumas citações gerais, como poderemos observar mais detalhadamente nos anexos.

Para que as escolas cristãs sobrevivessem, foram obrigadas a se sujeitar à política do governo. Mas a maioria das escolas simplesmente deixou de existir. E' possível fazer um levantamento do número de escolas que funcionava neste período. Por ora, como já dissemos, não é possível devido o prazo de entrega deste trabalho.

A questão da manutenção das escolas foi o fator que interferiu para o fechamento das escolas paroquiais. A clientela que frequentava as aulas era da comunidade local, independentemente da confissão religiosa. As que sobreviveram, foram obrigadas a se elitizar ou firmarem convênio.

O Colégio Martinus de Curitiba, a Escola Martin Luther e o Colégio Rui Barbosa de Marechal Cândido Rondon, passaram a se enquadrar na categoria de escola particular "tipo empresarial". Com a cobrança de anuidades, elitizadas por força das circunstâncias, conseguiram sobreviver. Estas três escolas, é bom frisar novamente, estão localizadas em regiões onde o luteranismo representa grande parcela da população. Principalmente na cidade de Marechal Cândido Rondon, conforme se poderá ver nos históricos em anexo, a maioria da população é evangélica. Por isto mesmo, nesta cidade existem duas escolas particulares confessionais luteranas. Alguns alunos carentes foram beneficiados, neste período, com bolsas de estudos

provenientes do salário-educação ou através de recursos das próprias escolas.

A Escola Santa Cruz de Capanema firmou convênio com o governo do Estado e atende seus alunos nos moldes da legislação vigente. E a Escola Rui Barbosa de Imbituva continua sendo mantida pela prefeitura com o respaldo político local a que nos referimos no período anterior.

Os currículos, programas, métodos, relação professor-alunos, todos são fortemente influenciados pelo tecnicismo vigente. O positivismo passa a ditar as ordens sem que os luteranos tenham consciência disso. Em nome da modernidade tecnológica, os princípios de educação genuinamente cristãos luteranos, tão defendidos em outras épocas, começam a se tornar secundários e até certo ponto esquecidos.

Mas como, na própria história brasileira foi constatado que a reforma não aconteceu a nível real e que os professores permanecem com idéias tradicionais e escola-novistas, aos luteranos igualmente começam os questionamentos: Qual escola quero para meus filhos? - E a pluralidade de opções invade os lares através das recentes inovações nos meios de comunicação de todos os tipos.

Vem à tona a preocupação com a falta de instrução evangélica. As escolas paroquiais voltam a ser, no final deste período, consideradas como um grande instrumento para a pregação do evangelho. Mas não há retorno. O mundo mudou. Os alunos das escolas confessionais são outros. Os filhos dos luteranos frequentam as escolas públicas, em sua maioria.

Portanto, não é verdade que os luteranos frequentam as

escolas particulares de suas comunidades - então não são elitizados. As escolas sim, foram obrigadas a selecionar seus alunos para sobreviverem. E estas atendem aos filhos dos pais que podem pagar as mensalidades de uma escola particular, como outra qualquer do tipo emprecarial. Pois, as escolas confessionais no Paraná, no final deste período diferenciam-se das outras escolas, somente através de algumas aulas de ensino religioso. A não ser a escola de Imbituva, que permanece com a maioria de professores luteranos, preservando assim uma influência maior na educação cristã.

E' neste período que o Colégio Cianortense de Cianorte, no Norte do Paraná, chega a desvincular-se da filosofia da educação luterana. Adota ensino religioso com características próprias, conforme decisão dos pais de diversas confissões religiosas que se organizaram numa fundação. Assim, este colégio não mais está enquadrado como um dos que sobreviveram vinculado à Igreja Luterana. Esta somente cede seu patrimônio à fundação que o mantém.

Mas, de qualquer forma, em todas as escolas, os luteranos também deixaram de aprender a pensar. Tudo aceitaram passivamente e através de muita burocracia. Agora um novo problema se apresenta e a escola paroquial - que não é mais da paróquia - pertence a toda cidade. Mudando a clientela, o novo desafio é transformar a escola numa agência missionária e com ensino de qualidade. Competitiva, inserida no sistema capitalista vigente, esta é a forma que as escolas confessionais encontraram para sobreviver. Este é o tema central a ser debatido nas publicações selecionadas no próximo

corte histórico.

6.4 As escolas luteranas no período da Pedagogia histórico-crítica

> Lutar pelas escolas comunitárias é uma questão de sobrevivência. O risco que a escola evangélica corre é o de querer se nortear pela escola pública. Lutero defende uma igreja participante na educação. A Educação Cristã é responsabilidade dos pais. A escola mantida pela congregação, e de alto nível intelectual e religioso, continua sendo um dos melhores instrumentos missionários. Escola evangélica jamais poderá se tornar elitizante. Precisamos dar condições para que também os filhos dos evangélicos possam estudar nas escolas comunitárias. Por que o governo não deixa de atrapalhar, já que muito pouco ou nada ajuda?

Estas são as principais manchetes publicadas nos documentos deste período. O ensinar a pensar (da pedagogia histórico-crítica) exerce grande influência e a liberdade, em todos os sentidos, é a busca constante. A palavra chave - lutar - aparece várias vezes. A volta aos fundamentos bíblicos vem à tona com toda força. A abertura democrática possibilita a crítica aberta e as reivindicações. A Igreja não se cala. As escolas procuram renascer, incentiva-se a criação de escolas, debate-se sobre o sentido filosófico e a razão de existir.

Junto a esta crescente onda de euforismo, a perplexidade ao se perceber que a Escola Evangélica havia tomado rumos completamente diferentes da verdadeira educação

cristã. Como era diferente! - Respondem os entrevistados nas pesquisas, em anexo, das escolas no Paraná.

Os dirigentes das Igrejas percebem que perderam a força de liderança leiga, "instruídos desde a infância nas Sagradas Letras". Tenta-se recuperar o tempo perdido - 20 anos ou mais. Aos adolescentes que ingressam no período de instrução, para o ensino da doutrina, tudo lhes deve ser ensinado. A estrutura da Igreja não dá conta desta instrução em apenas um ou dois anos, com algumas horas semanais de estudo. Antes, a escola paroquial dava conta do ensino. E com aula de catecismo todos os dias, cantos e histórias bíblicas também.

Na tentativa de recuperação do tempo perdido, a Igreja lança-se a editar uma série de publicações. Orientações sobre filosofia luterana de educação, produção de material didático para aulas de ensino religioso, pesquisas profundas sobre temas educacionais e outras inspirações nas obras de Lutero, são editadas neste período.

Mas de que adianta tudo isto se as escolas não mais existem? Pelo menos aquelas que tinham objetivos claros, programas definidos e a obediência livremente decidida em seguir a filosofia cristã.

Agora há material produzido, mas e professores? Eles nem mesmo são luteranos e atuam em escolas cristãs que talvez apenas estão preservando o nome "evangélica-luterana".

O que fazer? Qual a saída? Investir nas escolas como agências missionárias? Investir nas escolas defendendo a qualidade de ensino? Assim, é claro, a contribuição na educação da sociedade brasileira estaria garantida. O princípio educacional

defendido por Lutero também estaria garantido. Toda população, que frequentasse uma escola confessional, seria educada da melhor forma possível. Os próprios professores luteranos e não luteranos, sofreriam as influências da educação cristã no ambiente escolar.

No entanto, os que pensam a educação na Igreja, não se contentam com estas alegações. Buscam um sentido mais profundo. Pode-se observar isto nas entrelinhas dos textos selecionados da época, para esta pesquisa.

Pela forma como a legislação brasileira vem conduzindo os problemas educacionais, a realidade é bem diferente. Os princípios garantidos na *Constituição*, da opção dos pais no tipo de educação que desejam para os filhos, estão longe de se tornarem realidade neste país.

O investimento então, da Igreja como um todo, é na educação organizada sob novas formas, dentro da reestruturação das próprias comunidades. Escola passa a ser apenas "luxo" para poucos. Mas não há conformismo. A palavra luta, como já dissemos, continua sendo o estímulo para ressuscitar as escolas confessionais, as quais nunca deixaram de ser valorizadas, desde que organizadas na perspectiva bíblica e democrática.

No Paraná, a escola de Imbituva foi uma verdadeira descoberta. Não temos conhecimento se este modelo - tipo convênio não oficial - existe em outros estados do Brasil. Longe de ser a escola ideal proposta por Lutero no século XVI, mas muito próxima da escola evangélica comunitária, pública e gratuita. A Igreja, representada pela comunidade local e o

Estado, através da prefeitura, contribuem para a manutençáo de uma escola cristã com características próprias. Poderia esta escola ter características filosófico-luteranas, se tivesse preservado até os dias de hoje, o ensino do catecismo e ampliado suas aulas de ensino religioso. Mas, quem sabe, se assim tivessem procedido, não teria continuado a funcionar. No período da escola nova constatamos que esta escola era a ideal, segundo Lutero.

Dificilmente a competição com as escolas estatais, da forma como estão organizadas hoje, permitirá a sobrevivência das escolas tipicamente luteranas. Mas tanto o fato de as estatais serem neutras ou adotarem determinada filosofia, também não queremos que aconteça.

Os filhos dos luteranos frequentariam em massa uma determinada escola cristã se esta fosse estatizada? As subvenções também não deram certo. As escolas confessionais tiveram que ser enquadradas nos modelos empresariais das escolas de livre iniciativa e tratadas como tais pela legislação vigente. Que modelo de escola estatal serviria hoje para atender aos luteranos? E a opção dos pais, garantida na Constituição, como fica?

Daí podemos entender porque a Igreja procura investir em si própria, nas suas comunidades, priorizando a educação cristã com outros meios. E' a saída que ela encontra neste momento histórico. A escola não atende mais a clientela da paróquia. Os pais precisam ser conscientizados da rsponsabilidade na educação dos filhos. A escola dominical, oferecida aos filhos dos paroquianos, precisa ser aprimorada. Os

leigos são chamados a auxiliar, em todas as atividades. As "reciclagens" são feitas, a educação começa a ser vista como um processo permanente de ensinar a pensar. A vivência cristã é questionada. Cada cristão é chamado a servir no local onde se encontra (concepção de vocação defendida por Lutero - tarefa de Investigação para Weber).

"Qual o futuro da educação cristã? Os princípios luteranos continuarão em vigor? Estamos sendo influenciados pelos modismos da pedagogia-histórico-crítica ou estamos nos aproveitando do momento histórico para encontrar nosso próprio caminho? Que caminho é este? Que educação é esta?"

Estas por certo são perguntas que estão latentes em muitos educadores cristãos. Terá lugar ainda, no futuro brasileiro, um espaço para uma escola estatal que defenda princípios cristãos? Esta escola será conveniada? Receberá subvenções? Ou simplesmente deixará de existir?

A organização e estrutura da escola estatal podem mudar, para atender os reclamos da sociedade e entre esta os das comunidades cristãs luteranas.

A temática empolga. Talvez, ao se falar em educação luterana no Brasil do futuro, não mais se falará de escolas. Será investigado o processo educativo desenvolvido nos setores novos organizados pelas comunidades. E o novo problema passará a ser investigado: educação cristã luterana, acontece de fato, nos trabalhos da igreja e não na escola que hoje está posta, especificamente no Estado do Paraná. Em nosso Estado, como vimos, todas se adaptaram de um modo ou outro, ao sistema estatal vigente, para que pudessem sobreviver e todas

procuram intensamente a sua razão de existir. E nessa busca respaldam-se na preservação dos princípios cristãos de educação, já defendidos por Lutero.

Capítulo 7

Limites e Perspectivas

No período tradicional, não investigamos a fundo as publicações da época. Baseamo-nos em teses e históricos da IECLB. Na IELB conseguimos chegar mais próximo.

Não foi possível também investigar a fundo, a diferença entre escolas teuto-brasileiras, teuto-evangélicas, evangélicas, e evangélicas-luteranas.

Temos indícios de fontes de pesquisa para fazer o levantamento estatístico do número de escolas que funcionavam no Paraná em cada período. Pelo volume de documentos já coletados e os que ainda faltam podemos fazer outro projeto de pesquisa.

Possuímos dados referentes a número de alunos e professores, em cada período. Pelo tempo que levaria para organizar e sistematizar estes dados, ficam também para a continuidade desta pesquisa.

Quanto à legislação de ensino interferindo na sobrevivência das escolas confessionais, coloco como desafio principal para ser investigado em continuação deste trabalho. Isto só foi possível deduzir a partir destas investigações. Pois pouco desta história está registrada nos livros da história oficial de nosso país. Por ser minoria de população brasileira, os luteranos poucos espaços conseguem para colocar e divulgar suas idéias sobre educação.

Outro tema para futuras pesquisas é a questão da Educação e Trabalho. Relacionando este tema com a concepção de vocação a partir de Lutero, poderá ser investigada a forma pela qual os luteranos concebem o trabalho em cada período his-

tórico. A concepção de vocação de Lutero seria realmente ingênua como diz Weber?[1] A palavra vocação hoje para os luteranos tem sentido de "dom", "talento". E isto não seria o permanecer em seu "lugar", isto é, na aptidão que possui?

Falando da revolução industrial, Manacorda lembra de Lutero e da visão que este possuía sobre o velho artesão e a educação de seus filhos. Isto para demonstrar como as exigências da formação humana mudaram devido a revolução industrial. O artesão desapareceu, as condições da nova sociedade são outras.[2]

Hoje, com os avanços tecnológicos e numa sociedade consumista, temos um novo tipo de família. Como a escola luterana preserva seus princípios, a partir de Lutero na sociedade atual? Por que e como preservar os princípios numa sociedade em constante mudança?

Novos valores e novas situações de filhos de famílias "desestruturadas" ou "novo tipo de família" são os alunos de escolas luteranas e de escolas públicas. A clientela mudou. Os filhos dos luteranos estão em diversas modalidades de escolas brasileiras.

Assim, a preservação dos princípios luteranos, vamos encontrar muito mais na igreja do que na escola. Eis aí, novo projeto de pesquisa. A igreja seria conservadora preservando seus princípios educacionais? A inclusão do texto de M. C. Warth mostra como os luteranos, no plano ideal, preservam com firmeza os princípios cristãos de educação segundo Lutero.

Reportando-nos a Weber, observamos que somente o conjunto de interpretações possibilitaria chegarmos o mais pró-

ximo possível a entender o desenvolvimento da educação luterana.

Cabe mencionar, ainda, que a divisão histórica utilizada na contextualização das tendências filosóficas, continua sendo investigada na educação brasileira. Assim, outras interpretações poderão advir para a análise do problema, nesta pesquisa.

A questão da sobrevivência das escolas luteranas é apenas uma parte da educação idealizada por Lutero. E no plano real, na vivência dos luteranos, estes acabam seguindo mais a "filosofia oficial" do que os princípios idealizados.

Nossa intenção não foi a de aprofundar a questão das tendências da educação brasileira registradas no capítulo 2. Mas percebemos que nem sempre os luteranos seguiam a "moda" (tendência) do momento. Seria porque defendem uma filosofia própria?

Também não nos preocupamos em dividir exatamente os períodos da pesquisa. As datas são aproximadas. Como se sabe, a cronologia ajuda a organizar o trabalho. Esta divisão de períodos em tendências também deve ser melhor investigada. Aliás, como já dissemos, é uma questão de envolve o todo da "educação brasileira".

Esta pesquisa é um espaço aberto. Temos a convicção de que pequenas sementes podem tornar-se grandes árvores em modelos educacionais adaptados e por que não dizer inovadores para as escolas estatais do futuro. Estas, acreditamos, devem deixar liberdade filosófica aos seus habitantes.

Atualmente, os sistemas oficiais oferecem de novo liberdade aos sistemas escolares. Mas os dirigentes das escolas,

ainda sob o efeito da "ditadura" não conseguem criar sistemas próprios de ensino. Por isso, acreditamos, inclusive os luteranos, acabam seguindo a "onda" do momento. Mas nesse sentido, como a Igreja não impõe normas para as escolas luteranas, cada uma das cinco que sobrevivem no Paraná, encontrou a maneira própria de se adaptar a cada nova situação que deveria enfrentar em relação ao sistema oficial. Este, como já mencionamos, é o problema central a ser investigado para que se comprove o que estamos afirmando. Importante lembrar que as comunidades luteranas são independentes financeiramente, do comando da Igreja Central. Aqui seria interessante termos explicado melhor a manutenção das comunidades. Fizemos isto só no que se refere às escolas em si. A administração central da IECLB e da IELB também possuem características próprias.

Os limites desta pesquisa não nos permitem adentrarmos nestas explicações. Só mencionamos para que se tenha uma noção de que educação luterana, na vivência cristã, é muito mais complexo do que a parte da qual aqui se fala.

Esperamos, no entanto, que a contribuição desta pesquisa se torne útil na busca do sentido da existência de uma escola confessional evangélica luterana. Particular ou pública, devido as circunstâncias da legislação brasileira. Poucas, no Paraná. Mas muitas no Rio Grande do Sul. Lutar para que elas proliferem? Esta resposta dependerá do julgamento de valor, da avaliação que os luteranos devem fazer. Extrapola então os limites desta pesquisa. Mas a expectativa é que realmente possamos contribuir para com a resposta: a escola luterana deve sobreviver para confessar a salvação em Cristo? Quem deverá

mantê-la? Os pais? A Igreja? O Estado? E por que não o Estado, desde que garantida a liberdade filosófica?

E a neutralidade axiológica de Weber? E' preciso entender o sentido em que Weber a utiliza. O professor não é neutro, quando declarara aos seus alunos a postura de sua filosofia. Esta questão também é tarefa séria para ser investigada. Nada é definitivo.

O professor ao não ser neutro, assume a postura de sua filosofia. Em qualquer modelo de escola, os professores influenciam no tipo de educação que defendem perante seus alunos. Daí, a escola, como um todo, também não ser neutra. No momento em que uma escola defende, através de todo corpo docente, uma postura filosófica, esta deixa de ser neutra. E os pais têm então declaradamente a opção para a educação de seus filhos.

Entendemos, justamente por não sermos neutros que devemos ter a coragem, como diz Weber[3], de assumir uma postura filosófica diante de nossos alunos. Os luteranos defendem a filosofia cristã de educação.

Anexo A
Princípios da Educação Segundo Lutero'

Para podermos falar das obras de Lutero sobre a educação, é fundamental entender, principalmente, as questões essenciais da Doutrina Luterana que determinam o pensamento pedagógico do reformador.

Em 1530, na Dieta de Augsburgo, os teólogos luteranos apresentaram uma declaração, preparada por Felipe Melanchthon e revisada por Lutero, solidamente fundamentada na Palavra de Deus como norma única de fé e vida. Esta declaração tornou-se o documento base da Doutrina Luterana. A este documento juntaram-se outros escritos, principalmente de Lutero, como os Catecismos e os Artigos de Esmalcalde, que vieram a formar os documentos confessionais da Igreja Evangélica Luterana. Após a morte de Lutero, estes documentos foram reunidos em um livro publicado em 1580, *O Livro de Concórdia*.

Tendo como base as Confissões Luteranas e os principais tratados de Lutero sobre a educação, passamos para a análise dos princípios educacionais de Lutero. Fazem parte do presente trabalho, sendo acrescentados como anexo os dois tratados de Lutero que se referem especificamente sobre a educação: *A Carta aos Conselheiros para que Estabeleçam e Mantenham Escolas Cristãs* (1524) e o *Sermão a Respeito do Dever de Enviar os Filhos à Escola* (1530). Em todas as citações de Lutero, às quais faremos referências, serão citadas as páginas em ANEXO.

Destacamos também, para a análise desta pesquisa, as seguintes obras de Lutero: *Missa Alemã* (1526), *Os Catecismos* (1529) e, ainda, as *Instruções para os Visitadores de Pastores na Saxônia* (1528), redigidos por Felipe Melanchthon, sendo que Lutero fez a revisão do plano e compôs o prefácio. Estas Instruções também foram publicados com as obras de Lutero.

Lembramos ainda o contexto histórico ao qual foram dirigidos os tratados acima mencionados. Verificamos então o fato marcante da época de que toda a educação era voltada à formação eclesiástica e que a santidade de vida era somente valorizada dentro do claustro e em completo isolamento do mundo. Como o próprio Lutero afirma:

> Até aqui os sofistas não mostraram nenhum interesse para o governo temporal e têm designado suas escolas tão somente para o estado espiritual que quase se transformou numa desgraça. Como se somente o seu estado espiritual fosse agradável a Deus e que o estado mundano, como eles o dizem, fosse do diabo e dos não cristãos. Mas de acordo com Deus são eles mesmos que estão se tornando do diabo. (Anexo 1, p.4)

O novo estilo de vida que estava surgindo, a crise de todas as autoridades medievais e a nova classe, a burguesia, que reclamava a valorização de suas atividades, exigiam uma educação voltada para "os novos tempos".

As propostas de Lutero quanto à atuação do homem no mundo e para o mundo, como uma forma de adorar e glorificar a Deus e ainda o domínio da criação como ordem divina, foram sem dúvida ao encontro dos anseios do homem.

Lutero soube trazer as verdades bíblicas para o contexto da época em que viveu. Buscou também no passado, como os humanistas, as soluções e alternativas para os momentos do presente. Selecionou os entendimentos, analisando-os à luz de sua fundamentação teórica: a Bíblia. E deixou para a posteridade o seu princípio fundamental característico da época, de buscar a verdade sempre nas fontes, através do estudo profundo das línguas.

Dentro dessa seleção de conteúdos, não foram rejeitados o saber e a ciência da época, nem tão pouco os conhecimentos e os métodos utilizados pelos grandes pensadores do passado. Todas as descobertas foram avaliadas e aproveitadas para a interpretação bíblica.

Antes de Lutero, os Irmãos da Vida Comum e outros humanistas, preocupavam-se demasiadamente com o ensino das Escrituras. Mas Lutero colocou em sua interpretação bíblica princípios que não seriam fáceis de constestar: **sola Scriptura** (só a Escritura) e **sola fides** (só a fé).

O princípio formal, só a Escritura, é principalmente exegese da Bíblia, uma exegese eminentemente literal (em oposição à exegese alegórica (MONDIN, 1982, p.40).

A respeito da educação, como já nos referimos na primeira parte deste trabalho[2], Lutero traçou amplos princípios gerais. Analisando os diversos fatores, conhecimentos e o tipo de interpretação, citaremos os fundamentos e, de acordo com os

anexos desta pesquisa, os princípios decorrentes de cada fundamento:

2.1 O Homem em Relação a Deus e o Universo

> A Bíblia ensina que Deus criou o universo e mantém, governa e sustenta toda a criação. O homem é a obra máxima da criação. Foi criado para louvar, glorificar e agradar a Deus e o faz através da *adoração* a Deus e *pelo domínio* de sua criação.

Deste fundamento decorre que o Ensino deve estar voltado para formar o homem para adoração a Deus. Para isto, Deus utiliza-se da Igreja através da Formação Sacerdotal. E para o domínio responsável da criação de Deus, é necessária a Educação Secular: o preparo para a atuação consciente e responsável do homem na preservação do Evangelho, da Igreja e do próprio Mundo.

Na formação do homem para a educação secular, Deus utiliza-se em primeiro lugar da família, depois da igreja e do estado como corresponsáveis. A esse respeito falaremos adiante, mais detalhadamente, nos princípios decorrentes do fundamento sob o número quatro.

A Escritura ensina, em primeiro lugar, que Deus criou tudo, estabeleceu as leis do universo e mantém, governa e sustenta toda a criação. A obra máxima da criação é o homem a quem entregou o domínio do universo. O homem foi criado para louvar, glorificar e agradar a Deus.

Mas o homem que foi criado perfeito, para viver em eterna comunhão com Deus, caiu, por sua própria culpa, em pecado. E a partir daquele momento, o homem é concebido e nasce em pecado, não podendo mais, por si mesmo, restabelecer a verdadeira comunhão com Deus. Todas as misérias do mundo são consequências e manifestações do pecado. O pecado separa o homem de Deus e o condena à morte.

Falamos, na primeia parte desta pesquisa[3], que Lutero, ao interpretar as Escrituras, distingui Lei e Evangelho. Ele também mostra esta distinção nos Catecismos. *A Lei* é a palavra de Deus que exige perfeição nos homens e sua principal função é levar todos os homens ao conhecimento de seus peca-

dos e de sua condição de pessoas corrompidas e condenadas. *O Evangelho* é a palavra de Deus que fala de amor, da graça e da misericórdia de Deus. Pelo Evangelho, o pecador arrependido recebe o perdão e a salvação em Jesus Cristo.

Devido à perseguição ao Evangelho, muitos pastores têm passado fome e sofrem necessidades. Estes são mártires. Também grandes mestres tementes a Deus sofreram necessidades. Este é o jejuar fiel ao evangelho. Sempre que a Palavra de Deus foi pregada fielmente, duros tempos também vieram ao mundo.

A preocupação primeira da Igreja deve ser a de preparar pastores e pregadores verdadeiros honestos e diligentes em pregar o Evangelho. Este deve ser o ensino ministrado nas fundações e nos mosteiros. E não a preocupação em estudar para profissões eclesiásticas e ter a subsistência garantida.

Lutero chama a atenção então para que os homens não sejam motivaods à procura das riquezas, pois tudo o mais será deixado após a morte. Mas com isso também não quer dizer que deva viver com medo de pobreza subordinada. A primeira preocupação dos homens deve ser a de preservar o Evangelho e em decorrência disso o governo secular também será preservado. Assim diz que, para o louvor e a glorificação de Deus, é necessária a formação de pastores conscientes de seu dever. E a Igreja deve preocupar-se com esta formação.

Os homens, para cumprir também a segunda ordem de Deus para dominar sobre a criação, precisam preocupar-se com a educação secular. E nesta, necessariamente o Estado, ou governo temporal, precisa preocupar-se sobremaneira. Lutero chega a afirmar:

> Vamos supor que não existisse nem céu, nem inferno, não precisaria o mundo das pessoas educadas mais do que o reino espiritual? (Anexo I, p.4)

A respeito disso, Lutero lembra o exemplo dos gregos e romanos, os pagãos, que embora não tivessem a idéia se estavam agradando Deus ou não, preocupavam-se com a tarefa de preparar os jovens para esta vida. E disse: "Sou obrigado a envergonhar-me pelos cristãos que não se preocupam em prepa-

rar os jovens" (Anexo I, p.4).

Satanás ilude as pessoas para que elas fiquem ignorantes a respeito da Palavra de Deus. Se não se tomar providências, o mundo terá pessoas sem defesa. Existe aí uma guerra contra o verdadeiro diabo que quer secretamente arrasar as cidades e o mundo, carregando a essência e deixando apenas a casca vazia de pessoas sem utilidade que ele pode manipular e moldar assim como ele quer.

Os cristãos devem preocupar-se com o povo comum para que este não se deixe iludir pelo diabo. Estas são as duas grandes ordens de Deus: o governo espiritual, o da pregação da Palavra, e o governo temporal, instituído por Deus para preservar a paz e a vida que é temporal e transitória.

Para o trabalho do governo temporal, são necessárias mais pessoas do que no ofício da pregação. Os homens devem agir com a razão e para o governo temporal, Deus não mandou o Espírito Santo. Por isso, diz Lutero, "governar temporalmente é muito mais difícil, porque a consciência não pode dirigir, a gente deve agir, por assim dizer, no escuro" (Anexo I, p.13).

Aos homens é atribuída a responsabilidade para com o mundo - não se pode negligenciar com o governo temporal, como se este não fosse um serviço de Deus!

Devido à imperfeição humana, por causa do pecado, Deus enviou o seu próprio Filho para salvar este mundo. Segundo Lutero, temos agora outro grande fundamento para a educação cristã no mundo:

2.2 A Salvação do Homem pela Fé em Jesus

> A Bíblia ensina também que, embora caído em pecado, o homem não foi abandonado por Deus. Na verdade, a amor de Deus pela humanidade é tão grande que mandou a este mundo, caído em pecado, o seu próprio Filho, Jesus Cristo, entregando-o ao sacrifício máximo na cruz, para que todo o que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna.

Deste fundamento decorre o princípio de que todo o ensino que estar voltado para a salvação de todos os homens, pela fé em Jesus Cristo.

Nos Catecismos de Lutero e nas Confissões Luteranas, com base nas Escrituras, define-se: "Toda a Lei de Deus foi cumprida por Jesus Cristo, em lugar de todos os homens pecadores. Ele é o único mediador entre Deus e os homens. Morreu, ressuscitou, subiu aos céus e virá novamente para julgar os vivos e os mortos".

Nos tratados educacionais de Lutero, lemos:

> Deus poupa toda a raça humana por causa de um homem cujo nome é Jesus Cristo. Se ele tivesse que olhar aos homens somente, ele não teria nada mais que ira. O ofício da pregação e da autoridade temporal não podem ignorar o mal. Os cristãos devem aprender a distinguir entre as obras de Deus e a maldade dos homens. Em todos os ofícios de Deus existem muitos homens perversos mas os ofícios em si são bons e permanecem bons, não importando quanto os homens o empregam mal (Anexo I, p.14).

O *Evangelho* é dado aos homens através do sangue e suor de Cristo, em cumprimento da *Lei*, em lugar de todos os homens. Quantos mártires sofreram para preservação deste Evangelho, e quantos ainda sofrem, mas tudo isso não é nada em comparação aos sofrimentos de Cristo para a salvação da humanidade.

Para os homens que não se preocupam com a salvação eterna, a morte de Cristo foi em vão. Não sentem a responsabilidade em *educar* os filhos, e nada fazem para a preservação do evangelho e ainda dizem ser evangélicos e cristãos (Anexo I, p.15,6).

O homem verdadeiro cristão atua como tal, neste mundo e de acordo com a vontade de Deus. Assim como Deus amou ao mundo, entregando o seu Filho, também aqueles que amam a Deus, em Jesus Cristo, pela fé, praticarão no mundo as obras desse amor - amando a Deus e ao próximo. Temos, agora, o terceiro amplo fundamento:

2.3 O Homem e sua Atuação no Mundo

> A Bíblia ensina ainda que o homem, levado à fé em Jesus Cristo, praticará as obras do amor, conforme

expressas na vontade de Deus resumida nos dez mandamentos.

Deste fundamento decorre que o ensino deverá estar voltado para prática das obras do amor de acordo com a vontade de Deus. Na explicação de Lutero sobre os dez mandamentos, de acordo com o Catecismo Menor, encontramos que o resumo dos dez mandamentos é o amor (Rm 13:10).
Os dez mandamentos exprressam a *Lei* de Deus, mostram ao homem o que ele deve fazer ou deixar de fazer. Os três primeiros mandamentos, que Lutero chama de primeira tábua, falam da adoração dos homens para com Deus. O resumo da primeira tábua é: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento" (Mt 22:37). Se este relacionamento estiver acontecendo em verdadeiro amor e fé, os outros sete mandamentos serão consequência. (Observe-se a ligação ao primeiro fundamento).
A segunda tábua dos dez mandamentos, a saber, do quarto ao décimo, fala do relacionamento do homem para com o seu próximo: "Honrarás a teu pai e a tua mãe, para que te vá bem e vivas muito tempo sobre a terra; não matarás; não adulterarás; não furtarás; não dirás falso testemunho contra o teu próximo; não cobiçarás a casa do teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu gado, nem cousa alguma do teu próximo". O resumo da tábua é: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo".
As Confissões Luteranas ensinam que as boas obras por si só não são necessárias para a salvação, mas que a fé salvadora não existe sem boas obras. O cristão, movido pela graça e o amor de Deus, procura praticar boas obras todos os dias de sua vida, como frutos ou consequências da fé. Perante Deus, só o cristão pratica boas obras, porque a fé precede a obra.
Boa obra perante Deus é tudo aquilo que o cristão pensa, fala ou realiza, de acordo com a vontade de Deus, para a glória de Jesus e para o bem do próximo. Não é uma obra interesseira, que visa o benefício próprio. A vontade de Deus é a de que todos os homens cheguem ao conhecimento da verdade, Jesus Cristo, e que todos tenham a salvação. O cristão deve levar o

seu próximo ao conhecimento de Deus. Esta é a maior boa obra: a salvação do próximo.
Desta forma, para o bem da humanidade, o cristão tem o grande dever de, tanto no ofício da pregação, como na profissão do governo temporal, procurar o bem do próximo e da sociedade.
Só o cristão pode praticar as obras do amor. Diz Lutero:

> Tais trabalhos não fazem um homem justo perante Deus, ou o salvam. E' uma alegria e conforto saber que estas obras agradam a Deus, tanto mais quando o homem é cristão e está no reino de Cristo. Pois ele é por isso agradecido a Deus, por seus benefícios, trazendo a Ele a oferta mais preciosa de agradecimento, o mais alto serviço. (Anexo I, p.12)
> Menciona Cristo (João 14.12): "Aquele que acredita em mim vai também realizar as obras que eu faço e maiores obras ... fará". Não é o homem quem faz isto, mas é o seu ofício, ordenado por Deus para este propósito ... ele é apenas um instrumento através do qual isto é realizado (Anexo I, p.8).

A salvação dos homens é o maior milagre, a maior obra. Esta é dada aos homens, por graça, pela fé, sem nenhum mérito humano. As obras são mera consequência, como cumprimento da vontade de Deus. O cristão é capaz de cumprir a Lei, mas de modo imperfeito. Por isso, as obras só são aceitas por Deus por causa da fé em Jesus Cristo.

Sobre a salvação dos homens e a atuação no mundo, Lutero, referindo-se aos padres de sua época, disse:

> Os sofistas acusam nós luteranos a não ensinar boas obras. Eles conhecem tanto de boas obras! (sátira). Não são estas coisas, as quais estamos ensinando, boas obras? O que são todas essas boas obras de fundações e mosteiros comparadas com esses gloriosos milagres? (Anexo I, p.9).

Deus é um grande senhor e tem muitos tipos de servos. Toda ocupação tem sua própria honra perante Deus, exigências e deveres.

O homem avarento, que não ama a Deus, conquista suas riquezas com maledicência e trabalho cheio de ódio. Este tipo de trabalho não é uma boa obra, e consquentemente não é um

serviço de Deus (Anexo I, p. 13).

A verdadeira boa obra, a verdadeira ocupação não pode ser adequdamente recompensada ou paga com qualquer soma de dinheiro como o pagão Aristóteles diz. Toda boa obra é feita para cumprir a ordem de Deus, sem esperar méritos e recompensa. E toda boa obra será feita em favor e para o bem do próximo.

Disto decorre também que todo o ensino deverá estar voltado para o bem do próximo e da sociedade. Assim como só o cristão pratica as obras do amor, também o governo temporal, somente se estiver imbuído de princípios cristãos, poderá necessariamente governar para o bem de seus súditos.

Daí o apelo de Lutero para a Nobreza Cristã e para os Conselheiros Cristãos preocuparem-se com o bem estar da humanidade.

A perfeição humana consiste em não abandonar a sociedade para dedicar-se a uma vida solitária de culto a Deus, mas em servir cada qual a Deus e ao próximo exatamente nas funções sociais. Estas ordens e profissões foram criadas por Deus para o bem da humanidade.

O homem deve ser educado para servir a Deus neste mundo. A educação cristã deverá estar voltada para os propósitos do Criador, visando o bem comum e a preservação da criação. Ao governo temporal foi outorgada esta responsabilidade.

O quarto mandamento: "honrarás a teu pai e a tua mãe, para que te vá bem e vivas muito tempo sobre a terra" é para Lutero a fonte de toda inspiração para interpretar o relacionamento do homem para com os seus superiores na sociedade.

Neste ponto, chegamos ao quarto fundamento educacional de Lutero sobre a questão da autoridade e da responsabilidade desta em ensinar de acordo com a vontade de Deus, que é o fim último de sua instituição pelo Criador:

2.4 Os Pais e a Educação

> A responsabilidade primeira de ensinar é dos pais. Esta verdade Lutero também deduz da Bíblia.

A necessidade e finalidade da educação cristã se acha expressa no Catecismo Maior, na explicação de Lutero sobre o Quarto Mandamento:

> Ninguém quer entender que se trata da ordem da alta Majestade, que a respeito nos há de chamar seriamente a contas e há de vingá-lo. Tampouco se quer compreender quão grande é a necessidade de nos ocuparmos a sério da juventude. Se queremos pessoas excelentes e hábeis tanto para o governo secular como para o espiritual, cumpre deveras não nos poupemos empenho, faina e gastos na tarefa de ensinar e educar os nossos filhos, a fim de que possam prestar serviços a Deus e ao mundo. Não devemos pensar apenas em como amontoar-lhes dinheiro e bens; porque Deus bem os pode sustentar e enriquecer sem nós, como afetivamente faz de dia em dia. Antes nos deu e confiou filhos para que os eduquemos e governemos de acordo com sua vontade. Não fosse por isso e nenhuma necessidade teria de pai e de mãe. Saiba, por conseguinte, cada qual que é seu dever, sob pena de perder a graça divina, educar os filhos, acima de tudo, no temor e conhecimento de Deus, e, se forem aptos, dar-lhes oportunidade para aprender e estudar, a fim de que possam ser úteis nas necessidades que houver. Se tal fato se fizesse, Deus haveria de abençoar-nos ricamente e conceder a graça de se educarem homens dos quais houvessem melhora a terra e o povo. Teríamos, a mais disso, excelentes e bem formados cidadãos, e mulheres virtuosas e caseiras, que poderiam criar então filhos e serviçais piedosos. Considera agora que dano mortal perpetras quando negligencias nesse respeito e faltas ao dever de educar o teu filho de maneira útil e para salvação. Além disso te oneras de todo o pecado e da ira, e destarte ganhas o inferno em teus próprios filhos, ainda que no mais fosses piedoso e santo. E' porque se despreza isso que Deus castiga o mundo de forma tão aterradora, que não temos disciplina, nem direção, nem paz. E aliás todos lastimamos esse estado de coisas, mas não vemos que nós mesmos somos os culpados; porque do modo como os criamos, temos filhos e súditos estragados e desobedientes (Livro de Concórdia, p. 421).

Educar os filhos no conhecimento de Deus é um dever dos pais, sob pena de perderem a graça divina. O quarto mandamento é o mandamento com promessa: "para que te vá bem e vivas muito tempo sobre a terra". Por conseguinte, se os filhos forem educados no temor do Senhor, Ele há de abençoar ricamente aos homens.

Na explicação acima, está bem claro que dos homens depende a disciplina e a paz neste mundo. Os pais, como representantes de Deus, devem não somente garantir o céu aos filhos, mas treiná-los para serem uma bênção ao mundo.

A respeito da educação cristã e da responsabilidade dos pais, escreveu também Lutero:

> Outra consideração é a mais importante de todas, o mandamento de Deus que através de Moisés adverte os pais tantas vezes para instruir os seus filhos (Sl 78). Isto é também evidente no quarto mandamento do Senhor onde a ordem que as crianças devem obedecer os seus pais é tão severa que Ele teria sentenciado os filhos rebeldes à morte. Se nós negligenciamos nosso propósito principal na vida, especificamente o cuidado com os nossos filhos, eu penso também que de acordo com Deus nenhum pecado pesaria mais ao mundo e merecesse punição severa com o pecado cometido contra as crianças em não as educando (Anexo I, p.2).

É dos pais, portanto, *a responsabilidade primeira em educar os filhos espiritualmente e de acordo com a vontade de Deus*. "Pois como os filhos saberão obedecer o mandamento de Deus se este não for ensinado?" Esta responsabildade também está expressa nas Confissões Luteranas, que citam o versículo bíblico: "Os pais têm o dever de instruir seus filhos na disciplina e admoestação do Senhor".

No quarto mandamento, considerando que toda autoridade foi instituída por Deus, Lutero explica também, nos Catecismos, como e quem são as autoridades, deduzindo que este mandamento diz que se deve temer e amar a Deus e não desprezar, nem irritar os pais e superiores, mas sim, venerá-los, servi-los, obedecê-los, amá-los e querer-lhes bem. E

pergunta: "Quem são os nossos pais e superiores?" "Pais e superiores são pai e mãe e todos aqueles que segundo a ordem de Deus nos governam no lar, no país, na escola e no ofício", e ainda: "Não devemos desprezar, nem irritar nossos pais e superiores" (Provérbios 13:1-2; I Pedro 2:18; Efésios 6:2-3; Colossenses 3:20; I Timóteo 5:4; Levítico 19:32; Atos 5:29).
Também: "Veneramos nossos pais e superiores quando do íntimo os tomamos por representantes de Deus, fazendo-lhes também voluntariamente o que podemos, obedecendo-lhes em todas aquelas coisas em que Deus os constituiu nossos superiores e estimando-os como preciosos dons de Deus".

Convém acrescentarmos os seguintes versículos bíblicos citados por Lutero:

> Aquele que se opõe à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos condenação (Rm 13:2).
> Servos, sede submissos com todo o temor aos vossos senhores, não somente aos bons e cordatos, mas também aos perversos (I Pe 2:18).
> Antes importa obedecer a Deus do que aos homens (At 5:29).

No começo do apelo aos príncipes Lutero diz: "Se eu tivesse temido a ordem dos homens mais do que a de Deus, eu deveria ter permanecido silencioso neste assunto. Pois aproximadamente há três anos desde que eu fui colocado sob o banimento e fui declarado um fora da lei, muitos argumentam sobre o que eu disse e escrevi e derramaram sangue sobre isso. Mas Deus abriu a minha boca e quanto mais falam contra mim, mais Deus me fortalece. Esta é uma causa de Deus. Quanto mais os homens tentam suprimí-la, mais ela cresce". (Anexo I, p.1)

De igual forma, a Igreja e o Estado são co-responsáveis na educação dos homens. A educação começa no seio da família e toda a sociedade é, juntamente com ela, responsável pela educação dos homens.

Desta forma, Lutero chama a atenção às autoridades para que estabeleçam e mantenham escolas cristãs. Igualmente, exorta aos pais sobre o dever de encaminhar os seus filhos para serem instruídos na palavra de Deus e para o preparo de

"excelentes e bem formados cidadãos, e mulheres virtuosas e caseiras, que poderiam então criar filhos e serviçais piedosos".

A partir do exposto, conforme também o primeiro fundamento, deduz-se que a Igreja, ou governo espiritual, é responsável pela educação e formação espiritual dos homens, visndo o fim último, a saber, a salvação eterna. O Estado, ou o governo temporal, é responsável pela educação secular dos homens, visando o fim imediato, a subsistência, a paz, a harmonia, possibilitando a continuidade de vida neste mundo. Ambos os governos, a Igreja e o Estado, por serem instituições divinas, mesmo tendo atribuições diferentes, precisam cooperar um com o outro, vivendo em harmonia e respeito, sob a orientação e a bênção de Deus.

A Igreja, sendo responsável pelo ensino espiritual, através desta incumbência colabora com os pais e cumpre a vontade de Deus para preparar colaboradores de Deus a fim de pregar o Evangelho e ministrar os sacramentos.

As Confissões Luteranas mostram uma distinção a respeito da Igreja:

> Só há uma Igreja Cristã invisível - porque só Deus pode ver a fé no coração - formada por todos aqueles que, sem distinção de raça, nacionalidade ou lugar, confessam Jesus Cristo como seu Salvador. Esta Igreja é uma só, a saber a santa igreja cristã, a comunhão dos santos, a totalidade dos crentes. Jesus Cristo é a única cabeça e o senhor desta Igreja. Todos são iguais e gozam os mesmos privilégios. Ela permanecerá para sempre e não há salvação fora desta Igreja.
> Mas há também a igreja visível e nesta há hipócritas, defensores de falsas doutrinas e incrédulos o que não acontece na Igreja Invisível. As divisões religiosas são criadas pelos homens e não por Deus. E' impossível existir uma união externa entre as religiões se não existir uma unidade doutrinária à luz da Palavra de Deus. E' uma armadilha do diabo afirmar que todas as religiões são boas e ensinam a verdade. O cristão deve filiar-se àquela igreja que comprova todos os seus ensinamentos com a Sagrada Escritura. Aquela que ensina ser Jesus Cristo o Salvador. (Extrato-Livro de Concórdia)

Lutero afirma categoricamente que Deus ainda mantém este mundo por causa do ofício da pregação, devido à missão dos cristãos em redimir o mundo. Afirma ainda: *Deus não vai fazer milagres enquanto os homens têm condições de resolver os seus problemas*.

Assim como os pais, a Igreja visível também não realiza com perfeição a sua tarefa de evangelizar o mundo. Do mesmo modo, o Estado - considerando o que o próprio Lutero diz: Governar temporalmente é muito mais difícil - realiza com imperfeição a sua tarefa em garantir a subsistência dos homens neste mundo e para a continuação da existência do próprio mundo. Apesar do pecado, da imperfeição, Deus exige o domínio sobre a criação. Dá aos homens as condições: inteligência, vontade própria e razão. Lutero afirma:

> Deus não vai fazer milagres enquanto os homens têm condições de resolver os seus problemas. Por isso nós devemos fazer a nossa parte neste trabalho e gastar no sentido de treinar as pessoas. Pois de quem é a falta de que hoje as nossas cidades têm tão poucas pessoas capazes? De quem é a falta, senão das autoridades que deixaram os jovens crescer como selvagens e não deram atenção para a instrução deles e seu treinamento. Vamos permitir que negligentes e grosseiros dirijam o nosso país quando nós podemos fazer melhor? Eles procuram apenas a sua própria riqueza e glória (Anexo I, p.2).

Justamente por causa da imperfeição, o Estado precisa da colaboração da Igreja em preparar cidadãos conscientes de sua atuação no mundo. Só os cristãos podem praticar as obras do amor verdadeiro. E os perversos e hipócritas estão tanto na Igreja visível como no mundo em geral.

Decorrente do mesmo princípio de autoridade e responsabilidade, *os pais, a Igreja e o Estado*, superiores hierárquicos, precisam preocupar-se com a educação dos filhos, jovens e de todos os homens.

Lutero assim se pronuncia:

> Pois se os homens vão dirigir apenas com o punho, o resultado final seria certamente uma espécie de existência besta. Quem pudesse conseguir melhor do que o outro iria simplesmente lança-lo na pilha de lixo, das sobras. Nós temos exemplos suficientes

> diante de nossos olhos para ver o que o punho pode fazer longe da sabedoria e da razão. Toda experiência prova isto e em todas as histórias nós achamos que a força sem a razão ou sabedoria nunca realizou coisa alguma. Não é a lei do pulso, mas a lei do coração que deve reger, não a força, mas a sabedoria - tanto entre os perversos como entre os bons" (Anexo I, p. 12).

Quando Lutero encaminhou o apelo às autoridades para que estabelecessem escolas cristãs, estas tinham caído em descrédito e aversão popular. Os pais não mandavam mais os seus filhos às escolas. Também outro motivo, conforme vimos na primeira parte, era a relação da escola clerical com a subsistência terrena. Todas as instituições eclesiásticas estavam ameaçadas de extinção. Sem garantias de futura subsistência, os pais perderam o incentivo de encaminhar os seus filhos à educação formal.

A proposta de Lutero oferecia novas alternativas. As escolas deveriam atender os dois propósitos de Deus em sua criação: preparar colaboradores para o governo espiritual e também para o governo temporal.

Assim, a escola teve um novo impulso. Uma nova incumbência. Mas Lutero insistia em que fossem estabelecidas escolas cristãs. Só estas poderiam realmente atender à vontade de Deus para os que buscam em primeiro lugar o seu reino, a promessa é acrescentar todas as outras coisas, inclusive a subsistência.

Insiste para com os príncipes, no estabelecimento de escolas cristãs. E assim como os pais têm o dever de ensinar e exigir obediência dos filhos, as autoridades também, como "pais superiores" deveriam "obrigar os seus súditos a manter os filhos nas escolas cristãs estabelecidas". Isto para o próprio bem dos filhos, dos pais e do mundo. Diz ainda:

> Se o governo pode compelir os seus súditos como é feito para o serviço militar, e em tempo de guerra, quanto mais pode e deve ele compelir os cidadãos a conservar os seus filhos nas escolas. (Anexo I, p. 16)

Os pais não poderiam sozinhos instruir os seus filhos e manter escolas, assim o estado, como o grande pai, deve

organizar e manter as escolas. Em sua carta aos magistrados, Lutero escreve:

> Por isso caros senhores coloquem essa tarefa em seus corações a qual Deus tão fervorosamente requer de vocês. Tarefa esta que nem a igreja nem o mundo podem prescindir (Anexo I, p.5).

Lutero adverte ainda as autoridades para que não meçam esforços em estabelecer boas escolas. Pois é um excelente investimento; não se negligenciar o tempo da salvação:

> Senhores, nós gastamos grandes quantias em armas, rodovias, pontes e outros incontáveis similares para assegurar a paz temporal e prosperidade da cidade, porque não deveria ser mais dedicado aos pobres e jovens negligenciados, pelo menos o suficiente para engajar um ou dois homens competentes para ensinar nas escolas? (Anexo I, p.1).

E' necessário que o governo tenha homens hábeis, instruídos, inteligentes e honrados que possam fazer uso correto dos tesouros. Isso pode ser observado mesmo entre os pagãos, onde a necessidade tem forçado em se manter pedagogos e professores. Lutero cita o exemplo dos romanos, que versados em latim, grego e artes liberais, estavam prontos a ocupar cargos políticos e militares.

Quanto à preocupação dos pais em relação à escola e subsistência, Lutero insiste que não deve ser com o objetivo de tornar os filhos ricos e bem sucedidos, que se deve encaminhá-los à escola. Em seus sermão aos pais, onde os adverte a respeito do dever de mandar os filhos à escola, Lutero escreve:

> Eu estou falando aqui aos cristãos, que respeitam e honram a pregação acima de qualquer riqueza. (Anexo I, p.11).
> Pais verdadeiramente cristãos, é claro que se preocupam com o alimento de seus filhos, mas não iriam desleixar com o alimento de suas almas. (Anexo I, p.1).
> Tais homens vão reconhecer que a alma é mais que um corpo e estômago, e que embora o estômago esteja saciado, mesmo assim é obrigado a deixar tudo na hora da morte. (Anexo I, p.11)
> Tudo se resume no versículo bíblico: Cristo disse: 'não

> estejas ansioso com o que vais comer ou beber, teu pai celeste te conhece bem ... Buscai em primeiro o reino de Deus e a sua justiça e todas essas coisas vos serão acrescentadas. (Anexo I, p.10).
> Não precisas desprezar o ensino e a escola com medo de pobreza subordinada. (Anexo I, p.13).

A proposição de Lutero, ao incumbir o Estado para providenciar escolas visando o estado temporal, proporcionou aos pais um novo incentivo, uma visão diferente. Mas chama a atenção para que o ensino cristão não seja negligenciado, pois segundo ele, qualquer ofício não pode prescindir do preparo espiritual. Por isso os pastores, pregadores e professores precisam estar muito bem preparados. Só um preparo com verdadeiro fundamento cristão pode proporcionar ao homem o que este realmente necessita neste mundo. Também todos os outros ofícios seculares, como imperadores, juristas, médicos, mineiros, comerciantes e outros, precisam do preparo espiritual para poderem cumprir a ordem de Deus em dominar bem a sua criação.

Em decorrência dos fundamentos anteriores, verifica-se que a Bíblia é a fonte para chegar-se ao conhecimento de Deus, de sua criação, de sua vontade para com os homens, do seu amor e da responsabilidade do homem frente à educação. Temos agora o quinto fundamento.

2.5. A Bíblia Como Fonte de Fundamentação Teórica

> A Bíblia é infalível e inspirada palavra de Deus. Seus relatos históricos, absolutamente verdadeiros. O Deus verdadeiro (Pai, Filho e Espírito Santo) só pode ser conhecido pela revelação da Sagrada Escritura. Sua finalidade principal é tornar o homem sábio para a salvação em Jesus Cristo.

Visto que toda fundamentação teórica de Lutero é bíblica, o conhecimento da Bíblia é de importância essencial em todo pensamento educacional de Lutero.

Deste fundamento decorre que o *ensino* deve estar voltado para aprender em primeiro lugar a Palavra de Deus. Através do estudo da Bíblia chega-se ao conhecimento de Deus. Para isto é necessário conhecer as línguas, as fontes.

A preocupação quanto ao conhecimento das línguas já é motivo, por si só bastante forte, para estabelecer escolas cristãs. Pois é nas línguas que está contido o *Evangelho*. São elas a bainha de onde se tira a espada do espírito, a caixa de onde procedem as jóias, o recipiente de onde se bebe o vinho, a cesta de onde se busca o alimento. E' preciso cultivar as línguas para preservar o próprio Evangelho. Diz Lutero:

> Quando Deus quis espalhar o evangelho através do mundo, por meio dos apóstolos, ele deu as línguas para tal propósito. E antes disso Ele espalhou o Latim e o Grego em toda a terra de forma que o seu evangelho pudesse espalhar-se mais distante e rapidamente. Ele fez a mesma coisa agora. Antigamente ninguém sabia porque Deus reviveu as línguas. Agora pela primeira vez vemos que foi feito por causa do evangelho. Não foi sem propósito que Deus colocasse as escrituras somente em Hebraico e Grego. Se Deus não desprezou estas línguas, escolheu-as acima de todas as outras, para o seu trabalho, então nós também devemos honrá-los acima de todas. As outras línguas que são fontes para auxílio de tradução, também são santificadas. E nós não vamos preservar o Evangelho através dos tempos, senão pela língua. Além disso, se não preservarmos as línguas, seremos incapazes de escrever alemão e latim corretamente. (Anexo I, p.3)
> Muitas interpretações errôneas aconteceram acerca do evangelho. Temos a experiência disso. E tudo por causa da ignorância das línguas. E reconhecemos que agora temos o evangelho tão puro como no tempo dos apóstolos. O Evangelho foi completamente restaurado para a sua pureza original. (Anexo I, p.3)

Para Lutero, o estudo das línguas era primordial para a interpretação bíblica. Ele acusa os pais eclesiásticos pelo desconhecimento das línguas originais dos escritos das Escrituras. Isto teria levado eles a incorrerem em erros e contradições.

Além do estudo das línguas, outra consideração para a preservação do Evangelho e das próprias línguas é o estabelecimeto das Bibliotecas. Todos os livros devem ser selecionados e não se deve negligenciar em adquirir bons livros, isto é, que auxiliem na preservação e interpretação da Bíblia. Diz Lutero:

> Eu faria uma seleção judiciosa, não é necessário termos todos os comentários de juristas, todas as sentenças dos teólogos, todas as questões dos filósofos e todos os sermões dos monges. Na verdade eu iria me livrar de todos eles e preencher a minha biblioteca com os melhores tipos corretos de livros consultando com os alunos para essa minha escolha. Antes de tudo existiria a Escritura sagrada, em latim, grego, hebraico e alemão e outra língua qualquer em que elas pudessem ser encontradas. Depois os melhores comentários e se eu os pudesse achar, os mais antigos, em grego, hebraico e latim. E daí livros, úteis que ajudariam aprender as línguas, tais como os poetas, oradores, sem considerar se eles são pagãos ou cristãos, gregos ou latinos. Porque é de tais livros que a gente deve aprender gramática. depois disso viriam os livros nas artes liberais e outras. Haveriam livros de lei e medicina aqui também haveria uma escolha judiciosa. Entre os primeiros existiriam crônicas e história, em qualquer língua em que estejam escritos. Pois são uma ajuda maravilhosa na compreensão dos cursos. Especialmente para observar as maravilhosas obras de Deus. Quantas coisas deixamos de saber sobre as terras alemãs, simplesmente porque não as escreveram ou não preservaram. Os gregos, latinos e hebreus escreveram a seu respeito... (Anexo I, p.6)

No currículo escolar, as matérias de estudo deveriam ter, como fundamento principal, também a Bíblia. E ainda, além das línguas, o estudo da História, Canto, Música Instrumental e todo o curso de Matemática e Ginástica. (EBY, p. 64)

Deste fundamento decorre ainda que todos precisam pelo menos saber ler e escrever para chegar ao conhecimento de Deus através do estudo da Palavra. Pois importa que "todos" sejam salvos. Isto implica que tanto homens como mulheres, meninos, meninas, ricos e pobres, mais aptos, menos aptos - todos devem ser instruídos na Palavra de Deus. De igual modo, para cumprir a ordem de Deus em dominar o mundo, atuando em amor e com responsabilidade, é preciso que todos sejam educados. Tanto o governo espiritual como o temporal precisam de boas escolas e pessoas educadas.

Eis as citações de Lutero:

> ...Homens capazes e bons para governar sobre a terra e mulheres capazes de manejar bem a casa e treinar os filhos corretamente. (Anexo I, p. 4)

> ...uma moça pode achar tempo suficiente para participar da escola uma hora por dia e ainda tomar conta de suas obrigações em casa. (Anexo I, p. 4)
> ...Os garotos com mais aptidão que prometem tornar-se professores, pregadores ou assumir outras profissões eclesiásticas, deveriam continuar mais tempo na escola ou então dedicar-se a uma vida de estudo. (Anexo I, p. 5)
> Moços com tal habilidade deveriam ser conservados em seus estudos. Especialmente os filhos dos pobres. (Anexo I, p. 9)
> ...Mesmo aqueles de menor habilidade, eles precisam ao menos ler e entender o latim. (Anexo I, p. 9)
> ...Deixe o governo, quando ele descobre um garoto promissor, conservá-lo na escola. Se o pai é pobre, os recursos da Igreja deveriam ser usados para assistí-lo. (Anexo I, p. 16)
> ...Deus levanta os pobres do pó e levanta o necessitado da estrebaria para fazê-lo sentar com os príncipes do seu povo. Não é da vontade de Deus que somente aqueles que são nascidos reis, príncipes, senhores e nobres, devam exercer o juízo e senhorio. Deus quer ter os mendigos entre eles. (Anexo I, p. 14)
> Esta é a forma que vai ser: teu filho o meu filho, isto é, as crianças do povo comum, vão necessariamente dirigir, tanto no estado espiritual e no estado temporal. Pois os ricos e avarentos não podem e não o farão. Eles servem ao Mamom (dinheiro, riquezas) e ao diabo... Os príncipes estão ocupados e não entendem nada a respeito do ofício espiritual... Por isso, ambos os tipos de governo na terra devem permanecer com a classe do homem comum e os seus filhos. (Anexo I, p. 14)
> Alguns... ricos... têm estabelecido fundos para a escolaridade. Esta é a visão correta para legar o teu dinheiro para a Igreja, por manter o ofício de Deus... Isto seria um testamento cristão louvável e valoroso. Deus teria prazer e alegria nisto. (Anexo I, p. 16)

Lembramos aqui, a questão dos dons, da parábola dos Talentos, quanto à colocação de Lutero sobre os mais aptos prosseguirem nos estudos. Deus distribuiu dons especiais de inteligência e aptidão, para o desempenho de determinadas atribuições, como: pastores, professores, pregadores e outras ocupações dignas perante Deus.

Teríamos que nos aprofundar na questão da vocação. Max Weber dedica todo um capítulo em sua obra, "A 'Etica

Protestante e o Espírito do Capitalismo", sobre a concepção de vocação de Lutero. Weber coloca esta questão como sendo problemática e, mais ainda, que a posição de Lutero e de sua igreja frente à vocação secular, não será tão fácil de ser encontrada. (WEBER, 1983, p. 52 e seguintes)

Além da questão da seletividade e também posição social, deixamos de analisar mais profundamente outras colocaçeõs por exigirem maiores reflexões e conhecimentos e mesmo por ultrapassarem os limites desta pesquisa.

Abordaremos apenas alguns aspectos gerais a respeito da concretização dos princípios luteranos, logo após as publicações dos tratados educacionais, para facilitar o confronto, a ser desenvolvido no segundo capítulo, destes mesmos princípios nos dias atuais.

Anexo B
A IECLB e a IELB no Brasil e Paraná
Fontes Bibliográficas

Em seu livro *Conquistadores missionários, novos cristãos*, J. Fischer historeia sobre o início do protestantismo no Brasil. A 10 de março de 1557 desembarca um grupo de huguenotes (calvinistas), fazendo parte do projeto "França Antártica" chefiado por Nicolau D. Villegagnon (concorrência com Portugal e Espanha). Piere Richier, ex-carmelita e doutor em teologia, pregou sobre o Salmo 27.4 e a 21 de março a pequena comunidade festejou a primeira Santa Ceia evangélica. Mas houve desentendimentos, e a liberdade de fé que Villegagnon oferecera aos protestantes transformou-se em perseguição. Os huguenotes voltaram à França. Cinco ficaram no Brasil, quatro foram mortos. Alguns historiadores alegam que um dos cinco teria sido um luterano, mas não há fonte que o comprove.[1]

Na colônia brasileira dos holandeses também foi estabelecida a igreja calvinista. Em fins de 1636, foi organizada uma espécie de distrito eclesiástico brasileiro da igreja reformada (calvinista) da Holanda. Nesta época foi até traduzido um catecismo para uma das línguas indígenas. Como se sabe, a rivalidade da Holanda era para com a Espanha, e quando Portugal reconquistou sua independência, separando-se da Espanha, Nassau, tendo renunciado ao seu cargo de governador (1644) provocou com que pouco a pouco os holandeses tenham sido expulsos do Brasil. Assim desapareceu esta Igreja Protestante no Brasil.[2]

João Ferreira de Almeida, um português que emigrou para as colônias holandesas na 'Asia, converteu-se ao calvinismo, e tornou-se pastor calvinista. Pelos meados do século 17 começou a traduzir a Bíblia para o português. Esta traução é de valor inestimável para o Brasil, ate hoje.

A igreja católica romana expandiu-se muito nos séculos 16 e 17. A missão protestante teve um caso expressivo no século 17 quando foi transplantada para a América do Norte. No século 18 foi o grande despertar, pietistas na Alemanha e países escandinavos, reavivamente na Grã-Bretanha e América do Norte.[3]

Somente no século 19 é que a missão e a expansão do protestantismo se expandiu, já na perspectiva da tolerância religiosa (inexistente nas áreas católicas). Fischer conclui, citando as palavras de Cristo: "Amai-vos uns aos outros" (quando cita as guerras religiosas).

No século 18 é que se inicia no Brasil o trabalho missionário e evangelístico propriamente dito dos luteranos, como se pode ver nos capítulos 4 e 5 desta pesquisa.

E, 1988, a Editora Universo, lança num único volume, o Brasil de A/Z da Larousse Cultural. Nesta enciclopédia encontramos a definição da IECLB e da IELB, que transcrevemos:

> **Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil.** Ramo de protestantismo no Brasil com sede em Porto Alegre. Estabelecida em 1824, em Nova Friburgo (RJ), com a vinda de imigrantes alemães de origem luterana (iniciada em 1817). A expansão dos luteranos no Brasil deve-se tanto à Constituição de 1824, que estendia a outros grupos protestantes a tolerância de cultos (o que era privilégio só dos anglicanos desde 1810), quanto aos contratos de imigração que garantiam liberdade de culto. Das igrejas protestantes tradicionais é a que mais avança na identificação com os problemas da sociedade brasileira. Adotou o ecumenismo e é vinculada tanto ao Conselho Mundial de Igrejas (CMI) quanto ao Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic). E' provavel que possua cerca de 1.200.000 membros).
>
> **Igreja Evangélica Luterana do Brasil.** Distrito brasileiro da Lutheran Church Missouri Synod. Estabeleceu-se no Brasil em 1900. Oficialmente, a Igreja foi fundada em 24 de junho de 1904, em São Pedro do Sul, RS, com 14 pastores, sendo o reverendo W. Mahler seu primeiro presidente. Por causa de sua posição conservadora, é infensa a uniões. Nos Estados Unidos os "missionários", como são conhecidos os membros dessa Igreja, são cerca de 90% de ascendência alemã e 10% de norte-americanos. No Brasil a configuração étnica é a mesma.[9]

A IECLB e IELB no Contexto Brasileiro/Paranaense

Wilson Martins, em seu livro *Um Brasil Diferente*[5], comenta sobre as idéias, subdividindo-as em língua e assimilação. E menciona: "A famosa campanha de *nacionalização* não foi outra coisa no Brasil senão uma campanha de nacionalização linguística". Os dirigentes contentavam-se com aspectos exteriores: o alemão que cantava o Hino Nacional ou o pastor que fazia suas prédicas em português, sem se preocuparem em saber até que ponto essas manifestações correspondiam a uma realidade mais profunda.

Argumenta, entre outras colocações, que no Paraná é impossível identificar a origem de certas singularidades linguísticas. E' que esta região sofre influências de diversas nacionalidades ao mesmo tempo. O contrário de outros locais onde a colonização alemã é dominante. Os descendentes sofrem o conflito linguístico entre as noções adquiridas nas escolas e as línguas que ouviam duplamente incorretas no lar. Afirma ainda o autor que o Paraná sempre tratou de instalar escolas primárias nas colônias.

Cita também as escolas alemãs, falando do livro do pastor Fugmann que dentre as escolas alemãs, cita o Colégio Progresso, criado pela Comunidade Eclesiástica Evangélica alemã. Com a nacionalização desapareceu esse colégio.

O Colégio Progresso equiparava-se a uma escola média prussiana. Predominava o ensino do alemão. As escolas alemãs católicas, em Curitiba (junto à Igreja Bom Jesus e no Colégio Divina Providência) não foram molestados durante a Guerra.

O livro do pastor Fugmann, diz W. Martins[6], dá ainda notícia de outras escolas alemãs no Paraná. *As protestantes*: em Rio Negro - Escola Alemã Protestante (70 alunos). As demais não discrimina se é alemã protestante confessional. Deduz-se pelas referências orçamentárias citadas por W. Martins, onde apareceu escola alemã - subvenção concedida ao pastor protestante Augusto Boecker. Outra: pagamento da subvenção à Escola da Comuna Alemã ... subvenção à escola mantida pela

Congregação Alemã na cidade de Castro, cadeira mista transferida para a rua América (por conveniência de ensino) - Rua América é hoje Trajano Reis, onde fica a Igreja Luterana. Seleciona ainda publicações do jornal *Gazeta Paranaense* (31/10/1886), onde publica alunos matriculados e os que frequentam. Não é possível saber quais são escolas alemãs com influência de confessionalidade luterana. Apenas podemos destacar que a que possui maior número de alunos é a Comuna Alemã. Também outro destaque é publicado no *Diário do Comércio* (29/12/1893) sobre a Comuna Alemã e a frequência.

Quanto à questão do casamento, W. Martins cita João Cardoso de Menezes, que assinala como obstáculos à política imigratória: a falta da liberdade de consciência, a não existência do casamento civil como instituição, a imperfeita educação, a ignorância e a imoralidade do clero, a ambição de mando temporal do Espiscopado. O conflito das questões religiosas tornou-se agudo nas províncias do sul do Brasil. Na prática, o clero católico tudo fazia para desacreditar os atos civis dos alemães protestantes. Também o Estado obriga a todos cidadãos católicos e protestantes incrédulos a contribuirem para as despesas do clero.

Martins afirma que a vinda de protestantes para a província paranaense produziu aqui os mesmos efeitos - em qualidade, não em volume que a deflagração da Reforma na Europa: uma verdadeira Contra-Reforma. Cria-se nesta época em Curitiba a tradição da procissão de Corpus Christi. A seguir, o autor citado, ventila questões específicas de desavenças entre católicos e protestantes de forma geral (inclusive sobre quebra de imagens de santos católicos, sobre o purgatório e casamentos mistos). Também registra, através de citações de documentos, que não houve agressões ou violências pessoais contra os pastores na província do Paraná, "ao contrário do que aconteceu em outras regiões do país". Diz ele que isso se deve aos alemães luteranos que "banalizaram", normalizaram" o protestantismo paranaense, criando-se um ambiente de tolerância religiosa.

Quanto ao ensino, W. Martins[7] registra também a Igreja Evangélica Alemã, o chamado Sínodo Missouri (1939). Em Curitiba,

a primeira igreja luterana Comuna Alemã data de 1881 e 1876. E no interior, 1910, na Colônia Gonçalves Junior, uma igreja luterana com a escola alemã que sempre a acompanha.

Assim podemos constatar mais uma vez, a partir de uma fonte fora do contexto luterano, a confirmação de que as escolas alemãs geralmente, ou quase sempre, estavam ao lado de uma Igreja Luterana.

Também Werner Aulich, em seu livro *O Paraná e os Alemães*, editado em 1953, diz que quando havida uma igreja alemã, um pastor ou vigário, havia também o cuidado de se instalar uma escola.

Diz W. Aulich que na falta de professores habilitados, o alemão soube resolver seus problemas, os religiosos é que ministravam as aulas.

O autor citado traz dados sobre escolas alemãs. Consta que em 1869, o Colégio Progresso de Curitiba que até 1884 era dirigido pela Comunidade Evangélica. Em 1886, a escola evangélica fundada pelo pastor J. F. Gaertner. Em 1951 cita Toledo, "General Rondon" e Maripá.[8]

Quanto ao desenvolvimento da IECLB no Brasil e no Paraná podem ser consultadas, entre outras, os seguintes livros e autores: *Brazilien und Wittenberg* do dr. Ferdinand Schroeder; *Igreja e Germanidade* de Martin Dreher; *Ensaios Luteranos*, organizado por Joachin Fischer; *História da Igreja*, simpósio da Coleção *Pastor Dr. Wilhelm Rotermund* - vários autores; *Presença Luterana* de 1970 a 1990. Para maiores detalhes, consultar as referências bibliográficas da pesquisa.

Sobre os trabalhos no Paraná, destacamos em *Presença Luterana - 1970* que:

> ... As primeiras comunidades da IECLB: 1824 - Nova Friburgo, RJ e São Leopoldo, RS ... 1866 - Curitiba, PR.[9] Em Curitiba é realizado trabalho com estudantes universitários (pastor com tempo integral). Com a ajuda da Federação Luterana Mundial e da organização alemã "Pão para o mundo" foi construída uma nova Casa do Estudante (CELU).[10]
> Com exceção de uma todas as escolas evangélicas foram fechadas durante a Segunda Guerra Mundial.

> Hoje (1970) a Região II (Paraná e Santa Catarina) conta com apenas 10 escolas evangélicas particulares (5 primárias e 5 secundárias).

Escrevendo sobre "Os auxílios de Entidades Evangélicas na Alemanha em prol dos Evangélicos no Brasil", Martin Hennig, assim se expressa:

> A fundação de comunidades eclesiais no Paraná somente começou com a colonização por alemães do Volga. Embora sua maioria fosse para a Argentina, um grupo menor permaneceu no Paraná. Para o seu atendimento Barmen enviou, pela primeira vez em 1879, um pastor que visitava as Colônias e ali serviu por dois anos como pregador itinerante.[11]

Por falta de pastores, foi convocado o primeiro pastor do "Lutherischer Gotteskasten", que veio em 1897 da América do Norte para o Brasil. Sobre essa ajuda, no mesmo artigo de M. Hennig, está registrado que:

> A ajuda dos pastores do "Lutherische Gotteskasten", finalmente, que começou em boa hora e poderia ter sido do maior proveito, criou dificuldades dado o estado confessional distinto, os quais por longo tempo tornaram impossível a colaboração entre comunidades de pastores de confissão diferente.[12]

Sobre "Gotteskasten" ver a respeito do Sínodo Luterano no livro *Igreja e Germanidade* de M.N. Dreher. Menciona o pastor Otto Kuhr como o primeiro missionário do "Gotteskasten". Este veio ao Paraná.[13]

Quanto ao desenvolvimento dos trabalhos da IELB no Paraná, relata o Rev. Gerhard Wilde em documento adquirido no Instituto Histórico da IELB:

> Podemos dizer que o trabalho missionário no Paraná iniciou em 09 de fevereiro de 1920, quando foi realizado o primeito culto em Rio d'Areia (Cruz Machado) na casa do sr. Mundel. O primeiro pastor radicado em Cruz Machado foi o Rev. Germano J. Beck, instalado em 04 de setembro de 1921, atendendo o local até 1926. Neste mesmo ano houve a instalação do Rev. Gerhard Wilde em todos os locais de culto abertos pelo Rev. Beck. "Nesse meio tempo vem para a

> escola da Linha Curitiba o teologando Gottfried Wuerfell, enviado como professor paroquial. Diz: 'Trabalho abençoado do professor, com 28 crianças, dentre algumas polonesas. O pagamento do professor era feito pela Comissão Missionária (da IELB) e pagamentos voluntários dos membros'. Em 1927, o professor Wuerfel abriu uma segunda escola paroquial em Linha Paraná. Casou-se e foi morar em Linha Paraná, sendo que a escola em Linha Curitiba fechou. E ainda registra o documento: 'na Linha Paraná houve progresso com a escola'.[14]

Em 13 de abril de 1931, a escola reinicia com o Rev. Gerhard Wilde, com 11 crianças. Em 1932, a escola tinha 31 alunos, destes, 12 no internato. Depois houveram desavenças com o pastor do Gotteskasten. Outros dados são mencionados. Destacamos uma frase: "Muitas dificuldades, probreza e miséria".

Em 1935, 15 de fevereiro acontece a reabertura da escola com 23 alunos, chegando a 35 no correr do ano. Para auxiliar na escola, por causa da língua, foi contratada a srta. Anneliese Moris. Em 18 de junho de 1936 inaugurada uma escola ampla para poder servir como internato. Em 1938 o então professor Alfredo Elicker não podia dar aulas, por ser estrangeiro, assumiu o brasileiro Lúcio B. Vieira que em 1939 foi colocado como diretor para evitar o fechamento da escola, e o professor Elicker como professor da comunidade.

Na Segunda Guerra Mundial houve a proibição do pastor pregar. A escola foi definitivamente fechada.

A paróquia de Cruz Machado teve ótimo crescimento, pois em 10 anos de 95 pessoas (almas) cresceu para 675 pessoas (almas).[15]

Encontramos ainda no Arquivo Histórico da IELB documentos específicos que retratam o início do luteranismo no Paraná. Vamos destacar algumas informações que possam contribuir para com o objetivo da pesquisa:

> 1939 - 1945. Os pastores não podiam vir da Alemanha. Bom Jardim, posteriomente Bitú-Mirim (Cruz Machado) era atendida pela Igreja Luterana, Sínodo Gotteskasten. A congregação de Bom Jardim, composta de 32 famílias, resolveu chamar um pastor da IELB.

> Atendido o pedido foi para lá o Rev. Nilo Strelow. Aquelas famílias produziam anualmente grandes quantidades de erva-mate.
>
> 1941. Outra colônia, de russos-alemães, chamava-se Papagaios Novos, também chamara um pastor da IELB e foram atendidas pelo Rev. Edgar Krieser, que estendeu seus trabalhos em 1942 para Vieiras, posteriomente para Palmeira, Faxinal dos Mineiros e outras localidades.
>
> 1943. O então presidente da IELB, Rev. Rodolfo Hasse e o pastor Krieser, passaram pela Diretoria Geral de Educação em Curitiba, para estudar a possibilidade de abertura de uma escola paroquial em Papagaios Novos.
>
> 1945. Imbituva - nesse ano houve a reabertura da escola. O prédio foi reformado e adaptado às exigências das autoridades escolares. Na falta de professores disponíveis formados no Seminário Concórdia, a Comissão Missionária mandou o professor Lothar R. Mundel, no mesmo ano de 1945. Também foi construída nova moradia para o professor. Em 1948 havia 1402 pessoas na paróquia de Imbituva. A frequência na escola era de 30 a 50 alunos, que poderia ser bem melhor, não fosse a grande distância que as famílias moravam da escola. Então, foi fundada a Escola Dominical, pois aos domingos maior número de crianças eram atendidas. Na Escola Dominical a matrícula cresceu de 47 para 128 crianças. Também criada a União Juvenil - 98 jovens. Todo trabalho era em vernáculo. As grandes distâncias são a maior dificuldade e estas favorecem a falta de conhecimento bíblico (atendidas de 3 em 3 meses).[16]

Em *Crônicas da Igreja* (1900 a 1974), o Rev. Carlos H. Warth também relata o início dos trabalhos no Paraná. Extraímos alguns dados, onde consta sobre a fundação de escolas, para termos uma visão geral dos trabalhos da IELB:

> Nos dois primeiros decênios deste século a atividade de nossa igreja se restringia ao Estado do Rio Grande do Sul. Em 1921, porém, o seu trabalho ultrapassou os limites deste estado sulino, penetrando em Santa Catarina e no Paraná. Neste último mantínhamos apenas um posto avançado até 1940, quando então começou a missão no sudeste, para expandir-se, em

1946, para o norte e em 1951, para o noroeste, propagando-se dali sob a bênção de Deus para o sudeste, de sorte que agora já temos 24 paróquias no estado do Paraná: 8 no sudeste, 4 no norte e 12 no oeste.

No Sudeste do Paraná - Lá pelos idos de 1910-1913, o governo abriu vasta área de terras de mata virgem no sul do estado à colonização. Centenas de emigrantes vieram da Europa, principalmente da Polônia e Ucrânia, sendo servidos espiritualmente pela Igreja Católica Romana e Ortodoxa Grega. Também vieram emigrantes alemães, os quais ficaram sem assistência espiritual. A guerra de 1914-18 veio interromper essa colonização. Depois da guerra muitos alemães se transferiram para Cruz Machado. Isso aconteceu em 1919. Mas muitos não suportando o duro trabalho com a enchada e o machado, desistiram, enquanto outros ficaram e, com o tempo, foram prosperando. Desenganados com a política da igreja, pouco queriam saber de religião. Um dos colonos era o sr. José Mundel, o qual com sua família tinha vindo do Rio do Peixe, agora município de Tabajara, no Rio Grande do Sul, onde fora membro de nossa igreja. Convidou seu antigo pastor, Rev. J. Busch, que fosse atendê-los e organizasse ali uma congregação luterana. Este fez-lhe a primeira visita em 1919. No ano de 1921 chegou a essa colônia como primeiro pastor efetivo o Rev. G.J. Becker, servindo-os até 1926 e pregando em 7 localidades. Ao lado do "machado" surigiu então a "cruz" em Cruz Machado. O rev. G. Wilde viria sucedê-lo e conseguiu fundar uma congregação de 60 famílias. Em 1930 foi dedicado ao Senhor o lar da congregação, compreendendo sala de cultos e casa pastoral. Mas as dívidas dessa construção causaram uma crise na paróquia. Quando em 1934 o Rev. Rottmann chegou àquela localidade, encontrou apenas 14 famílias com 95 almas. Parte da congregação se filiara à igreja "Gotteskasten". Com esforço ingente o pastor conseguiu vencer os obstáculos, reerguendo ali o trabalho da igreja. Construiram logo uma escola com internato que funcionou 4 anos, quando em consequência da nacionalização, teve de ser fechada.[17]
A congregação de Imbituva com mais de 1.600 almas, é uma das maiores congregações de nossa igreja. ... A congregação possue uma grande escola paroquial, um belo templo e um lar. (Dados de 1974)
A cidade de Guarupuava, no planalto cetro-sul do Estado do Paraná, a 1200 m acima do nível do mar,

foi fundada há 130 anos e tem atualmente mais de 30.000 habitantes. Nesta cidade e em Rio Bonito foram fundadas congregações pelo Rev. A. C. Gueths, de Imbituva, em 1948, passando o mesmo a atendê-las em 1951. Em 1958 foi criada nova paróquia com sede em Guarapuava, tornado-se seu pastor o Rev. Tm. Krainovonic. Fundou uma escola com internato que ele mesmo dirigia, auxiliado pela sua família. A paróquia aumentou para 120 famílias. (Dados de 1974)[18]

Norte do Paraná - Essa imensa zona de mata virgem, com terra roxa e muito fértil, própria para o cultivo do café, foi colonizada por uma companhia inglesa chamada "Companhia de Terras do Norte do Paraná". ... Nota-se, no Norte do Paraná, um progresso como talvez em nenhuma parte do país. Dentro da mata virgem, em bem poucos anos, surgiram cidades florescentes que tornaram-se sedes de novos municípios. Foi nessa zona que nossa igreja, em 1945, começou a missão. Conta já 3 paróquias: Mandaguari, Peabiru e Maringá. Com o tempo desmembraram-se as paróquias de Peabiru, Paranavaí e Maringa. A paróquia de Mandaguari abrange atualmente 9 localidades, com 350 almas. A extensa paróquia de Peabiru foi desmembrada de Mandaguari em 1954, recebendo então, como seu primero pastor, o Rev. A.J. Schelp, que a serviu em 1959. Assim como em Mandaguari, também nessa paróquia existem escolas paroquiais com sede em Peabiru e Sussuí. O Rev. R. Becker atendeu-a até 1966 e desde então era seu pastor o Rev. N. Neumann. Serve a cerca de 750 almas. Em 1961 desmembrou-se a paróquia de Paranavaí. Durante algum tempo a sede tinha sido transferida para Cidade Gaúcha. O número de almas é de quase 300. (Dados de 1974) [19]

Oeste do Parana - Com o começo da colonização do Oeste do Paraná iniciou também a migração para essa zona de pessoas procedentes especialmente do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Entre os colonos que aí fixaram residência também se encontravam muitos membros de nossa igreja. No dia 9 de maio de 1951, pela primeira vez, receberam a visita do Rev. A. Fitz, de Marcelino Ramos, que confortou os luteranos da colônia de Mal. C. Rondon com a palavra de Deus e os sacramentos. Foi em 1956 que o Rev. C.J. Steyer se tornou o primeiro pastor efetivo de Mal. C. Rondon, sede da nova paróquia. No decorrer de 10 anos se formaram desta única paróquia 7 outras: Mal. C. Rondon, Pato Bragado, Maripá, Medianeira, Cascavel,

Nova Santa Rosa e Assis Chateaubriand. A escola de Mal. Cândido Rondon, fundada em 1957, atualmente tem anexo um ginásio e uma escola normal. A escola foi regida sucessivamente pelos profs. W. Schwalenberg, W. Schueler e os irmãos E. e A. Mittelstaedt. Em 1968 o Rev. G. Figur assumiu a direção do ginásio. Desde 1965 é pastor dessa paróquia o Rev. G. Luedke. Compõe-se essa paróquia de 10 congregações, com 1800 almas. Desta paróquia separou-se em 1961 uma nova paróquia com sede em Maripá, recebendo como seu pastor o Rev. D.N. Flor. Foram fundadas escolas em Maripá, Estrada Gaúcha, Nova Santa Rosa e Assis Chateaubriand. A paróquia atualmente tem 9 congregações, com 1300 almas.[20]

Sudoeste do Paraná - Capanema recebeu seu grande impulso através da escola paroquial. Com a chegada do Prof. C.E. Raschke esta foi idealizada e a congregação recebeu sua organização. Dia 7 de fevereiro de 1961 chega a este difícil - mas promissor - trabalho o Rev. Armindo Grams e sua esposa. Nesta nova, porém extensa paróquia de Capanema, com apenas 30 famílias distribuídas em 11 localidades, o seu pastor passou muita e muita dificuldade, pois as famílias eram desprovidas de recursos; a maioria delas morava em ranchos feitos de palmitos. A Comissão Missionária, por sua vez, não dispunha de verba no orçamento, alegando que a missão no sudoeste do Paraná surgiu sem que alguém a esperasse. Ao fim do primeiro ano, 16 localidades já são servidas e o número de famílias congregadas cresceu para 126. A esposa do pastor assume a direção da escola paroquial na sede. O número de alunos cresce rapidamente e logo o prédio escolar precisa ser ampliado, para comportar 4 professoras. Em fins de 1965, satisfeitos e agradecidos a Deus pelo que puderam realizar em tão pouco tempo, o abnegado casal Grams segue ao chamado divino da paróquia de P. Lucena, RS, e o Rev. Ernesto Pahl, seu sobrinho, sucede-lhe nesta missão. O trabalho estende-se a 29 localidades.[21]

Relação dos professores da IELB no Paraná, conforme *Crônicas da Igreja* de C.H. Warth:

Formado	Nome	Local	Anos
1926	Gottfried Wuerffel	Cruz Machado	1938-42
1934	Alfredo Elicker	Cruz Machado	1937-40

1953	Walter Schwalenberg	Mal. C. Rondon	1958-63
1955	Carlos Reschke	Capanema	1959-60
1955	Heldo Nied	Cidade Gaúcha	1955-57
1955	Arnaldo Jandrey	Papagaios Novos	1955-61
1957	Waldemar Fritz	Imbituva	1957-63
1957	Eduardo Mittelstaedt	Peabiru	1957-60
		Mandaguari	1960-64
		Mal. C. Rondon	1965 ...
1958	Dionisio Scherviski	Cidade Gaúcha	1961-?
1958	Augusto Schervinski	Papagaios Novos	1962
		La. 4 Irmãos	1963-64
		A. Chateaubriand	1965-?
1959	Walter Schueler	Mal. C. Rondon	1964
1963	Paulo Becker	Sussuí	1963-64
1963	Heins Glitz	Imbituva	1963-65
1963	Antonio Mittelstaedt	Sussuí	1966
		Ma. C. Rondon	1967-69
1964	Osmar Buttow	Peabiru	1964-72
1964	Arlindo Hein	Maripá	1964
1964	Leonardo Nerling	Imbituva	1964-67
		Guarapuava	1968-70
1965	Renato Feldmann	Barra do Verê	1965
1966	Ernildo Teichmann	Barra do Verê	1966-67
1966	Otto Nerling	Estrada Gaúcha	1967
1967	Lotário Hein	Maripá	?
1967	Milano Scheidt	N. Sta. Rosa	1967
1967	Velino Sperb	Entre Rios	1967-70
1967	Nestor Steuernagel	Coronel Vivida	1967

No *Mensageiro Luterano* de março e maio de 1944 encontramos a "História do Culto Luterano no Paraná". Por ser um documento muito importante para a nossa pesquisa no momento e no futuro, nós o transcrevemos:

> No tempo do império da tzarina Catarina II, por iniciativa desta, houve uma colonização nas margens do grande rio Wolga, onde até então apenas tinham vivido e passado hordas de quirguizes e tartaros. A tzarina, de sangue germânico, desejava agricultores

alemãs naquelas paragens férteis e desertas. Dando muitas liberdades e previlégios aos imigrantes, conseguiu ela o seu intento. Não levou muito tempo e o Wolga viu nascer florescentes povoados nas suas margens. Os colonos, vivendo isolados, inteiramente entregues a seus trabalhos e ao convívio com os seus semelhantes, conservaram a sua língua, os seus costumes e as suas tradições de origem. Até possuiam entre eles tribunais próprios e administração autônoma. Eram isentos do serviço militar. Os previlégios concedidos eram, segundo a promessa imperial, eternos. Em 1877, porém, o novo tzar revogou as disposições sábias de Catarina. Quis obrigar os colonos ao serviço militar.

Naturalmente foi grande a decepção daqueles que haviam confiado em promessas russas. Vinte mil pessoas manifestaram o desejo de sair do país. Vieram-lhe então notícias do Brasil, o qual lhes foi apresentado como baluarte da liberdade.

Os colonos do Wolga enviaram uma comissão de quatro homens de confiança ao Brasil para estudarem as suas condições de vida. Regressando com as melhores informações sobre o planalto do Paraná, começou o êxodo.

O governo brasileiro mostrou boa vontade para auxiliar a esperada imigração, oferecendo o pagamento das despezas de viagem e do sustento dos colonos por um ano. Bem assim se lhes prometeu terras e sementes, ferramenta agrícola e uma casa de moradia. Esses imigrantes não queriam se embrenhar em mata virgem. Preferiram os campos do planalto porque estes lhes lembravam as campinas férteis e planas nas margens do Wolga.

Já em começo de 1877 teve lugar a saída do primeiro grupo de emigrantes. Entretanto foi uma iniciativa precipitada e sem organização, devido ao medo do serviço militar. Em março de 1877 chegaram estes foragidos do Wolga no planalto das proximidades de Lapa. No entanto já não eram muitos. Parece que o membro da comissão que os acompanhava não era apto para dirigir empreza desta natureza, tanto assim que se separou logo dos imigrantes voltando para Curitiba. Aqui apenas aguardou a chegada de sua família que veio com a segunda leva de colonos para com ela se repatriar.

O segundo transporte saiu do Wolga pelo Natal de 1877, chegando em Morretes em 2 de março de 1878. Eram 160 pessoas que seguiram para Palmeira. Aqueles que dentre eles eram evangélicos fundaram as colônias de Quero-Quero e Papagaios Novos, os que eram católicos o núcleo de Bugas.

O terceiro transporte chegou em Antonina em 4 de setembro de 1878, sendo destinado principalmente ao município de Lapa. Alguns destes imigrantes, porém, queriam ir para Palmeira onde já tinham parentes. Não lhes sendo concedido o transporte por conta do governo, desistiram de todas as demais vantagens, como seja a manutenção por um ano, e seguiram por conta própria para Palmeira. Ali foram recebidos com júbilo e levados para Papagaios Novos ou Quero-Quero. A manutenção concedida aos colonos antigos era tão abundante que dava para sustentar ainda os recém-chegados. O resto dos imigrantes, na sua quase totalidade católicos, seguiu para Lapa.

Nos anos seguintes apenas ainda houve três transportes destes agricultores do Wolga. Seguiram para Guaruna, Taquari e Moema, nas proximidades de Ponta Grossa.

Algumas famílias ficaram em Ponta Grossa, trabalhando como carroceiros e empreiteiros de transportes. Contudo parece que os primeiros colonos ficaram um tanto desapontados e que as suas cartas dirigidas aos parentes do Wolga arrefeceram o entusiasmo de emigração. Fato é que depois do sexto transporte não vieram mais colonos. Em vez das vinte mil almas esperadas só vieram quatro mil.

Os imigrantes do Wolga se disseminaram por todo o Paraná. Hoje as colônias mais importantes com população evangélica são: Quero-Quero, Papagaios Novos, Imbituva e Vieiras.

Desde 1878, isto é, desde logo depois de se estabalecerem os colonos trataram de fundar escolas particulares e casas de oração, chamando de Curitiba um pastor evangélico. Este ia de quinze em quinze dias prestar os seus serviços religiosos à comunidade em formação. Mais tarde foram nomeados para aqueles núcleos ministros evangélicos sediados.[22] Segue agora descrição mais minuciosa do culto de diferentes localidades.

Embora não tenhamos pastor em Lapa e eu ainda não conheça esta localidade, reproduzirei um trecho da história religiosa desta cidade, para obtermos um quadro mais completo do que é ou aliás foi o culto evangélico aqui no Paraná.

Lapa - todos os habitantes evangélicos desta localidade tinham muitos filhos e era seu desejo proporcionar a estes boa instrução e conservar-lhes a religião evangélica.

O primeiro impulso para a formação de uma comuna (sic) foi dado pelo médico homeopata Glueck, que

convidou o jovem e ativo pastor Quast de São Bento, para formar em Lapa uma comuna evangélica. O cura, sr. Quast, veiu e logo, com estusiasmo e dedicação começou a obra espiritual.
Foi edificada uma casa de oração como sóe acontecer, servia também de escola.
Incumbido de conseguir um professor para a escola da Lapa, o pastor Quast em viagem pastoral, encontrou-se na colônia Dona Francisca, perto de Joinvile, com o pastor David Wiedmer que viera da Suiça em agosto de 1891 como auxiliar do pastor Lange. A rodgos de Quast, o pastor Wiedmer aceitou o encargo de primeiro ministro da nova comuna de Lapa-Rio Negro, visto ser o primeiro ter muito serviço em São Bento. Com a permissão das autoridades eclesiásticas superiores, o pastor Wiedmer mudou-se para Lapa em dezembro de 1892, prestando de lá também seus serviços à comuna de Rio Negro. Solenemente instalado em Lapa pelo pastor Quast, o novo pastor assumiu, além de seus misteres eclesiásticos, o cargo de professor da escola. Seus vencimentos, pelos dois cargos, eram de 45 mil réis para suas viagens pastorais, quantia por ele empregada para alimentar sua cavalgadura. Raras vezes recebia algumas espórtulas. Mesmo assim havia quem considerasse bem pago seu trabalho espiritual com tão diminuta importância.
Durante a grande revolução de 1894, como é sabido, Lapa foi submetida a prolongo cerco e saqueada em regra. Nesta ocasião o pastor Wiedmer perdeu todos os seus haveres e só conseguiu restabelecer-se materialmente, graças ao auxílio que lhe foi prestado por almas caridosas de Rio Negro e outras localidades, principalmente de Curitiba.
A grande provação tornou conhecido o pastor Wiedmer entre os colonos russos nos Campos Gerais. Tendo vivído três anos sem cuidado espiritual, dirigiram-se estes colônos ao pastor Wiedmer que lhes prestou seus serviços desde julho de 1894.

Imbituva - A vila de Cupim, hoje cidade de Imbituva, foi fundada no ano de 1870.
Pitorescamente edificada sobre um outeiro que se assemêlha a um ninho de formiga - "cumpim", tão frequente naquela regiao recebeu o povoado o nome de Cupim. Se nome, agora oficial, Imbituva, provém do rio Imbituva que corre perto do lugar.
A vila era pequena e conservou-se assim até há poucos anos.
Ultimamente tem havido algum crescimento.

Em novembro de 1877 chegaram a Vila Cupim, os primeiros imigrantes do Wolga, vindos de Taquary, Quarauna e Quero-Quero. As primeiras famílias chegadas prepararam a vinda das próximas, adquirindo terras para suas plantações. Desta forma os colonos se estabeleceram junto ao caminho que posteriormente ligaria Cumpim a Guarapuáva ao longo do rio Imbituva, na direção de Ponta Grossa. Compunha-se o povoado de cerca de 57 famílias. Após nove anos de labor persistente construiram estas famílias, de comum acôrdo, uma casa singela, seu primeiro templo. Aos poucos novas famílias foram se juntando ao povoado.

Havendo se formado uma comuna evangélica, o pastor Johann Dehmler de Joinvile prestou-lhe, como primeiro, assitência espiritual. Chegou em 1895 a Imbituva, onde inaugurou o templo e a escola, esta composta de 34 alunos. No mesmo ano foi construída uma casa de alvenaria para moradia do pastor. Eram, então, 35 os membros da comuna, todos eles pais de família.

Após dez anos de bons serviços, o pastor Dehmler deixou a comuna ficando em seu lugar, desde 25 de junho de 1905, o pastor Johannes Knoerr, que em 1928 ainda ocupava seu posto. Em 1914 foi lançada pedra fundamental da nova igreja, que foi inaugurada a 28 de outubro de 1917. E' digno de nota que esta igreja, de construção sólida, custou apenas 18 mil cruzeiros, graças ao concurso voluntário dos colonos. O antigo prédio de cultos passou então a servir de escola. Além do pastor contava a comuna com vários professores auxiliares na escola. Posteriormente o pastor viu-se privado de seus auxiliares, dirigindo sozinho a escola.

Novos imigrantes chegaram a Imbituva, mas ao mesmo tempo teve início o êxodo de muitos jovens que se dirigiam mais para o interior do país.

Imbituva seguiu os passos das outras colônias paranaenses. Desenvolvendo-se a cultura da herva-mate, todos os que dispunham de meios, compravam hervais, indo muitos se estabelecer até bem longe de Guarapuáva, em Rio Turvo, Bom Jardim outros pontos.

Em 1928 contava a comuna 169 membros. Mais tarde recebeu ela os serviços do pastor Bachimont. Tendo este, no entanto, que deixar a localidade, viu-se a comunidade novamente abandonada, sem pastor.

Esta situação permaneceu por oito meses, quando então resolveu filiar-se ao Sinodo Evangélico Luterano do Brasil, do qual já solicitou assistência

espiritual.[22]

Até aqui, foi possível perceber que o início da história da IECLB e da IELB no Brasil aconteceu com muitos pontos comuns na origem de ambas.

Martin N. Dreher também menciona os trabalhos da IELB quando escreve sobre *A História da IECLB*:

> O envio de pastores por parte do Sínodo de Missouri, nos Estados Unidos da América do Norte, levou à formação, em 1990, de uma quinta organização eclesiástica, que no entanto seguiria caminhos próprios e que hoje leva o nome de Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Apesar das divergências doutrinárias, tanto da IECLB quanto IELB têm em comum o mesmo povo de imigrantes de seus descendentes, o que permite, muitas vezes, que se pertença ora a uma ora a outra igreja.[23]

Atualmente, as igrejas luteranas em questão, publicam literaturas em conjunto. Como é o caso das obras de Lutero e o devocionário Castelo Forte. Este último consta de devoções diárias para a família, sendo a publicação mais vendida pelas editoras luteranas.

No entanto, aqui neste título, conseguimos apenas reunir algumas citações bibliográficas e documentos. Esta pesquisa, de interesse geral da IECLB e da IELB, certamente será melhor desenvolvida futuramente, como é no caso, especificamente o da história no Estado do Paraná.

Anexo C
Apontamentos para o Histórico do Colégio Martinus - Curitiba

1.1 Histórico

Trabalho realizado por uma equipe do Martinus e está baseado na bibliografia: 1. Dissertação de Mestrado - A origem dos noivos nos registros de casamentos da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba 1870-1969, Sergio Odilon Nadalin, Curitiba, 09/1974. 2. Os alemães nos Estados do Paraná e de Santa Catarina. Em comemoração ao centenário de sua entrada nos Estados do Sul do Brasil 1829-1929, Alfredo Heisler, Curitiba, janeiro 1931. 3. A Comunidade Evangélica de Curitiba, Roberto Jorge Schmidt, São Leopoldo, julho 1980. 4. Documentos do Colégio. 5. Memórias verbais de pessoas que aqui trabalham.

1866 - Surgiu uma Gemeinde Schule fundada pelo Pastor Johan Friedrich Gaertner, no atual terreno do Colégio Martinus, a mantenedora foi a Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba. Não foi possível descobrir o local do funcionamento da escola.
1873 - Foi inaugurada a casa pastoral - onde o Pastor e sua família tinha sua moradia na parte inferior e a superior servia de sala para 43 alunos.
1876 - Já havia quatro classes - Alguns dizem que funcionava na Igreja, ficou em aberto pois a igreja foi inaugurada somente em 1881.
1881 - Inaugurado o primeiro Templo Luterano, na Rua Carlos Cavalcanti esquina com Rua América.
1884 - A escola da comunidade (Gemeinde Schule) foi transformada em Sociedade Escolar, com a denominação de "Escola Alemã", funcionando no terreno onde hoje é a Praça 19 de Dezembro.
1885 - A torre da Igreja foi demolida, pois estava oferecendo perigo.
1892 - A Igreja foi demolida. Os cultos foram realizados no Barracão cedido pelo Sr. Bosselt.
1893 - A nova Igreja foi construída e o terreno todo cercado.
1898 - Motivadas pela divergência de opinião dentro da comunidade, onde uns opinavam que o Pastor deveria cuidar só da parte espiritual e outros opinavam que o Pastor deveria atender os trabalhos

escolares e comunitários. O Pastor Schultze constatou que com a retirada do ensino religioso do currículo escolar, houve uma regressão dos alunos do ensino confirmatório e acabou culminando numa cisão da comunidade.
1900 - Aconteceu a cisão da comunidade perdurando até 1940. Sempre houve tentativas de fusão, sem grande sucesso.
1913 - Em 1913 foi construída a Igrejinha da Inácio Lustosa: "Kleine Kirche".
1915 - Reinicia novas atividades da Escola, com o Jardim de Infância (foi o primeiro jardim de infância alemão) na Igreja Luterana da Inácio Lustosa, hoje transformada em patrimônio histórico.
1917 - A Escola Alemã passou a chamar-se "Escola Progresso".
1928 - No terreno atual do Colégio Martinus, a comunidade fez funcionar mais um Jardim de Infância, cujas atividades foram paralisadas durante o início da I Guerra Mundial.
1933 - O Colégio Progresso (Escola Alemã) obteve a autorização oficial para o funcionamento do curso ginasial. Foi a primeira escola de origem alemã a obter tal autorização.
1938 - Pastor Soboll está presente na história da CELC, foi o incentivador e propulsor de um Colégio Luterano e lutou pela fusão das duas comunidades. Não temos maiores detalhes, por falta de documentação.
1939 - O Jardim foi fechado não somente devido a II Guerra Mundial, mas por também estar fora da lei com a documentação.
1940 - Reinicia as atividades de Jardim de Infância no atual pátio Martinus, sob iniciativa do Pastor Soboll e mantido pela Sociedade de Senhoras de Curitiba.
1942 - Acontece a tão esperada fusão das comunidades.
1943 - A Sociedade do Colégio Progresso dissolveu-se porque Getúlio Vargas rompeu as relações diplomáticas com os países do eixo alemão, sendo que os alemães passaram a ser hostiliizados e seus bens confiscados. Os bens da Sociedade do Colégio Progresso passaram para o patrimônio da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná, o qual a manteve até 1949.
1948 - Ampliou-se as atividades escolares, criando-se a primeira e segunda séries do curso primário com a denominação de Escola Evangélica de Curitiba, funcionando na Igreja, sendo que os bancos desta foram adaptados para atividades escolares.
1952 - Já inaugurado o Centro Luterano, no qual

foram adaptadas salas para o funcionamento do "Ginásio Martinus" o qual foi oficializado em 1953.
1955 - Houve uma tramitação do Pastor Soboll junto ao governador do Estado, Sr. Moysés Lupyon, tentando conseguir indenização pelo confisco da Escola Progresso, na praça 19 e dos 13 lotes no atual Hospital das Clínicas, onde iria acontecer as ampliações da Escola Progresso. Foi prometido um terreno no Km 12 da estrada de Paranaguá. Pelo visto ficou em promessas. Dr. Guilherme A. Blizkow encarregado de lidar ou substituir Pastor Soboll nos problemas a serem tratados nos poderes públicos.
1964 - Ocorreu a demolição da antiga Casa Paroquial para que pudesse prosseguir a construção dos quatro pavimentos do prédio principal.
1965 - Com a implantação do curso científico, houve fusão dos nomes: Escola Evangélica de Curitiba e o Ginásio Martinus para "Colégio Martinus".
1965 - A CELC tinha nessa ocasião duas kombis para transporte escolar; foi vendido para o Sr. Uhlmann.
1968 - Inauguração do prédio central do Colégio. Implantação do Curso Normal (Magistério).
1969 - Houve expansão das atividades educacionais; foi criada a Escola Normal Martinus, reconhecida em 17/08/71 pelo decreto número 662.
O objetivo principal: formar professoras para o Colégio.
Este curso foi ampliado, visto que eram poucas as normalistas que realmente ingressavam no magistério propriamente dito. E a Escola Normal, com formação para o lar, ficou da seguinte forma:
a) formar integralmente, a saber, moral, intelectual e fisicamente a jovem;
b) qualificar aprofundadamente através de uma ampla cultura geral e intensa habilitação manual, profissional para o exercício do magistério primário;
c) favorecer a correlação entre os níveis de ensino médio e superior, permitindo à normalista uma natural integração na escola de nível universitário;
d) formar a jovem para a vida do lar.
O curso era de quatro anos.
1969 - Abre-se uma sala de alunos excepcionais. Por falta de condições, foi paralisada essa atividade.
Foram as seguintes pessoas que trabalharam na direção do colégio.
Clara Kaehler -Adelaide Rudolph - Sophia Lange
Leonidas Boutin
Henrique Goltz
Georg Alfred Basedow

Edy Giffhorn
Ronald Becker
Antonio José Sandmann
Matthias Bungart
Leon Wlasenko
Cora de Bruns Vogt
Pastor Jairo de Oliveira
Importante lembrar que o colégio de 1940 até o ano de 1961 tinha o Pastor Soboll à frente de todas as atividades; após a sua aposentadoria e saída de Curitiba, ficou ao encargo dos pastores da CELC.
Foi um tempo em que os pastores estavam presentes, mas não na liderança da direção; somente a partir de 1979 voltou a ter um pastor ativo junto à direção.[1]

Acrescentamos o documento publicado pela IECLB em junho de 1953, por incluir dados do Colégio Progresso e do Hospital de Clínicas nos relatos sobre o Colégio Martinus:

As atividades escolares da Comunidade Evangélica de Curitiba foram iniciadas em 1866 pelo Pastor Johann Friedrich Gaertner, ao criar a "Gemeindeschule" (Escola da Comunidade), mantida pela Comunidade Evangélica de Curitiba e que funcionava nas dependências superiores da casa pastoral.
Em 1884, esta escola foi transformada em uma sociedade escolar, a Escola Alemã, que continuou a ser mantida pela comunidade até 1898, passando posteriormente, em 1917, a chamar-se Colégio Progresso. Esta sociedade adquiriu terreno onde hoje se encontra o obelisco comemorativo do centenário da emancipação política do Paraná, tendo sido construído lá, nos anos de 1891 e 1892, o prédio que foi demolido em 1941.
A capacidade dessa escola seria, no futuro, insuficiente, tendo por isso sido adquirido em 1927 um conjunto de 13 lotes no local onde funciona hoje o Hospital de Clínicas.
Em 1933, foi autorizado o funcionamento do curso ginasial do Colégio Progresso, primeira escola alemã no Brasil que conseguiu tal autorizão.
Não podendo mais manter-se econômicamente, dissolveu-se a Sociedade Colégio Progresso e todo o patrimônio foi entregue à Faculdade de Medicina do Paraná, em 1943, que o manteve em funcionamento até 1949.
Em 1914 tiveram reinício as atividades escolares da Comunidade com o funcionamento de um Jardim de

Infância na igreja da rua Inácio Lustosa, o qual, em 1953, passou à jurisdição da Escola Evangélica de Curitiba. Nos terrenos do atual Colégio Martinus também se reiniciaram as atividades de um Jardim de Infância em 1928, o qual, porém, cessou suas atividades durante a II Guerra Mundial.

Um segundo reinício do Jardim de Infância deu-se em agôsto de 1940, com a denominação de Jardim Evangélico. Esta iniciativa deve-se ao Pastor Heinz Soboll, o qual também foi o idealizador dos novos cursos que vieram a concretizar-se no atual Colégio Martinus.

Em 1948, iniciaram-se as atividades do atual curso primário com a denominação de Escola Evangélica de Curitiba, ficando o Jardim Evangélico sob a jurisdição da mesma. Em abril de 1953, foi autorizado o funcionamento do Ginásio Martinus, que exercia suas atividades nas dependências do Centro Luterano.

Em 1965, com o início do curso colegial, formou-se o Colégio Martinus, que absorveu a Escola Evangélica de Curitiba, a qual se anexou ao curso primário do mesmo Colégio.

A construção prédio escolar do Colégio Martinus foi iniciada em 1957, parando logo após por falta de numerário. Tentou-se conseguir fundos através de uma indenização do patrimônio perdido com a transferência para a Faculdade de Medicina, esforços até o momento infrutíferos. Um reinício foi feito em 1960, sendo concluídas duas salas de aula. Por fim, um segundo reinício, em 1963, permitiu o término das obras em 1965, com a substancial ajuda da Evangelische Zentralstelle Fur Entwicklungshilfe (Órgão central Evangélico de Ajuda para Desenvolvimento) estando programada para breve a inauguração oficial do prédio.

O Colégio Martinus mantém Jardim de Infância, pré-Primário, Primário, Ginásio e Colégio, êste com duas orientações, Ciências Matemáticas e Ciencias Biológicas. O curso primário tem 303 alunos e o secundário, 327, funcionando ambos em regime de externato misto. Como atividades extracurriculares destacam-se o esporte e o coral, sendo que para o ano está previsto o funcionamento de uma escola de música com a aprendizagem de vários instrumentos musicais.

O currículo está relacionado em página separada, sendo as seguintes as práticas educativas: Religião, Artes Aplicadas, Educação Física e Canto.

Está em cogitação, por parte da Comunidade Evangé-

> lica de Curitiba, ampliar futuramente os seus cursos com a criação de um curso normal e mais tarde com alguns cursos técnicos de nível colegial.[2]

Outras considerações sobre o histórico, achamos importante acrescentar:

> Sei de vários depoimentos (não cita nomes) no sentido de ressentimento pela perda do Colégio Progresso para a Universidade do Paraná. Motivados pela perseguição aos alemães durante a II Guerra Mundial - fizeram com que o Colégio Progresso desaparecesse e perdessemos todos os terrenos que nossos ancestrais haviam adquirido. O Centro Luterano foi concluído por meio de doações e festas comunitárias.[3]

No texto *Um episódio da velha Curitiba*, há uma descrição sucinta do trabalho de irmãs vindas da Alemanha. Dona Elizabeth Frank, esposa de pastor, conta a disputa eentre a Ordem da Divina Providência e a "Frauenhilfe" (Sociedade Beneficiente de Senhoras da IECLB) sobre a fundação do primeiro jardim de infância alemão em Curitiba. Relata as publicações do "Kompass" (católico) e do "Beobachter" (luterano).[4]

Sobre o Pastor Soboll, incluímos:

> Todo trabalho realizado no Colégio Martinus até o ano de 1960 esteve relacionado com enormes dificuldades de toda ordem, especialmente financeiras.
> Como progenitor, pastor, pedagogo, pintor, músico e poeta, na diversidade de sua capacidade, na energia e no empenho, na fidelidade ao trabalho que lhe era confiado, na alegria, humildade e fé com que exercia suas atividades, a figura do Pastor Heinz Soboll será sempre lembrada pelas pessoas que com ele trabalharam, lutaram e conviveram."

Em destaque, as palavras do Pastor Heinz Soboll:

> Já no início do século XVI, Martin Luther exigiu a instrução primária para todas as crianças. Junto aos governantes dos países evangélicos propugnou

> pela formação de professores e pela construção de escolas.
> Antes mesmo de constituir-se a Comuna Evangélica de Curutiba e com base naquela tradição, as famílias evangélicas desta cidade abriram uma escola. Não demorou, e ela se desenvolveu, sendo reconhecida, no final do século passado, como uma das melhores escolas do Estado do Paraná. Transformou-se no Colégio Progresso, o qual existiu até a II Guerra Mundial.
> No após-guerra sentiu-se novamente a falta de uma escola evangélica. Os estabelecimentos de ensino existentes não proviam lugar para todos os alunos. Além disso, nossas famílias não queriam apenas a instrução para os seus filhos, mas também a formação de pessoas de caráter.
> A existência de duas classes de Jardim de Infância animou a convocação de um primeiro ano de curso primário. Foi a hora em que professores da própria comunidade colaboraram com a melhor boa vontade.
> Com a nova escola, os alunos receberam, desde o início, juntamente com o ensino curricular, instrução religiosa; abriu-se aos professoores evangélicos uma possibilidade de trabalhar para o bem da Comuna, desenvolveu-se uma pedagogia apropriada para o melhor aproveitamento dos alunos e criou-se uma escola que não servia só aos nossos, mas também aos interesses de outras comunidades evangélicas de Curitiba.
> O lema que nos guiou desde o início foi o seguinte: queremos o melhor para os nossos alunos. Para tanto, a nossa obrigação deve ser: grande dedicação e prontidão no serviço. Esta será a forma de contribuir para o desenvolvimento de nosso País.
> E Deus abençoe o que começou humilde e fraco, para que também pelo trabalho da nossa escola seja glorificado Seu nome.[5]

A Professora Sophia Lange, nascida em Curitiba, Pr, em 30 de abril de 1929, filha de Reinaldo Lange e Sophia Lange. Licenciada em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, iniciou suas atividades didáticas no Colégio Martinus em 1948, em 1959 foi indicada para a Direção do Ginásio Martinus, permanecendo um ano na função. Durante o período de 1969 a 1979, exerceu o cargo de Diretora do Curso Primário do Colégio Martinus, falecendo em 25 de julho de 1979 em plena atividade educacional, "onde com bondade e firmeza guiou os jovens na preparação da própria

vida, pelos caminhos que levam ao saber que constrói e à fé que ilumina".

> O ambiente educativo de uma escola é como a chama de lareira: necessita de ser constantemente reorganizado, alimentado pelo sopro sempre renovado de ideais levantados. O agente principal dessa organização incessante é o professor, seja ele professor de matéria, seja ele o Orientador. Sua ação deve transbordar da sala de aula para a família, para as atividades extra-classe, para a comunidade. Sua presença se impõem hoje no campo dos lazeres como nos bastidores das técnicas do progresso. Em toda parte, sua missão é ensinar ideal. Seu método? E' despertar as almas para a mística da vida.
> Assim é a família Martinus.[6]

Na ficha do estabelecimento Ginásio Martinus, expedida pelo Ministério da Educação e Saúde, consta: 1950 - População da cidade - 182.000 habitantes. Estabelecimentos de ensino secundário fiscalizados na localidade - 18.

Nos regimentos internos do Colégio Martinus, desde 1963 até 1987 (último consultado) permanece como o "Dia do Colégio" a data de 31 de outubro, por ser o dia da Reforma Luterana.

No plano de implantação da 5692/71 consta "uma descrição sucinta da comunidade a que o estabelecimento serve". Dentre os dados relatados, escolhemos estes: 47% dos pais têm formação superior, a maioria das famílias é de classe média alta, a preferência para os filhos nos estudos de ensino superior é tecnológica (engenharia) e biológica (medicina). São protestantes 60% dos pais e com características da antiga comunidade alemã. Muitos procuram o colégio por questões de ordem religiosa.

Em Entrevistas concedidas temos:

> O nível de ensino no Martinus, na verdade não faz concorrência com os modelos escola/empresa do contexto de Curitiba. A mensalidade é em torno de 60% do que as escolas da elite Curitibana paga em outras escolas.
> Na verdade, a clientela é de alunos de pais assalariados. E' típico os empregados em nossa escola e os patrões, chefões nas escolas de "elite" mesmo.

> Para o futuro pretende-se criar outras sub-unidades, núcleos descentralizados de escolas ligadas à sede" (Como é o caso da extensão de uma unidade do Martinus no bairro do Portão).

1.2 Filosofia

No ano de 1953, consta no histórico do Ginásio, encaminhado junto ao pedido de autorização do mesmo ao MEC, o seguinte:

> Quanto à escola primária primitiva, fundada em 1860 - teve grande importância naquela época em que o Paraná tinha reduzido número de escolas.
> Pessoas hoje (1953) de projeção política, industrial e comercial em Curitiba tiveram sua passagem por essa primitiva escola.
> A finalidade da escola primária e secundária, bem como do Jardim de Infância, é instruir e educar a juventude e a infância para a vida, dentro dos moldes evangélicos.
> Todo e qualquer lucro deverá ser aplicado em bolsas de estudo para alunos pobres."

A professora Adelaide Rudolph, Diretoria entre 1966 e 1968 e há 29 anos professora no Instituto Goethe diz que o objetivo principal (1954) era a formação integral da criança, dentro de uma filosofia baseada na fé evangélica. A base do trabalho era o amor e a compreensão da criança. O que diferenciava o Colégio de outros era a seleção por maturidade e não por inteligência, ao dividir os alunos por classes de alfabetização e a grande preocupação foi em contratar bons professores evangélicos, devido à filosofia evangélica.

"O golpe de 1964 não trouxe restrições pedagógicas. Sentimos muita liberdade para seguir nossa linha de ação".[7]

No *Regimento Interno* do Ginásio, em 1963 no artigo 1o, diz: "O Ginásio Martinus ... tem por fim ministrar o ensino secundário dentro do plano geral estabelecido pelo MEC, suas leis e regulamentos e dos princípios evangélicos".

Em 1965, no *Regimento Interno*: O Colégio tem por fim ministrar o ensino primário e secundário, dentro dos princípios evangélicos e da legislação vigente.

Em 1969, o regimento permanece o mesmo e acrescenta o normal colegial.

Em 1975, no *Regimento Escolar*, artigo 2o: o Colégio tem por finalidade proporcionar a formação integral de primeiro e segundo graus, dentro dos princípios evangélicos e da legislação vigente.

Artigo 3o: O ensino religioso é parte integrante das atividades do estabelecimento e será de responsabilidade dos pastores da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba.

Artigo 5o (cita o parágrafo do artigo 1o da 5692/71).

Artigo 6o: são os objetivos do Colégio:

a) formação integral;

e) experiências e progressos científicos;

f) desenvolver o espírito crítico;

g) vida conforme verdades evangélicas.

No plano de implantação da Lei 5692/71, encontramos anexados os seguintes princípios filosóficos:

> O espírito de toda educação é a educação do espírito.
> Hoje, quando falamos em educação, pensa-se logo como desenvolver no jovem um novo e adequado sentido de autoridade e responsabilidade, um imaginativo e racional espírito de iniciativa e de empreendimento e as qualidades de estabilidade interna e inteligência criativa e reflexiva, que lhe permitirão enfrentar conscientemente as crescentes consequências da transformação tecnológica.
> Foi preciso parar para uma tomada de consciência da realidade que nos cerca e a verdade é que a educação precisa se humanizar. Precisa voltar-se decididamente para o homem, dando-lhe uma educação integral.
> O autêntico valor do homem é a valorização integral da pessoa humana, tanto em *extensão* abrangendo a soma total dos valores humanos, quanto em *compreensão*, abarcando a profundidade de todos e de cada um de seus valores. O valor do homem ordena-se sempre para a verdade - Deus.
> Quando o nosso jovem for capaz de:
> - adquirir novos modos de agir, segundo ditames de uma sã filosofia;
> - transformar-se naquele homem que tem aptidões para ser;
> - reconstituir e reorganizar experiências;

- angustiar-se e partir em busca da verdade, do absoluto;
- querer ser mais para melhor servir;
- dirigir seus atos por meio de opções livres ... então sabemos que ele atingiu, não somente a perfeição biológica, bens vitais, mas que atingiu também a plenitude ou perfeição do espírito que se abre para:
- a verdade - realidade que se manifesta como tal;
- a bondade - amor que se torna alegria;
- o valor - o próprio ser sob o aspecto do bem;
- a beleza - brilho da *bondade* e *verdade;*
- o sagrado - olhar as coisas e as pessoas sob o aspecto do sagrado é o *auge da sabedoria;*
- a felicidade - que é o descanso na perfeição do ser.

Trata-se de uma coordenação harmônica das potências do homem no esforço para a realização de suas potencialidades espirituais mais profundas, a favor do outro, de si mesmo, da sociedade, da nação e do mundo todo.
"Quem se eleva, eleva o mundo".

Também no plano constam os seguintes **Princípios Religiosos:**

Quando o homem, através da Ciência e Técnica, faz progredir o mundo, está cumprindo a missão que Deus lhe confiou ao ser criado: dominar o mundo e ser seu senhor.
O que permite movimentar uma roda é a unidade de seus raios ligados a um ponto central, o eixo.
Toda pessoa humana, necessariamente, precisa de um ponto de apoio para equilibrar o seu Ser e a sua maneira de ser. Cristo é este ponto de apoio, o eixo, donde os raios buscam a consistência e força. Quanto mais os raios nele mergulham tanto mais fortes e resistentes se tornam.
Na origem desta nossa reflexão está a constatação de um certo fracasso: o conteúdo inteligível da fé de muitos cristãos é pobre e, por vezes, até deformado. Numerosos indícios nos levam a crer que a iniciação religiosa, feita durante a infância, não conseguiu sempre ser bem sucedida, e é na infância que devemos procurar as causas das dificuldades posteriores.
Por isso, partindo de algumas verdades centrais de nossa fé e dos engajamentos fundamentais da vida

cristã, refletiremos sobre o seguinte:

a) Qual deveria ser o ponto de partida da iniciação religiosa da criança?

b) Que apresentação, que afirmação, que comportamento poderá ajudar a criança numa primeira tomada de consciência ou num primeiro engajamento rico e promissor para todo um futuro de reflexão, de meditação, de oração e de ação?

"Antes de tudo, devemos fazê-la *participar de uma vida*. Devemos fazê-la *entrar em contato com pessoas e coisas*.

"Graças a estes contatos e às relações que ela for criando no interior de seu pequeno mundo familiar e escolar com seus pais e educadores, a criança fará, indiretamente, a aprendizagem do relacionamento com Deus. Em outras palavras: as perscpectivas religiosas se revelarão se o ambiente em que a criança viver não é apenas sadiamente humano, mas também piedoso, isto é se ela apredenr a ver, gradativamente e em todos os dias de sua vida, os homens, o mundo e as coisas como criaturas e reflexo de Deus. Isto a tornará capaz de descobrir cada dia novos valores em tudo e em todos.

O mundo do trabalho, do estudo, da técnica, das ciências, das relações sócio-econômicas e políticas, da vida familiar, o mundo dos divertimentos e das recreações, numa palavra, todos os setores da vida humana devem ser iluminados pelo evangelho de Cristo.

Não existem caminhos traçados. Cada um deverá abrir os seus próprios caminhos. Eis a grande aventura a que Cristo chama cada homem.

Obrigado, Senhor, porque, ao encontrar-te, me encontrei a mim mesmo, redescobri o mundo e as coisas, e encontrei meus irmãos: a grande família que, ao longo dos séculos, vai construindo a história; não a pequena história do egoísmo dos homens, da guerra e opressões, mas a tua história, em que as flores têm valor e o coração do homem pode acreditar no amor.

Anexo ao Plano de Implantação, anteriormente citado, também faz referência ao **Diagnóstico de Formação Religiosa**:

Julgamos necessária a inclusão do programa de ensino cristão tendo em vista:

- que o Brasil é um país tradicionalmente cristão;
- que é importante um bom conhecimento das bases da fé cristã e da mensagem do amor, perdão e

salvação de que os cristãos são imbuidos;
- que a Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba é a entidade mantedora do Colégio Martinus e ter esse Colégio orientação cristã-evangélica.

Como objetivos gerais do curso de Educação cristã, estão mencionados:

- proporcionar uma compreensão da importância da mensagem contida na Bíblia;
- incentivar o aluno a ouvir e responder a essa mensagem, vivendo responsavelmente;
- levar os alunos a compreender que o cristianismo é uma maneira de viver e não uma religião;

Na elaboração do currículo, foi observado:

- que o aluno venha a receber uma visão global do conteúdo bíblico;
- que a matéria seja apresentada de acordo com a capacidade de absorção do aluno;
- que, na medida do possível, a matéria seja relacionada ao conjunto de conhecimentos vinculados pelas outras áreas.

Seguem, então, os planos de ensino, inclusive os de ensino religioso.

Em 1985, anexo ao pedido de prorrogação da autorização do ensino pré-escolar, temos a **Avaliação do Pré-escolar**:

"Educação Cristã não é uma matéria como as demais, pois tem por principla finalidade levar o educando a viver uma vida de fé dentro de seu ambiente tendo em vista a sua comunidade cristã de origem e não apenas missão de conteúdo. Desta maneira, não é possível realizar uma avaliação em termos de nota ou conceito. E' necessário se levar em conta todo o desenvolvimento do educando, procurando compreendê-lo em seu procedimento em todas as situações e matérias. E' a vida que avaliará se o educando foi atingido pela mensagem e se esta mensagem é vivida. O professor também deverá constantemente se auto-avaliar, examinando sua vida para ver se seu testemunho está sendo autêntico e se a mensagem está atingindo seus educandos, disto dependerá toda a avaliação. No entanto, para constas no currículo, o professor poderá dar

> conceito ou nota, tendo observado o exposto e verificado atentamente o envolvimento, interesse e mudança de vida ocorrida no educando, partindo da mensagem e testemunho comunicados.

Em 1987, o então diretor, pastor Jairo de Oliveira, escreve sobre o **objetivo do Colégio Martinus**. Sintetizando, temos: as escolas evangélicas sempre se caracterizam como algo especial no mundo da educação. Algo especial porque a pessoa que passou pela escola evangélica normalmente pode ser reconhecida pela sua maneira de vida e em seu agir. Assim parece que de certa forma a escola evangélica, pelo menos no passado, cumpriu sua função, a de dar uma marca especial a pessoa que por ela passou. Em 1986, o Departamento de Educação da IECLB colocou como objetivo básico para todas as escolas evangélicas o lema: "O desenvolvimento do senso crítico, da criatividade e da integridade da pessoa, na dimensão da vocação para servir". O que significa isso? Desenvolvimento do senso crítico - espera-se que o aluno aprenda a pensar, a avaliar e a dar opinião (sugestão), portanto o aluno que tem "senso crítico" não é aquele que reclama de tudo e critica tudo (principalmente aquilo que tira sua comodidade), mas ter senso crítico é saber avaliar o que é certo ou errado e dar uma opinião e lutar que o certo aconteça. Pelo exposto fica claro que o objetivo primeiro é o **aluno**. E' evidente que nenhuma escola pode existir sem a **família** deve ser integrada o mais possível à escola, participando de eventos festivos, comemorações e programações, além do acompanhamento de todo o aprendizado da criança. Sem esta participação da família a escola fica capenga e anda numa perna só, pois a escola não é o lugar onde se educa, mas um dos lugares. O primeiro e verdadeiro lugar da educação é a família. - Curitiba, 04 de setembro de 1987.[8]

Em 1987, no **Regimento Escolar** do Colégio, no Preâmbulo, consta:

> O Colégio Martinus é um departamento da Comunidade

> Evangélica Luterana de Curitiba e foi criado com o principal objetivo de atender aos filhos das famílias desta comunidade sem a finalidade de lucro. Com o passar do tempo foi mudando, devido à grande e constante procura de pais por uma Educação mais abrangente que, além do ensino técnico, se preocupa também com a formação integral do jovem, mas mantendo suas características de escola comunitária sem fins lucrativos. O Colégio não visa nenhum proselitismo religioso, mas esforça-se por uma formação integral e cristã, sem esquecer a formação técnica-acadêmica.

Igualmente, neste regimento, no artigo 2o: "E' objetivo geral do Colégio Martinus, o desenvolvimento integral da pessoa em suas dimensões psico-física, afetiva e intelectual, moral e religiosa à luz do Evangelho e das orientações da IECLB". E no artigo 3o, os objetivos específicos:

I - Constituir uma verdadeira comunidade educativa cristã.

II - Assumir uma visão cristã do homem, da vida, do mundo e da educação, dentro de uma unidade e coerência interna de opção luterana, nas relações pessoais e nas atividades educativas.

III - Explicitar Jesus Cristo Libertador e os valores evangélicos, sobretudo a filiação divina e a fraternidade na justiça libertadora.

IV - Atuar, a partir do meio social em que se encontra inserido, no sentido de transformar cristãmente este mesmo meio, na ética da justiça libertadora.

V - Criar e dinamizar internamente mediações de participação para se chegar à comunhão que liberta e leva a libertar numa experiência piloto de "civilização do amor".

Secção IV - Do Pastorado do Conselho Martinus:

Artigo 14: O Pastorado do Colégio Martinus será suprido por um pastor(a) da CELC e regido de acordo com as mesmas normas vigentes para um pastorado na IECLB.

Artigo 20: O Serviço de Orientação Espiritual será exercido pelo Pastor do Colégio e pelos professores de Ensino Religioso.

Artigo 21: Cabe ao Serviço de Orientação Espiritual:

I. Organizar critérios válidos para todas as atividades

civico-religiosas do estabelecimento.

II. Organizar momentos de oração e culto para todos os níveis do corpo discente, docente e pessoal administrativo.

III. Manter aulas e promoções extracurriculares que realcem respeito ao ser humano e o amor a Deus.

IV. Ajudar na orientação de casos de disciplina.

V. Orientar os conteúdos de fé cristã, cultura religiosa e doutrina religiosa.

VI. Sensibilizar pais e professores com respeito ao programa de Educação Religiosa no estabelecimento.

VII. Programar os eventos comemorativos do ano Eclesiástico e civis, tais como: Advento, Natal, Páscoa, Ascensão, Reforma, dia das mães, dia das crianças, dia dos pais, etc.

Artigo 28, item X: Ao orientador educacional cabe manter entrosamento com o Serviço Pedagógico, Espiritual e Médica, visando a colaboração mútua.

Quanto a filosofia, nos dias de hoje, temos Entrevistas a nós concedidas: "A escola evangélica só justifica sua existência enquanto ela oferecer algo a mais que as outras escolas. Se realmente a escola pode ser diferente, deve ser melhor e oferecer qualidade primordial na questão ética."

A escola empresa se preocupa somente com o vestibular. "Nós queremos nos preocupar com a formação enquanto o aluno é aluno. E' claro que também nos preocupamos com o vestibular. Mas a desistência na terceira série é muito grande, os alunos vão cursar o famoso "terceirão" das escolas-empresa."

"O colégio não tem sido missionário para a comunidade, devido a própria burocracia da comunidade. Não há interação entre o colégio e a comunidade."

"Dificulta-se o ingresso de novos membros, a comunidade é muito fechada. Isto poderia ser bem diferente."

"A imigração viu na igreja a possibilidade de criar escolas que não havia no início (havia 60 escolas no Paraná, todas desapareceram) (incentiva-se pesquisas neste sentido)."

"Hoje existe um conflito muito grande em relação à escola comunitária (devido "elite"). Em Genebra, por exemplo, são capazes de "jogar no lixo" projetos de escolas evangélicas,

por serem consideradas de elite."

"A escola não é vista como agente de transformação social. A linha socio-política que se preocupa com os pobres é contra a manutenção das escolas evangélicas de "elite". A própria Confederação Luterana Mundial manda dinheiro para financiar sindicatos, PT e outros que sensibilizam com projetos para com os pobres. Por exemplo: "os sem terra", e não aceitam projetos escolares (de elite)."

"Educando os ricos é possível uma transformação social. A Igreja é tanto dos ricos quanto dos pobres."

"A própria Igreja não sabe como se posicionar (entre ricos e pobres ...). "Se ainda existem escolas evangélicas é porque Lutero as defendeu. Hoje tenta-se estruturar de outras formas, o próprios 'comunistas' com idéias de 20 anos atrás estão repensando estas questões 'marxistas'".

Como se percebe, o Colégio continua defendendo o cunho evangélico-cristão da educação, mas busca alternativas para continuar sobrevivendo, frente a tantas indefinições por parte do Estado e da Igreja.

1.3 Da Manutenção

Em 1960, o Estatuto da Comuna, artigo 10 diz que "para a manutenção da Comuna, os membros contribuirão com determinada contribuição, cujo mínimo será fixado pela Diretoria.

De 1954 a 1968, o Colégio apresentava, como maior dificuldade, a falta de recursos financeiros, que se agravou cada vez mais. Isto foi um dos motivos de não conseguir levar avante o seu trabalho, Também a falta de apoio da Comunidade Evangélica de Curitiba (que respondia pelo Colégio).

Em 1987, no Regimento Escolar, artigo 7o, item V, lê-se: "ao Conselho do Colégio cabe conceder gratuidade e redução de anuidade, quando comprovado estado de absoluta carência dos solicitantes ..."

Nas Entrevistas concedidas, temos: "o Colégio oferece bolsa de estudos; a comunidade, em assembléia, aprova o orça-

mento da escola, apresentado pelo Conselho Escolar".

"As empresas, através da assistência social, encaminham a solicitação e o aluno é ressarcido, pela empresa sobre o valor da mensalidade."

"Há também bolsa para os filhos dos professores e funcionários, de acordo com o tempo de serviço e a carga horária, a mensalidade é reduzida, pode chegar a ter gratuidade. Por exemplo, mais de 5 anos e carga horária completa, tem gratuidade para os filhos. Para filhos de pastores também há valores de pagamento especiais."

"A única ajuda que se recebe do exterior é uma contribuição de um pastor norueguês que, vindo ao Brasil, gostou muito da escola e continua até hoje enviando anualmente contribuições."

"Há também a ajuda do consulado para as aulas em alemão, mas não cobre todas as despesas dessas aulas."

"O Colégio possui uma chácara onde estão sendo investidas atividades especiais, tipo laboratório e os recursos estão sendo economizados para as futuras instalações no próprio terreno e outros núcleos escolares".

1.4 Dos Atos Legais

A Portaria 386 de 29 de abril de 1953 do MEC autoriza o funcionamento condicional ao Ginásio Martinus.

O Decreto 18019 de 04 de abril de 1965 (D.O.E de 07 de maio de 1965) autoriza o funcionamento condicional, por dois anos, do Segundo Ciclo do Ginásio Martinus.

O Ofício 260/68, da Secretaria de Estudos dos Negócios de Educação e Cultura do Paraná, encaminha ofício notificando a necessidade do uso "autorizado" ou "reconhecido" pelo Estado do Paraná e Subordinação do estabelecimento à Primeira Inspetora Regional de Ensino com sede na capital.

O Decreto 13302 de 04 de dezembro de 1968 (D.O.E. de 07.12.68) autoriza condicionalmente a Escola Normal do Colegial Martinus.

A Resolução 2397/83 de 26 de junho de 1983, autoriza o

Ensino Pré-Escolar e a Resolução 2051/85 prorroga por cinco anos.

O Ato número 2 de 22 de setembro de 1970, do MEC e da Inspetoria Seccional de Curitiba, reconhece o Primeiro e o Segundo Ciclo do Curso Secundário.

Decreto 662 de 12 de agosto de 1971, reconhece a Escola Normal Colegial.

O Ofício 325/71 da SEED lembra ao Colégio que todos os estabelecimentos reconhecidos ficam *obrigados* a usar em seus papéis oficiais, a expressão "Reconhecido pelo Governo do Esdado do Paraná", inclusive ato e data de publicação.

O Parecer 002/73, do Conselho Estadual de Educação, aprova o plano curricular.

A Resolução 2317/74, da SEED (D.O.E. 14 de junho de 1974), homologa parecer 008/74 que aprovou o plano de implantação do Primeiro Grau (5692/71).

O Decreto 6004/74 (D.O.E. 27.09.74) autoriza o funcionamento da Escola de Primeiro Grau.

O Ofício 752/74 da SEED, igual ao ofício 325/75 da SEED acima.

De 1977 a 1979, ofícios da SEED informam da aprovação da grade e do calendário.

Artigos dos regimentos internos do Colégio, que citam a questão da "legalidade":

Em 1953, no Regimento Interno, anexo ao pedido de autorização do Ginário Martinus, ao MEC, consta:

art. 1o - O Ginásio Martinus fundado e mantido pela Comuna Evangélica de Curitiba tem por fim ministrar ensino secundário, dentro do plano geral estabelecido pelo Ministério de Educação e Saúde, suas leis e regulamentos.
art. 3o, parágrafo único. O curso ... está sujeito à seriação e aos programas oficiais, regendo-se em todos os seus aspectos, pela legislação vigente.
art. 6o - Será diretor do Ginásio o membro desse Conselho que satisfazer as condições exigidas pelo Ministério da Educação e

Saúde.
art. 15 - A constituição do corpo docente far-se-á nos termos do decreto número 8777 de 22 de janeiro de 1946.
art. 16 - ... assegurada a remuneração condigna ao corpo docente conforme Portaria Ministerial 501 de 1952 e Decreto-Lei 5452 de 01 de maio de 1943.
art 29 - os processo de admissão e matricula, bem como o regime escolar, exames (exames de admissão), promoções, conclusões de curso, férias, horários, etc., obedecerão na íntegra, as leis e regulamentos federais.

Dos Estatutos da Comuna Evangélica de Curitiba, em 27 de agosto de 1960 (cita os de 1942 e 1922 dos quais este é sucessor), selecionamos:
art. 3o - a Comuna mantém uma escola primária e Ginásio, os quais obedecem regulamentos internos e legais.

Nos Estatutos da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba, registrados sob n. 1.103 em 31 de março de 1971, art 7o, parágrado primeiro, diz que "a comunidade poderá criar e manter instituições educacionais" e no parágrafo segundo "a organização e o funcionamento de cada uma das dependências de que trata o parágrafo anterior, serão definidos e regulados pelo Presbitério".

Em 1963, 1965 e 1969, o Regimento Interno diz:
art 1o - O Ginásio Martinus, fundado e mantido na cidade de Curitiba pela Comuna Evangélica de Curitiba, tem por fim ministrar o ensino secundário dentro do plano geral estabelecido pelo MEC, suas leis e regulamentos e dos princípios evangélicos.

Em 1975, o Regimento Escolar, art 1o - o Colégio mantido pela Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba, regida por estatutos próprios e reconhecida de utilidade pública pela Lei Estatual n 6196 de 26 de maio de 1971 e Lei Municipal n. 3568 de 18 de novembro de 1969.

Em 1987, o Regimento Escolar, no art. 7o - ao Conselho do Colégio Martinus cabe: fazer cumprir as leis de ensino ... (o art. 6o trata do Conselho - é constituído pelo Presidente ou Vice (escolhido pela CELC dentre os membros do Conselho); dois membros do Presbitério da CELC, um professor, dois pais de

alunos, o diretor administrativo e o diretor pedagógico). No art. 103 - O presente Regimento poderá ser modificado pelo Conselho do Colégio Martinus quando houver conveniência para o ensino e quando o exigir a legislação vigente, devendo ser submetido à aprovação do Conselho da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba e do órgão competente da SEED.

1.5. Comunidade Escolar

1.5.1. Pais (Comunidade)

Em 1963, 1965 e 1969, **Regimento Interno** - Ginásio
art. 6o - O conselho diretor tem por finalidade e obrigação supervisionar o Ginásio, mantendo uma estreita ligação com a Diretoria da Comunidade Evangélica de Curitiba, zelando pela integridade de suas atividades principalmente a orientação espiritual.

Nos dias atuais, temos os **depoimentos**:

"Os pais católicos procuram a escola por dar o ensino religioso. E' muito comum depoimentos de pais nesse sentido: sentem falta".

"Os pais evangélicos procuram na escola uma complementação do ensino religioso".

"Vários pais católicos disseram que "o padre dispensou do catecismo" alunos do Martinus, porque já sabiam "tudo"".

1.5.2. Alunos

1953 - 200 alunos no primário (consta no histórico do pedido de autorização do Ginásio).
1953 - Regimento Interno (anexo ao pedido de autorização do Ginásio, ao MEC):

art. 24 - aos alunos é expressamente proibido:
item 13 - praticar dentro ou fora do estabelecimento, ato ofensivo à moral e aos bons costumes.
Penalidades - art. 25 - a) admoestação

art. 28 - Das penalidades impostas aos alunos pelo diretor, será dada ciência ao inspetor *federal* do estabeleci-

mento.
1954 - em entrevista publicada - pode-se dizer que as crianças na época eram mais disciplinadas no entanto o regime era mais autoritário.

1963, 1965 e 1969, no Regimento Interno:
art. 37 - item 7 - é dever do aluno: levantar-se em classe, à entrada e saída do professor.
art. 38 - item 9 - é vedado, ao aluno, praticar, dentro ou fora do estabelecimento ato ofensivo à moral e aos bons costumes.
1987 - E' direito do aluno organizar-se em associações religiosas e culturais, (art. 94, item III do Regimento), e ainda:
- São deveres:
I. Acatar os princípios religiosos do colégio, a autoridade dos diretores, professores e funcionários do Estabelecimento e tratá-los com respeito.
VII. Participar das comemorações religiosas, cívicas e solenidades escolares.
X. Participar nas atividades religiosas oferecidas e exigidas pelo colégio.
art. 99 - são vedadas as sanções e penalidades que atentarem contra a dignidade pessoal ou prejudicarem o processo formativo.

Nos dias atuais, temos os depoimentos: "sempre se dá um jeito para conseguir vaga para o aluno luterano. Tem sido feito o possível para atender os alunos carentes."

"70% evangélicos, sendo 30% luteranos e os restantes 30% são alunos católicos".

"Indepedente da denominação religiosa, o conselho escolar analisa os requerimentos que solicitam bolsas de estudo (mais ou menos 200 pedidos)."

"2350 alunos - atualmente."

"2837 já houve (junto com o Martinus Júnior no Portão) foi reduzido o número para garantir qualidade de ensino. Para no máximo 30 alunos, mas o ideal é de 25 por turma. Daí, descentralizando, com os investimentos na Unidade "Júnior" procura-se aumentar o número mantendo o limite de vagas por turma para atingir mais alunos com melhor qualidade."

1.5.3. Professores

1953 - Regimento Interno (anexo ao pedido de autorização do ginásio, ao MEC)
art. 19, item 4 - incorrerá nas penalidades o professor que servir-se da cátedra para pregar doutrinas contrárias aos interesses nacionais ou para insuflar nos alunos, clara ou disfarçadamente, atitudes de indisciplina ou de agitação".
1954 em entrevista publicada - Os professores eram valorizados, respeitados e seus salários não eram tão defasados como hoje (1991). - "O professor deve ser apenas estímulo na formação".
1963, 1965 e 1969, no Regimento Interno:
art. 9o - O Conselho Diretor admite, demite e fixa vencimentos dos professores e pessoal administrativo, sendo apresentadas todas as questões econômico-financeiras, para aprovação, à Diretoria da Comunidade Evangélica de Curitiba.
1963 - Regimento Interno
art. 17 - A administração geral do estabelecimento estará a cargo do Diretor, contratado pela Diretoria e Conselho da Comuna Evangélica de Curitiba por indicação do Conselho Diretor e por aprovação da Congregação (todos professores).
art. 18, item 20 - Compete ao diretor firmar convênios com a Inspetoria Seccional do Ensino Secundário do MEC e outros órgãos federais e estaduais.
art. 19, item 4 - Ao diretor substituto compete esforçar-se para manter no educandário um perfeito entendimento e harmonia entre a direção e os corpos docente, discente e funcionários.
1963, 1965 e 1969, art. 21, item 3 do Regimento - Compete à Cogregação (todos professores) colaborar com o Conselho Diretor na defesa das tradições do estabelecimento e do seu bom conceito na sociedade no que concerne à honestidade do ensino, ao nível de preparo dos alunos e à regularidade do funcionamento das aulas.
1975 - no Regimento, art. 8o parágrafo 2 - é dever do professor participar das reuniões da congregação.
art. 17, d) - direção geral - empenhar-se para manter perfeito

entendimento entre direção, corpo docente, discente e funcionários.
1987 - Regimento Escolar:
art. 89 - O Corpo Docente será composto de todos os professores contratados, devidamente habilitados, de acordo com os princípios do Colégio e em exercício.
art. 91 - I. Compete ao Corpo Docente:
Ministrar aula dentro da filosofia do colégio.
X. Ter cuidado especial e constante com a educação religiosa, moral e cívica dos alunos.

Depoimentos coletados em entrevistas:

"A escola possui o trabalho específico do pastorado escolar. O Departamento de Educação da IECLB criou recentemente para as escolas, junto à Igreja, este pastorado escolar. Mas o Colégio Martinus já possui este pastorado desde 1979. Foi aprovado seguindo os regimes como se fosse uma paróquia. Com representação inclusive nos concílios. Há um pastor do colégio contratado especificamente para o trabalho de pastorado escolar. Que orienta todas as atividades, inclusive de ensino religioso. Este pastorado escolar mantém atividades com os funcionários, professores, pais e alunos: devoções, estudos bíblicos e outras programações. Muitos que não são evangélicos, participam regularmente destas programações".

"Ser professor *luterano* nao garante a eficiência. Pode ser *luterano* só de nome ou não ter o talento profissional para o bom desempenho".

"Casualmente o diretor do Colégio também é pastor. Mas não precisaria sê-lo".

1.5.4. Programas - ensino religioso

Regimento Interno (1963) do Ginásio Martinus
art. 2o - O ensino religioso faz parte integrante da atividade docente e será de responsabilidade dos pastores da Comuna Evangélica de Curitiba.
art. 60 - Na distribuição das aulas, consta três de alemão (além de três de inglês), uma de religião, nas quartas séries.
1965 - Regimento Interno - permanece a redação do art. 2o do

Regimento de 1963 e art. 60 que passa a ser 59 tendo alemão nas primeira, segunda e terceira séries. Religião uma em todas. No art. 59 passa a constar o Ciclo Colegial com Religião uma hora/aula em cada série (não consta alemão).
1968 - Programa de Filosofia da Educação do "Normal" (não há diferença dos demais da rede oficial).
1969 - Regimento Interno - permanece o art. 2.
O artigo 58 - Ensino religioso passa a ser denominado de *Educação Cristã* uma hora/aula em todas as séries ginasial e colegial (menos Normal).
- Inglês três horas/aula em todas as séries. Alemão três horas/aula somente na terceira série ginasial.
- No Normal Colegial aparece a disciplina *Catequética* - uma hora/aula em todas as séries.
A partir de 1973 - inglês/alemão aparece como optativa na primeira e segunda série do Colegial.
1974 - No plano de implantação da 5692/71 permanece educação cristã e inglês/alemão como optativa.
1980 a 1986 - Permanece na grade curricular - uma hora/aula de educação cristã na primeira série e inglês/alemão duas horas/aula.
A partir de 1987 - ensino religioso com o nome de Educação Cristã uma hora/aula em cada série. Inglês ou alemão, duas em cada série.

Depoimentos nas entrevistas:

"Até a quarta série não se usa livro-texto. Trabalha-se a partir da realidade dos alunos. Que a formação e informação caminhem juntas na aprendizagem."

"Não há apostilas. Trabalha-se somente com textos em todas as disciplinas. Incluída também a educação ambiental.
A educação cristã, em determinada época era ministrada pelos próprios professores (independente da denominação religiosa do professor) mediante orientação do pastor do colégio. Mas surgiram muitos problemas. Hoje há professor específico, novamente, para ministrar as aulas em todas as séries. Este professor possui formação específica, geralmente de professor catequista."

"O programa é voltado às histórias e questões específicas da Bíblia como embasamento."

"Além disso, os alunos têm uma vez por semana ou de quinze em quinze dias uma meditação na Igreja com o pastor do colégio".

Observações: Para estes apontamentos, foram consultados os Regimentos Escolares do Colégio[9], os Planos de Inplantação da Lei 5692/71, os pedidos de autorização e reconhecimento dos cursos. Também foram realizadas entrevistas[10], direcionando-as às questões centrais desta pesquisa.

Anexo D
Apontamos para o Histórico de Imbituva, PR

1.1. Histórico

Em correspondência arquivada sob número 166 no Insitituto Histórico da IELB o Rev. Arno Gueths escreve de Imbituva, em 17 de janeiro de 1949 ao Rev. Carlos Warth, contando o início dos trabalhos nesta cidade, os quais passamos a relatar.

Em 1884, as primeiras famílias descendentes de teuto-russos se fixam em Imbituva (antiga Cupim) onde já outras famílias luteranas residiam, atendidas pelos pastores Becker e Geisler de Curitiba e Valinhos.

Em 1893 (no Lar Cristão diz 1892), vinte e sete famílias se uniram para construir a igreja (que em 1949 servia de escola paroquial), chamam então um pastor luterano definitivo. Construíram uma capela de alvenaria (que até 1979 servia de escola) (Lar Cristão).

Em 1895 recebe o pastor João Dehmlow da Igreja Unida Alemã. Este fundou uma escola paroquial na qual ele e sua filha lecionavam até 1905 e no mesmo ano em 1905 recebe o pastor João Knorr do Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina Paraná e outros estados (Gotteskasten - Synode).

A igreja mais espaçosa fica pronta em 1917 (já com 107 famílias), em estilo romano e recebe o nome de "Igreja da Ressurreição". Depois de inaugurada, só teve culto uma vez e a Igreja foi fechada devido a I Guerra Mundial, durante um ano e meio. O pastor Knorr, em 1936 foi sucedido pelo pastor Ricardo Heinrich e em 1938 veio para Imbituva o pastor Adolfo Bachimont. Este, no desencadear da II Guerra Mundial foi preso e a Igreja novamente fechada durante mais de um ano. "A situação deprimente e desolada, abandono, gerou influência maléfica nos membros fracos e vacilantes"... "Mas muitos deram brilhante prova de seu amor e fidelidade para com a sua igreja".

Em 1943, o presidente da IELB Rodolfo Hasse acompanhado pelo Rev. Edgar Krieser visitou a paróquia Bitu-Mirim atendida pelo rev. Nilo Strelow. A diretoria da comunidade de Imbituva consultando o presidente da IELB, resolveu desligar-se do Sínodo

"Gotteskasten" e solicitou um pastor da IELB, então "Sínodo Missouri" conforme Ata número 7 do livro 1 de 18/06/1943. O pastor Nilo Strelow atende a comunidade de Imbituva desde final de 1943 até fins de 1944. Em 1945 o pastor Arno Gueths assume a comunidade até 1952. Gustavo Scholze de 1952 a 1962. Oto R. Lanz, de 1962 até 1965. Winfredo G, Becker, de 1966 até hoje.[1]

Transcrevemos também o Histórico do Estabelecimento, anexo ao regimento Escolar de 1985.

A Escola Rui Barbosa, mantida pela Comunidade Evangélica Luterana "Da Ressurreição", foi fundada no ano de 1895, com o nome de "Gemeinde Schule" (traduzindo significa: Escola da Comunidade) pelo pastor luterano João Dehmlow, que era também o professor. Este é o Estabelecimento mais antigo de Imbituva, PR.

As aulas eram ministradas em língua alemã, razão pela qual foi obrigada a fechar as suas portas durante a I Grande Guerra Mundial. Reabrindo depois em língua nacional, visto ter sido proibido o ensino naquela língua.

Em 1905, a Escola passou para as mãos do pastor Johannes Knoer, que junto com a Sra. Rosalina Pugsley ensinaram até 1913. Posteriormente o professor Júlio Schwening mudou o nome do Estabelecimento para *Escola Rui Barbosa*.

Desde a sua fundação até o final de 1980 a Escola funcionou no mesmo prédio, o qual foi também a primeira capela da entidade mantenedora. Visto as condições do prédio não mais satisfazerem às necessidades da Escola, o mesmo foi demolido e em seu lugar foi construído um novo prédio, num estilo moderno e funcional. com quatro salas de aula, secretaria, sanitários e cantina. Os recursos financeiros para a construção provieram da própria Comunidade Luterana, tendo recebido uma ajuda externa de cerca de 10% do custo total. No dia 9 de agosto de 1981, foi inaugurado este prédio, que no dia seguinte abriu suas portas aos alunos.

Em 21 de janeiro de 1959, sob a direção do professor Lothar Ricardo Mundel, a Escola recebeu da Secretaria de educação e Cultura a "Licença para Funcionamento", ficando registrada sob o número 119.

Sucederam ao professor Mundel na direção da Escola os profes-

sores Leonardo Bertholdo Nerling, professora Ana Ribeiro, professora Edith Eurich, professora Claudi Neivarth, professora Suely Carolina Hasse Becker, e em 1981 assumiu a direção a professora Noemi Neivarth Raymann. O atual Corpo Docente é composto pelas professoras Noemi Neivarth Raymann, Maria Helena Mehret, Ana Sofia Kretschmer e Maria de Lurdes Mehret.
O número de alunos desde 1967 até 1980 oscilou entre 60 e 89 alunos ao ano. Atualmente (1985) estão matriculados 88 alunos de primeira a quarta séries.
O ensino nesta escola sempre foi gratuito aos alunos. Também nunca se fez distinção religiosa, mesmo que uma das finalidades da mesma é dar um maior conhecimento da Palavra de Deus aos alunos, deixando facultativa a participação dos alunos a estas aulas.
Descrição sucinta da comunidade escolar - A clientela do Estabelecimento em questão pertence à classe média baixa. Os alunos são vindos de lares normalmente sadios, porém, muitos de baixa renda. Os pais dos alunos, na sua grande maioria, são trabalhadores braçais, operários não especializados e pequenos lavradores. Assina Noemi Neiverth Raymann - Diretora.[2]

Depoimentos:

Pergunta: A escola no município não se expandiu com pelo menos Primeiro Grau completo. Como ela é vista pelos moradores?
Resposta: "A maioria dos moradores é luterana. Tinha a escola das freiras, mas queimou há 15 anos atrás e a prefeitura construiu outro prédio que hoje é municipal.

"Só tem uma escola particular no município que "cobra mesmo", há 3 anos. E' o Colégio Santo Antônio, que é o maior da cidade."

"A escola luterana de Imbituva é gratuita para todas as crianças, independente de religião. A Comunidade pagava os professores. Depois, a prefeitura começou a pagar os professores."

"E' uma escola luterana numa cidade pequena, que tem uma comunidade luterana muito grande. E' a mais antiga existente na cidade."

"Foi na época da nacionalização (devido a língua) que foi mudado o nome para "Rui Barbosa", mas não perdeu o caráter luterano."

"A polícia levou todos os documentos em janeiro de 1944 e o pastor da Comunidade, Arno Gueths, teve que refazer os registros dos membros. Não tinha nenhum documento. Por isso, sabe-se muito pouco sobre a escola."

"A escola era mantida pela Comunidade, em 1945, e o pastor Lotário Mundel é que nacionalizou a escola e fez todos os registros. Na época da Guerra, o pastor brincava dizendo que bastaria um tanque alemão para acabar com Imbituva. Com essas brincadeiras, ele acabou sendo preso e sua família passou sérias necessidades."

"O pessoal da Comunidade era muito ativo, valorizou muito o trabalho desse pastor."

Depoimento de um ex-aluno (estudou em 1960): "E' importante o fator de que a população luterana em grande número tenha preservado a escola naquela cidade. Esta escola no Paraná chama a atenção da Igreja. Foi muito importante ter sido instruído desde criança pela escola da Comunidade. Valorizo esta formação "tremendamente", "muito bom". Até nos exames de admissão, todos os luteranos eram aprovados e os exames eram elaborados pelo Governo. Outro fator importante na presença da escola nesta pequena cidade do interior do Paraná é que a própria comunidade era o centro de lazer e recreação. Daí a concentração de pessoas nas outras atividades sociais promovidas pela comunidade. Os fundamentos da filosofia cristã sempre estiveram presentes, sendo a religião cristã o sentido da própria existência da escola confessional. O ensino sempre foi gratuito. Sei de colegas, em outras profissões, que se saíram muito bem, com a instrução da escola luterana, que possibilitou a continuidade dos estudos".

1.2 Filosofia

Entrevistas:

Sobre o período de 1945 a 1952, relatam: "Tínhamos a

preocupação em dar uma orientação cristã ao lado das matérias seculares".

"A comunidade sempre foi muito preocupada em conservar o luteranismo, então eles conservaram a escola porque isso é fundamental para o trabalho. A escola existe até hoje porque os líderes assim o desejavam."

"O Ernesto Neizert batalhou muito pela escola - era presidente da juventude, depois da Comunidade e até prefeito de Imbituva. O Bertoldo Sponholz, o promotor da cidade, também era luterano. Saíram muitos para Ponta Grossa e Curitiba".

De 1962 a 1971: "A diferença entre escola do estado e particular é grande porque os alunos não vêm mais para a escola como em épocas atrás, sem saber nada. Mas o comportamento é bem diferente em comparação com os alunos da escola pública onde trabalho agora".

"Trabalho como professor e já era luterano 'de berço'. A escola era um salão grande e em cima tinha um sótão que também era usado para sala de aula. Funcionavam duas turmas de manhã e duas de tarde. Então reuniam-se todos os alunos (duas classes) e ali fazíamos uma devoção. Estudávamos Horinhas com Deus. No sábado também havia aula. E a devoção ficava a cargo de um aluno da quarta série".

No Regimento Escolar de 1985, no art. 4o, constam os princípios psico-pedagógicos e filosóficos. Entre outros comuns às ouras escolas, destacamos:

II - educação integral;

III - educar, orientando à luz dos ensinamentos cristãos, conscientes, livres, integrados e participantes na sociedade;

IV - desenvolver cultura autêntica dentro de uma visão cristã, "iluminado pela fé", os conhecimentos que os alunos adquirem no mundo, da vida e do homem;

V - formar lideranças cristãs.

No art. 77, diz: o plano curricular define a filosofia educacional.

1.3 Manutenção

Depoimentos:

"O convênio não é escrito, pois a Prefeitura reconhece o valor da escola e "empresta" os professores luteranos da prefeitura para a escola".

"O prefeito é luterano".

"A comunidade não quer convênio entre a Prefeitura e a escola, não quer transformá-la em pessoa jurídica, pois neste caso precisa abrir as portas para professores de outras religiões ... e deixar que 'outros' mandem nela ... Perderíamos a autonomia e os princípios luteranos".

"Não quer se sujeitar a ser mandado pelo "governo", no que se refere aos princípios cristãos".

1.4 Atos Legais

Do Regimento Escolar de 1985, ao diretor compete:

art. 18 I - estabelecer diretrizes gerais de planejamento e organização do Estabelecimento, em consonância com a SEED.

IX - cumprir e fazer cumprir a legislação em vigor.

XIV - aplicar penas ao que estabeleceu regimentos, estatuto do Magistério ou lei.

art. 22 III - aprovar orçamento, observando normas legais.

VII - verificar adequação da escola às leis.

art. 75 Seriação anual - dois períodos letivos - normas legais.

art. 76 Plano de Implantação 5692/71 aprovado pelo Parecer 43/77 SEED e Resolução 1070/77 da SEED.

art. 124 Calendário enviado ao órgão competente para efeito de inspeção, fiscalização e verificação.

art. 129 Limite de idade fixado pelos órgãos normativos.

art. 144 e) registrada em ata a visita dos Inspetores.

art. 152 Professores obedecem as disposições legais

1.5 Comunidade Escolar

1.5.1 Pais da Comunidade (depoimentos)

Em 1945: "Os pais eram obrigados a levar seus filhos para a escola dominical (120 crianças) (8 professores), pois gostavam muito dos folhetos coloridos que vinham dos Estados Unidos. O maior número de assinantes do Mensageiro Luterano no Brasil era da Comunidade de Imbituva. As famílias frequentavam bem os cultos e valorizam a escola".

No Regimento Escolar de 1985, no art. 23 parágrafo 2: "poderá participar das reuniões do Conselho Técnico-Administrativo qualquer pessoa da Escola ou da Comunidade, sendo-lhe assegurado o direito à voz"

No art. 48, quanto ao orientador educacional:

"IV - pesquisar as causas da baixa escolaridade ou desajuste de alunos, buscando, para tal, a colaboração da família, da Direção e dos professores.

"IX - atuar junto às famílias no sentido de que haja unidade de pensamento e de ação entre pais e professores, na orientação do processo ensino-aprendizagem.

No art. 60: "Associação de Pais e Mestre é o órgão destinado a promover o intercâmbio entre a família do aluno, os professores, a Direção da Escola e propor medidas que visem ao aprimoramento do ensino ministrado e assistência, de modo geral, ao discente".

1.5.2 Alunos

No mesmo Regimento Escolar, a respeito dos alunos, lê-se:

art. 48 - orientação, atribuições

VI - manter contatos sistemáticos com os alunos, para aconselhamentos vocacional de acordo com suas capacidades, preferências e possibilidades.

art. 86 Parágrafo Unico - as crianças que apresentarem desenvolvimento mais lento, terão atendimento especial, de acordo com suas necessidades.

art. 128 - prioridades para matrícula:

I - aos alunos da escola;

II - aos pertencentes à Comunidade;

III - aos que residem próximo.

Quanto ao número de alunos:

ano	alunos	professores
1965	50	4
1966	47	4
1967	66	4
1968	82	3
1969	72	3
1970	59	3
1971	56	3
1972	66	3
1973	55	2
1974	65	3
1975	80	3
1976	89	2
1977	80	3
1978	72	4
1979	60	4
1980	62	3
1981	72	4
1982	85	4
1983	96	4
1984	91	4
1985	94	5*
1986	102	5
1987	125	5
1988	134	5
1989	126	5
1990	120	5
1991	125	5

* a partir de 1985, um Diretor

Obs.: todos os professores são luteranos[3]

1.5.3 Programas

Seguem alguns depoimentos:

"Em 1913, a escola tinha material, só que esse material antigo não está organizado, mas daria para ver. Pois o material vinha da Alemanha e da "Rottermund" editora, que fornecia o material de cunho evangélico. Depois havia os livros da Concórdia. Hoje o ensino está totalmente secularizado."

"Em 1945 o interesse era ensinar ensino religioso. E o ensino confirmatório era separado da escola, que o pastor ministrava. Na época estava-se sempre muito preocupado em seguir o programa do governo. O professor Lotário Mundel se preocupava em seguir o programa conforme o lado secular. Não sei que livros ele usava; se vinha da Concórdia ou não ... Mas é claro que sempre coi nossa preocupação justamente em dar uma orientação em educação cristã ao lado das matérias seculares".

"Em 1960 ensino religioso era um conjunto, bem como a devoção diária. As outras disciplinas eram trabalhadas em separado, inclusive nas classes multiseriadas. Nas aulas de religião era usado o livro "Histórias Bíblicas". Outros livros eram da Editora Agir (seculares). Os professores levavam os alunos para passeios, excursões. Estimulavam o ensino globalizado e as questões ecológicas. O ser humano sempre valorizado, a auto-estima e gosto pela escola. A escola paroquial apresentava bons programas cívicos. Concorria com a escola católica".

"Em 1971, quando teve o método da matemática moderna, a direção consultou a diretoria da comunidade para saber se ficava ensinando como sempre ou se iria ensinar matemática pelo método novo, "dos quadrinhos", pois todas as escolas do município iam aplicar. A orientadora do Colégio Santo Antônio, que é o maior da cidade, fornecia apostilas para ser dado nas escolas e nós copiávamos e fazíamos a mesma coisa e até as provas. Então de um modo geral era o mesmo programa dado pelas outras escolas. O único programa diferente era o de ensino religioso. E um ou outro professor podia relacionar os temas, em outras disciplinas, principalmente na redação, mas o que se seguia mesmo eram os temas do programa que já vinha pronto.

Só na hora do ensino religioso é que se tratava do tema. Na quarta série, eles já particamente sabiam o catecismo de cor. Duas ou três vezes por semana as histórias bíblicas e nos outros dias os mandamentos. Isto significa que todos os dias havia devoçao e as aulas de ensino religioso. Nas aulas de ciências, ensinava-se que Deus é quem criou tudo. E a mesma professora das outras disciplinas ensina cristianismo. Os pastores também notavam enorme diferença entre os alunos que frequentavam a escola luterana e os luteranos que estudavam em escola pública, quando os mesmos ingressavam no período da instrução (catecismo)."

"Em 1991, o pastor da Comunidade faz reuniões com os professores e até hoje cada professor dá sua aula de religião e os demais programas são os do município. E todos os professores são luteranos."

Quanto aos Programas, lê-se no Regimento Escolar de 1985:

art 53 - atribuições do Conselho de Classe:

V - opinar sobre a adoção do livro didático.

art. 156 III - o professor tem direito de opinar sobre técnicas, métodos e adoção do livro didático.

1.5.4 Professor

Traduzindo de *25 Jahre Gottesdienst*, temos: A comunidade de Imbituva, Cupim) é na maioria formada de alemães-russos. Estes vieram diretamente da Rússia para o Brasil e formaram as colônias Jaguari, Quero-Quero, Guaruana e também Ponta Grossa em 1884. A escola, no passar do tempo, foi ficando pequena, e foi preciso empregar mais um professor. Foi adquirido em 1914 um terreno defronte à Igreja com casa e quinta pelo preço de 1:200$ para moradia do seminarista formado na Alemanha. A igreja e escola foram fechadas durante a Primeria Guerra Mundial.[4]

Entrevistas:

O primeiro professor era da Rússia, para entender a mentalidade dos russos.

De 1942 a 43, os pastores lecionavam e trabalhavam na igreja e o salário era um só. E a "caixa" da escola e comunidade é uma só até agora (1991).

Em 1966 já tinha convênio (não escrito e assinado). Acontece que a prefeitura cede seus professores para a escola. E a escola, através da comunidade, escolhe os professores "maduros" e luteranos para lecionarem na escola.

No Regimento Escolar de 1985, lê-se:

art. 152 - docentes habilitados e em obediência às disposições legais.

art. 153 - nomeação por concurso (pela Prefeitura) e/ou mediante contrato de trabalho.

art. 154 - caberá ao Diretor fazer a indicação dos professores a serem contratados.

Parágrafo 'Unico: na escola devem ser obedecidos os critérios de prioridade fixados pelos órgãos propícios do sistema.

art. 156 - V - o professor tem direito de criticar, em termos adequados, através de representação a Direção e os Seriços matidos pela Escola.

art 157 - X - cabe ao professor guardar sigilo sobre os assuntos da Escola que não devam ser divulgados.

art 163 - III - cabe ao professor guardar sigilo sobre os assuntos pessoais, técnicos e de avaliação.

Observações: A escola possui Regimento Escolar[5] somente a partir do ano de 1985. Os depoimentos foram coletados pela autora, através de entrevistas gravadas em fita k7.[6]

Anexo E
Apontamentos para o histórico de Marechal Cândido Rondon e as escolas luteranas

"Ficando rico no oeste do Paraná" é o título de um livro compilado em 31 de outubro de 1970 pelo pastor J. Pawelke. No prefácio, o pastor agradece aos confirmandos o esforço que fizeram na campanha para cobrir uma parte das despesas da edição "deste livrinho" e cujo lucro (de venda posterior) será aplicado na aquisição de uma janela da igreja nova.

Entre outras cidades, o Pastor Pawelke, compila também a história de Marechal Cândido Rondon. Justifica o título "Ficando rico..." porque a riqueza pode ser tanto no sentido material, cultural, social, espiritual e até histórico. Também interessante a colocação que justifica o fato de uma mulher na capa do livro, "porque é o serviço secreto das esposas, que possibilita o progresso visível dos homens".

O autor organiza de forma cronológica (p. 17) o desenvolvimento político e comercial, social e educacional da cidade de "Rondon". Destacamos:

03 de julho de 1950 - chegada dos primeiros moradores.

1951 - 15 de janeiro, primeiro culto luterano da IECLB na casa do Sr. Airton Rockenbach (fundador). Em 1970 esta comunidade contava com 560 membros.

1951 - 09 de maio, primeiro culto luterano da IELB na casa do Sr. Weirich (fundador). Em 1970 esta comunidade contava com 205 mebros e a paróquia com 450 membros.

1951 - fundação da primeira escola primária municipal (Professor Osmar Frank).

1955 - fundação da escola primária Concórdia (IELB).

1958 - fundação do ginásio luterano "Martin Luther" - primeiro presidente Arlindo A Lamb (também primeiro prefeito da cidade) (este ginásio "ecumênico" - Batista, IELB, IECLB) (ver também p. 184 - de história Venilde) Diretor Theno Reinheimer.

1960 - Diretor Waldomiro Liessen (número de alunos 176 no início). No livro Marechal Rondon p. 180 cita o ano de 1961 esta escola.

1960 - primeiro Ispetor de Rondon - Professor Waldomiro Liessen.

1961 - (diz 1965) fundação da Escola Evangélica "Martin Luther".

1967 - o ginásio passa para a Comunidade Luterana Cristo (da Missouri - IELB) e muda o nome para Instituto Vocacional e Assistencial Rui Barbosa (a Comunidade Batista e a IECLB vendem suas partes).

1967 - Inaugurada a Escola Evangélica "Bremen" em Santa Helena, na paróquia de Marechal Cândido Rondon.

1969 - fundação do Colégio Científico Rui Barbosa (IELB - Comunidade Cristo).

Destacamos ainda o registro do Pastor Pawelke que diz que as comunidades evangélicas mais antigas do Oeste do Paraná datam de 1920. Com os rumores da Revolução de 1964 e da Guerra Mundial de 1939 a 1945 os serviços eclesiásticos terminaram devido a perseguição aos estrangeiros. Somente a partir de 1950 reinicia o movimento das comunidades evangélicas no Oeste do Paraná.

Em 1985 é lançado o livro "Desafios Lutas e Conquistas - História de Marechal Cândido Rondon" sob a organização e coordenação da Professora Venilda Saatkamps. O livro trata das fases socio-econômicas e colonização do município. Destacamos: a Companhia MARIPA' (Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A) em princípios de 1950 planeja a colonização da futura Marechal Cândido Rondon. Escolheram como colonizadores e compradores de terras, os elementos de projeção nos núcleos de origem, no sul do País. Em 1960 a firma não apresentava lucros, tudo era aplicado na formação de vilas e núcleos novos. Cada um desses núcleos precisava de igrejas e escolas. "Assim aconteceu com o então distrito de General Rondon, pois tendo várias religiões diferentes, havia a necessidade de construir para cada igreja uma escola, colocar lojas, trazer professores e manter até o policiamento".[1]

Willy Barth, um dos pioneiros (estudou no Colégio Farroupilha - luterano?) era de espírito ecumênico, ao lado de cada escola, construia igrejas, auxiliando as congregações e ordens religiosas. Esta ajuda também está confirmada na pesquisa do Pastor Guilherme Ludke sobre a História da Comunidade Cristo.[2]

Os pioneiros na sua maioria eram descendentes de imigrantes alemães, e a religião mais praticada era a Evangélica.

Também houve a presença de religião Batista e Católica porém em menor incidência. No início da colonização quando vinha um pastor ou sacerdote, todos frequentavam a celebração liturgica, independente da religião. Também na organização de festas de Natal, todos se agrupavam.

No ano de 1956 havia 95% de famílias alemãs, 5% de famílias italianas e lusobrasileiras, totalizando 587 habitantes. Os alemães davam prioridade â construção da escola, depois hospital e em seguida a igreja. Os italianos primeiro a igreja, depois escola e após o hospital. "Nenhuma comunidade italiana do município de Toledo, possuía uma associação escolar como a comunidade alemã da vila General Rondon. Os alemães, mais que os italianos tratavam de preservar a consciência de seu grupo étnico".[4]

No período de 1950-1960, a Vila General Rondon (município de Toledo) possuía 31 escolas com 40 professores mantidos pelo município. O primeiro prefeito eleito em 1961, o sr. Arlindo Albert Lamb, no final de seu mandato entregou 96 salas de aula primárias com um total de 120 professores, demonstrando que a educação foi meta prioritária de sua gestão administrativa.

No ano de 1951 havia apenas 5 famílias católicas entre 150 luteranas. Cita inclusive a divisão dos luteranos com origens na Alemanha e a Missouri nos Estados Unidos.

Cita que a Companhia Maripá procura fixar os luteranos na Vila General Rondon e os católicos em Vila Quatro Pontes (atual Distrito de M.C. Rondon).

As comunidades religiosas influenciaram muito na área educacional e as escolas particulares foram colocadas à disposição da coletividade independete da religião. "A diversidade religiosa nunca foi motivo de grandes problemas para o relacionamento social do povo rondonense".[5]

No anuário *Lar Cristão* de 1980 da IELB, encontramos alguns dados sobre a cidade. Conta que o município naquela data possui 76300 habitantes (22000 na zonha urbana). A comunidade social é formada em, aproximadamente, 90% do elemento germânico e italiano.[6]

Em 1984, o pastor Guilherme Luedke, escreve a história

da Comunidade Cristo e nela inclui questões importantes sobre os acontecimentos luteranos em Marechal C. Rondon. Por ocasião da inundação, fomando-se o Lago Itaipu, relata com tristeza que as famílias que perderam suas terras com a inundação, não conseguiram adquirir outras de igual riqueza. "Quem não conheceu os profundos barrancos do Rio Paraná ... jamais pode fazer uma idéia como era o panorama aqui".

O mesmo pastor, quando relata sobre os educandários da Comunidade, diz: "A boa educação não é somente ensinar ler, escrever, fazer contas ... mas sobretudo formar o caráter, ... conhecer o Deus verdadeiro e o plano da salvação em Cristo Jesus". Cita versículos bíblicos e faz um aparnhado sobre os princípios luteranos, como a responsabilidade dos pais pela boa educação de seus filhos. Por isso a implantação da Escola Paroquial e assim a Comunidade Cristo funda sua escola "Concórdia" em julho de 1955, inciando com 48 alunos, tendo como professor o teologando Theno Rheinheimer. Em 1956 a escola foi atendida pelo sr. Arnaldo Hintz e o pastor Christiano J. Steyer. Em 1957 o professorando Helmuth Kassinger assumiu a escola e de 1958 a 1964 o prof. Walter Scwalemberg, atendeu a escola tendo sido "chamado" pela comunidade. Em fins de 1964 o mesmo foi substituído pleo prof. Walter Shueler. Em 1965 a escola foi atendida pelos professores Noemi Strelow e Marina Gosenheimer e a professora Adelaide Strelow atende o Jardim de Infância então acrescentado à escola. Em 03 de abril de 1965, a Comunidade "chamou" o prof. Eduardo Muettelstaedt que assumiu a direção sendo que sua esposa, D. Ester, também lecionava.

Em 1967, já na época tendo sido adquirido o então Ginásio Evangélico Rui Barbosa, a Escola Concórdia cedeu o professor àquele educandário. A Comunidade "chamou" então o prof. Antônio Mittelstaedt para dirigir a Escola Concórdia e em 09 de julho de 1967 é transferida para as dependências do Ginásio Rui Barbosa. Em 22 de fevereiro de 1969, a Comunidade entrega a Escola ao Instituto Vocacional e Assistencial Rui Barbosa.[7] Sobre a escola há registros à parte, em título especial nesta pesquisa, conforme segue.

1991 - **depoimento:**

"As escolas luteranas se tornaram escolas de elite, ali se matriculam os alunos cujos pais possuem um bom poder aquisitivo. Nas escolas municipais, muitas crianças são luteranas. Considera bom o nível das escolas municipais e os professores são 96% habilitados, com bom níveis de vencimentos".

1.1. O Colégio Rui Barbosa

1.1.1. Histórico e Manutenção

Em 1974, o Rev. Carlos Warth escreve em **Crônicas da Igreja:**

> Em 1960, três comunidades de Mal. Cândido Rondon, a Luterana (IELB), a Evangélica (IECLB) e a Batista, fundaram o Ginásio Evangélico Rui Barbosa, pertencendo um terço do patrimônio a cada uma das congregações mencionadas. Uma das entidades fez a proposta de entregar o Ginásio ao Estado. Houve uma reunião entre as partes interessadas, propondo a congregação luterana indenizar as duas outras entidades dentro de um certo prazo. O presidente da igreja prometeu arranjar o dinheiro. Foram então elaborados os estatutos nesse sentido, e o negócio se concretizou.
>
> Possui assim o Ginásio uma área de 16800 m^2 situada perto do centro da cidade. A propriedade foi avaliada em Cr$ 166.000,00. Como diretor interino foi designado o Prof. Walter Scwalemberg, servindo com secretário o Prof. Eduardo Mittelstaedt e como vice-diretor o Rev. Guilherme Luedke. Os demais professores não pertencem à nossa igreja (IELB).
>
> No ano de 1967 havia uma matrícula de 120 ginasianos nas 4 séries. Figura ainda nos planos da Associalção a construção de uma Escola Normal, de 2 pisos com 12 salas de aula e demais dependências. Para terminar as obras, tanto do Ginásio como da Escola Normal, foi elaborado um orçamento no montante de Cr$ 358.468,00. O pedido foi dirigido à Comissão de Projetos Especiais, em Porto Alegre, a qual o aprovou remetendo-o à Comissão de Estudos, com sede em

> Genebra, Suíça. Esta igualmente o aprovou, encaminhando-o a uma entidade doadora. As congregações do Oeste do Paraná estão de parabéns.[8]

O Colégio Rui Barbosa é mantido pelo Instituto Vocacional e Assistencial "Rui Barbosa". Esta Associação foi fundada incialmente com o nome de Sociedade Ginásio Evangélico Rui Barbosa pela Comunidade Evangélica Martin Luther, representada na oportunidade pelo Rev. Christiano J. Pawelke (IECLB), pela Comunidade Evangélica Luterana "Cristo" (IELB), representada pelo Rev. Cristiano J. Steyer e pela Primeira Igreja Batista, repesentada pelo Rev. Ottmar Wehr, como representantes das famílias de cada religião e por sugestão do então diretor de Maripá, que doou o terreno. Em 13 de junho de 1959, no salão de Exposição Agropecuária, o Rev. Ottmar presidente eleito provisoriamente pelos pastores e diretorias das comunidades integrantes, reune as autoridades para fundarem a Associação do Ginásio Evangélico "Rui Barbosa", com o objetivo de organizarem um ginásio particular que seria mantido por estas comunidades. Na ocasião foi eleito o primeiro presidente o sr. Arlindo A. Lamb (da IECLB) (também foi o primeiro prefeito de Marechal C. Rondon).

Extinta esta sociedade, foi criada no dia 03 de junho de 1968 na Igreja da Comunidade Evangélica Luterana Cristo (IELB) a Associação do Instituto Vocacional e Assistencial "Rui Barbosa", tendo como primeiro presidente o sr. Helmuth Rosler. A partir dessa data, esta Associação possa a manter sozinha a escola de 1o e 2o Graus, antes mantida pelas três religiões. Para um entendimento permenorizado, consultar *História da Comunidade Evangélica Luterana* de Guilherme Luedke.[9]

Em 23 de fevereiro de 1969 foi incorporada ao Colégio Rui Barbosa a Escola Evangélica Luterana Cristo, antigo primário, que até aquela data era mantida pela Comunidade Cristo, desde 1959.

O pastor Guilherme Luedke relata que o Prof. Walter Schwallenberg assumiu a direção, o próprio Rev. Guilherme Luedke foi nomeado vice-diretor e o Prof. Eduardo Miettelstaedt o secretário da Escola. Já em dezembro de 1967 o diretor pede

demissão e o vice assume temporariamente. E' chamado para a direção o Rev. Guilherme Figur.

Sendo a escola de propriedade da Comunidade Cristo, esta, para conseguir verbas da República Federal Alemã em favor do Ginásio, para ampliar e concluir o prédio, bem como adquirir mobiliários, teve como exigência a fundação de uma Associação. Para esta, exigiu-se a participação de outras comunidades da região e a comunidade Cristo abriu mão da terça parte do ginásio, e conforme já mencionamos, na reunião de 03 de junho de 1968 efetivou-se a fundação da Associação da qual fazem parte as comunidades luteranas dos municípios da região, a saber: Marechal Rondon (sete), Nova Santa Rosa, Maripá, Asis Chateaubriand, Pato Bragado e Corbélia.

Conforme as exigências da entidade de fins filantrópicos **Brot fuer die Welt** (Pão para o Mundo), esta aceitou o projeto denominado "Projekt CDS 188 - Ackerbauschule und Lehreschule, Marechal C. Rondon, PR, Brasilien", fazendo a doação de 555.000 DM (marco alemão). Sendo que o pedido da doadora, foram devolvidos os 20.000 DM que sobraram. E assim a Associação ficou autônoma das comunidades, assumindo a responsabilidade do Colégio.

No art. 26 do Estatuto de 69, no parágrafo 3o, diz: "A Associação é uma entidade filantrópica, não visando lucros. E' verdade a remuneração aos membros da diretoria, no todo ou em parte, não havendo distribuição de lucros, dividendos, bonificações ou vantagens a seus dirigentes, diretoria, sócios, irmãos, benfeitores ou mantenedores a qualquer título ou protesto, assim como não será remetido dinheiro para fora do país e, os saldos porventura existentes no fim de cada exercício, serão empregados ou destinados no aumento de benefícios, em conservação patrimonial ou melhoramentos dos serviços.

Em 01 de setembro de 1969, a Associação foi declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei Municipal n 512 e em 18 de março de 1970 igualmente a nível Estadual, pelo Decreto n 6083. Em 1971, a Associação obteve o Registro do Conselho Nacional de Serviço Social, sob o n 51189. E em 17 de agosto de 1971 a Associação foi declarada de Utilidade Pública Federal, pelo

Decreto n 69080. Em 29 de outubro de 1974 recebeu o Certificado de Entidade de Fins Filantrópicos do Conselho Nacional de Serviço Social.[10]

O plano de implantação da Lei 5692/71 foi aprovado pelo parecer n 239 de 1976. A nível de 2 Grau, substituindo o "científico", optou pelo curso básico nas habilitações de Agro-Pecuário e Saúde - Parecer 395 de 12 de dezembro de 1978.[11]

A resolução SEED n 3465 de 30 de dezembro de 1981 dispôs a reorganização em um único Estabelecimento a Escola Evangélica Luterana Concórdia e o Colégio Vocacional e Assistencial Rui Barbosa, passando a denominar-se Colégio Rui Barbosa - Ensino Pré-Escolar e de 1o e 2o Graus. Consta no histórico incluso na Agenda Escola de 1991. Neste ano os cursos oferecidos a nível de 2o Grau são o Propedêutico e Educação Geral. O curso é reconhecido através da Resolução da SEED n 3366/85 - D.O.E de 19 de julho de 1985.

A Associação também tem aprovado pela Resolução 5562/84 e Registro n 13350 da SEED o Conservatório de Música Bento Mossurunga (fundado em 28 de março de 1983).

Seguem os depoimentos coletados através de entrevistas:

"A escola é paga. Teve época com bolsa de estudo, salário educação. O abatimento é dado pela própria escola. A metade dos pais luteranos matricula seus filhos em outras escolas porque desacredita no trabalho desta escola. Mas no momento temos tido acréscimo de alunos e mais crédito".

"O funcionamento da Associação em relação às comunidades praticamente não há interferência. A escola se administra por si só. As comunidades só elegem a diretoria, através de seus representantes. Não há apoio financeiro".

"Os alunos sempre pagavam a escola".

"Em 1960 algumas comunidades tinham escolas. Por problemas financeiros, as escolas fecharam e porque as municipais faziam concorrência ...

"A filosofia positiva influenciou muito na política dos municípios que tanto fizeram para fechar as escola confessionais, porque o

Estado deve dar a filosofia positivista. Os espíritistas e os maçônicos também não permitiam que as escolas confessionais recebessem ajuda financeia dos municípios".

"O liberalismo também influenciou para que houvesse diferença entre o rico e o pobre. Isto tudo influenciou para o fechamento das escolas. E os professores e os pastores influenciados não incentivaram a continuidade das escolas. Também na condução dos cultos, de forma mais liberal, "porque esquentar a cabeça" - "excluir a pessoa"; não se diz "façamos oração" e eu que oro não faço a oração - é questão etimológica ... Observa-se a tendência na linha do liberalismo".

"O Rui Barbosa sobreviveu porque foi criada a Associção (entre as três denominações religiosas protestantes). Confirma também os registros históricos, já mencionadoss anteriormente, sobre a forma de organização da Associação".

"1970 - concorrência com a criação do colégio estadual e os luteranos entram com todos os documentos para registrar a escola e os professores. Somente um diretor obteve o registro. Nem Foz do Iguaçu, nem Cascavel, nem Toledo tiveram toda papelada correta. Então o Ispetor Federal do Paraná, Dr. José Antônio dos Reis, deu todo apoio à escola", inclusive financeira.

"Somente uma comunidade contribui em torno, dezessete salários mínimos anuais. Isto deveria beneficiar os seus membros em relação ao colégio (alunos carentes por exemplo). Mas como a escola cede suas instalações para programações da Igreja, só na manutenção e limpeza do prédio cedido os valores são dispendidos".

"No entanto, a escola fornece bolsas de estudo. As comunidades não têm consciência do valor da escola e esta continua desvinculada em relação a que todos os alunos luteranos frequentem o colégio".

Mas o entrevistado afirma que a escola não é de elite. São estudados casos de abatimento nas mensalidades. "A SUNAB não encontrou nada que desabonasse da situação de filantropia da escola. (Não há lucros)".

"O Diretor é que estipula os critérios para conceder bolsas de estudo integrais e/ou parciais, de acordo com a conversa com os pais".

"No Brasil, a falta de "ídolos" e "modismos" faz com que pessoas hoje se tornem céticas. O diretor teme que seja apenas modismo, "ao lado de cada igreja, uma escola", se os líderes das congregações não tiverem uma noção do papel da escola junto à congregação. Construir uma escola é fácil, mas fazer com que a escola seja uma extensão da congregação é muito difícil".
"No sul, era muito conflitante o papel do professor e do pastor da comunidade".
"O valor da escola está justamente no seu papel evangelístico bem desempenhado. E' vantagem para a comunidade e para a sociedade. Senão a escola não tem sentido em existir. Ter uma escola cristã, necessariamente a luta deve ser em torná-la evangelística (missão)".

1.1.2. Filosofia

O Parecer 146/77 - SEED que aprova o Plano de Implantação da 5692/71, traz no tópico: Princípios Filosóficos e psico-pedagógicos o resumo do estatuído pela escola, dizendo que a escola apóia-se em princípios que procuram ensinar ao educando o pensar eficientemente, a analisar, a criticar e escolher alternativas arriscando soluções. E' a filosofia do método científico.

No plano também constam os objetivos, dentre estes o que diz ser objetivo da escola promover o crescimento integral do aluno. No item 3: "obter cultura espiritual na mensagem da salvação, do amor e da graça divina, pela fé no conhecimento que os educandos gratuitamente adquirem de Deus, da vida e do homem".

Em 1980, no *Lar Cristão*, o Rev. Ari Pfluck coloca que: "a filosofia do colégio sempre foi e somos da opinião que deveria continuar a de oportunizar uma sólida formação geral, capacitando o aluno a continuar os seus estudos em curso superior, se assim o desejar".[12]

No Regimento Escolar de 1984, no art. 6o, além dos princípios da 5692/71, o Colégio acrescenta o item h - "promo-

ver a formação moral e religiosa do educando, como crisão autêtico, para que assuma o papel que lhe cabe no plano da salvação". Por objetivos, a escola tem, no item b, "o cultivo da linguagem que motivam ao aluno o contato concreto com seus semelhantes e a manifestação harmônica de sua personalidade, nos aspectos físico, psíquico e espiritual, ressaltando-se a língua portuguesa como expressão da cultura brasileira".

Seguem as entrevistas feitas com Teólogos:

"A diferença é muito grande; numa escola lutera a gente consegue transmitir e conviver diariamente com a religiosidade. Tem-se liberdade de colocar os princípios religiosos. Vejo nisto a diferença de uma escola pública. Nesta escola sinto isso".

"O ensino religioso sempre esteve presente. No início eu não me lembro, como aluno, por exemplo, da vivência cristã. Mas hoje sinto que é muito maior a vivência cristã. O diretor e todos lutam para que haja um espírito cristão no colégio e temos conseguido (apesar de que a maioria dos professores não é luterana)".

"Alguma coisas diferente tem nesta escola, das outras escolas, continua sendo diferente. Aqui diariamente tem devoção e oração feita em conjunto antes de entrarem nas classes. O clima é diferente, o espírito cristão transparece, os professores e alunos são diferentes. Nas programações especiais, na entrega dos boletins, são feitas devoções. E' outra coisa, é outro ambiente."

"Como no nosso tempo a educação luterana era diferente! Para a educação dos filhos a escola é muito importante. Mesmo hoje a escola não tem mais ensino religioso todos os dias como nós tínhamos. Um dia história bíblica outro dia catecismo. Eu lecionava todas as matérias. A comunidade que tem uma escola é muito abençoada. Sem dúvida o valor é inestimável".

"A escola era procurada pelos pais evangélicos de outras denominações porque no "Rui" ministram-se aulas de ensino religioso".

"Hoje a escola? - Bem, passamos por diversas fases - sempre tem aqueles que têm medo de espinhos, não querem assumir compromissos". E a eficiência do colégio teve fase difí-

ceis. Também a filosofia mudou. Acomodaram-se em relação ao caráter luterano. Os filhos dos papais ricos, mais liberais, começaram a requerer direitos".

"Utimamente a educação religiosa e a disciplina introduzidas, voltou a tornar o colégio mais eficiente sob o ponto de vista luterano e secular".

"Hoje ainda temos a ditadura (1990) ferindo a democracia e perseguindo a escola particular".

"Uma escola confessional é importantíssima para a formação cristã da comunidade, mas sem a interferência do Estado... Poder-se-ia dar uma formação cristã muito mais ampla e firme".

"A escola paroquial é o melhor Instituto missionário. O amanhã agradece pela nossa luta de hoje em preservar as escolas cristãs..."

Além de Teologia, estes entrevistados possuem Plena em Filosofia. Um deles já foi professor de Música, História, Educação Artística, Hinologia (23 anos), Hinódia, História da Música, História da Arte, nas Faculdades Canoenses (hoje ULBRA), na Faculdade Portoalegrense. Também possui Pós-Graduação em Auditoria Contábil. Trabalhou quatro anos na região, professor do colégio, foi conselheiro Pastoral da Associação, secretário, vice-presidente e presidente da Associação. Acredita no trabalho que pode ser desenvolvido na Escola confessional. Diz na entevista:

"A escola é extensão das ordens criadas por Deus que visam o benefício da humanidade em geral, da igreja especificamente e para glória de Deus. A ordem da família tem na escola uma extensão, bem como a Igreja também."

Pelos estatutos da Associação, o diretor da escola deve ser pastor luterano. Quanto aos professores é difícil encontrar luteranos de todas as áreas. Acredita que o ambiente escolar é de grande influência na formação cristã. E esta influencia não só os alunos mas o próprio professor que constantemente vivencia comportamentos cristãos (dos dirigentes, das notícias, do quadro mural, cultos, solenidades cívicas e religiosas) e toma conhecimento da filosofia cristã, adaptando-se ou deixando às atividades da escola por não ser luterano. E' uma seleção que

acontece naturalmente.

Considera fundamental o compromisso dos dirigentes na escolha das pessoas com as quais trabalha.

Já se optou, em anos anteriores, por uma política educacional bastante secular, onde o colégio sobressaía-se pela organização pedagógica sem muito vínculo com as programações das comunidades.

Hoje a insistência é muito grande para que os alunos conheçam o trabalho desenvolvido pelas comunidades. Sejam notificados e até levados aos programas das igrejas (retiros, veraneios junto com a juventude, noitadas culturais, convites para as escolas bíblicas ...).

A sociedade hoje, de uma forma geral, rejeita as instituições eclesiásticas. Como, neste contexto, a escola pode fazer seu papel missionário da congregação, na sociedade?

Ou se a escola se torna só de luteranos vai sofrer a mesma rejeição que a Igreja institucionalizada sofre ou vai procurar mostrar eficiência e adquirir confiabilidade em outros valores (os cristãos) para trazer junto com a educação a religião. Os pais, em geral, buscam uma escola confiável. Sendo criado um ambiente saudável, passa a ter a confiança da sociedade e esta não despreza o cunho religioso que vem junto às materias seculares (que deverão ser de bom nível - por isso os pais procuram a escola).

O conceito de escola não é possível saber exatamente. Mas, por exemplo, os pais com os quais temos mais contato, são os que os filhos são problemáticos, muitas vezes em consequência de desajustes familiares. E estes pais agradecem à escola pelo "espírito reformatório". Pois, os pais fazem questão de que a escola ofereça um ambiente saudável.

Baseado nos valores que a sociedade aceita, o diretor tenta dirigir a escola, vendendo junto o "peixe" do ensino religioso. O próprio diretor faz o papel de capelão do colégio. As aulas de religião são de responsabilidade do professor da disciplina. O entrevistado conclui dizendo:

"Os pastores da Igreja luterana ou não sabem ou não concordam com a visão de escola como agência missionária".

1.1.3 Atos Legais

O Regimento Escolar doi aprovado pela Resolução 6450/84, D.O.E. n. 19. Adendo n 01 aprovado em 07 de julho de 1989.

Diz no art 1o: cita o Estatuto registrado à folha 25, sob n 25, no Livro de Pessoas Jurídicas, em 24 de março de 1960 - Registro de Títulos e Documentos da Comarca de Toledo, PR.

O art. 5o - o Colégio tem por princípio atender a Lei 5692/71.

O art. 9o - o Diretor habilitado na forma da Lei.

O art. 10 - é função do Diretor cumprir e fazer cumprir as leis.

O art. 116 - os professores são contratados segundo as vigências da CLT.

O Colégio possui: Regimento do Centro Cívico Escolar e o Regimento da Associação de Pais e Professores.

Depoimentos:

"O governo não era tão exigente (1937 a 1953) em relação aos programas. Eu lecionava de tudo".

"A 5692/71 exigiu escola de aplicação, então a Comunidade cedeu a Escola Concórdia para o Colégio Rui Barbosa".

"Há grande influencia da maçonaria e do espiritismo na legislação brasileira, influenciando os rumos de nossa filosofia brasileira. Os luteranos não conhecendo, aceitam simplesmente a legislação e a filosofia imposta". O entrevistado diz que tem o antídoto, que é a filosofia cristã.

1.1.4 Comunidade Escolar

Pais

A criação dos ginásios, ao redor de Marechal, fez com que os pais não se interessassem mais pelo envio dos filhos para a sede de Marechal Rondon. Era bem mais barato ir na escola local. Alguns deixaram seus filhos no internato Martin Luther, construído com a ajuda enviada pela Alemanha, depois da Guerra, através da "Brot fur de Welt".

"Os pais precisam do auxílio da escola para educar seus filhos".

"A igreja é a reunião dos filhos de Deus e a escola auxilia a igreja na instrução de seus filhos".

"As comunidades ainda não valorizam a escola como deveriam. Ultimamente melhorou, pois 50% dos alunos são luteranos (das duas denominações); antes apenas 8% eram luteranos".

Professores

No Regimento Escolar de 1984 diz:

art. 116 - os professores admitidos segundo exigências da CLT.
art. 118 - V - manter vigilância para que os alunos não usem processos fraudulentos na execução de trabalhos, provas e testes.
art. 120 - é vedado ao professor manifestar-se contra ou desprestigiar a orientação do Estabelecimento.

No pedido de aprovação do Adendo n 01 ao Regimento Escolar de 1984, isto em 1989, consta a relação de professores do Colégio. Nele estão citados professores que também lecionam no Colégio Martin Luther (e quiçá em outros da cidade ...). Assim a influência "luterana" extrapola - formação luterana - passa para outros alunos influenciando toda população de M.C. Rondon, que na maioria é luterana conforme depoimentos.

Diretores:

Prof. Ingrun Seyboth -	1964
Rev. Christiano J. Steyer -	1965
Prof. Walter J. Schwalemberg -	1966 - 1967
Rev. Guilherme C. Figur -	1968 - 1970
Rev. Carlos H. Goebel -	1971 - 1977
Rev. Leonhard Ohnesorge -	1977
Rev. Ari Pfluck -	1978 - 1980
Rev. Carlos H. Goebel	1981 - 1987
Rev. Waldemar Martin	1988

Rev. Martinho Krebs 1989 - 1991

Depoimentos:

Depoimento de uma professora que não é de ensino religioso: "Sinto uma afinidade muito grande pela escola, não sei se é so por ser luterana. A diferença é muito grande".
"Dificuldade de encontrar bons funcionários luteranos. Desde o início e hoje ainda, a minoria de professores é luterana".
Um professor sinodal, formado pela IELB em 1955, chegando a M.C. Rondon em 1965, fez a escola normal novamente em 1966 porque seu diploma não foi aceito pelo governo."

"Professores municipais competiam com os sinodais. Por que os 'nossos' eram melhor preparados. E isto também contribui para boicotar as escolas confessionais (1966)."

"Depois os 'nossos' professores se sentiram despreparaods em relação à formação e novos métodos e não valorizaram mais a didática nova que o estado e as prefeituras começaram a desenvolver. Então nossas escolas ficaram despretigiadas por falta de material didático. O professor trabalhava na roça e não acompanhou o desenvolvimento da didática - alienou-se ..."

Um dos entrevistados lecionou 42 anos juntamente com o pastorado. No Rio Grande do Sul e depois no Paraná. Além de Teologia, é licenciado em Filosofia e História. Interessante no depoimento, quando relata que os professores normalistas da época, satirizavam: "Ele é apenas licenciado ... não é normalista como nós". Nem sabiam do que se tratava, chegou até a ser perseguido só por ser licenciado.

Programas

Em 1966, os programas eram os mesmos do início do funcionamento da escola: história bíblica e catecismo.

"As escolas luteranas eram desprestigiadas por não terem material didático e não acompanharem os novos métodos que o estado introduzia em suas escolas ..."

Em 1980, no *Lar Cristão*, o Rev. Ari Pfluck escreve que implantam a educação geral com os conteúdos exigidos cada vez mais no vestibular. E que, é lógico, também o ensino da religião.[13]

No pedido de autorização do Curso Propedêutico em 1983, consta o programa de filosofia. Nele não aparecem especificamente conteúdos cristãos. Mas o professor ministrante era luterano.

1.2 A Escola Evangélica Martin Luther

1.2.1 Histórico e Manutenção

A Escola Evangélica Luterana Martin Luther é mantida pela Associação Educacional e Assistencial Martin Luther: ASSEAMAL. Foi fundada a 04 de março de 1978. E' uma entidade filantrópica e educacional. A Escola Evangélica Luterana Martin Luther mantém os cursos de: Jardim de Infância, Pré-Escolar e Ensino de Primeiro Grau. Também é ministrado em todos os cursos e séries o ensino religioso da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Realiza serviços assistenciais.[19]

Os estatutos da Associação tiveram seu extrato, para fins de registro, publicado no Diário Oficial do Estado do Paraná em 26 de março de 1990. No Conselho Nacional de Serviço Social do MEC foi expedido atestado em 20 de setembro de 1978 constando de que a Associação se acha registrada naquele Conselho em 04 de setembro de 1978 pelo Processo 217.618/78. E em 13 de junho de 1979, pela Lei 7166 a Associação é declarada de Utilidade Pública, sendo publicado no Diário Ofical do Estado do Paraná de 20 de junho de 1979. A Associação também é declarada de utilidade pública pelo Decreto Federal n 94.230 de 15 de abril de 1987 (Processo MJ n 36.179/81), publicado no Diário Oficial da União n 72 em 21 de abril de 1987.

No registro do Estatuto, em 30 de março de 1978, número de ordem 34, folha 58, livro A (conforme certificado expedido em 10 de junho de 1981), consta que os fins da Associação são: manter e administrar *em conformidade com as leis de Ensino vigentes no país*: a pré-escola e o ensino de Primeiro Grau.

No artigo 4o diz que a Comunidade Evangélica Martin Luther, pessoa jurídica de direito privado, é membro da entidade (ASSAMAL) "ad natum".

No Regimento Interno, datado de 13 de setembro de 1977, art. 3o, diz que o diretor da escola será nomeado pela diretoria da Comunidade Evangélica.

Consta no preâmbulo do Regimento Escolar (1985) apro-

vado pela SEED que a Comunidade, tendo como pastor titular o Rev. Joachin Pawelke, achou por bem criar uma escola, acentuando que os filhos dos membros precisavam de um ensino religioso mais sólido e de uma educação sadia, a fim de fazer deles membros fiéis à igreja e bons cidadãos dentro da sociedade em que vivem.

Dados Sobre o Estabelecimento[15]

Endereço: Av. Maripá, 865 - M. C. Rondon, PR
Autorização: Decreteo n 6959, assinado em 14 de fevereiro e publicado no Diário Oficial em 14 de fevereiro de 1968.
Instalação: em 15 de fevereiro de 1961 (por iniciativa dos líderes da Com. Evan, Martin Luther).
Registro: Está registrada na Secretaria de Educação e Cultura - Departamento de Educação Municipal e Particular, sob n 920.
Ano letivo de 1961: Em março de 61 início da escola primária sendo a mantenedora da Escola a Comunidade Evangélica Martin Luther.
Fundação da Escola Evangélica Luterana Martin Luther - Diretor Waldomiro Leissem, com 176 alunos. No ano letivo de 1970, através do Decreto 21474 (D.O.E de 03 de novembro de 1970), a escola é reconhecida pelo Estado. O curso primário funcionou em prédio de madeira com quatro salas de aula até o ano de 1971. A partir de 1972, uma sala de aula passou a funcionar no prédio do Internato. No ano letivo de 1975 passou a funcionar no prédio de material, antigo internato, com quatro salas de aula, secretaria e um salão de recreação. Em setembro de 1975 foi iniciada a confecção de um museu. A Escola Evangélica Martin Luther passou para a reforma de ensino da Lei 5692/71 no ano letivo de 1976, iniciando pela 1o e 2o séries do primário. Ano letivo de 1977 a 3o e 4o séries do primário. No ano letivo de 1976 foi implantada a 5o série do ensino de 1o Grau regular. No ano letivo de 1977 a 6o série. Ano letivo de 1978 a 7o série. Ano letivo de 1979 a 8o série. A primeira turma de formandos desta escola foi no ano letivo de 1979 com 21 alunos concluintes. Até o ano letivo de 1978 a mantenedora da Escola foi a Comunidade Evangélica Martin Luther, ainda neste ano foi criada

a Associação Educacional e Assistencial Martin Luther, que passou a ser a mantenedora da Escola.
Implantada a Língua Alemã:
1979 - Quinta Série; 1980 - Sexta Série; 1981 - Sétima Série; 1982 - Oitava Série. No ano letivo de 1984 foi implantada a Língua Alemã nas seguintes séries: Segunda, Terceira e Quarta Séries.
1982: Resolução de Autorização de Funcionamento: 2.296/82 (D.O 06 de outubro de 1982).
1986: Reconhecimento do Ensino de Primeiro Grau: 2699/86 (D.O. 02 de julho de 1986)
Obs.: Primeiro Grau - a Oitava Série após o reconhecimento do Primeiro Grau, a escola passou a ser ESCOLA EVANGELICA MARTIN LUTHER - ENSINO PRE-ESCOLAR E PRIMEIRO GRAU.

Organograma:

COMUNIDADE EVANGELICA MARTIN LUTHER

ASSEAMAL - Conforme os estatutos a ASSEAMAL terá sua diretoria eleita em dezembro de cada ano, entre os seus associados.

ESCOLA EVANGELICA MARTIN LUTHER

'Orgãos de alta direção:

CONSELHO ESCOLAR - Conforme o Regimento Interno o Conselho Escolar é formado por:
Presidente - é o vice-presidente da Comunidade Evangélica Martin Luther.
Secretário - é o vice-secretário da Comunidade Evangélica Martin Luther.
Tesoureiro - é o vice-tesoureiro da Comunidade Evangélica Martin Luther.
Conselheiro - é o pastor titular da Comunidade Evangélica Martin Luther.
Conselheiro - é o Diretor da Escola Evangélica Martin Luther.

Direção - Conforme o Regimento Interno o Diretor é designado pelo Conselho Escolar com homologação pela Comunidade Evangélica Martin Luther.

Comunidade Evangélica Martin Luther

Asseamal

Escola Evangélica Martin Luther

órgãos de alta direção:
- Conselho Escolar
- Direção

órgãos-meio:	órgãos-fim:	órgãos cooperadores
- Secretaria	- S. C. Pedagógica	- A. Pais e Profes.
- Contadoria	- S. O. Educacional	- Grêmio Estudantil
- Manutenção	- S. O. Cristã	- Ass. de ex-alunos
e Vigilância	- Cons. de Classe	- Merenda Escolar

No Estatuto, art. 49 (Est. ASSEAMAL/78) - A candidatura ou investidura de qualquer membro em cargo político implicará em seu desligamento automático de qualquer cargo da administração da entidade, enquanto perdurar a candidatura ou mandato político.

Também nos estatutos da Associação está claro que é vedada a remuneração aos membros da diretoria, no todo ou em parte. No caso de dissolução, o patrimônio da Associação somente poderá ser aplicado para fins educacionais. A Associação é uma entidade de fins filantrópicos, não visando lucros. Alterada a redação (art. 26) consta que o patrimônio passa integralmente à posse da Comunidade Evangélica Martin Luther, a qual poderá transferir a entidade congênere e (art. 24) os sócios não têm direito sobre o patrimônio da associação. (Diário Oficial do Estado do Paraná número 341 de 13 de julho de 1978).

No art. 7o: "Os sócios deverão pagar contribuição mensal, independente da contribuição, à Escola. E o pagamento deve ser pontual. Se faltarem com o pagamento por mais de três meses, serão suspensos".

No art. 3o, item 3: "Reivindicam os benefícios e direitos junto ao Município, Estado e União visando a melhoria da qualidade do ensino em sua própria escola e no país".

No art. 46: "Todos cargos eletivos serão exercidos gratuitamente (podendo haver ajuda de custo)".

Depoimentos:

Uma professora que trabalhou de 1961 a 1963: "Desde o início cobrava-se uma taxa por família para que seus filhos estudassem na escola da comunidade e não na municipal (considerada muito fraca). O pastor Pawelke considerava muito importante a escola evangélica".

No período de 1982 a 1984, um entrevistado diz: "Depois de 20 anos, a escola está muito diferente. E esta escola ficou elitizada, poucos filhos da comunidade evangélica conseguiram continuar estudando porque a escola ficou muito cara. Mesmo alguns alunos possuindo bolsas de estudo".

Outro entrevistado diz: "Tendo sido extinto o internato em 1975, foi possível ampliar até a Oitava Série na Escola M. Luther. Para esta implantação, a professora Venilda Saatkamp foi convidada, juntamente com outros professores. Sendo então também providenciado o funcionamento legal e oficial da escola. Para a impliação das instalações do prédio e melhorias, foram necessárias muitas verbas. Estas foram conseguidas através de promoções, festas, ajudas na comunidade e até junto à Prefeitura. Muitos alunos possuíam bolsas de estudo. Mas eram muitos os gastos na melhoria do prédio. Então foi muito investido naquela melhoria e não no professor e no aluno."

"O Diretor atual, é economista, mas por decisão pessoal de servir a Cristo e à Igreja, aceitou o convite para dirigir a escola no momento. Como a escola confessional não deixa de ser

"empresa" precisa de uma direção que a administre com profissionalismo e não do tipo "amadorismo". E' preciso planejamento e nesse sentido o economista o faz. Infelizmente, é escola de elite este colégio e é o que cobra as mensalidade mais altas. Busca-se uma boa qualidade de ensino. Tenta-se projetar a escola para dentro da sociedade". Criou-se atividades extra-classe, como opção para os alunos. No momento, por problemas financeiros, a comunidade não mais oferece bolsas de estudo. A própria escola distribui bolsas com recursos próprios.

1.2.2 Filosofia

No Estatuto (1978), no art. 3, item 2, diz: "A ASSAMAL tem por princípio e finalidade: promover para que em todos os cursos e séries deste educandário seja ministrado o ensino da fé cristã, conforme doutrina da IECLB".

No plano de implantação (aprovado pelo SEED em 8 de novembro de 1978) consta a biografia de Martinho Lutero.

Também do plano consta a filosofia da escola - onde destacamos: "A filosofia educacional busca sempre nos princípios da filosofia progressista e nos expoentes das teorias recentes da aprendizagem - Skinner, Piaget, Brunner e consoante ao art. 1o da 4024/61 ..."

No mesmo plano, quanto aos objetivos do ensino de Primeiro Grau, o item 1.2.1 diz: "A escola tem por objetivos - aprimorar a formação intelectual, física, moral e espiritual do educando, visando o desenvolvimento de uma cultura que permita a sua integração social". E no item 1.2.10 "desenvolver o espírito crítico do educando em relação à realidade física e social que o circunda, bem como em relação a sua realidade interior".

No art. 4o do Regimento Escolar de 1985, os ítens destacados sobre os objetivos, são: item IX - incentivar o estudo do idioma de língua alemã e o item II - levar em consideração e formação humana na sua tríplice dimensão: biológica, social e espiritual.

Em destaque, no Regimento Escolar de 1985, o art. 30, 31 e 32 tratam do Serviço de Orientação Cristã que tem por finalidade criar na Escola um clima humano e cristão, oportunizando a educação integral na perspectiva da fé, visando a formação cristã dos alunos. O orientador educacional (art. 29) deve planejar reuniões com os professores de educação cristã e promover a *renovação* e a vivência cristã de professores, pais e alunos. O Serviço de Orientação Cristã faz parte do Conselho de Classe (art. 34).

Consta também no art. 74 do mesmo Regimento, que os planos curriculares definem a filosofia educacional do Estabelecimento.

Quanto aos princípios psico-pedagógicos, no plano de implantação da 5692/71, aprovado em 1978 pela SEED, diz que os princípios norteadores são os de que a educação resulta da filosofia que orienta a vida dentro da cultura. Cita como inspirador, Lourenço Filho, dizendo que a filosofia do educador orienta-se como norma pessoal da vida. E ainda de que toda teoria da educação é derivada de um teoria de valores, segundo Densford. Consta também Dewey e Johnston. E que a fundamentação mesmo é em concordância com T. Brameld que diz que é preciso fundamentar a conduta política, científica, religiosa e educacional.

Nesse sentido, a filosofia da Comunidade Evangélica Martin Luther baseia-se no método científico. Ensina o educando a pensar, analisar, criticar, escolher alternativas e arriscar soluções. Também dá importância especial ao papel criativo da educação.

Não havendo uma teoria coerente que abarque todas, o currículo se fundamenta nas teorias de Skinner, Piaget e Brunner. Cita as concepções escolhidas de cada, das quais selecionamos: "Será dada importância maior à motivação intrínsica". E que "o ensino deverá dar ênfase à pesquisa de toda espécie, para exigir a ação e reflexão constantes". "Do conhecido para o desconhecido". Também, "despertar a consciência para as realidades superiores do espírito". Conclui: "Na manifestação harmônica da personalidade terão consideração específica os aspectos físicos, psicomotores e

espirituais. Em todas as realizações, a vida intelectual e a atividade mental servem-se do mundo da matéria e do mundo do pensamento para realizar o seu destino".

Depoimentos

Entrevistado trabalho de 1961 a 1963: "Observa-se que as pessoas da minha geração, frequentam muito a Igreja. Naquele tempo as crianças estavam sempre envolvidas com as atividades da Igreja; eu acredito que os princípios morais eram mais fortes. Permanecem até hoje firmes na Igreja".

Entrevistado trabalhou de 1976 a 1980: "O objetivo era transformar a escola na melhor escola particular da cidade. E de 170 alunos, hoje está com 500 alunos. A diferença entre uma escola pública e particular está fundamentalmente na autonomia do gerenciamento administrativo. Na escola pública o diretor é apenas repassador de informações. Na escola particular, por exemplo, escolhe-se sempre os melhores professores e estes permanecem se se enquadrarem na sistemática do colégio, melhorando assim a qualidade do ensino. Fica muito próxima a administração."

"Outra diferença da escola é o ser ministrado ensino religioso na escola. E isto contribuiu e é fundamental para a formação do aluno que por certo se destacará na sociedade. Pois o ensino religioso é fundamental na vida de qualquer um. Mas um ensino cristão universal. No meu tempo, alguns alunos não assistiam às aulas, pois não se podia obrigar. Mas era um ou outro, a maioria participava das aulas." A seu ver, em sua época, o ensino religioso influenciava na procura pela escola, mas não era ele o ponto decisivo na procura daquela escola e sim pelo conhecimento das outras disciplinas. "O trabalho como um todo é que faz uma boa escola".

Entrevistado trabalhou de 1982 a 1984, e retornando à escola, observa que a esta havia sido elitizada, "a comunidade e a direção observam como ela havia se distanciado de sua filosofia incial de quando havia sido criada. Os pastores começaram a se preocupar, pois não parecia mais uma escola evangélica. E começou-se a questionar muito sobre o seu papel,

pois praticamente nada a diferenciava de uma escola municipal ou estadual.

Foi nomeado então um pastor como conselheiro espiritual da escola. Mas infelizmente ficou só no papel, pois o pastor não tinha condições de se dedicar só para a escola.

No seu depoimento, o entrevistado expressa o conflito que viveu entre o obedecer ao sistema vigente que obrigava a escola a estar elitizada e a comunidade querendo atender aos filhos da igreja. Não conseguiu levar à frente o intento. Trouxe experiências do Colegio Humbolt de São Paulo (onde os alemães abriam as portas à IECLB para o ensino religioso, não obrigatório - opcional aos alunos) mas não consegui implantar inovações.

Considera a escola hoje, uma escola sem cunho evangélico propriamente dito, em relação aos princípios que originaram sua fundação em 1961, quando participou de sua fundação juntamente com Waldomiro Liessen e o pastor Pawelke.

Entrevistas sobre os dias de hoje:

"Acredito que uma escola luterana deve ser evangélica em todos os sentidos, passando o "religare" em todas as disciplinas do currículo e não somente uma disciplina de orientação cristã. Para isso não se utiliza a palavra educação cristã ou ensino religioso no sentido de fazer algo para encontrar-se, para religar (isto já está feito por Cristo, subentende-se) e sim, trocando a palavra por orientação cristã. Dessa maneira, inclusive os professores, a partir de uma visão cristocêntrica em todas as disciplinas, evitando a dicotomia entre ciência e religião, orientariam para o sentido cristão (inclusive na questão da evolução)."

"Mas a identidade como escola luterana continua sendo a grande busca, ou melhor, a redescoberta da identidade. E' um trabalho muito difícil. Não são trabalhados os conteúdos doutrinários da IECLB, só orientar na educação cristã.

1.2.3 Atos Legais

Registro n 920 no Departamento de Educação Municipal e Particular (Secretaria de Educação e Cultura).

Autorização pelo Decreto 8159/68 - D.O.E. 17 de fevereiro de 1968.

Reconhecida pelo Decreto 21474/70 - D.O.E. de 02 de novembro de 1970.

Plano de Implantação da 5692/71 na Resolução 1713/78 - D.O.E. 08 de novembro 1978.

A ASSAMAL tem por fim, segundo o Estatuto:
art. 3o - manter e administrar em coformidade com a legislação vigente no país, a Escola Evangélica Martin Luther de Marechal Cândido Rondon, PR.
art. 47 - a Escola observará o regimento interno devidamente registrado na SEED.

Depoimentos:

Uma professora em 1976 não conseguiu liberação do "padrão" do Estado para trabalhar em tempo integral na Escola da Igreja."

1.2.4 Comunidade Escolar

Pais

No Estatuto de 1978:
art. 5o, item 2 - os pais dos alunos regularmente matriculados na Escola Evangélica Martin Luther, poderão ser admitidos no quadro social, após aprovação da diretoria.
art 48 - "toda e qualquer deliberação ou ato desta ASSAMAL, necessariamente deverá merecer a apreciação da Comunidade Evangélica Martin Luther, através de sua diretoria em exercício, a qual caberá homologá-la, emendá-lo ou reformá-lo".

No Regimento Interno de 1977:

art. 9o, item j - "dever do aluno apresentar desculpas assinada pelo pai ou responsável sempre que tiver falta às aulas, ou não tiver feito os deveres".
art. 11 - "são consideradas violações graves: desrespeito às autoridades e colegas".

Professores

No Estatuto de 1978:
art. 26, item e: " 'A diretoria executiva da ASSAMAL compete organizar o quadro de funcionários, admitir e dispensar funcionários da Associação e fixar-lhes os respectivos vencimentos.

No Regimento Interno de 1977:
art 4o: "O corpo docente da escola é constituído pelos professores que lecionam no estabelecimento, controlados, pela entidade mantenedora".
art 5o, item i: E' dever do professor dar exemplo de moralidade e polidez com seus atos, tanto na escola como fora dela;
item m: "Prestar compromisso perante a diretoria da comunidade".
item q: "Cumprir o programa oficial".
art. 9o, parágrafo único: "O corpo docente não se responsabiliza por atos praticados pelos alunos fora do estabelecimento, mas intervém, caso os alunos praticarem atos graves, punindo-os, para que o bom senso desta entidade não seja violada".

No Regimento Escolar de 1985:
art. 150, item XVII: "E' dever do professor: manter estreita vigilância para todos os trabalhos escolares se realizarem sem recurso e processos fraudulentos". E no item XIX: "manter com os colegas espírito de colaboração e solidariedade, indispensáveis à eficiência da obra educativa a que se propõe a Escola".

Depoimentos:

O entrevistado diz que "a maioria dos professores são oriundos de cunho evangélico. Isto facilita o trabalho".

Relação de Diretores da Escola:
1961 - Waldomiro Liessem
1968 - Milton Thessing
1972 - Arlindo Figur
1975 - Ieda Maria Mueller
1976 - Venilda Saatkamp
1980 - Renate Ursula Konieczniak
1981 - Gládis M. Allenbrandt (de 10/09 a 02/03/82)
1982 - Célia Liessen Vigorena (de 03/92 a 1984)
1985 - Edgar Karnopp
1987 - Renate Saatkamp Hensel
1991 - Nélio Sander

Alunos

Regimento Interno (13 de setembro de 1977) - "f" - matrículas feitas de acordo com o estabelecido pela SEED.

Idem, art. 8o - o corpo discente é constituído de todos os alunos matriculados no estabelecimento.

Idem, art 9o - deveres:

d) aceitar ordens do professor;

f) tratar com irmandade a todos que que o rodeiam;

i) portar-se como cidadão na escola e fora dela.

Regimento Interno (13 de setembro de 1977) art. 10 - aos alunos é proibido trazer à escola revistas, gravuras ou escritos imorais, sob pena de serem punidos.

Idem, art. 13 - anular prova em casos de fraudes.

Regimento Escolar 1985, art. 164 - São direitos dos alunos, item VII - organizar-se em associações de cunho religioso, educativo, artístico, cívico, científico ou esportivo, respeitando as disposições deste Regimento.

Número de alunos da Escola Evangélica Martin Luther.[16]

Total de alunos ano letivo de:
1961: 176 primeiro ao quinto ano
1962: 134 primeiro ao quinto ano
1963: 130 primeiro ao quinto ano
1964: 108 primeiro ao quinto ano
1965: 136 primeiro ao quinto ano
1966: 162 primeiro ao quinto ano
1967: não houve registro
1968: não houve registro
1969: não houve registro
1970: 184 primeiro ao quinto ano
1971: sem registro
1972: 194 primeiro ao quinto ano
1973: 178 primeiro ao quinto ano
1974: 138 primeiro ao quinto ano
1975: 130 primeiro ao quinto ano
1976: 170 primeira a quinta série
1977: 236 primeira a sexta série
1978: 243 primeira a sétima séries
1979: 281 primeira a oitava séries
1980: 277 primeira a oitava séries
1981: 275 primeira a oitava séries
1982: 300 primeira a oitava séries
1983: 335 primeira aoitava séries
1984: 359 primeira aoitava séries
1985: 479 primeira a oitava séries e jardim de infância
1986: 469 primeira a oitava séries e jardim de infância
1987: 476 primeira a oitava séries e jardim de infância
1988: 427 primeira a oitava séries e jardim de infância
1989: 345 primeira a oitava séries e jardim de infância
1990: 454 primeira a oitava séries e jardim de infância
1991: 409 primeira a oitava séries e jardim de infância

Ano Letivo de 1991

Primeira a Quarta Séries: Doir turnos: matutino e vespertino

Primeira A e B = 32	Quinta A e B = 38
Segunda A e B = 43	Sexta A e B = 46
Terceira A e B = 40	Sétima A e B = 27
Quarta A e B = 49	Oitava A e B = 34

Maternal = 18
Jardim I = 24
Jardim II = 22
Pre-Maternal = 36

Depoimentos:

Da direção atual: "Na disciplina de orientação cristã, há participação de todos alunos, embora os conteúdos não sejam obrigatórios".

Programas

No Regimento Interno de 1977:

art. 5o, item q: "professores cumprem o programa oficial".
art. 6o: "as disciplinas serão ministradas de acordo com a grade aprovada pela SEED e previsto por Lei".

Nas Grades Curriculares:
consta uma hora aula semanal de ensino religioso;
constam três horas aula semanais de língua alemã;
constam duas horas aula semanais de inglês.

Depoimentos:

Entrevistado trabalhou de 1961 a 1963: "De segunda a sexta-feira ensino regular. Todos alunos, aos sábados, vinham para a escola e tinham uma hora aula de religião e uma hora de canto (e como cantavam!). Após o recreio, limpavam a escola (não tinha zeladora). Os livros das outras disciplinas eram os mesmos de outras escolas."

Entrevistado trabalho de 1976 a 1980: "desde o princípio, sempre a escola teve o ensino religioso. No período, conforme seus depoimentos, optou-se por um ensino religioso de caráter cristão universal, que não fosse especificamente dirigido dentro da Igreja Luterana. Porque tinha alunos de todas as religiões frequentando a escola, tendo essa abertura, apesar de ser utilizado material da comunidade. Este era elaborado pelo pastor da comunidade, história bíblicas, devoções, momentos especiais, além das aulas do currículo."

Entrevistado trabalho de 1982 a 1984: "O pastor da comunidade ministrava as aulas de ensino religioso".

Entrevista sobre os dias atuais: "Tenta-se a interdisciplinariedade entre os conteúdos. E também a pesquisa de campo está sendo muito motivada. A formação junto com a informação. Mas é um trabalho difícil, devido as diferentes visões filosófico-pedagógi- cas em relação à própria busca da identidade da escola evangélica."

Para ministrar os conteúdos de orientação cristã são incumbidos professores específicos. Os programas são feitos na própria escola, buscando a integração com as demais disciplinas como já foi dito.

No currículo, deiferente das outras escolas, estuda-se além do inglês, o alemão. Também como opcional o francês e processamento de dados. Isto desde as séries iniciais de Primeiro Grau.

"As inovações, buscando esforços novos, com a criação de creche, atividades de tempo integral, busca-se a projeção da escola (sendo a orientação cristã o pano de fundo), investindo-se nas disciplinas seculares".

Observações: Foram consultados Estatutos da ASSEAMAL[17] e da A.I.V.A.R.B.[18]. Tambémos regimentos escolares[19] foram analisados. Quanto aos depoimentos, estes foram coletados pela autora através de entrevistas[20] gravadas em fitas k-7.

Anexo F
Apontamentos para o histórico da Escola Santa Cruz - Capanema, PR

1.1 Histórico - Manutenção - Atos legais

A Escola Santa Cruz - Ensino de primeiro grau, possui suas propriedades localizadas em Capanema, PR, no bairro Santa Cruz, Avenida Botucaris s.n. a mil metros do centro da cidade (antigo ginásio) e na Avenida Espírito Santo, nas proximidades do centro da cidade.

Associação do Instituto Vocacional e Assistencial Santa Cruz de Capanema é o nome da atual entidade mantenedora da Escola Santa Cruz, ensino de primeiro grau.

Quando Capenama e região ainda estavam cobertos pelo verde do sertãos e os primeiros colonizadores vinham para se estabelecer, um ex-seminarista que por ali chegara, sentiu logo a necessidade de alfabetizar o grande número de crianças que até então não teve a oportunidade de frequentar uma sala de aula. Reuniu os interessados, propondo a construção de uma escola, que ao mesmo tempo pudesse servir de local de culto para a congregação que pretendia formar. Conseguiu junto à Prefeitura Municipal de então, a doação de seis terrenos urbanos numa área de 6.000m² para tal fim. A escola foi construída num destes terrenos no ano de 1959, sendo seu primeiro professor o ex-seminarista senhor Carlos Edvino Reschke.

Em 23 de janeiro de 1961, o referido professor conseguiu o registro da escola, sob número 604, junto à Secretaria do Estado do Paraná, com o nome de Escola Santa Cruz, pertencente a então congregação recém fundada. E' neste mesmo ano de 1961 que a congregação jovem de Capanema é presenteada com o seu primeiro pastor residente, rev. Armindo Grams, que em meio de muitas dificuldades e sacrifícios inicia o seu trabalho à procura de pessoas interessadas em nossa igreja, tendo em vista o pequeno número de famílias luteranas residentes na região.

Por motivo de mudança de residência do professor Carlos Edvino Reschke para Realeza, a responsabilidade de dirigir a escola recaiu sobre o pastor Armindo e sua esposa Da. Eunice, que a conduziram até fins do ano de 1965, quando aceitaram o chamado para a paróquia de Porto Lucena, RS.

Com a chegada do rev. Ernesto Pahl, em fevereiro de 1966, a escola passou a ser dirigida pela esposa do pastor, professora Renilda Ema Pahl. O local de culto tornou-se pequeno para abrigar todos os alunos, tornando-se necessário a construção de um prédio mais amplo e adequado. Em 1967, a Prefeitura Municipal construiu duas salas de alvenaria, as quais em pouco tempo tornaram-se insuficientes, sendo que em 1969 outras duas salas foram construídas nos terrenos da congregação. Ainda no mesmo ano foi feita uma consulta junto ao então presidente da igreja, rev. Elmer Reimnitz, sobre a possibilidade de construir um prédio escolar mais amplo para os alunos que concluissem a quarta série tivessem condições de continuar os seu estudos numa escola luterana nas quinta a oitava séries. O presidente da igreja encaminhou-os junto ao reve. Ruben Becker e à Central Evangélica para o Desenvolvimento de Projetos em Porto Alegre, os quais os orientaram e auxiliaram sobremaneira na elaboração e confecção do projeto, aos quais deve o reconhecimento e profunda gratidão.

Para tanto, foi criada a Associação mantenedora cuja ata de fundação data de 24/04/70, estando presentes na inauguração representantes do Governador, presidenta da IELB, rev. Elmer Reimnitz, representantes da "Evangelische Zentralstelle fuer Entwicklungshilfe", Prefeito e ex-prefeito da cidade, Revs. Becker, Krebs e Roll, presidente da Associação mantenedora e outras autoridades.

O projeto foi encaminhado a Alemanha e com o acréscimo de algumas sugestões aprovado, sendo financiado com 75% pela "Evangelische Zenstralstelle fuer Entwicklungshilfe" e o restante dos 25% foram levantados pela comunidade local, Prefeitura e Governo do Estado do Paraná.

Tendo sido firmado convênio entre Governo do Estado do Paraná, a Secretaria de Estado do Paraná, a Associação do Instituto Vocacional e Assistencial e o Município de Capanema.

O convênio publicado no Diário Oficial do Estado em 17/11/72 e reformulado pelo termo aditivo publicado em 01/06/73 tem como finalidade a construção da Escola, envolvendo todos os conveniados. A Associação tendo sido beneficiada com a doação de seiscentos e sessenta mil marcos alemães (660.000 marcos)

que lhe foi outorgada pela Evangelische Zentralstelle fuer Entwicklungshilfe" (Bonn) (2%) (O Município com 8%).
Na cláusula sétima o Estado assume todas as despessas de conservação e manutenção do prédio pelo prazo de 25 anos conforme estatuído na cláusula décima primeira.
A cláusula oitava trata da designação do Diretor e Secretário que será feita mediante lista tríplice apresentada pela Associação com as qualificações exigidas.
Na cláusula nona, o Estado obriga-se a lotar, no estabelecimento de ensino de primeiro grau, os professores e funcionários através da SEED.
Sob o decreto número 22023 de 30 de dezembro de 1970, receberam da Secretaria de Educação e Cultura do Paraná - Divisão do Ensino Particular, a autorização de funcionamento do Ginásio Santa Cruz quinta à oitava séries.
Em março de 1971, iniciaram as aulas com 122 alunos na quinta série, numa antiga casa de comércio, visto que o prédio constante do projeto ainda não tinha sido construído.
Os estatutos da Associação estão registrados (no regimento diz número 1668 - Livro I de 22/02/72) sob número 75432 em 22/02/72 no Cartório de Registro de Títulos e Documentos em Curitiba. No artigo 3º diz ser finalidade da Associação manter e administrar, de acordo com as leis do país, os cursos secundários e colégio agrícola. E ainda, poderá manter cursos que se fizerem necessários ou convenientes que não contrariem os princípios da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.
No artigo 1º do Estatuto diz: "E' uma Associação educacional filantrópica composta por congregações da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e sócios inidividuais".
Destacamos também que no estatuto diz ser de motivo de destituir os diretores a permanência em doutrina errônea e vida escandalosa. Também por ser filantrópica não visa lucros. Os saldos serão empregados no patrimônio. E em últimos casos o patrimônio passa para a Igreja Evangélica Luterana "Santa Cruz" que investirá na região de Capanema.
Em março de 1973, foi inaugurado o prédio da nova escola projetada e que atualmente (1990) conta com aproximadamente 800 alunos matriculados da primeira a oitava séries, dos quais

28 são luteranos e os demais pertencentes a outras denominações religiosas.
Os professores atuantes são em número de 20, sendo que 10 destes são da Igreja Evangélica Luterana e os demais de outras denominações.
As aulas de religião estão sendo dadas por um dos pastores da igeja e exercem fator importante na formação dos educandos. Todos os alunos participam das mesmas com entusiasmo, tornando-se conhecedores das principais doutrinas bíblicas para a sua salvação. A paróquia conta com várias famílias que se tornaram cristãs e luteranas através das aulas de religião ministradas no educandário. Há inclusive candidatos ao pastorado da IELB, alunos da escola.[1]
Em 1975, no plano de implantação da 5692/71, consta às folhas 55 que o município de Capanema é essencialmente agrícola e de minifúndio. Sendo baixo o índice de renda familiar e sócio-cultural.
Através da Lei municipal 270/87 de 22/04/87 a Associação do Instituto Vocacional e Assistencial Santa Cruz é declarada de utilidade pública. E através da Lei Estadual 8965 de 20/04/89 a Associação é reconhecida de utilidade pública pelo governo do Estado.
Em entrevistas a nós concedidas, temos os relatos:
"A escola nasceu como fruto da missão e (1954) os evangélicos se reuniram e pediram um pastor para a IELB. No começo o pedido não foi atendido, então os membros se dirigiram à IECLB e esta atendeu logo o pedido. No ano seguinte a IELB também resolveu mandar um pastor e isto enfraqueceu o trabalho, pois eram poucas as famílias evangélicas e estas acabaram se dividindo."
Em 1961 iniciou-se o trabalho com a escola, conforme já registrado. As esposas dos pastores lecionavam. A escola foi crescendo e daí o pedido à Prefeitura para construção e o pedido foi atendido. Eram poucos os alunos luteranos. Esta escola tem sua origem como fruto missionário. A escola era paga pelos pais dos alunos, antes do convênio. Em 1966 a esposa do Rev. Pahl passou no Concurso do Estado do Paraná e foi cedida, pelo Estado, para lecionar na escola. Eram poucas as escolas no mu-

nicípio de Capanema naquele período. Nesse contexto surge a idéia de ampliar a escola e conseguir subsídios. Em 1969, com o auxílio do Rev. Rubem Becker, o Rev. Ernesto Pahl dá início aos trâmites. Como a Alemanha forneceria 75% de ajuda nos custos, os restantes 25% deveriam ser levantados aqui no Brasil.

A comunidade e os municípios em geral se prontificaram em auxiliar já que toda Capanema seria beneficiada. Um engenheiro se dispôs a fazer o projeto.

Na busca dos 25% de recursos, foi conseguido com o prefeito a doação dos terrenos (91.000 m² - 24.000 m² - 16.000 m², senod 2.200 m² de construção).

A FUNDEPAR garantiu os móveis e o governo do estado garantiu que completaria os restantes dos 25%. Foi firmado convênio somente em novembro de 1971.

1970 - aprovado o projeto pela Alemanha, iniciou-se a construção. A Alemanha exigiu que a escola começasse a funcionar de quinta a oitava séries para ver se realmente havia alunos. E isto logo foi providenciado, em precárias condições de funcionamento. E até o exército cedeu 9 salas de aula pré-fabricadas até que a construção estivesse pronta. Em 1973 foi inaugurada a escola.

Naquele tempo o pastor atendia 38 comunidades e ainda a escola. A paróquia solicitava o atendimento integral do pastor. Mas os compromissos assumidos junto à Alemanha em nome da IELB eram muito importantes e a escola também exigia um pastor em tempo integral.

O patrimônio todo da escola está em nome da Associação, que é a mantenedora. A Comunidade luterana local funciona independente da escola. Caso dissolvida a Associação, o patrimônio reverte à Comunidade local e IELB, conforme já exposto.

Há vinte anos a diretoria da Associação permanece praticamente a mesma (deduzimos que isto contribui para a escola sobreviver até hoje).

Como o convênio vigora até 1996 começou-se a cobrar taxa dos alunos. Em 1990, 1 BTN durante oito meses. Em 1991, 5 TR mensais, que cada aluno paga.

Também foram feitos convênios com a cooperativa da cidade,

para salário-educação e este dinheiro era e é empregado na manutenção do prédio uma vez que os alunos pagavam mensalidades. Mas não havia como continuar este esquema, optou-se então por cobrar taxas mínimas dos alunos para obter alguma verba para melhorias no prédio.

"Capanema valoriza muito esta escola. Hoje faz-se promoções como festa junina para obter-se verbas e a cidade toda colabora. Todas as árvores da cidade são do viveiro da Escola Santa Cruz. Os alunos participam ativamente destas "atividades ecológicas".

Todas as escolas do município são públicas e em cada vila desde 1978 existem escolas com terminalidade até oitava série.

Em 1967, 1968 tinha uma escola católica (com ginásio), dirigida por irmãs, mas quando foi aberta a escola luterana aquela escola fechou (questões políticas municipais).

A maior preocupação é em relação ao convênio que finda daqui a cinco anos. Daí a cobrança de mensalidades deve ser introduzida, para que, se eventualmente o convênio não foi renovado, a escola não precise encerrar suas atividades. De pré a quarta série o município já garantiu continuar sob uma forma conveniada. De quinta à oitava provavelmente até lá municipalize e aí não terá problemas, pois no local a escola é muito valorizada.

A dificuldade também está com a continuidade da direção sob orientação do *Pastor* que está para se aposentar.

Rev. Pahl tem quatro faculdades (Teologia, Filosofia, Letras e Pedagogia com Administração Escolar) e pós-graduação em Letras. Renilda, sua esposa, possui Ciências Sociais, História e Pedagogia com Orientação Educacional.

Está em andamento o processo de reconhecimento da escola como utilidade pública a nível Federal. No entanto, os Estatutos da Associação precisam ser reformulados, pois o governo não reconhece a parte onde diz - "formar obreiros" - como sendo de utiidade pública.

O o sonho é implantar o segundo grau."

Atos Legais específicos

- Decreto 2272/61 cria a Escola de primeira a quarta séries.

- Decreto número 22023 de 20/12/70 publicado em 30/12/70, cria o estabelecimento (ginásio).
- Encaminhado em 1975 o plano de implantação da 5692/71 que foi Aprovado pelo Parecer 152/78 - SEED Homologado pela Resolução 053/79.
- 07/11/79, Decreto número 1425, autoriza o funcionamento da Escola (reoriganização 5692/71). Diário Oficial número 672 de 09/11/79.
- Resolução 1299/81 - SEED homologa o parecer 128/81 que aprovou o Regimento Escolar.

1. Filosofia

No plano de implantação da Lei 5692/71, em 1975, estão mencionados como objetivos da escola, além dos citados na própria lei, que a escola tem como objetivo: "oferecer aos educandos de maneira democrática, realista, consciente e responsável, experiências ricas e variadas para desenvolver harmoniosamente seus dotes físicos, morais, espirituais, intelectuais e vocacionais, preparando-os para a iniciação ao trabalho, numa dimensão de responsabilidade, espiritualização e entendimento de mudanças técnico-científicas, integrando-os ao meio social." E também destacamos, entre outros, os objetivos: "A formação humana, cristã, intelectual e profissional dos cidadãos". "Proporcionar ao educando um ambiente e meios para sua realização cristã, moral, cívica e humana."
No Regimento Escolar (aprovado Res. 1299/81 - SEED), art. 2º, a finalidade da escola é:

- proporcionar a formação humana, cristã, intelectual e profissional dos educandos;

- preparar o educando para o exercício consciente de sua cidadania, seu cristianismo, sua auto-realização;

- proporcionar um ambiente sadio e meios para a realização cristã, moral, cívica e humana do educando.

No art. 5º do mesmo regimento, diz que o plano curricular define a filosofia educacional do estabalecimento e os objetivos gerais e específicos a serem detalhados nos projetos de ensino.
Depoimentos: "Para as disciplinas de História e Ciências sempre

foram conseguidos professores luteranos. Aí a influência é marcante, principalmente na questão da não aceitação da teoria evolucionista".

1.3 Comunidade Escolar

1.3.1 Professores

Depoimentos:

"A luta foi enorme para firmar o convênio, onde estaria registrado de que os professores seriam pagos pelo Estado. Isto a Alemanha exigiu para ter garantias de funcionamento. O convênio vigora apenas 25 anos. A preocupação é grande me relação ao futuro."

"No momento, a Associação escolhe seu diretor e secretário, conforme convênio.

"Um pastor deveria dedicar-se integralmente ao serviço da capelania da escola. Tentativas já foram feitas, mas não deram certo. Assim, a maior preocupação no momento é em relação às aulas de ensino religioso (além da questão do término do convênio) e em como dinamizar este trabalho.

"Os professores são pagos pelo Governo Estadual, como este não remunera aulas para ensino religioso (pelos menos confessional) é difícil encontrar professores luteranos que tenham tempo disponível.

"No momento, uma diaconisa atende as aulas de ensino religioso de 1º a 4º Séries. E o pastor as demais séries, conforme disponibilidade e sem remuneração. A comunidade local não tem condições financeiras para arcar com os custos, os membros são muito pobres. A maioria pequenos agricultores. Capanema tem 7000 habitantes na sede e é cidade pequena. Então a saída para a direção foi o pastor ingressar no Magistério Público do Estado, via concurso.

"Nas séries de 5º a 8º, uma hora aula em cada turma. O programa é organizado de acordo com a série e varia de ano para ano. Os temas sempre em relação a textos bíblicos.

"Utilizados os materias da Editora Luz e Vida e adaptados à doutrina luterana. Nesse sentido, o trabalho com alunos não

luteranos é diferente e aquela editora desenvolveu materiais que atingem os objetivos missionário.
"O maior objetivo não é "luteranizar" mas cristianizar. E a escola é instrumento nesse sentido. E assim, os professores livremente podem escolher a religião evangélica luterana.
"Outra forma de divulgação da escola e da igreja é a emissora de rádio. E a comunidade local, cresceu e está se formando com estes frutos missionários."

1.3.2 Alunos

A partir de 1990, os alunos começaram a pagar uma taxa de mensalidade (ver histórico).
Dados estatísticos[2]:

Ano Letivo	Turmas	Alunos
1966	02	72
1967	03	120
1968	04	140
1969	04	142
1970	05	140
1971	06	160
1972	08	174
1973	12	348
1974	13	460
1975	14	430
1976	14	420
1977	15	540
1978	20	780
1979	20	600
1980	21	730
1981	19	650
1982	20	720
1983	19	639
1984	21	740
1985	21	690
1986	20	640

1987	21	651
1988	20	610
1989	16	440
1990	14	469
1991	15	540

Obs.: 90% dos alunos são católicos. Apenas 20 alunos são luteranos.

1.3.3 Programas

Nas grades curriculares, no início do funcionamento, não constam horas/aula para ensino religioso. Mas no plano de implantação estão em anexo os programas de ensino religioso, por série.
Por certo, como o governo não remunera, deixou-se de mencionar aquelas aulas. Em 1972 e 1987, consta na grade uma hora/aula de ensino religioso por série.
Quanto às outras disciplinas, os programas adotados são os do curso 'Positivo', sendo que os alunos compram este material.

Observações: Ver Anexo B, citação 19 desta pesquisa, que traz dados sobre esta escola. Foram consultados os Estatutos da Entidade Mantenedora[3], o Convênio firmado com o Estado[4] e o Regimento Escolar[5]. Os depoimentos foram coletados através de entrevistas[6] realizadas pela autora.

Anexo 6
Apontamentos para o histórico do Colégio Cianortense (vinculação indireta com a IECLB) - Cianorte, PR

1. Histórico

1.1. Escola Evangélica

Com o objetivo de proporcionar o melhor aos educandos de Cianorte, a Missão Evangélica Luterana fundou em 15 de fevereiro de 1955 a Escola de Primeiro Grau Evangélica.

Aproveitando a oportunidade surgida um grupo de sessenta alunos, através de trabalho eficiente e da conquista de novas metas o missionário da Missão Evangélica Luterana dos Estados Unidos, o Pastor John Harrison Abel, abriu as portas da Escola entregando-a aos serviços da sociedade (comunidade).

Só a 08 de novembro do mesmo ano (1955), ou seja, nove meses após sua abertura o Secretário da Educação e Cultura baixou normas regulamentando o funcionamento da Escola.

Ao serem consultados os arquivos da Escola de Primeiro Grau Evangélica, encontraram-se os seguintes dados autorizando o seu funcionamento:

O Secretário de Educação e Cultura autorizou o funcionamento da Escola Evangélica, tendo em vista que o requerido em protocolo número 19126 de 08 de novembro de 1955, preencheu as formalidades exigidas pelo Decreto Lei número 6149 de 10 de janeiro de 1938.

A Escola Evangélica foi registrada sob o número 402, no município de Cianorte com o curso primário.

Diretor designado na época, professor Agnello Correia de Castilho, registrado sob número 1646.

Esse Diretor foi substituído pela professora Ignês Azevedo com o registro número 2322.

Como terceiro diretor, a Escola teve a professora Helena Kinzel Selhorst, registrada no livro a-18, folhas 87, de 07 de outubro de 1967.

Como quarta diretora a dirigir a Escola, consta a professora Iraci Haus Brianese registrada na Secretaria de Educação e Cultura, na folha 132 do livro A-50.

Na administração da professora Iraci Haus Brianese a

Escola tem passado por grandes mudanças, inclusive a da Reforma do Ensino. Todos os diretores que atuaram ativamente na Escola Evangélica foram designados pela Entidade Mantenedora e devidamente autorizados pela Secretaria Estadual de Educação, outrossim, gostaríamos de frizar que a Escola Evangélica segue sempre as normas da Secretaria de Educação e Cultura, através do seu órgão representante na cidade de Cianorte, por intermédio da 40 I.R.E..

A princípio, a Escola Evangélica situava-se à rua Guararapes 507, mais tarde, foi autorizada a construção de um prédio, a 14 de julho de 1956, foi então transferida, na rua Abolição, nas datas 12, 13 e 14, quando o prédio foi usado ao mesmo tempo como Templo Religioso.

Em 25 de maio de 1966 duas salas de alvenaria foram concluídas, aí estavam já aparecendo os primeiros frutos de tanto trabalho e dedicação, frutos estes, que visam apenas ajudar na educação das crianças cianortenses, visto que a entidade não tem fins lucrativos. Já em 11 de outubro de 1967 foi autorizada a última etapa da construção da escola. "E hoje há um prédio que é composto de várias salas de aula, muitos professores e inúmeros alunos se beneficiando com o progresso de uma escola que começou bem pequenina e com a Implantação da Reforma do Ensino de Primeiro grau, no ano de 1973, transforma-se em complexo unindo-se mais ainda ao Ginásio Cianortense, órgão também fundado pela Missão Evangélica Luterana."

"Ultima Diretora da Escola Evangélica, Judith Lamônica Aguiar."[1]

1.2. Escola de Segundo Grau Cianortense e Ginásio Cianortense

O Ginásio Cianortense começou a funcionar no ano de 1960 tendo como seu primeiro *diretor e fundador o Pastor John Harrison Abel.*

O Ato de criação deste estabelecimento e autorização têm a Portaria sob número 433 de 07 de junho de 1961, da Diretoria do Ensino Secundário com Registro Federal sob número

3308, de 29 de maio de 1971 e Registro Estadual número 15187.

Desde a fundação até a Lei número 5692, de 11 de agost de 1971, o Ginásio Cianortense sempre esteve sob a fiscalização federal.

Com o advento da Lei supra citada, o mesmo passou a ser fiscalizado pelo Estado.

A primeira turma de formandos do Colégio era composta de sete alunos.

Contudo a ampliação do trabalho educativo da Missão Evangélica Luterana, não parou, pois ampliou-se com a criação do Ginásio Betel, autorizado a funcionar pelo Decreto número 12524 de 20 de janeiro de 1968 e parecer 100/68 de 09 de outubro de 1968 do Conselho Estadual de Educação, publicado no Diário Oficial de 20 de dezembro de 1968.

Também foi criado o Colégio Comercial Rocha Pombo, pelo decreto número 1266 de 25 de junho de 1962 e autorizado a funcionar pela Portaria número 234 de 12 de setembro de 1963.

O Ginásio Betel e o Colégio Comercial Rocha Pombo funcionavam na sede do Ginásio Cianortense.

O trabalho desempenhado pela Escola de Primeiro Grau Evangélica e Escola de Segundo Grau Cianortense que após a devida regulamentação e autorização passou ao Complexo Cianortense, tem delineado sua Meta em direção ao mais alto ideal: EDUCAR COM A VIDA - os futuros homens da Pátria.

No ano de 1975 foi aprovado pelo competente Conselho Estadual de Educação do Paraná o projeto do Curso Supletivo de primeiro e segundo graus. Assim sendo a então Escola de Primeiro e Segundo Graus Cianortense, forma um complexo que atinge um número elevado de alunos.

A escola é supervisionada por um Conselho Diretor, composto por três (3) pastores e três (3) leigos, sendo o pastor de Cianorte "ex oficium".

Os diretores do Colégio Cianortense foram:

Pastor Clyde L. Cooper

Pastor André Olsen

Pastor Peter Emanuel Mathiasen

Alceu Brianese

Carmem Augusta Bencke

Irraimo Fancelli
Neuraci Zamberlan da Silveira
Iéda Godinho da Costa

O nome do Colégio hoje (1991) é Colégio Cianortense Ensino Pré Escolar e de Primeiro e Segundo Graus - Regular e Supletivo e é mantido pela FUNDECOM.[2]

Depoimentos:

Em 1960, juntamente com o Ginásio Cianortense a Missão Evangélica Luterana (MEL) da American Lutheran Church (EUA) fundou o Instituto Bíblico que visava a formação teológica. O curso Bíblico era aberto a todas as religiões cristãs.

O entrevistado estudou neste Instituto Bíblico e foi secretário dos pastores americanos. Colegas que estudaram com ele, hoje são pastores de outras igrejas (lembra que na IECLB) exige-se Faculdade de Teologia, defesa de tese ou colóquio).

Em 1969 a Missão comprou a escola técnica de um grupo particular, em Cianorte. A intenção era implantar até a Faculdade.

Em 1972, com o surgimento das escolas públicas, foi fechado o Internato, pois os alunos permaneciam em suas próprias cidades para estudarem. A Missão transferiu sua sede para Londrina.

De 1972 a 1978 o Colégio passa por crises financeiras.

No ano de 1978 o Colégio foi transferido para a Associação Sinodal da Assitência à Educação e Cultura - ISAEC - da IECLB. Mas esta só emprestou o nome e também não pode ajudar financeiramente.

Devido a situação financeira, a Missão deixou o Brasil e começou a investir na 'Africa. A Missão não enviaria mais dinheiro, pois entendia que no Brasil o trabalho já deveria "caminhar sozinho". A Missão passou todos os seus bens à IECLB.

Com a saída da Missão da American Lutheran Church, o pastor John Abel fundou a Igreja Luterana Livre em Campo Mourão, PR e junto um seminário bíblico. Este pastor deixou os trabalhos da IECLB porque sentiu profundamente a necessidade de

mudar.

A saída do pastor Abel interferiu no andamento do Colégo Cianortense, Vieram, então, outros pastores dos Estados Unidos da América para administrar o colégio. E os objetivos permaneceram: evangelizar as crianças. Desde o início, até hoje, a escola sempre teve aulas de orientação cristã.

Em 1986, a Associação "faliu" devido as crises financeiras. Mensalidades muito baixas. Então, foi decidido criar uma Fundação de pais de alunos: advogados, médicos, elites pecuaristas, que estipularam uma mensalidade a contento que cobre as despesas. A sigla da Fundação é FUNDECOM.

O patrimôonio pertence à IECLB. Foi feito um comodato por tempo indeterminado. Na fundação há um representante da IECLB e nenhum dos componentes da diretoria recebe proventos (espécie de organização como clube). Só os funcionários e professores são remunerados.

A FUNDECOM - Fundação para o Desenvolvimento Educacional e Comunitário de Cianorte - comporta um Conselho Diretor em número de 21 diretores, sendo destes 3 representantes da IECLB e 18 eleitos pela Fundação. Há a diretoria executiva composta por 7 elementos que dirigem a Fundação, via Assembléia, quando necessário. Um dos representantes, no momento é o Pastor local da IECLB.

A escola conta atualmente com 490 alunos.

A Comunidade Luterana local, não tem vínculo com o colégio. Lamenta que mudou tanto, com o passar do tempo.

Criada a FUNDECOM em 1986, esta fica a serviço da educação evangélica. Caso seja extinta a Fundação, o Colégio volta a ser da IECLB.

Em Cianorte é considerado um dos melhores colégios. Será instalada a Faculdade de Odonto em convênio com a UNIOESTE de Presidente Prudente, mas com administração à parte a Fundação está apenas ajudando.

A Fundação pretende firmemente continuar com os trabalhos e continua vinculada à IECLB (mas não se pode doutrinar ou ensinar o material da ISAEC).

Não se pode considerar a escola como extinta, só mudou a entidade mantenedora. Mas com a IECLB, pelo contrato de

Comodato, estaria filiada - mas não há como ensinar a *Doutrina*.

2. Filosofia

Em entrevistas, temos:

O nome anterior da MEL era Missão Mundial de Oração. O objetivo da missão era educar - mente, corpo e alma. Levar a pessoa mais perto de Deus em todos os aspectos.

Começaram com a escola primária (a primeira escola de Cianorte).

Nesta escola eles ensinavam a Bíblia como disciplina obrigatória todos os dias e em conjunto, diariamente o devocional de quinze a vinte minutos, culto dirigido por um pastor e também convidados de outras religiões evangélicas.

Hoje em dia, o entrevistado continua ministrando aulas de ensino religioso com o mesmo objetivo da Missão: educar mente, corpo e alma. Não usam o programa das escolas públicas.

Diferencia-se "filho de Deus e criatura de Deus". "salvo pela graça e não por obras". Nascer denovo = ter experiência pessoal com Deus - nascer espiritualmente. A Bíblia é o básico.

O ensino religioso não pode ser só de caráter histórico, precisa visar a educação do homem: encontrar-se com Deus. Despertar para o relacionamento pessoal com Deus.

Só existem 10% de alunos evangélicos (geral) os outros são católicos ou espíritas.

O termo é usado "crente" - e não a palavra evangélico. Mas crente no sentido de crer.

A esperança é que nenhum aluno se encontre diante de Deus sem saber que precisava nascer denovo. A Igreja náo é clube onde se paga contribuições. O "clima" é bem diferente, segundo o conceito da Bíblia: quem não nascer de novo não pode participar do reino de Deus.

Diz: "Infelizmente, não há caráter missionário na IECLB e mesmo na IELB. Em Cianorte somos bem diferentes..." O Catecismo de Lutero nem no início era estudado, a escola não visa ensino de doutrina confessional. A indiferença na prática do relacionamento sermão x atendimento específico torna a Igreja

Luterana muito "fria". Pessoas buscam relacionamento e atenção mais pessoal, então vão para outras igrejas onde encontram atenção e apoio ...

Diz ainda um entrevistado: "A escola só com o nome não resolve. O ensino relligioso nas escolas públicas também é muito fraco. Aqui se aprende a Bíblia - a educação religiosa do colégio que cativa os alunos. E' proibido pela fundação mencionar ou direcionar para determinada religião. Incentiva-se que cada aluno busque a religião onde se queira louvar e servir ao Senhor. O embasamento para discussão é sempre o que a Bíblia diz: 'Morreu uma vez" diz-se para os que acreditam na reencarnação. Para Missa de Sétimo Dia, diz-se: 'morreu e vem o juízo'. Observa-se mudança nos alunos, durante o ano letivo. O cristianismo não é imposto, 'mas ensinado com amor, é pelo poder do espírito, como diz o Senhor'. Os princípios cristãos é que são ensinados 'ninguém vem ao pai, senão por mim'. Os santos a Bíblia não ensina ..."

Programas

Depoimentos

O ensino é considerado forte, um dos melhores da cidade e região. 'As disciplinas básicas é dado mais valor do que ao ensino religioso. Mas todos os alunos ficam conscientes de que "o que adianta ganhar o mundo inteiro e perder a alma?"

Observação: os depoimentos foram coletado pela autora através de entrevistas[3] gravadas em fitas k-7.

Anexo H
Algumas Escolas Luteranas (e/ou alemãs) Extintas no Paraná

1. Cruz Machado (IELB)
2. Papagaios Novos (IELCLB e IELB)
3. Peabiru (IELB)
4. Mandaguari (IELB)
5. Maripá (IELB)
6. Castro (IECLB)
7. Ponta Grossa (IECLB)
8. Curitiba (IECLB - ver Colégio Martinus)
9. Outras (IECLB e IELB)

1. Cruz Machado (IELB)

Tradução do alemão, somente a respeito da escola de Cruz Machado:

"Crônica da Comunidade Evangélica-Luterana em Cruz Machado no Estado do Paraná elaborado e entregue pelo seu pastor Gerhard Wilde, o qual administrava as Paróquias naquele tempo (1921).
O pastor Beck foi o primeiro pastor que fixou residência em Cruz Machado em 4 de setembro do ano de 1921 onde ministrava muitas comunidades filiais. Pastor Beck morava no princípio com a família Edmundo Dresel, quando o mesmo se mundou para suas terras, o pastor alugou a casa, a sala servia para dar culto aos domingos. O pastor Beck começou a lecionar e juntou 50 alunos dos quais grande parte eram filhos de poloneses. Quando numa ocasião o pastor Hasse queria que fosse obrigatório o Ensino Religioso para todos os alunos, os filhos de poloneses deixaram de frequentar e com isto a escola foi fechada.

Ao mesmo tempo, o pastor Beck lecionou numa escola na linha Palmeirinha na casa do sr. Herbert Brinkmann, o professor Karl Rupp também não ficou muito tempo em Cruz Machado e voltou para Porto Alegre. Quando em fevereiro o professor Wuerfel viajou para atender um chamado em Três Vendas (Pelotas, RS), eu viajei para uma conferência nos dias 04 a 10 de feveiro para Santa Rosa. Na volta para cá, assumi a Escola da comunidade, que no dia 13 de abril de 1931 contava com 11 alunos e as aulas eram dadas na Igreja do vilarejo. Tanto como eu gostava e tinha prazer em lecionar, tanto me doia que não podia mais cumprir a minha missão e também as visitas ficavam sempre mais escassas. Mas sempre ainda depois tive contato com os jovens aproveitamos para trabalhar nos bens da comunidade, assim construímos a cerca comprida em redor dos bens, terminamos a sala de refeições, que só pela metada pronto já era usada, etc. Era administrado estudo bíblico e já cedo de manhã, as 7 horas até ao meio dia eu estava dando aula. Da uma às três horas.

Depois uma carroça que eu tinha adquirido, para não mais montar cavalo, voltando tarde da noite para casa. Na

outra manhã já atendia na escola, me decepcionando muito se os alunos não tinham o dever feito.

No ano de 1931 eu assumi a Direção da Escola da Comunidade que tinha instalações de internato que com a bênção de Deus teve um impulso notável. Assim os meus paroquianos que moravam espalhados nas colônias tiveram oportunidades de deixar seus filhos no internato, que tinha lugar para 35 alunos; os dormitórios foram feitos nos sótons da casa e igreja. Cada aluno tinha o direito para descansar na sua cama depois do esforço das horas aula e assim a noite até o amanhecer para atender o chamado da alvorada. Aí os alunos vão para a mesa do café onde sentado ao redor de uma mesa comprida, daí com um saudável desjejum, alegres enfrentam o dia. Depois da oração de agradecimento falado cada dia por outro aluno, começa a varreção para deixar as salas limpas (servente não existia). Daí começava o dia letivo. Uma comissão de alunos se encarregava de cozinhar o almoço às 12 horas; meninas arrumavam a mesa, depois do almoço lavado e secadas as louças e talheres tudo era guardado no lugar, depois do descanso os meninos cortam lenha para o fogão, outros escolhem feijão, descascam arroz, mandioca e batatinhas que foram trazidas de casa, para o dia seguinte; outros amassam a massa para fazer pão e infornam no forno quente para assar. Nas classes começa uma vida, em aprontar as tarefas para o dia seguinte, onde alunos principiantes são orientados pelos maiores. Chega sexta-feira e todos os alunos grandes e pequenos se alegram na hora de ir para casa e a saudade de comer de novo comida que a mãe faz, é extra-bom. Também reina paz por alguns dias ou horas. No domingo de tarde então chegam em grupos os alunos munidos de outros cereais e roupas limpas para a semana. Estimados leitores, alegro-me que tudo nesta simplicidade funciona e que assim aos membros da comunidade foi possibilitado dar instrução escolar e religiosa pela comunidade luterana e que amanhã serão um esteio para a comunidade.

No ano passado contamos com 31 alunos neste estabelecimento. Neste ano logo no começo tínhamos 12 alunos para o internato. A escola da comunidade também é frequentada por alunos que moram nas imediações, todos comparecem

também ao ensino religioso. Estes que não dominam a língua alemã, são orientados na língua portuguesa, nos tesouros da nossa igreja e assim ambos nas línguas respectivas são ensinados pelo ensino de Lutero.

Para incentivar os interesses da escola foi feito um exame no dia 20 de dezembro para avaliação dos alunos. Na parte da abertura de manhã, teve uma predica sobre Mt 12:42, para a comunidade a respeito da Rainha de Sabá, pelos questionamentos de sabedoria dela. Como exemplo para os pais e alunos da vida cristã.

No exame foi abordado a história do Dilúvio. A catequese foi sobre a ira e misericórdia de Deus. Partes do Catecismo de Lutero foram ditos. Foi declamado também o poema "Salvemos o Brasil. Na história alemã, vislumbrou-se ante nossos olhos o trabalho de missão de um Bonifácio, que mostrou-nos de novo a bondade de Deus, que nós de antepassados pagãos escolheu e chamou. Na luz da providência divina, foi então: a descoberta da América do Sul abordada a passagem do período na História do Brasil. Na parte da Ciência falou-se sobre o aparelho digestivo da maravilhosa sabedoria de Deus.

Alguns riscos no quadro negro e os alunos apontavam diversos países montanhas e rios da Alemanha, Brasil e principalmente do Paraná. Sobre o Egito e o povo de Israel, que serviu 400 anos na pátria passageira, foram dadas boas respostas pelos alunos, na passagem história mundial. Enquanto os cadernos de ditado passavam de mão em mão, alguns alunos, os melhores, liam em voz alta suas redações. Os hinos nacionais brasileiro e alemão foram cantados. Foram declamadas poesias cantaram canções que deu um toque expressivo.

Depois de finalizar os exames, foram distribuidos os boletins que traziam o foto do colégio trazendo as notas dos alunos. E assim foi provado que nossos filhos não estudaram nada que não fosse útil para eles. Mas sobre tudo que é necessário para nossa vida tanto do mundo como da salvação de nossa alma. Assim os pais cristãos dos alunos de Cruz Machado e com eles toda comunidade se certificam sempre mais que para a formação de caráter dos filhos os ensinamentos da ecsola luterana faz sua participação necessária. Assim são

também as dádivas que fornecem sempre bem-vindos. Pois todo pogresso é somente para Deus, honra e louvor. A ele confessamos todos os nossos pesares e com esse raio de luz quero findar esta crônica do ano de 1931.

Em 1932 os pontos de pregação diminuiram. O de Linha Rio de Areia também parou, os moradores, mesmo me pediram e prometeram que vinham para a Sede. A mesma situação era em Palmeirinha, Sant'Anna, Poço Preto, Encantilado.

Na pessoa do professor Joseph Mundel tinha eu um feroz inimigo. Sempre exigi que ele caprichasse na formação enérgica dos alunos. Minha opinião é de sempre já dar formação de membros que frequentam assiduamente os Cultos e que também deixam seus filhos ter uma formação exemplar escolar. Para mais tarde mesmo ler sua Bíblia seu catecismo e hinários. Com essas ideias encontrei barreiras tanto no professor Mundel como em alguns membros. Alegou ele no começo, porque eu não confirmei seus filhos antes que os mesmos soubessem ler e escrever, e que sob minha orientação entendessem o catecismo. Agora que a escola da comunidade já durava seis anos com a ajuda do Sínodo, não devia em hipótese nenhuma uma ignorância dessas prevalecer. Firme e sério queria chamá-lo a razão. A reação dele foi lamentavelmente uma carta assinada com 36 assinaturas, dessas, 19 não eram da comunidade - de mais membros com difamações contra minha pessoa. Foi tudo analisado pelo Prassus (Bispo) pela doutrina luterana como consta no Livro de Protocolo, página 66 ff.

Professor Mundel desde este episódio é membro desistente.

Em 1933 e 1934 eu, Pastor Wilde, já quatro anos sou pastor e professor. Na Sede dava semanalmente Culto (17). Em língua portuguesa à noite. Na escola da comunidade só tinha 20 alunos, em 1934 Hans Grossman ingressou como estudante no Seminário em Porto Alegre.

No começo de 1934 começou em União pelo pastor Weiss através da Caixa-de-Deus (Gotteskasten) de União da Vitória seu contra trabalho na nossa colônia. Fins de 1933 a Comunidade através de uma Circular para todas as escolas alemãs nas colônias dizendo que nós como Sínodo estavamos prontos para

atender que de nós queriam ser servidos nas leis Luteranas...

Cruz Machado dia 29 de julho de 1934 (até aqui Pastor Gerhard Wilde).[1]

A partir de outubro de 1934. "no domingo dia 07 de outubo de 1934 fui eu, Johannes Heinrich Rottmann pelo Pastor Gerhard Wilde num festivo Culto, instalado como pastor nesta Comunidade.

O trabalho na Comunidade foi cativar os membros perdidos que moram muito espalhados e no decorrer do ano com o consentimento da comunidade reunir os alunos que poucos eram (só 8) começar com a Escola da Comunidade. Minha tarefa era chamar mais alunos para o ano vindouro.

Em 1935 a escola começou seu ano letivo no dia 15 de fevereiro no começo com 23 alunos. Como eu pessoalmente não podia me prender muito por causa da Missão, contratamos a senhorita Anneliese Moris para professora. O número de alunos subiu para 35. Nos exames, em dezembro, o Inspetor da escola doou 10.00$ para um aluno pobre da comunidade. No dia do colono (25 de julho) nossa escola participou nas festividades. Em tudo, escola e Igreja, sentia-se o progresso. Nossa comunidade contava com 147 almas no fim do ano.

1936. Neste ano sentiu-se a bênção de Deus em forma expressiva principalmente com nossa Escola. Na primeira reunião foi aprovado que a Igreja ficou pequena para os alunos que não couberam mais. Também os quartos do Internato ficaram pequenos. Resolveram construir uma grande Escola com quartos para o Internato.

O senhor Grossmann foi eleito como mestre de construção, e trabalhou 62 dias de graça, em tudo os membros da Comunidade trabalharam 254 dias gratuitamente. Com donativos dos membros da comunidade e um empréstimo do Sínodo no valor de 1:500$000 foram reduzidas as despesas para pouco débito. No dia 18 de junho deste ano foi inaugurado o colégio com duas salas grandes, uma sala de jantar, cozinha, secetaria, dois grandes dormitórios, um quarto para a Zeladora, que recebeu em nome de Deus o seu emprego.

Nas festividades de inauguração estavam presentes as atuais autoridades da colônia e grande massa popular. Foi na pessoa de Erich Grossmann ajuda de mais um professor o número de alunos era 19 crianças estavam no Internato. Graças a Deus no dia primeiro de dezembro puderam prestar exames que provou que os alunos não só foram instruídos nas leis mundiais, como também conheciam o caminho para o Salvador. Como ao fim do ano a professora Annelise entregou seu cargo, resolveram de contratar um professor formado pelo Seminário, que sabia dirigir escola e internato. Eu como pastor era impossibilitado em ajudar devido meu trabalho no pastorado que aumentou muito.

Em 1937 - neste ano a escola teve mais um impulso na sede. Na pessoa do sr. Arfredo Elicker foi nos cedido o prof. do Sínodo. Depois dos primeiros meses do ano, eu e o prof. Grossmann lecionamos sozinhos; agora, no primeiro domingo, num culto festivo foi instalado o prof. Elicker, daí em diante eu só precisava dar poucas horas por semana, de doutrina e dedicar-me mais ao trabalho da missão. O número de alunos foi para 60 e no internato moravam 30 crianças. Em novembro, o colégio fez uma excursão para Porto União, na qual alguns membros da comunidade acompanharam.

Em 1938, nosso trabalho neste ano chegou ao limite. Como estrangeiro, foi-me proibido de entrar nas escolas para lecionar. Neste meio tempo também ao sr. Erich Grossmann foi deposto dos encargos da escola, então foi decidido para que ele assumisse como ajudante do pastor em dar doutrina e dar mensagens lidas no cultos em Santa Cruz. Substituto dele foi o brasileiro Licio Bley Vieira. No decorrer dos anos o prof. Gottfried Wuerfel, analisando a sua naturalização, doi chamado para assumir a escola. Mas foram muitas as contradições para esta naturalização, que o prof. não pode exercer seu posto completamente. Como foram fechadas muitas escolas de sociedades em Cruz Machado, vieram muitos pedidos das redondezas para abertura de escolas de comunidades. Oferecendo 1:000,000 para ordenado junto o prédio escolar e moradia para professor gratuitamente. Assumiu o prof. Wuerfell; ele dava aulas privadas por alguns dias da semana na Linha Guarany -

os dias restantes, então, na escola da comunidade. Assim tivemos no final do ano, 99 alunos, que resultou numa grande amizade entre as comunidades de Cruz Machahdo e Santa Cruz; participaram não só alunos como também alguns pais.

Para que pudessem oferecer uma moradia descente para o prof. Elicker compraram um terreno e com ajuda voluntária foi construída a casa do professor até fins de maio ficou pronta.

Em 1939, conforme as leis iam apertando, tinhamos de levar nossas decisões, para que a escola da sede não fosse fechada. O prof. Elicker ainda não tinha plenos direitos por sua naturalização. Então foi nomeado pela comunidade como diretor da escola, o sr. Licio Bley Vieira. Outro substituto do prof. Wuerfel foi o prof. Francisco Fryder em Rio d'Areia e na Linha Guarany. Por falta de energia para dirigir a escola e o internato, o número de alunos foi diminuindo. Como o ensino alemão ia desaparecendo, os pais preferiram mandar os filhos para escolas públicas que ficavam mais perto. Assim os respectivos professores assumiram outras atividades. Nós que tivemos nosso orgulho com as instituições, rendemo-nos às leis as que Deus assim permitiu. Viramos esta página em humildade.

Em 1941 prenúncios da guerra escureciam o horizonte.

No princípio, 1943, pude constatar que os membros da comunidade tiveram pouco ou nada de aproveitamento dos cultos em português (não entendiam e o alemão era proibido).

Em 1944 tivemos permissão em dar cultos na língua alemã.

O ano de 1945 começou com ameaças de uma catástrofe mundial. Novos problemas.

Em 1946, pela primeira vez desde 1940, foi-me permitido visitar uma reunião Sinodal.

Em 1947, centenário da nossa Igreja. Escreve Edmundo Krebs, em 31/12/1948".[2]

Em outubro de 1937, o *Mensageiro Luterano* traz dados sobre a Comunidade de Cruz Machado, Paraná. Registra:

> 55 kilômetros distante da estação de Porto União acha-se a grande colônia sertaneja de Cruz Machado. Nossa igreja anuncia naquela localidade o Evangelho límpido desde 1920. Em 1929 fundou-se a Congregação Evangélica Luterana Christo. Se bem que esta congregação seja a mais antiga de nossa igreja em todo o estado, anterior ao nosso trabalho em Santa Catarina, realizou-se conferência de obreiros de Paraná e Santa Catharina ...
> ... Além disso veio o há muito tempo esperado professor A. Elicker, o qual foi chamado como professor da escola paroquial de Cruz Machado.[3]

2. Papagaios Novos

No dia 10 de junho de 1878 vieram os primeiros imigrantes alemães do Wolga e construiram em Papagaios Novos uma idêntica aldeia alemã: "Uma casa no lado da outra e não como de costume que cada colono mora na sua colônia".

Uma das primeiras casas contruidas foi uma pequena Escola. Nela também eram administrados cultos. Mas com tantas trocas de professores só eram administradas poucas aulas.[9]

Depoimento de ex-aluna: Em 1946 todos os alunos da Colônia eram luteranos. A prefeitura de Palmeira pagava a professora, esposa do pastor Krieser, de primeira a quinta série. A cartilha era da Editora Melhoramentos que a prefeitura mandara. A "frau" Krieser tinha normal regional. A escola era da comunidade, e o pastor lecionava na terceira, quarta e quinta séries. Depois acredita que a escola se tornou somente municipalizada, isto é, não tinha mais vínculo com a comunidade.

Entre 1954/55, a escola da "cidade" obrigou os alunos estudarem de novo, pois dizia-se que no interior não se ensinava ...

3. Peabiru

Tradução do *Evangelisch-Lutherisches Kirchenblatt*. Sobre a escola, temos: "Em novembro de 1962 - o dia 04 de novembro foi para nossa Comunidade Trindade um dia muito importante. Pois foi o dia no qual poderíamos com a

graça de Deus festejar a Inauguração da nossa nova escola. Já há mais tempo sentiamos a nescessidade de um ambiente para nossos cultos e escola. No mês de maio resolvemos construir uma escola de alvenaria e a qual, por enquanto, serviria para celebrar os cultos.

"Domingo, dia 1 de julho, foi lançado a campanha pró-construção oficialmente no culto. A Capela velha estava lotada. O nosso pastor pregou sobre o Segundo Livro de Moisés 25: 1-2, 36-37 e nos mostrou em que base a casa de Deus deve ser construida. O coral entoou o hino "Principia o teu labor". E em oração especial, nós levamos as nossas preocupações a Deus e pedimos o seu apoio na construção. A tarde foi escolhida a Comissão pró-construção para visitar todos os 36 membros. Nós tinhamos combinado em contribuir em 12 parcelas do ano ou uma mensalidade de contribuição para o caixa. A noite com o coração cheio de graça tivemos as assinaturas de mais de Cr$ 1 000 000,00. De imediato foi comprado e encomendado material. Em fins de julho já o mestre sr. Rudi Becker, irmão de nosso pastor pode começar. Mas aí, como em toda parte, também tivemos dificuldades. Mas nosso Deus do céu atendeu ao nosso pedido de oração e assim passamos sobre todas as dificuldades. Chegou o dia da inauguração e o prédio estava quase pronto, medindo 9 x 12 m, tendo um palco e uma secretaria. Em baixo das salas tem no porão uma cozinha e uma sala para reuniões das senhoras (mede 5 x 8,50 m). Em tudo temos 193 m². Ao lado esquerdo estão os bancos da igreja; no lado direito três filas de bancos escolares. Estes foram doados por dois candidatos governamentais. Frizamos também que o município contribuiu com boa parte para a construção. E que Deus abençoe sempre a nossa escola; que ela sirva para honrar sempre seu nome. Arnaldo Huebner (cronista)".[5]

Seguem os depoimentos:

De ex-professor: "Em 1953, o pastor Arno Schelp, sendo também o primeiro pastor da comunidade, foi o primeiro professor. Após, foram professores: Valdomiro Huff, Mittelstaedt Jandrey. A escola funcionava dentro da Igreja e os alunos contribuiam com mensalidades. Em 1964 o professor Osmar Buttow assume a escola e em 24 de abril de 1964 é contratado pelo governo do

Estado do Paraná como professor sem habilitação, sendo que era formado professor sinodal pela IELB. Fez complementação na Escola Normal para revalidar seu diploma. Em 1968 estava com seu diploma oficializado. Neste período, a escola era gratuita, pois o professor recebia do estado seu ordenado. Em 1970 a escola fechou, não pôde se adaptar à nova situação. Não poderia ter um professor por série pois só tinha 22 alunos, dentre estes 5 eram luteranos. Estes foram transferidos para a Escola de Aplicação Estadual. Os documentos da escola devem ter ido para a Inspetoria do Estado, pode ser que tinham ficado alguns documentos na própria comunidade. Com a Lei 5692/71, era tendência natural os professores sinodais desaparecerem. O professor Buttow ingressou no ensino superior e tornou-se independente, trabalhando para o Estado no ensino público. Outra situação que interferiu para que a escola deixasse de funcionar foi a mudança dos membros da igreja para o Mato Grosso. A maioria trabalhava com madeira e esta terminou..."

Diz o professor entrevistado: "E' muito válida a preocupação da Igreja em retornar a implantar escolas luteranas em todos os graus ... Vejo em meus filhos a falha da formação na educação cristã ... A elitização é um grande problema. E mesmo como escola de elite, precisaria acompanhar os avanços tecnológicos para se destacar ... A competitividade é muito grande no mercado ... Computador ... Ser mais que os outros e o ensino religioso, como ficaria?"

"Quando tinha escola, tinha frutos mais visíveis - pessoas mais dedicadas ao trabalho da Igreja e com conhecimento. Com a extinção da escola, basicamente, ninguém tem fundamentação doutrinária. Ficou um vazio, sem continuidade. A criança, na escola pública, perdeu-se no emaranhado. A escola dominical não tira os hábitos adquiridos na base (não tira a formação e os vícios da "pública"). Só se a família ensinar, devocional e suprir. Mas é muito difícil. Grande culpa da situação é a exigência do Estado: equivalência, inspeção, avaliação pela equipe da inspetoria ... Muitos absurdos, cobrava-se o que a criança não poderia saber ... Só se dava conteúdos estritamente seculares por causa da exigência do governo. A igreja hoje quer recuperar. Não consegue formar a

Igreja sem a doutrina básica na infância ..."

De ex-professor, depoimentos:

De 1964 a 1970, a alfabetização era por conta do professor. Adotava os livros da Editora Brasil de Teobaldo Miranda Santos. O ensino religioso era diariamente: devoção, cantos (sábado cobrava-se os hinos decorados) e as histórias bíblicas do livrinho Meu Pastor. O ensino era integrado com as demais disciplinas. Com o tempo, o próprio professor foi deixando o ensino religioso diário, pois quase não tinha alunos luteranos. E' que não tinha crianças na comunidade na faixa etária escolar. Os moradores próximos procuravam a escola porque gostavam (católicos). Tinha escola de freiras, mas também fechou por causa do mesmo problema: a Lei 5692/71".

Depoimentos de ex-aluno:

"De 1955 a 1958, aproximadamente, a instrução era separada das aulas da escola e era duas a três vezes por semana. O programa era o do Estado e nas aulas de religião já se estudava o Catecismo e os alunos aprendiam tudo e sabiam mesmo. Era tempo da palmatória e os alunos da elite estudavam na escola que era rigorosa e *modelo* entre as demais da época.

4. Mandaguari

Seguem alguns depoimentos:

"O professor Eduardo Mittelstaedt estagiou em 1956 em Peabiru, e em 1960 a 1965 lecionou em Mandaguari. Após, foi para Marechal Cândido Rondon". Após a implantação da Lei 4024/61 as provas para avaliar os alunos vinham de Curitiba. Era um desastre. Os alunos pagavam mensalidade (tanto em Peabiru quanto em Mandaguari). Caso as mensalidades não fossem suficientes para cobrir o ordenado do professor, a comunidade completava o salário. Foram as dificuldades financeiras as que mais interferiram para fechar a escola. No Brasil nada é levado a sério, as comunidades influenciadas deixavam de contribuir. O professor Mittelstaedt ficou professor estadual autorizado já em Mandaguari e com ele trabalhavam mais dois professores

auxiliares."

Sobre os programas, um entrevistado diz que "o ensino no Brasil decaiu muito. Seus alunos na quarta série já sabiam calcular juros. Hoje, nem seus alunos da Faculdade sabem a taboada ..."

Ainda: "Não tem comparação para com o ensino religioso naquele tempo. Os meus alunos, tenho certeza, todos aprenderam sobre a salvação em Jesus Cristo (mesmo que não houvesse frutos de missão para a igreja). Do programa de ensino religioso faziam parte o catecismo e as histórias bíblicas. Eram ministradas alternadamente todos os dias de segunda a sexta-feira. Isto é, um dia catecismo no outro história bíblica e no sábado canto. Nas outras disciplinas o material usado era o mesmo das outras escolas".

5. Maripá

Tradução do *Evangelisch-Lutherisches Kierchenblatt* de 1967. Temos: "a *inauguração da Escola na Vila Maripá, do Paraná*. No dia 29 de maio pode a Comunidade Trindade da Vila Maripá inaugura seu novo prédio escolar. Três anos funcionava a escola na Capela. O recinto servia para o culto e escola, mas ficou pequeno para que as duas funcionassem. Sempre tinham que arrumar os bancos e ficou incômodo. Por isso a comunidade pôs mãos ao trabalho que só entre os membros se realizou. O devido dinheiro foi todo angariado só entre eles. Toda a madeira nescessária foi doada por três membros. Um outro fez a doação das tintas para pintura. Outro fez desenhos gratuitos. Muitos ajudaram na construção sem cobrar as diárias. O valor do prédio é calculado em NCr$ 4.000,00. Assim se manifestou o pensamento e espontaneidade cristã mais uma vez entre nós. E que depois da coclusão do novo prédio, estamos livres de qualquer dívida. O prédio mede 15 x 10m. Para inauguração, esteve presente o pastor R. Bischoff e mais membros de Nova Santa Rosa. O pastor Bischoff fez a prédica festiva na Língua Portuguesa sobre 2 Timóteo 3:14-16. Dando ênfase, relevou a importância da escola na educação do cristão e cidadão.

O pastor local falou baseado em 1 Coríntios 15:58 na língua alemã, exortando os membros em não cansarem; de sempre de novo trabalharem na seara do Senhor. Após o culto e na tarde os alunos se divertiram em competições de jogos contra os colegas vizinhos da Estrada Gaúcha (prof. Otto Nerling). 'A tarde esteve a presença, aos atos inaugurais, o prefeito de nosso município de Palotiana, no qual o prefeito cortou a fita simbólica. O professor Hein relatou em poucas palavras a história de nossa escola e depois se pronunciaram o prefeito e o inspetor do Ensino de nosso município".[6]

6. Castro

Em 1899, fundou-se a escola paroquial juntamente com a comunidade fundada pelo pastor Otto Kuhr (1899-1901).

Em 31 de agosto de 1902, foi nomeado o pastor Wiesinger. Continuaram se desenvolvendo a comunidade e a escola. Em 1925, o pastor Wiessinger deixou as funções de professor, por motivo de saúde.

Nos relatos, são estes os dados que constam sobre a escola, na "Pequena Crônica da Paróquia Evangélica Luterana de Castro, PR" (1880 - 1966).[7]

Na tradução de *25 Jahre - Gotteskasten - Arbeit in Brasilien*, selecionamos:

"A comunidade da cidade de Castro é formada de alemães, em geral de comerciantes e industriários de todas as regiões da Alemanha. As colônias estavam sendo cultivadas e com o correr dos anos mais luteranos vieram. Estes, desde o princípio, eram fiéis às tradições cristãs e construiram nas imediações de Castro, na Colônia Santa Clara, uma igreja e uma escola.

"O tempo em que a comunidade não possuia bens próprios, os cultos eram dados na igreja presbiteriana. Em agosto de 1900, foi fundada uma escola, alugaram uma casa com uma sala para servir de igreja e escola. A casa para moradia para o pastor Otto Kuhr. E' louvável com que afinco e dedicação a Comunidade foi à obra. Queriam fazer uma construção boa e barata. E assim foi. Todos os membros da comunidade ajudaram. Todos que possuiam carroças trouxeram os fretes e materias de

construção sem cobrar. Outros flaquejaram as madeiras no mato; os marceneiros se prontificaram em trabalhar nos acabamentos. Entre todos, dois homens se destacaram, eram eles: Johann Damaski e José Winkler, que não pouparam esforços. Em agosto de 1901 foi o começo e o término foi em fevereiro de 1902. Na ocasião falaram em língua portuguesa o pastor presbiteriano e o professor.

"Mas os colonos se mudaram para um distrito de Caxambu que era duas horas distante e outros para a colônia Yapó, distante quatro horas. Dificultava aos alunos de Caxambu virem à escola e os pais não podiam pagar internato.

"Depois da existência de 20 anos da escola-comunidade, ela foi modificada na sociedade "União Alemã" e foi ampliada em mais classes".[8]

Na publicação do *Lutherische Kirche in Brasilien* São Leopoldo, 1955, confirma o ano de 1900 como da fundação da escola paroquial e o ano de 1925 como o de saída do pastor Wiesenger das funções de professor por motivo de saúde.[9]

Igualmente, o dr. Ferdinand Schroeder em seu livro *Brazilien und Wittenberg* confirma a fundação da escola em 1900 que servia também como igreja. E que após a guerra a escola se transformou em Sociedade Escolar que teve duas classes.[10]

7. Ponta Grossa

Na tradução de *25 Jahre - Gotteskasten -Arbeit in Brasilien*, temos:

> Em 1877 a 1878 foram colonizados os campos ao redor de Ponta Grossa e Palmeira. O governo brasileiro contratou as terra com imigrantes alemãs-russos da região do Volga ... Igreja e escola foram administrados pelo pastor Geisler.
> ... Ponta Grossa foi nomeada Vila em 1855 e para cidade em 1862. Era insignificante, não tinha indústrias. E carroças só tinha para vender as superadas carroças portuguessas de rodas inteiriças de madeira. Com a união das famílias alemãs em agosto de 1894 construiram uma igreja e a escola. A anuidade da comunidade era de 8$000 e mensalidade escolar por aluno 4$000.[11]

Em 1955, no *Lutherische Kirche in Brasilien* tem os dados sobre a história da comunidade e escola de Ponta Grossa. O relato está baseado nos escritos "Os alemães no Paraná" (1929) do pastor Wilhelm Fugmann. Conta sobre a imigração dos alemães-russos do Volga entre 1877 a 1879. São oriundos da Rússia onde permaneceram 120 anos conservando-se alemães.

Vieram com o fim de cultivar trigo, nos Campos Gerais do Paraná. Os colonos foram distribuidos por confissão religiosa. Mas "os campos estéreis não se prestavam para o cultivo do trigo. Muitos foram para a Argentina, outros voltaram para a Rússia e outros ao centro do Paraná.

A imigração para a Argentina foi chefiada em 1890 pelo pastor H.P. Geisler. Mas algumas famílias ficaram em Ponta Grossa.

O primeiro pastor era Frederico W. Hasenack e foi empregado pelo governo entre 1879 a 1882. O segundo pastor veio em 1886, pastor Gustav Geisler. Este havia sido professor da Escola Alemã de Curitiba.

Em 05 de agosto de 1894, o pastor Schulz reuniu os alemães evangélicos para uma Sociedade da Igreja Escolar. Na ausência do pastor Schulz, o sr. B. Apetz, professor da comunidade, fazia o culto.

De 1896 a 1900 constam registros de que o pastor David Wiedmer, da Lapa, atendia Ponta Grossa.

Em 1897 foi chamado o pastor Gustav Berchner para ser pastor e professor. Mas, ele mesmo se chamou de "professor mediocre", pois quando se mudou para Curitiba, tinha apenas 7 alunos.

De 1901 a 1907 tomou conta de Ponta Grossa o pastor Josef Hohl. Neste período menciona desavenças entre os pastores e as comunidade de Ponta Grossa e ao redor. Entre estas, consta a necessidade de regulamentar o ensino escolar.

Em 1906, o pastor Hohl prestou informações sobre a situação da escola (possuía 39 alunos) ao Sínodo, hoje denominada IECLB.

De 1907 a 1911 a direção espiritual fica com o pastor Otto Kuhr. Pelo seu extenso trabalho e viagens houve dificulda-

des na comunidade e escola.

De 1911 a 1953, Ponta Grossa recebe o pastor Wilhelm Fugmann que trabalhou desde 1 de outubro de 1911 como pastor da "Igreja Evangélica Lutherana de Ponta Grossa e como professor da escola".

Em 1915, sobre a escola temos:

> Devido à necessidade cada vez mais urgente de uma sala para escola (as aulas eram realizadas no próprio templo) tratou-se desde já de um projeto de uma casa para a escola. O número de alunos crescia constantemente, ainda mais quando foi fechada a Sociedade Alemã, em julho de 1915. Apesar do tempo anormal e falta de dinheiro, resolveu-se construir o prédio da escola.[12]

Em janeiro de 1916 foi lançado a pedra fundamental do novo prédio da escola. Transcrevemos do texto:

> Em janeiro, foi lançada a *pedra fundamental do novo prédio da escola*. O documento histórico que foi colocado no alicerce dá, entre outras coisas, também um resumo da história da escola da Comunidade. Resumidamente constava o seguinte: a 5 de agosto de 1894, foi fundada a escola e a Comunidade. Desde 19 de agosto de 1894, era professor B. Apetz. A escola e os cultos eram celebrados em uma casa alugada. Não demorou o pastor Wiedmer da Lapa, que tomou conta da Comunidade e também lecionava por algum tempo. Em 1899, foi convocado o senhor Berchner, como pastor e professor, sucedendo-lhe o Pastor Josef Hohl. A Escola desenvolveu-se favoravelmente, porém, durante a gestão do senhor Hohl, foi fundada mais uma escola alemã.
> Depois do Pastor Hohl, foi chamado o pregador itinerante, Pastor Otto Kuhr, que foi auxiliado por algum tempo pelo Pastor Frank. Depois sucedeu-lhes, de outubro de 1909 em diante, o Pastor W. Fugmann. Quando o templo estava pronto, o mesmo servia tanto para os cultos como para a escola. A necessidade de um prédio escolar tornou-se cada vez mais agudo. Era necessário ganhar mais espaço na Igreja para os cultos e mesmo sua conservação se tornava difícil. Também tornou-se preciso um prédio espaçoso para poder abrigar comodamente as classes e eventualmente poder empregar mais um professor. O final do documento da fundação continha as seguintes frases:

> 'Deus proteja esta casa de todas as desgraças, tenha seus olhos vigilantes sobre ela de dia e de noite, concedendo sabedoria e paciência àqueles que dirigem o trabalho da educação nesta casa e àqueles que apoiam esta obra, o espírito da união e o elo de paz do amor cristão, que também proteja a mocidade que recebe seu ensinamento nesta casa, para que também seja abençoada na sua vida civil e cristã. Em nome de Jesus. Amém.'
> No domingo de Páscoa do ano de 1916, foi *inaugurada a nova casa escolar*, em cuja festa tomaram parte o Prefeito, representantes de diversas sociedades, e um grande número de convidados.
> A 1 de julho, o professor Francisco Mann tomou conta da classe superior. O ensino do vernáculo, que já era usado até então, foi d'ora em diante intensificado ainda mais.
> As contas decorrentes com a nova edificação, foram imediatamente pagas. 'Reinava uma louvável concórdia e harmonia durante a edificação do prédio, como também entre todos que tomaram parte ativa. Era visível o amor pelo trabalho. De tudo isso podemos constatar que Deus deu sua bênção'.[13]

Em 1917, no período da guerra, a Igreja e a escola foram ameaçadas de destruição. Em junho e setembro, a escola foi visitada por autoridades competentes e mais tarde, depois da declaração da Guerra, foi ordenado o fechamento da escola e a 21 de outubro foi o último culto. Somente o professor Mann pode continuar com a escola, em língua portuguesa, em sua casa particular. Em 1918 o contrato entre a comunidade e o professor Mann foi anulado.

Em agosto de 1919, igreja e escola reiniciaram seus trabalhos. A escola reiniciou com 30 alunos na presença do inspetor escolar. Para ensinar as diversas matérias, em língua portuguesa, foi empregado um professor brasileiro.

A partir de 1920 a comunidade enfrentou sérios problemas financeiros. Quanto à escola, diz:

> Também o problema da instrução escolar reclamava uma solução. Não foi fácil ao Diretor da escola, pastor W. Fugmann, e a sua digna esposa, que o auxíliu, através de muitos anos como professora, de conseguir professores competentes que fizessem jús às exigências das leis escolares do governo. Sempre houve queixas nos anos seguintes, devido à falta de

> interesse por parte dos membros da Igreja, sobre a questão do ensino. Tentaram-se diversas providências para despertar o interesse, porém, o resultado foi insuficiente. O professor W. Bergofen que foi empregado no ano de 1922, teve que pedir demissão dois anos mais tarde, por falta de compreensão e interesse por parte dos membros da Comunidade. No ano de 1927, a escola era frequentada por 25 a 30 alunos, um número ínfimo, comparado com o grande número de crianças de nossa Comunidade, mais ou menos 150 crianças. No ano seguinte foi fundada uma 'Sociedade das Escolas', cuja diretoria alugou o prédio da extinta 'Escola Evangélica'. O zeloso senhor pastor Fugmann continuou até Março de 1930 como professor. A Comunidade reservou-se ao direito de ocupar uma das salas para celebrar suas escolas dominicais. A 24 de Abril de 1938, encontramos a seguinte nota nas atas: 'Como a Sociedade Escolar Alemã se dissolveu, o professor H. Schrozur (?) declarou que ele estava com o plano de continuar com a escola, observando as leis do governo em vigor ...' Finalmente, a escola foi fechada e a casa escolar foi transformada em casa de morada em 1943, e alugada. A escola da Igreja-Lutherana deixou de existir. Assim mesmo, realizou relevantes benefícios e teria feito até hoje caso ainda existisse.[14]

Com a perda da escola da Comunidade e frequentemente a perda do ensino religioso, o pastor Fugmann logo se preocupou com a Escola Dominical. Pois o ensino religioso é muito necessário para a preparação dos confirmandos. O ensino cristão na Escola Dominical era então ministrado, gratuitamente, por um grupo de moças da comunidade.

Em 1953, já com o pastor Lorenz Hahn, prolongou-se o ensino dos confirmando para mais de dois anos, devido a falta de ensino religioso na escola da Comunidade e em face do crescente ataque por parte dos poderes ateus e seitas religiosas.

Em 1954, a antiga escola foi cedida como casa à viúva do falecido pastor Fugmann que também fora professora da escola da comunidade.

Até aqui o relato está baseado na tradução do sr. Felipe Justus Jor.[15]

No livro *Brazilien und Wittenberg*, o dr. Ferdi-

nand Schroeder confirma o ano de 1916 a construção e inauguração da escola com duas salas de aula.[16]

Lilian Anna Wachowicz, estudando a *Relação Professor-Estado no Paraná Tradicional* faz menção à Escola Alemã de Ponta Grossa. E conta:

> Em 1906, quando o inspetor escolar preside aos exames nas escolas estrangeiras, constata grande aproveitamento dos alunos em todas as matérias.[17]

Esta referência se reporta à Escola Alemã do pastor Josef Hohl de Ponta Grossa. Através do ofício datado em 15 de dezembro de 1906, do mesmo pastor, L. A. Wachowicz deduz que "o interesse da comunidade era o de manter a nacionalidade alemã". Naquele ofício, o pastor Hohl diz ter sido censurado pela comunidade, "por terem feito seus alunos mais progressos em português do que em alemão".

Fizemos esta observação para demonstrar que mesmo nas "escolas estrangeiras alemãs", os pastores evangélicos influenciavam no tipo de educação.

No entanto, como dissemos anteriormente, esta história ainda haveria de ser escrita e investigada.

8. Curitiba

Traduzindo do alemão, a publicação no *Deutsche Wache Zeitung* de 24 de abril a 2 de maio de 1937, temos alguns dados sobre as Escolas Alemãs. Nestes dados, também podemos confirmar a vinculação dessas escolas com as comunidades luteranas.

Embora as escolas alemãs não sejam o objeto desta pesquisa, achamos conveniente incluir aqui os dados que obtivemos até o momento. Estes fornecem outras "pistas" para futuras pesquisas sobre as escolas alemãs. E dados muito importantes para nossa história. Vejamos então em 1937:

> Hoje em dia encontram-se alemães em todas regiões do Estado do Paraná pelo menos alguns. Grupos maiores são em Curitiba, Ponta Grossa, Rio Negro,

Castro, Lapa, Palmeira, União da Vitória e Iraty junto com as colonias povoadas como Cruz Machado e Porto Vitória, Candido de Abreu e Augusta Vitória, também no Norte do Paraná e Paranaguá com o cais. Aqui foram construídas pelos imigrantes alemães. Depois de terem vencido as primeiras dificuldades - a construção de prédios escolares particulares. Hoje existem no Paraná 50 até 60 escolas alemãs-brasileiras com mais ou menos 4000 alunos e 150 professores.

A maioria destas escolas têm datas mais recentes. A mais antiga de Curitiba é a escola alemã, Colégio Progresso, construída no ano 1869. Criada pela comunidade evangélica e no ano 1884 a tutela da escola foi transferida para Sociedade Alemã. O colégio católico de alunos de ambos os sexos "Colégio Bom Jesus" e colégio Divina Providência, foram construídos no ano 1896 e no ano 1903 foram separadas. As escolas de cidades maiores são em geral de mais classes (1 - 5). 12 associações religiosas administravam os ensinos. Ao Colégio Progresso em Curitiba foi legado um Ginásio pelo Governo Federal.

Uma organização escolar alemã-brasileira no Paraná não existia no começo. Escolas e professores eram mantidos por conta própria. Isto era para as Escolas no interior muito ruim. Não se conseguia professores formados, as escolas eram pobres e os salários bem baixos. Também o material didático era simplório. Só uma organização pode trazer uma ajuda, e no ano 1920 esta se realizou.

Primeiro organizou-se uma Aposentadoria, que aliviou o pensamento do dia do amanhã. Essa caixa entrou em ação no dia primeiro de julho de 1921. A esta organização pertencem 70 professores e alguns já estão aposentados a anos. A caixa se mostrou uma abençoada instituição e com gratidão cumprimenta-se também a ajuda de particulares, mais ou menos 120 membros se filiaram em Curitiba para manter a Fundação.

Nos anos 1926 fundou-se a "Sociedade Escolar dos Professores Alemã-Brasileira" no Paraná. esta sociedade não quer só ajudar aos seus membros (associados) e orientar lado a lado, mas principalmente dedica toda sua atenção às escolas. Está atenta em fornecer professores e material didático unificados ao possível. Muito já foi alcançado nestes poucos anos. Os professores são escolhidos e muitas escolas encomendam seus livros pela associação dos professores. Para escolas pobres faz-se um preço mais barato, de mapas, postais e

também livros na língua portuguesa e alemã e às vezes até gratuito.
As nossas escolas alemãs-portuguesas no Paraná não são estrangeiras, como às vezes são classificadas injustamente, mas sim, são escolas brasileiras que só se diferenciam das outras instituições por serem mantidas pelos pais dos alunos por recursos particulares e que ensinam duas línguas, quer dizar a língua pátria e ao mesmo tempo a língua alemã. Por isso elas não são escolas estrangeiras alemãs e sim escolas brasileiras e também querem ser.
Os colégios alemães-brasileiros religiosamente administram o currículo do programa educacional Nacional. São usados os livros iguais a todas escolas Nacionais. Esforçadas a incutir o amor à Pátria e o respeito às Leis e Autoridades, algumas divergencias não se deve levar em conta. Não eram resultado de pouca vontade, principalmente eram consequencias resultantes das causas difíceis e primitivas. Um bom professor era muito difícil aceitar uma escola no meio de desbravadores, gente que era extremamente pobre como eles ia garantir um bom salário? Hoje em dia estamos empenhados em formar professores dos filhos dos colonos, dar uma formação adequada para prestar exame.
No mais para lecionar usa-se livros alemães-brasileiros, quer dizer livros que foram elaborados aqui no Brasil, na pátria brasileira onde os filhos têm suas raízes. E com isto estamos seriamente querendo prestar conta ao caráter brasileiro.
Que as escolas ensinam duas línguas em nada prejudica o aluno, ao contrário só pode enaltecer e facilita no futuro aos povos se entender. Os alunos se familiarizam nas duas línguas. Porque privá-los em ser intérpretes entre duas grandes nações que cultivam uma grande amizade e que tenham grande interesse em comum, ambas as partes tem muito a se dar.
Dos nossos colégios alemães-brasileiros do Paraná como também de outros Estados se destacaram miles de homens que na vida tiveram muito contribuido para a pátria brasileira. Também a mais humilde e pequena escola da colônia tem contribuído na Missão em dar aos colonos nas suas árduas e duras tarefas do dia a dia. Muitos dos nossos professores da colônia se tornaram verdadeiros pais e conselheiros não só dos jovens como também dos idosos, abrindo caminho dando conselhos nos conselhos administrativos assim contribuindo e fortalecendo a colonia. E' verdade, o

> sustento da escola exigia grande sacrifícios, mas destes sacrifícios resultaram grandes bênçãos. Por isso vale a pena lutar por nossos colégios. Elas são os guardiães de uma rica herança que nos foi legada por nossos antepassados o qual transferimos aos nossos filhos. Nós vivemos num povo de pensamento nobre que não nos há de negar o que nos é querido e caro e que só pode ajudar na evolução da nossa linda terra do Brasil.[8]

No mesmo jornal, temos ainda sobre Escola Alemã - Colégio Progresso:

> Um lugar de cuidado compreensivo modos e cultura brasileira para nossa juventude para estes, como filhos de terra brasileira, vale que construímos um prédio nesse país, cada um conforme sua capacidade atuar politicamente, economica ou social interferir nos acontecimentos do país.
> Neste ponto acentua-se o trabalho da escola alemã e nesta direção está a base.
> Já conseguimos construir o ensino do Colégio Progresso que seus absolventes tenham ligações a todos os estabelecimentos de cursos superiores e Universidades garantidos o que priviligia entre todas as escolas alemãs-brasileiras.
> O curso ginasial do Colégio Progresso dá ao aluno a possibilidade por sua natureza alemã na forma adequada explorar na inauguração brasileira a se destacar social e cultural igual aos Luso-brasileiros e entrar em contato vivo com a vida brasileira a qual na maioria dos fatos em alguma forma vai ser a sua.
> Frente a construção das forças temos só um Rumo uma Lição a servir a Comunidade.
> Tudo simplifica na unificação dos interesses. Não se pode mais abafar com gritos ou resistência passiva interferir na corrida da evolução.
> Só a causa mesmo em sua significação ao coletivo está em questão e entre essas condições podemos trabalhar se no Futuro sem atritos uma corrida esta garantida. A boa crítica é uma disciplina coletiva deve existir. Erros sempre são cometidos. Com a ajuda de todos é fácil de corrigir e transformar para o bem de todos.
> Os interesses justificados dos indivíduos tem que ser debatidos e levados ao entendimento com os interesses de todos. Na unificação do pensamento está a força o dever e a verdade.
> Nisto eu entendo a educação da nossa juventude do

amanhã. Juventude de descendência alemã. Assim o significado da Escola.

Sobre a imigração alemã no Brasil temos dados importantes no livro do Doutor Ferdinand Schroeder, 1936, *Brazilien und Wittenberg*. Destacamos alguns dados sobre Curitiba, Paraná:

> A primeira Comunidade foi fundada em 1866. Até aqui as crianças alemãs foram batizadas nas Igrejas Católicas e receberam instrução nas escolas do governo, até que conseguiram Escolas Alemãs e os Cultos também em língua alemã.
> Em novembro 1872 veio o Páraco Pastor Boecker na gestão dele foi concluída a casa paroquial e logo a Igreja que servia também para Escola.
> O número de famílias era em 1877 - 200 com 1200 a 1300 almas. A Escola começou 1873 com 60 alunos em 1877 tinha 170 alunos (Tinha uma forte concorrência pelo professor Muller). Como cresceu, tinham de aumentar mais um sala de aula. Ambas as classes foram servidas pelo Pastor Boecker, já em março veio um professor que se formou em Crischona, o professor Richli já lecionou sete anos em Pedreira (Dona Francisca) no qual tinha 30 alunos católicos juntos.
> De Curitiba administravam as colônias Venunzia e Assungury.
> Em Venunzia o professor Augusto Hecke (colono) foi um excelente professor. Ele era pago pelo Governo. Nesta localidade moravam 25 famílias protestantes. Culto religioso tinha de quatro em quatro semanas.
> No local de Assungury moravam vinte famílias alemãs. O Governo construiu uma Igreja Protestante. A colonia se dispersou logo.
> Pastor Boecker comunicou que o governo municipal sempre era benevolente a comunidade alemã. Nem um Governador deixou de visitar a escola. Até o Imperador Dom Pedro II tem visitado a Escola uma vez.
> Não demorou muito e foi preciso um terceiro professor. Quando o Pastor Boecker voltou para a Alemanha em 1885, tinha 300 alunos, 150 crianças foram batizadas, famílias tinha 250. Aí a escola foi assumida pelo professor Isberner. Substituto da Paróquia foi o Pastor Hartmann (1886 - 1891), depois o pastor Frederico Schultz (1892 - 1897) pastor Siegfried Schultz (1897 - 1900) e pastor Berchner em 1892. Foi inaugurado um prédio grande para a escola

> funcionar e o desenvolvimento foi bom e tinha no ano de 1927 mais de 400 alunos. Estes foram servidos por sete professores e quatro professoras. A comunidade tinha em 1927, 900 famílias.[20]

Lilian A. Wachowicz, explicando sobre as escolas particulares subvencionadas no Paraná, menciona o ofício do professor da aula subvencionada de Curitiba, Augusto Boecher, em 31 de dezembro de 1883. Destacamos o que diz a autora:

> ...nem sempre os diretores de escolas subvencionadas concordavam com as condições impostas pelo governo provincial: o regulamento exigia que fossem aceitar matrículas gratuitas. Em 1883 encontra-se um ofício do pastor protestante, professor de aula subvencionado, pedindo para retirar dentre seus 192 alunos (dos quais 12 recebem instrução gratuita) os gratuitos que o regulamento exige, e não aceitar as matrículas de mais 6 indicados, filhos de pais que se dizem indigentes.[21]

Também um ofício do presidente da Sociedade Colégio Progresso, antiga escola alemã, é mencionado por L.A. Wachowicz na citação que faz:

> Em outubro de 1917, é divulgado um decreto do governo federal, mandando fechar as escolas onde não é ensinado o Português. Principalmente as escolas alemães são visadas, por causa da Primeira Guerra. Um colégio de Curitiba, que teve seu funcionamento suspenso durante a Guerra, em 1919, solicita licença para reabrir sob novos moldes. O despacho é: 'Aguarde a ratificação do tratado de paz'.[22]

9. Outras Escolas (IECLB e IELB)

Da IECLB

1. Lapa

O dr. Ferdinand Schroeder em seu livro *Brasilien und Wittenberg* menciona uma Escola Alemã dirigida por um

pastor evangélico luterano. Assim traduzindo, consta:

> A data mais antiga é 1838 onde os imigrantes Nikolais Blai e Izabel Gerbert compraram um lote de terra. A primeira escola alemã foi aberta em 1903. Até o ano de 1917, o pastor Wiedmer a dirigiu. Durante a Guerra a escola foi destruída e só no ano de 1920 foi reaberta. Em 1923 uma sociedade escolar construiu um prédio novo, a qual duas vezes foi fechado por ordem do governo (de 24 de agosto de 1924 a 6 de janeiro de 1925 e de 25 de janeiro de 1926 a 15 de setembro de 1926).[23]

2. Rolândia

Os cultos divinos começaram a ser realizados em 1937, na antiga escola alemã, durante dois anos.[24]

3. União da Vitória

Quando ainda era uma só cidade, juntamente com Porto União, consta uma escola alemã, onde os evangélicos luteranos tomaram parte.[25]

4. Londrina

Iniciou antes de 1954 uma escola primária. Esteve sob a direção dos missionários da American Lutheran Church.[26] Em *Presença Luterana* de 1970 está mencionado o Instituto Evangélico Luterano de Londrina (PR), dizendo que este "tem a finalidade de formar obreiros para o serviço da comunidade."[27]

5. Porto Mendes

Em 1961 a 1970, aproximadamente, funcionava nesta cidade uma escola paroquial com classe multisseriada (depoimentos).[28]

6. Nova Santa Rosa

Também tinham escola paroquial (depoimentos).[29]

IELB

Escolas paroquiais funcionavam junto às comunidades de Assis Chateuabriand, Cidade Gaúcha, Linha Quatro Irmãos, Guaruapuava, Nova Santa Rosa, Entre-Rios, Coronel Vivida (conforme Crônicas da Igreja de C. Warth).[30]

Anexo I
Relação de Escolas Luteranas associadas à Associação Evangélica de Educação - IECLB

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO — IECLB

DIREÇÃO EXECUTIVA: Rua Amadeo Rossi, 467, Caixa Postal 14, Telefone (0512)92-6366, 93001 — São Leopoldo — RS
Diretor Executivo: Prof. Dorival Adair Fleck — Secretária: Profª Leni Schneider

CONSELHO DE EDUCAÇÃO DA IECLB

Prof. Danilo Carlos Doss (Presidente), Prof. Ruben Werner Goldmeyer (Vice-Presidente), Profª. Lia Kappel (Secretária), Profª Mônica Brandt, Profª Marise Fischer Dhein, Profª Berlise Ko Freitag, Prof. Otávio Schüler, Profª Norma Zerwes, P. Werno Stiegemeier, Profª Loni Wilbert, Profª Ijony Michaelsen, Prof. Belmiro Meine, Prof. Rui Prediger, Profª Leatriz Hoffmann Voigt, Prof. Gilberto Stolz, Prof. Pedro Schoenell.

ASSOCIAÇÃO EVANGÉLICA DE EDUCAÇÃO — ESCOLAS ASSOCIADAS

Escola	Nº de Alunos				Total	Diretor	Endereço
	Jardim	1º Grau	2º Grau	3º Grau			
Seminário Bíblico Diaconal					39	Arleti Elvira Mattner	Tel. (0512)92-1250, c. p. 147, 93001 — São Leopoldo — RS
Colégio Sinodal	171	716	298		1185	Dankwart Bernsmüller	Tel. (0512)92-1584, c. p. 14, 93001 — São Leopoldo — RS
Escola Evangélica Dorothea Schäfke	65	353	114		532	Regiani Müller Martins	Tel. (051)642-2202, R. Pinheiro Machado, 1223, 95600 — Taquara — RS
Escola Evangélica Duque de Caxias	102	251			353	Marlise Müller	Tel. (0512)99-1137, c. p. 22, 93800 — Sapiranga — RS
Escola Evangélica Divino Mestre	41	299			340	Erico Magedanz	Av. Parobé, 592, Scharlau, 93120 — São Leopoldo — RS
Escola Evangélica Ivoti	60	239	233		532	Ruben Werner Goldmeyer	Tel. (0512)61-1318, c. p. 9, 93900 — Ivoti — RS
Escola Evangélica da Paz	50	553			603	Edela Griesbach	Tel. (0512)95-1468, Av. P. Adams Fº, 1974, 93320 — N. Hamburgo — RS
Escola Evangélica Progresso	75	175			250	Rejane Kerber Apollo	Tel. (051)632-1339, R. Fer. Ferrari, 1304, 95780 — Montenegro — RS
Escola Evangélica Tiradentes	59	336			395	Celito Hergemöller	Tel. (0512)97-1237, R. Volunt. da Pátria, 33, 93700 — Campo Bom — RS
Escola Pastor Dohms	276	1064	349		1689	Hildo Fuchs	Tel. (0512)42-2122, R. Américo Vespúcio, 483, 90450 — P. Alegre — RS
Escola do Salvador	105	567			672	Milton Leo Gehrke	Tel. (0512)40-6016, Av. Mathilde T. Renner, 55, 91370 — P. Alegre — RS
Escola Superior de Teologia				292	292	Martin N. Dreher	Tel. (0512)92-3288, c. p. 14, 93001 — São Leopoldo — RS
Instituição Evangélica Novo Hamburgo	360	1446	527		2333	Osvino Toiller	Tel. (0512)93-4022, c. p. 2133, 93511 — Hamburgo Velho — RS
Instituto Form. Prof. Língua Alemã				65	65	Hans G. Naumann	Tel. (0512)61-1318, c. p. 9, 93900 — Ivoti — RS
Instituto Rio Branco	58	333	68		459	Harry Rückert	Tel. (0512)92-1428, R. Osvaldo Aranha, 438, 93010 — S. Leopoldo — RS
Colégio Barão do Rio Branco	73	663	234		970	Werner Bittelbrunn	Tel. (051)722-4289, c. p. 224, 96500 — Cachoeira do Sul — RS
Colégio Evangélico Alberto Torres	252	975	270		1497	Ardy Storck	Tel. (051)714-1868, c. p. 45, 95900 — Lajeado — RS
Colégio Martin Luther	59	349	119		527	Walmir Cláudio Griesang	Tel. (051)712-1248, c. p. 66, 95880 — Estrela — RS
Colégio Mauá	120	718	346		1184	Wilson Ademar Griesang	Tel. (051)711-2029, c. p. 68, 96800 — Santa Cruz do Sul — RS
Escola Assis Brasil	26	68			94	Arno Fiegenbaum	R. Carlos Jäger, 645, Marques de Souza, 95900 — Lajeado — RS

Escola Evangélica Barão Rio Branco	35	139			174	Olívia Mundstock	Tel. (051)743-1290, c. p. 51, 96930 — Candelária — RS
Escola Evangélica Ipiranga	30	188			218	Gudrun Ahlert Rahmeier	Tel. (051)712-1167, Ramal 3, c. p. 111, 95880 — Estrela — RS
Escola Evangélica Roca Sales	13	257	40		310	André Rückert	Tel. (051)751-1584, R. Daltro F°, 463, 95735 — Roca Sales — RS
Escola Gaspar S. Martins	96	357	112		559	Celso Fritsch	Tel. (051)741-1575, c. p. 29, 95800 — Venâncio Aires — RS
Escola José Bonifácio	27	257			284	Clenio Closs	Tel. (051)714-1433, c. p. 181, 95900 — Lajeado — RS
Escola Part. Aula Evangélica	16	78			94	Suely Schuler	Tel. (051)711-3158, R. Padre Feijó, 813, 96820 — Vera Cruz — RS
Escola Part. Barreto Vianna	09	80			89	Nelsi Griesang	Tel. (051)653-1556, c. p. 18, 95860 — Taquari — RS
Escola Part. Gal. Canabarro	53	147			200	Flávio Sanders	Tel. (051)712-2611, Ramal 150, Canabarro, 95890 — Teutônia — RS
Escola Part. João Batista de Mello	12	133			145	Raul Arend	Forquetinha, 95900 — Lajeado — RS
Colégio Evangélico Augusto Pestana	72	681	304		1057	Luiz Paulo Mauhs	Tel. (051)332-2302, c. p. 107, 98700 — Ijuí — RS
Colégio Evangélico Panambi	151	599	408		1158	Erni Vollbrecht	Tel. (055)375-1067, c. p. 105, 98280 — Panambi — RS
Colégio Ipiranga	92	555	160		807	Osmar Fuchs	Tel. (055)522-2082, c. p. 7, 98600 — Três Passos — RS
Escola Centenário	36	283			319	Iára Arnemann	Tel. (055)312-2571, c. p. 217, 98800 — Santo ângelo — RS
Escola Evangélica Guilherme Rotermund	66	255			321	Ademir Strassburger	Tel. (055)524-1375, c. p. 4, 98640 — Crissiumal — RS
Escola Evangélica Rui Barbosa	27	212			239	Lili Jähn	Tel. (055)361-1401, R. Alcides Pilau, 509, 98870 — Giruá — RS
Escola Evangélica 7 de Setembro	25	160			185	Edemar Witter	Tel. (054)332-1754, c. p. 210, 99470 — Não-Me-Toque — RS
Escola Frederico Jorge Logemann	34	263	192		489	Edivaldo Auler	Tel. (055)537-1614, c. p. 7, 98920 — Horizontina — RS
Escola Part. Vera Cruz	38	219			257	Leopoldo Fenner	Tel. (055)543-1166, c. p. 51, 98940 — Tuparendi — RS
Escola da Paz	107	750	201		1058	Pedro Jadir Schoenell	Tel. (055)512-1258, c. p. 64, 98900 — Santa Rosa — RS
Escola Sinodal Rui Barbosa	95	418	58		571	Walli Ingeburg Dutra	Tel. (054)331-1054, c. p. 19, 99500 — Carazinho — RS
Escola Sinodal Visc. de Porto Seguro	34	209	34		277	Edemar Schweig	Tel. (054)324-1332, R. Firmino de Paula, 646, 98200 — Ibirubá — RS
Sociedade Educ. Três de Maio	91	336	266	168	861	Seno Leonhardt	Tel.(055)535-1011, c. p. 158, 98910 — Três de Maio — RS
Centro Educ.. Evangélico	166	512			678	Antônio Paulo Schwingel	Tel. (0473)72-3022, R. Estheria Friederich, 130, 89250 — Jaraguá do Sul — SC
Colégio Bom Jesus	430	1921	749		3100	Tito Livio Lermen	Tel. (0474)22-0155, c. p. 24, 98200 — Joinville — SC
Colégio Cônsul Carlos Renaux	não forneceu dados					Arno Klabunde	Tel. (0473)55-1294, Av. Monte Castelo, 81, 88350 — Brusque — SC
Colégio Evangélico Rui Barbosa	181	877	207		1265	Elsa E. M. Jansen	Tel. (0478)22-0203, c. p. 165, 89160 — Rio do Sul — SC
Colégio Martinus	270	1661	314		2245	Jairo de Oliveira	Tel. (0412)24-7373, R. Pres. Carlos Cavalcanti, 999, 80510 — Curitiba — PR
Conjunto Educ. Dr. Blumenau	113	376	102		591	Margrit Schmidt	Tel. (0473)87-0174, c. p. 23, 89107 — Pomerode — SC
Escola Evangélica Martin Luther	104	312			416	Nelio Sander	Tel. (0452)54-2359, Av. Maripá, 865, 85960 — Mal. Cândido Rondon — PR
Instituto Cristão			160		160	Odair Olivetti	Tel. (0422)32-1524, c. p. 60, 84160 — Castro — PR
Jardim Int. Bom Pastor	223				223	Nilve Mair Brüggemann	Tel. (0473)55-2596, c. p. 7, 88350 — Brusque — SC
TOTAIS DE ALUNOS	4635	21536	6651	525	32786		

Anexo J
Relação de Estabelecimentos Luteranos de Ensino - IELB

ESTABELECIMENTOS LUTERANOS DE ENSINO

ESTADO MUNICÍPIO LOCALIDADE	NOME DA ESCOLA	ALUNOS					TOTAL ALUNOS			PROF.		DIRETOR	PASTOR	ENDEREÇO
		PRÉ	1º GRAU	2º GRAU	3º GRAU	EXTRA CLASSE	LUTERANOS	NÃO LUT.	TOTAL GERAL	LUTERANOS	NÃO LUT.			
ALAGOAS Maceió	Creche "Recanto da Criança"	46						46	46	01	07	Célia Ferreira F. Morais	Rev. João C. Tomm	Rua Gazeta de Alagoas, nº 04 57015 – Maceió, AL – Tel. (082) 221-7925
BAHIA Simões Filho	Escola Polivalente de Aratu *	32	951	85			09	1059	1068	04	44	Rev. Paulo R. Klaudat	Rev. Paulo R. Klaudat	Av. Elmo Serejo Farias, km 2 – Cia II 43700 – Simões Filho, BA Tel.: (071) 594-9806
BRASÍLIA Taguatinga	Recreação Inf. "Concórdia"	19					03	16	19	02		Simone S. Denzin	Rev. Evandro Denzin	QNM 36 – Área Especial 03 C. P. 40067 – 72001 – Taguatinga, DF
ESPÍRITO SANTO Vila Velha	Escola Luterana de 1º Grau *	23	20				11	32	43	04		Danilo V. Fach	Rev. Danilo V. Fach	Rua Mahaama Gandhi, s/nº – C. P. 1007, Gloria – 29100 – Vila Velha, ES Tel.: (027) 229-9256
MARANHÃO Imperatriz	Escola Luterana de Imperatriz	90	350				30	410	440	06	08	Rev. Ernani V. Berwig	Rev. Ernani V. Berwig	Rua Maranhão, 04 – C. P. 20 65900 – Imperatriz, MA
Ilinga	Centro Educacional Concórdia		154				08	146	154	03	07	Erna A. Poganski	Rev. Jairo C. Lange	Rua dos Castanheiros, s/nº – Quadra nº 1 C. P. 380 – 65900 – Imperatriz, MA
Paulistão	Centro Educacional Concórdia	35	77				04	108	112	01	05	Erna A. Poganski	Rev. Jairo C. Lange	Km 1.475 – BR 010 – Povoado Paulistão Açailândia, C. P. 380 65900 - Imperatriz, MA
São Luiz	Colégio Martinho Lutero		94				04	90	94	02	04		Rev. Everaldo Discher	Av. Conceição nº 1.120 – Planalto Anil – C. P. 624 – 65000 – São Luiz, MA
MATO GROSSO Jaciara	Escola de 1º e 2º Graus Mickael	104	287	51			19	423	442	06	21	Ingo Pietzsch	Rev. Ingo Pietzsch	Rua Jurucê, nº 1.740 – C. P. 165 78820 – Jaciara, MT
São José do Rio Claro	Escola Luterana de 1º Grau Siegfried Buff	97	106				33	170	203	03	10	Nelvir Sieder		Rua São Francisco nº 506 – Centro C. P. nº 51 – 78870 – São José do Rio Claro, MT – Tel.: (065) 786-1339
Vila Rica	Escola Evangélica Luterana Emanuel Pré e 1º Grau *	39	18				06	51	57	02		Lídio V. Scheunemann	Lídio V. Scheunemann	Rua 3, s/nº – Setor Norte – C. P. 05 78645 – Vila Rica, MT
MATO G. DO SUL Anastácio	Escola de Seguimento da Congregação Ev. Lut. Dr. Martinho Lutero *					30		30	30	01		Eliani I. Baminger	Rev. Walter A. Baminger	Rua Pres. Vargas, s/nº – J. Campanário C. P. 32 – 79210 – Anastácio, MS
Campo Grande	Esc. de 1º Grau Dr. Martinho Lutero	25	450				06	469	475	09	12	Elirio R. Glienke	Rev. Carlos Wilhelms	Rua Prof. Arlindo Lima, 669 Bairro Universitário – 79060 Campo Grande, MS – Tel.: (067) 387-3218
Dourados	Escola Luterana Pré-Escolar 1º e 2º Graus "Concórdia"	71	544				20	595	615	10	12	Valdir Bernardo Felier	Rev. Rubem Rieger	Rua Oliveira Marques, 582 C. P. 195 – 79800 – Dourados, MS Tel.: (067) 421-5866

* *Dados de 1990*

ESTADO MUNICÍPIO LOCALIDADE	NOME DA ESCOLA	ALUNOS					TOTAL ALUNOS			PROF.		DIRETOR	PASTOR	ENDEREÇO
		PRÉ	1º GRAU	2º GRAU	3º GRAU	EXTRA CLASSE	LUTERANOS	NÃO LUT.	TOTAL GERAL	LUTERANOS	NÃO LUT.			
PARÁ Belém, Guamá	Escola Evan. Lut. Cristo Salvador	62	322				13	361	384	01	08	Marta Teske	Rev. Wolfgang Teske	Trav. Barão Mamoré, 451 – C. P. 505 66001 – Belém, PA – Tel.: (091) 229-5859
Marabá	Esc. Lut. de 1º Grau Inc. de Marabá	60	90					150	150		05	Erni Zimmer		Rua Goiás, nº 68 – C. P. 264 68500 – Marabá, PA
Paragominas	Esc. Mun. Martinho Lutero *	130	84				02	212	214	01	03	Wilmar Meister	Rev. Wilmar Meister	Rua Florianópolis, s/nº – C. P. 168 Trecho Seco – 68630 – Paragominas, PA Tel.: (091) 729-1201
Tomé-Açu	Esc. Lut. do Centro Integrado de Missões Trindade *(a) Def. mental (13)* *(b) Def. auditivo (07)*	48	422			20	37	453	490	04	17		Rev. Karl H. G. Auel	Rodovia PA 140, nº 1090 C. P. 41 – 68680 – Tomé-Açu, PA Tel.: (091) 727-1183
PARAÍBA Campina Grande	Centro Educacional Concórdia	30	72					102	102	3	04	Leonério Faller	Rev. Leonério Faller	Av. Rio Branco, 1050 – Bairro Prata 58100 – Campina Grande, PB Tel.: (083) 321-3105
PARANÁ Assis Chateaubriand	Jardim de Infância Concórdia *	80						80	80		06	Isabel C. B. Souza	Rev. José P. Souza	C. P 123 – 85920 – Assis Chateaubriand, PR Tel.: (0449) 28-2016
Capanema	Esc. Sta. Cruz - Ensino de 1º Grau	95	450				36	509	545	08	20	Ernesto Pahl	Rev. Ernesto Pahl	Av. Botucaris, s/nº – C. P. 41 85760 - Capanema, PR, T. (0465)52-1543
Imbituva	Escola Rui Barbosa – Ensino Pré-Escolar e de 1º Grau	17	122				70	69	139	05	–	Elisabeth R. Santos	Rev. Irmo A. Hübner	Rua Alberto Dietrich, s/nº – C.P. 27 84430 - Imbituva, PR - T. (0424) 36-1443
Marechal Cândido Rondon	Colégio Rui Barbosa – Ensino Pré-Escolar e de 1º e 2º Graus	76	354	229			113	546	659	12	18			Rua D. Pedro I, nº 1.151 – C. P. 04 85960 – Mal. Cândido Rondon, PR Tel.: (0452) 54-2175
Palotina, Maripá	Escola Ev. Lut. Trindade * *(d) Escola Bíblica*	45	160			75	153	42	205	04	02	Marli Schadeck	Rev. Neldo Schmidt	Rua Fernando Vieira, 894 85942 – Maripá, PR
PERNAMBUCO Recife	Escola Especial Concórdia de Recife (Def. auditivos) *(b) Def. auditivos*	09	38					47	47	01	05	Neise V. Priebe	Rev. Waldyr Hoffmann	Rua Des. Motta Jr, 45 – Casa Amarela 52051 – Recife, PE – Tel.: (081) 268-4735
PIAUÍ Teresina	Escola Luterana "Cordeirinhos de Jesus"	227					02	225	227	01	03	Romeu Müller	Rev. Romeu Müller	Rodovia BR-316, nº 7.200 – C P. 2.611 Parque Piauí – 64075 – Teresina, PI
RIO DE JANEIRO Nova Iguaçu	Instituto Luterano	35	155				09	181	190	06	09	Elvira S. C. A. Borba	Rev. Hardi Guillande	Rua Goitacazes, 134 – Aeroclube 26285 – Nova Iguaçu, RJ
RIO G. DO NORTE Natal	Centro Educacional Luterano *	23					03	20	23	01	02	Itamar E. Schlender	Rev. Itamar Schlender	Av. dos Xavantes, nº 1.993 Cidade Satélite – 59065 – Natal, RN

* *Dados de 1990*

ESTADO MUNICÍPIO LOCALIDADE	NOME DA ESCOLA	ALUNOS					TOTAL ALUNOS			PROF.		DIRETOR	PASTOR	ENDEREÇO
		PRÉ	1º GRAU	2º GRAU	3º GRAU	EXTRA CLASSE	LUTERANOS	NÃO LUT.	TOTAL GERAL	LUTERANOS	NÃO LUT.			
RIO GRANDE DO SUL														
Alecrim Linha Patos	Esc. Particular de 1º Grau Inc. Ev. Luterana Betel *		22				20	02	22	01	–	Nerci Hanke	Rev. Nerci Hanke	Linha Patos – 98950 – Alecrim, RS
Alvorada	Escola de 1º e 2º Graus "São Marcos"	60	854	130			20	1024	1044	05	31	Ari Pfluck	Rev. Donato Pfluck Rev. Olavo Güths	Rua Dr. Mário Totta, nº 260 – Vila Agriter C. P. 06 – 94800 – Alvorada, RS Tel. (0512) 83-1995
Arroio do Meio	Escola Luterana de 1º Grau "São Paulo" *	26	70				39	57	96	03	03	Diana M. H. Schneider	Rev. Carlos Valkimil	Rua Martin Luther King, 458 – C. P. 21 95940 – Arroio do Meio, RS Tel. (051) 716-1165
Bagé Hulha Negra	Escola Luterana Emanuel	18					06	12	18		01	Néri L. Pinto	Rev. Alceu Figur	Trigolândia – Estrada do Passo do Neto C. P. 344 – 96400 – Bagé, RS
Barros Cassal Cerro Grande	Escola de 1º Grau Inc. "Roberto Vieira" *		34				16	18	34	01	01	Fátima Ivanete	Rev. Marjon S. Silva	C. P. 21 – Cerro Grande – 99360 Barros Cassal, RS – Tel. (0422) 24-7572
Barros Cassal Duas Léguas	Escola de 1º Grau Inc. "Aristides Lobo" *		46				31	25	46	02	03	Sonia A. Mähler	Rev. Marjon S. Silva	C. P. 21 – Duas Léguas – 99360 Barros Cassal, RS – Tel. (0422) 24-7572
Cachoeirinha Granja Esperança	Escola de 1º e 2º Graus "São Mateus"	28	713	119			10	850	860	04	45	Leonir Mittmann	Rev. Edgar Züge	Rua 3.19 nº 481 – Granja Esperança C. P. 191 – 94900 – Cachoeirinha, RS
Cachoeirinha (Centro)	Escola Paroquial "São Mateus"	41	174				17	198	215	05	15	Roberto P. Brandt		Trav. Dr. Martinho Lutero, 45 – 94900 Cachoeirinha, RS – Tel.: (0512) 70-3942
Candelária	Escola de 1º e 2º Graus "Concórdia"	21	197	185			213	190	403	16	13	Arno Alfredo Radünz	Rev. José Julio Bauer	Av. Mal. Deodoro, 795 – C. P. 65 96930 – Candelária, RS Tel.: (051) 743-1368
Cândido Godoy	Escola Evangélica Luterana "Santa Cruz" *		22				11	11	22	01		Alberto Jahn	Rev. Edegar Müller	C. P. 107 – 98900 – Santa Rosa, RS Tel. (055) 361-1438
Canguçú-Solidez	Escola Ev. Lut. de 1º Grau Inc. "Fernão Dias"		57				42	15	57	02	01	Ana Blank	Rev. Edgar W. Quandt	C. P. 78 – 96600 – Canguçú, RS Tel. (0532) 52-1779
Canoas, Centro	Centro Politécnico 2º Grau "Cristo Redentor"			1100			85	1015	1100	25	93	Arlindo Griep	Rev. Arno Krick	Av. Inconfidência, nº 1.231 – C. P. 124 92001 - Canoas, RS - Tel. (0512) 72-5166
Canoas, Centro	Centro Integrado de 1º Grau "São Paulo"	50	635				112	573	685	10	42	Maria Karnopp	Rev. Arno Krick	Av. Inconfidência, nº 1.231 – C. P. 124 92001 - Canoas, RS - Tel. (0512) 72-5166
Canoas, Estância Velha	Escola de 1º Grau "Paz"		160				07	153	160	05	07	Ulli Arend	Rev. Luiz P. F. Mello	Rua Jacob Langoni, nº 10 – Estância Velha C. P. 15 – 92030 – Canoas, RS

* *Dados de 1990*

ESTADO MUNICÍPIO LOCALIDADE	NOME DA ESCOLA	ALUNOS					TOTAL ALUNOS			PROF.		DIRETOR	PASTOR	ENDEREÇO
		PRÉ	1º GRAU	2º GRAU	3º GRAU	EXTRA CLASSE	LUTERANOS	NÃO LUT.	TOTAL GERAL	LUTERANOS	NÃO LUT.			
RIO GRANDE DO SUL Canoas, Bairro Mathias Velho	Escola de 1º grau "São João"		246				07	239	246	05	10	Prof. Harri Raschke		Rua Carazinho, 230 – Bairro Mathias Velho C. P. 124 – 92001 – Canoas, RS Tel.: (0512) 72-5084
Canoas, Bairro São José	Escola de 1º grau "São Marcos"	50	420				10	460	470	05	15	Rolando Blank	Rev. Milton Klagenberg	Rua Licínio Cardoso, 121 – Bairro São José C. P. 124 – 92001 – Canoas, RS Tel. (0512) 72-7690
Canoas, Bairro São Luiz	Universidade Luterana do Brasil "ULBRA"				5941	359	83	6217	6300	21	557	Ruben E. Becker	Rev. Darlei Güenter	Rua Miguel Tostes, 101 – Bairro São Luiz C. P. 124 – 92001 – Canoas, RS Tel. (0512) 72-5599 – Tlx (052) 3167 Fax 76-5202
Canoas, Bairro Mathias Velho	Escola Luterana de 1º Grau Inc. "São Marcos"		440				10	430	440	06	08	Etna B. Borkert	Rev. Elton Luithardt	Rua Florianópolis, nº 5.201 Mathias Velho – 92340 – Canoas, RS
Canoas, Vila Natal	Escola Luterana de 1º Grau Inc. "Santa Cruz"		550				12	538	550	06	12	Etna B. Borkert	Rev. Elton Luithardt	Rua Operário nº 75 – Vila Natal 92000 – Canoas, RS
Canoas, Bairro Harmonia	Escola Luterana de 1º Grau Inc. "Martinho Lutero"	70	851				27	924	951	08	17	Etna B. Borkert	Rev. Elton Luithardt	Rua Cel. Vicente, 1.340 – Bairro Harmonia 92010 – Canoas, RS – Tel. (0512) 72-7629
Canoas Bairro Niterói	Escola de 1º e 2º Graus "Concórdia"	45	590	250			80	805	885	12	48	Francisco Beatrice	Rev. Eugênio Dauernheimer	Rua Capistrano de Abreu, nº 229 C. P. 1.515 – 92120 – Canoas, RS
Cerro Grande do Sul Picada da Cruz	Escola Municipal de 1º Grau Inc. "São João da Cruz"		23				06	17	23	02		Leila Pooch	Rev. Germano Neumann	Picada da Cruz – 96770 Cerro Grande do Sul, RS
Estância Velha	Escola Luterana Arthur Konrath	45	46				06	85	91	01	05	Wanda Linden	Rev. Vili Redel	Rua 13 de Maio, 105 – Bairro Lira C. P. 148 – 93600 – Estância Velha, RS Tel.: (0512) 61-2754
Giruá, Centro	Escola Evangélica Luterana Concórdia 1º Grau Inc.	25	162				46	141	187	03	09	Lírio Sonntag	Rev. Lídio Zschornack	Rua Antonio Saffi, 67 – 98870 Giruá, RS – Tel. (055) 361-1554
Giruá Linha Dr. Pedemeira	Esc. Ev. Lut. São João *		15				05	10	15	01		Gelsi Nair Schulz	Rev. Edegar Müller	C. P. 10 - 98900 – Santa Rosa, RS Tel. (055) 361-1438
Giruá – Centro	Escola de 1º Grau Inc. Concórdia	24	162				34	152	186	03	08	Lírio Sonntag	Rev. Lírio Sonntag	Rua Antônio Saffi, 67 – C. P. 33 98870 – Giruá, RS – Tel. (055) 361-1554
Giruá, Linha das Flores	Escola Mun. do 1º Grau Inc. "São Paulo"		20				08	12	20	01	02	Arnold Rost	Rev. Lídio Zschornack	Linha das Flores – 98870 – Giruá, RS Tel. (055) 361-1416 Ramal 30
Giruá, Linha 15 de Novembro	Escola Evangélica Trindade *		57				18	39	57	02	02	Paulo Neumann	Rev. Edegar Müller	C. P. 107 – 98900 – Santa Rosa, RS Tel. (055) 361-1438
Gramado Moreira	Escola Santíssima Trindade 1º Grau Incompleto		85				29	56	85	04		Udo Fuhrmann		Moreira – C. P. 113 95670 - Gramado, RS - Tel. (0542) 86-1259
Gravataí	Escola Luterana "São João" *		40				07	33	40		05	Dario Blehm	Rev. Cláudio Kehl	Av. Dorival C. L. Oliveira, nº 4.609 C. P. 28 – 94000 – Gravataí, RS

* *Dados de 1990*

ESTADO MUNICÍPIO LOCALIDADE	NOME DA ESCOLA	ALUNOS					TOTAL ALUNOS			PROF.		DIRETOR	PASTOR	ENDEREÇO
		PRÉ	1º GRAU	2º GRAU	3º GRAU	EXTRA CLASSE	LUTERANOS	NÃO LUT.	TOTAL GERAL	LUTERANOS	NÃO LUT.			
RIO GRANDE DO SUL														
Guaíba	Escola de 1º e 2º Graus "Concórdia"	19	210	68			06	291	297	03	16	Hélio Luckei	Rev. Irmo Wagner	Rua Santa Catarina, 11 – Parque 35 92500 – Guaíba, RS Tel. (0512) 80-1416 ou (0512) 80-3291
Horizontina Esq. Bonita	Escola Evangélica Luterana "São João" *		07				07		07	1		Flora Reschke	Rev. Elton Zielke	Esquina Bonita – 98920 – Horizontina, RS
Igrejinha	Escola Evangélica Luterana de 1º Grau "Redentor"	39	215				31	223	254	08	13		Rev. Lauro Petry	Rua José Bonifácio, 188 – C. P. 53 95650 – Igrejinha, RS Tel. (051) 645-1113
Ijuí	Escola de 1º Grau Inc. Evangélica Luterana "Emanuel"	57	196				48	205	253	08	10	Leisa Schmidt	Rev. Ari Heimann	Rua 25 de Julho, 252 – C. P. 118 98700 – Ijuí – Tel.: (055) 332-2257
Nova Petrópolis Linha Brasil	Escola Cenecista de 1º e 2º Graus "Bom Pastor"	10	189	40			120	109	229	14	13	Alfons Krick	Rev. Alfons Krick	Linha Brasil RS 235 Km 4 – C. P. 81 95150 – Nova Petrópolis, RS Tel.: (054) 281-1195, Ramal 13
Novo Hamburgo Bairro Rondônia	Centro Educacional e Assistencial Luterano	65						65	65		10	Deise R.K. Konnemachur		Rua Jacó Kroeff Fº, s/nº – Bairro Rondônia C.P. 416 – 93300 – Novo Hamburgo, RS Tel. (0512) 93-1325 ou (0512) 95-4329
Pedro Osório Passo Santana	Escola Particular de 1º Grau Inc. Prof. Reinaldo A. R. Kamppo.		49				40	09	49	03	1	Ester V. Krause	Rev. Neri S. Helwig	Passo Santana – 3º Distrito C.P. 003 – 95001 – Pelotas, RS
Pelotas, Fragata	Escola de 1º Grau Inc. "Emanuel"	34	92				27	99	126	04	03	Madalena C. Schimit	Rev. Fritz H. Rodmann	Av. Pinheiro Machado, 451 – Fragata 96045 – Pelotas, RS – Tel. (0532) 21-4142
Porto Alegre Jardim Ipiranga	CEDA–Escola Especial Concórdia *(b) Def. Auditivos* *Classe Especial 23* *Estudo c/Precoce 10*	49	175	28		23	69	206	275	51	17	Beatriz Raymann	Rev. Ricardo Sander	Av. João Simplício de Carvalho, 600 Bairro Ipiranga – 91360 – Porto Alegre, RS Tel.: (0512) 41-2039
Porto Alegre Parque dos Maias	Escola de 1º Grau "São Paulo"	39	528				16	551	567	05	22	Nelci N. Senger	Rev. Luiz A. Santos	Rua Tarcila M. Dutra, nº 799 Parque dos Maias – C. P. 7.040 91011 – Porto Alegre, RS
Porto Alegre Sarandi	Escola de 1º Grau Inc. Vocacional Luterano *(e) Supletivo 1º e 2º Graus*	30	457			16	20	483	503	03	34	Nelci N. Senger	Rev. Luiz A. Santos	Av. Alcides Severiano, nº 100 Bairro Sarandi – C. P. 7.040 91011 – Porto Alegre, RS Tel.: (0512) 40-9908
Porto Alegre Sarandi	SEMEAR–Serv. Médico Educacional de Atendimento em Reabilitação *(f) Alunos c/problemas Motores e visuais*	39	55				01	93	94	02	05	Lígia Huff	Rev. Arnaldo Huff	Av. Alcides Severiano, nº 100 Bairro Sarandi – C. P. 7.040 91011 – Porto Alegre, RS Tel. (0512) 40-8531
Porto Alegre Petrópolis	Escola de 1º e 2º Graus "Vera Cruz"	19	265	272			07	549	556	02	40	Aldo L. M. de Souza		Av. João Obino, nº 110 – Bairro Petrópolis 90470 – Porto Alegre, RS Tel. (0512) 34-4244

* Dados de 1990

ESTADO MUNICÍPIO LOCALIDADE	NOME DA ESCOLA	ALUNOS					TOTAL ALUNOS			PROF.		DIRETOR	PASTOR	ENDEREÇO
		PRÉ	1º GRAU	2º GRAU	3º GRAU	EXTRA CLASSE	LUTERANOS	NÃO LUT.	TOTAL GERAL	LUTERANOS	NÃO LUT.			
RIO GRANDE DO SUL Porto Alegre Bairro São Geraldo	Colégio Concórdia – Escola de 1º e 2º Graus	49	743	242			160	874	1034	22	59	Silvia R. K. Jeck	Rev. Luiz C. Garlipp	Av. Pres. Roosevelt, nº 770 Bairro São Geraldo – C. P. 3.052 90230 – Porto Alegre, RS Tel. (0512) 42-2275
Porto Alegre Vila Jardim	Associação Evangélica Luterana de Caridade – AELCA *(g) Berçário e Maternal*	25				99	06	118	124	01	09	Alda A. S. Dresch	Rev. Edgar Klein	Rua Gen. Salvador Pinheiro, 799, V. Jardim 91320 – Porto Alegre, RS Tel. (0512) 34-6222
Rio Grande	Escola Luterana de 1º Grau Inc. "Bom Pastor"	19	52				10	61	71	02	04	Angela M. de Souza	Rev. Paulo Vaz	Rua Alberto de Oliveira, nº 519 Vila São Miguel – 96200 – Rio Grande, RS Tel. (0532) 32-8926
Rolante Alto Rolante	Escola Luterana de 1º Grau Inc. "São Paulo"	07	31				14	24	38	02		Cláudia R. Schmitt	Rev. Erni Krebs	Rua Rev. Guilherme Erbert, s/nº Alto Rolante – C. P. 20 95690 – Rolante, RS
Roque Gonzales Esquina Emanuel	Escola de 1º Grau Inc. "Emanuel"		55				53	02	55	02		Laurindo A. Borth	Rev. Ervino Much	Esquina Emanuel 97970 – Roque Gonzales, RS
Santa Cruz do Sul	Escola Particular de 1º Grau Inc. "Concórdia" *		54				04	50	54	01	03	Milton Peiter	Rev. Darci A. Roehrs	C P. 95 – 98800 – Sta. Cruz do Sul, RS Tel.: (051) 713-1845
Santa Rosa	Escola Evangélica Luterana "São João" de 1ª a 4ª Série	110	215				45	280	325	13	06	Ivanir T. S. Graffunder	Rev. Paulo G. Piefzsch	Rua São Francisco, nº 400 – C. P. 33 98900 – Santa Rosa, RS Tel. (055) 512-1197
Santa Rosa	Colégio Concórdia – Escola de 2º Grau – Esc. 5ª a 8ª Série		318	271			55	534	589	10	22	José Solon Hoffmann	Rev. José S. Hoffmann	Rua Santa Rosa, nº 192 – C. P. 95 98900 – Santa Rosa, RS Tel. (055) 512-1336
Santa Rosa	Escola Especial Concórdia de 1º Grau Inc. Deficientes Auditivos *(b) Def. Auditivos*		47			07	10	44	54	04	08	Lenir T. N. Dutra		Rua Santa Rosa, nº 192 – C. P. 95 98900 – Santa Rosa, RS Tel. (055) 512-1336
Santa Rosa Linha 15 de Novembro	Escola Municipal de 1º Grau Inc. "São Mateus"		71				25	46	71	01	05	Edegar Müller	Rev. Edegar Müller	Linha 15 de Novembro – C. P. 192 98900 – Santa Rosa, RS
Santa Rosa Linha 7 de Setembro	Escola Municipal Luterana Cristo		12				07	05	12	01		Herberto Much	Rev. Herberto Much	Linha 7 de Setembro – C. P. 557 98900 – Santa Rosa, RS
Santo Ângelo, Centro	Escola de 1º Grau "Concórdia"	68	352				68	352	420	10	08	Verno Schmechel	Rev. Mário A. Hesse	Rua Duque de Caxias, 577 – C. P. 181 98800 – Santo Ângelo, RS
Santo Ângelo, Buriti	Escola Ev. Luterana Concórdia de 1º Grau Inc. *		24				08	16	24	01		Glaci Stroschoen	Rev. Nathan Flor	Rua São João, 2.055 – C. P. 300 98800 – Santo Angelo, RS – Tel. 115
São Leopoldo	Instituto Concórdia 1º e 2º Graus	56	560	283					899	16	29	Cristiano J. Steyer		Av. Getúlio Vargas, 4.388 – C. P. 202 93001 – São Leopoldo, RS Tel. (0512) 92-9611
São Paulo das Missões Linha Barão	Escola Particular de 1º Grau Inc. Evangélica "da Paz"		40				37	03	40	02		Ervino Much	Rev. Ervino Much	Linha Barão – 97980 São Paulo das Missões, RS

* *Dados de 1990*

ESTADO MUNICÍPIO LOCALIDADE	NOME DA ESCOLA	ALUNOS					TOTAL ALUNOS			PROF.		DIRETOR	PASTOR	ENDEREÇO
		PRÉ	1º GRAU	2º GRAU	3º GRAU	EXTRA CLASSE	LUTERANOS	NÃO LUT.	TOTAL GERAL	LUTERANOS	NÃO LUT.			
RIO GRANDE DO SUL														
São Paulo das Missões Linha Lavina	Escola de 1º Grau Inc. Concórdia		11				11		11	01		Melita G. Klein	Rev.Orivaldo R.Bündchen	Linha Lavina – 97960 São Paulo das Missões, RS
São Paulo das Missões Linha Lavina	Escola de 1º Grau Cristo		103				85	18	103	05	03	Lourdes Rodrigues	Rev.Orivaldo R.Bündchen	Linha Lavina – 97950 São Paulo das Missões, RS
Sapiranga Araricá	Escola Evangélica Luterana de 1º Grau "Silo"	30	156				15	171	186	05	04	Renato Feldmann	Rev. Volnei Schwartzhaup	Rua Rodolfo Dreyer, nº 183 – Araricá 93880 – Sapiranga, RS
Sapiranga Centro	Escola Evangélica Luterana de 1º Grau Inc. "São Mateus" *(b) Def. Auditivos*	90	313				94	309	403	07	13	Leonardo B. Nerling	Rev. Paulo M. Nerbas	Rua Padre Reus, 370 – C. P. 84 93800 – Sapiranga, RS
Sapucaia do Sul	Escola de 1º e 2º Graus "São Lucas" *	19	281	145			17	428	445	01	42	Luiz Acyoli M.Martins	Rev. Bruno Müller	Rua 25 de Julho, 550 – Vila Vargas 93200 - Sapucaia do Sul, RS Tel. (0512) 73-1071
Torres Boa União	Escola Evangélica Luterana de 1º Grau Inc. "Frei Martinho"		32				21	11	32	02	01	Martim Brehm	Rev. Martim Brehm	C. P. 49 – 95588 – Boa União – Torres, RS
Três Coroas	Escola de 1º Grau Inc. Luterana Cristo	25	165				45	145	190	03	07	Noemia Steffen	Rev. Egon Kopereck	Rua Martinho Lutero, 132 – 95560 Três Coroas, RS – Tel. (051) 646-1295
Vera Cruz Vila Progresso	Escola Particular de 1º Grau Inc. Evangélica Luterana Trindade		28				26	02	28	02		Miriam Eichherr	Rev. Arnildo Schmidt	Vila Progresso – C. P. 20 96820 – Vera Cruz, RS
RONDÔNIA														
Cacoal	Escola de 1º Grau Concórdia	48	425	50			31	492	523	05	19	Neldo Albrecht	Rev. Jorge L. Kopper	Av. São Paulo, 2.666 – C. P. 302 78960 – Cacoal, RO
Ji-Paraná	Centro Educacional São Paulo CEDUSP	51	256	47	344		13	685	698	11	53	Vilino I. Sperb		Av. Engº Manfredo B. A. Fonseca, s/nº C. P. 271 – 78934 – Ji-Paraná, RO Tel. (069) 421-2116 – (069) 421-4784 (069) 421-4792
Porto Velho	Centro Educacional Luterano "Cristo" *(b) Def. Auditivos*	24	29	14		15	03	65	68	02	05	Sebastião Jann	Rev. Sebastião Jann	Rua João Pedro da Rocha, 882 78900 – Porto Velho, RO Tel. (069) 222-2745
SANTA CATARINA														
Joaçaba	Escola Básica SS. Trindade	203	683				66	820	886	30	24	Ervino Skalee	Rev. Fermino Bündchen	Rua Martinho Lutero, 40 – C. P. 231 89600 – Joaçaba, SC – Tel. (0495) 22–0736
Tubarão	Associação Luterana de Beneficência	135						135	135	02	16	Nilton L. Pooch	Rev. Nilton L. Pooch	Rua José Evaristo Fogaça, 111 – C. P. 65 88700 – Tubarão, SC
SÃO PAULO														
São Paulo Campo Limpo	Instituto Concórdia de São Paulo 1º e 2º Graus	70	565	93			116	612	728	21	23	Nilza Elier Barros Leal	Rev. Arno Bessel	Rua Januário Zíngaro, 116 – Jd. Paris Campo Limpo – 05794 – São Paulo, SP
São Paulo Moinho Velho	Colégio Luterano São Paulo	97	927	93			30	1091	1121	11	33	Waldemar B. Fritz	Rev. Lotário E. Sander	Rua Prof. Vilalva Júnior, 73 – C. P. 42.751 04285 – São Paulo, SP – Tel. (011) 63-2700

* *Dados de 1990*

ESTADO MUNICÍPIO LOCALIDADE	NOME DA ESCOLA	ALUNOS					TOTAL ALUNOS			PROF.		DIRETOR	PASTOR	ENDEREÇO
		PRÉ	1º GRAU	2º GRAU	3º GRAU	EXTRA CLASSE	LUTERANOS	NÃO LUT.	TOTAL GERAL	LUTERANOS	NÃO LUT.			
		Escolas Oficiais da Igreja – 3º Grau												
São Paulo	**Escola Superior de Teologia** Teologia P/Extensão Diaconia P/Extensão Básico e Teologia – residencial Diaconia – Intensivo (fev e jul) Música – Intensivo (fev) Diaconia – residencial								52 142 63 24 23 37			Breno C. Thomé		Rua Raul dos Santos Machado, nº 25 C. P. 60.754 – Campo Limpo – 05799 – São Paulo, SP Tel. (011) 511-5077
São Leopoldo	**Seminário Concórdia** Humanístico e Teológico – Residencial Pós-graduação – Residencial Pós-graduação – Intensivo (jul) Diaconia – Residencial Diaconia – Por Extensão								106 2 124 38 100			Dr. Hans Horsch		Av. Getúlio Vargas, nº 4.388 – C. P. 202 93001 – São Leopoldo, RS Tel. (0512) 92-9611

Glossário

Acampamento: nome dado a encontros, congressos ou retiro de jovens.

Almas: ver: membros.

Clero, clérigo: relativo a pastores cristãos formados em curso superior de Teologia.

Comunidade: a reunião de membros da igreja local vinculada à Igreja - IECLB ou IELB - que é formada pelo conjunto de comunidades filiadas.

Congregação: o mesmo que comunidade.

Confirmação, confirmatório, confirmandos: termos usados para o período de instrução ou do ensino da doutrina cristã ministrada aos adolescentes. Após este período de estudos, os adolescentes confirmam o seu batismo e iniciam sua participação na Santa Ceia (Comunhão). Este ato é realizado em momento solene.

Contribuições: refere-se à quatia em dinheiro ofertada para os trabalhos da comunidade. O valor da contribuição é estipulado mediante taxa mínima estipulada em assembléia ou dividida livremente pelos membros, conforme suas posses e/ou salários.

Comuna: o mesmo que comunidade.

Diretoria da Comunidade: é eleita em assembléia conforme estatutos específicos de cada comunidade. A diretoria é responsável pela administração do patrimônio, bem como dos recursos financeiros ofertados pelos membros para a manutenção dos trabalhos da igreja como um todo.

Diaconia, diácono, diaconisa: termos empregados para designar os trabalhos voluntários ou remunerados dos leigos que auxiliam nos trabalhos da comunidade. Os diáconos podem ter curso específico e/ou serem escolhidos em assembléia.

Doutrina: ver: confirmação, confirmatório...

Escolas Seculares: nome dado às escolas que não ministram o ensino cristão.

Instrução: ver: confirmação, confirmatório...

Leigo, laico: pessoa que não pertence ao clero.

Membros: pessoas filiadas oficialmente à comunidade, inclusive crianças e adolescentes. Membros votantes, membros ofertantes; conforme os estatutos de cada comunidade.

Mordomia Cristã: administração correta (segundo as verdades bíblicas) dos bens da família e da comunidade como um todo.

Obreiro: aquele que tranbalha na seara (campo) de Deus.

Ofertas: ver: contribruição. As ofertas podem ser também através de serviços nos moldes da mordomia cristã.

Pregar: pronunciar sermões, propagar o cristianismo, difundir a doutrina cristã.

Sínodo: chamava-se ao conjunto de comunidades e sua forma de organização, antes de que os sínodos se reuniram para formarem os se transformarem em Igrejas - IECLB e IELB.

Vernáculo: o idioma próprio de um país.

Notas de Referências

Capítulo 1

1 FREUND, J. Sociologia de Max Weber. Rio de Janeiro-São Paulo: Forense, 1970. p. 10.
2 Id. Ibid., p. 13.
3 Id. Ibid., p. 17.
4 Id. Ibid., p. 18.
5 Id. Ibid., p. 27.
6 Id. Ibid., p. 30.
7 Id. Ibid., p. 32.
8 Id. Ibid., p. 34.
9 Id. Ibid., p. 35.
10 Id. Ibid., p. 36.
11 Id. Ibid., p. 37.
12 Id. Ibid., p. 38.
13 Id. Ibid., p. 40.
14 Id. Ibid., p. 41.
15 Id. Ibid., p. 43.
16 Id. Ibid., p. 44.
17 Id. Ibid., p. 45.
18 Id. Ibid., p. 46.
19 Id. Ibid., p. 47.
20 Id. Ibid., p. 49.
21 Id. Ibid., p. 50.
22 Id. Ibid., p. 51.
23 Id. Ibid., p. 52.
24 Id. Ibid., p. 56.
25 Id. Ibid., p. 57.
26 Id. Ibid., p. 61.
27 Id. Ibid., p. 63.
28 Id. Ibid., p. 64.
29 Id. Ibid., p. 65.
30 Id. Ibid., p. 66.
31 Id. Ibid., p. 67.
32 Id. Ibid., p. 68.
33 Id. Ibid., p. 73.

34 Id. Ibid., p. 134.
35 Id. Ibid., p. 137.
36 WEBER, Max. A 'Etica Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Livraria Pioneira, 1989. p.20-21.
37 Id. Ibid., p. 25.
38 Id. Ibid., p. 11.
39 Id. Ibid., p. 28.
40 Id. Ibid., p. 51.
41 Id. Ibid., p. 54.
42 Id. Ibid., p. 55.
43 Id. Ibid., p. 56.
44 Id. Ibid., p. 57.
45 Id. Ibid., p. 58.
46 Id. Ibid., p. 60.
47 Id. Ibid., p. 61.
48 Id. Ibid., p. 73.
49 Id. Ibid., p. 77.
50 Id. Ibid., p. 87.
51 Id. Ibid., p. 89.
52 Id. Ibid., p. 95.
53 Id. Ibid., p. 93 e 109.
54 Id. Ibid., p. 114-115.
55 Id. Ibid., p. 130.
56 Id. Ibid., p. 131-132.
57 FISCHER, J. Ensaios Luteranos. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p.4.

Capítulo 2

1 ARANHA, M.L.A. Filosofia da Educação. São Paulo: Moderna, 1989. p. 96 a 150.
2 ROMANELLI, O.O. História da Educação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 193 a 228.

Capítulo 3

1 LEMKE, M.D. A Educação Luterana no Brasil - Análise de uma Experiência Pedagógica no ICSP. Maringá: 1985. Monografia - Especialização em Fundamentos da Educação Universidade Estadual de Maringá, 1985. p. 13 a 28.

2 MANACORDA, M.A. História da Educação. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989. p. 195-196.

3 Id. Ibid., p. 196.

4 Id. Ibid., p. 197.

5 Id. Ibid., p. 198.

6 Id. Ibid., p. 199.

7 Id. Ibid., p. 199.

8 SCHAFF, Adam. História e Verdade. São Paulo: Martins Fontes, 1987. p. 267 a 277.

9 WARTH, M.C. Filosofia Luterana da Educação. In: Igreja Luterana, n. 1, 1987, p. 35 a 47.

Capítulo 4

1 FISCHER, J. A missão das igrejas no Brasil 1550 - 1978. In: P.L., 1990. p. 71.

2 DREHER, M.N. Igreja e Germanidade. São Leopoldo e outras: Sinodal e outras, 1984. p. 14.

3 FISCHER, J. Comunidades, Sínodos, Igreja Nacional: o povo evangélico de 1824 a 1986. In: Simpósio de História da Igreja. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 11.

4 PICCOLO, Helga. Um esboço da História do Brasil. In: P.L., 1990. p. 13.

5 FISCHER, J. A missão ... In: P.L., 1990. p. 69.

6 DREHER, op. cit., p. 24.

7 Id. Ibid., p. 25 e REHFELDT, M.L. The first fifty years of the History of the IELB, The Brazilian District of the Missouri Synod. (Dissertação de Mestrado em Teologia). St. Louis (U.S.A), 1962. p. 14.

8 DREHER, op. cit., p. 24.

9 Id. Ibid., p. 28.
10 Id. Ibid., p. 29.
11 Id. Ibid., p. 39.
12 Id. A História da IECLB. In: P.L., 1990. p. 96.
13 Id. Igreja e Germanidade., p. 41.
14 Id. Ibid., p. 42.
15 Id. Ibid., p. 44.
16 Id. Ibid., p. 45.
17 Id. Ibid., p. 47.
18 Id. Ibid., p. 15 e FISCHER, J. Presença Luterana. In: P.L., 1970. p. 18.
19 FISCHER, Comunidades, Sínodos ..., p. 13.
20 DREHER, op. cit. p. 15 e FISCHER, Ensaios ..., p. 33.
21 Id. A história da IECLB. p. 97.
22 FISCHER, op. cit., p. 42.
23 Id. op. cit., p. 13.
24 DREHER, A História da IECLB. p. 99-100.
25 Id. Igreja e Germanidade. p. 75.
26 FISCHER, op. cit., p. 16.
27 Id. Ibid., p. 17.
28 DREHER, op. cit., p. 15.
29 Id. A História da IECLB, p. 99.
30 JOREV. São Leopoldo: IECLB, edição especial, out 1986.
31 JOREV, op. cit.
32 JOREV, op. cit.
33 JOREV, op. cit.
34 RAMBO, A.B. In: Cadernos de Estudo n 13. Porto Alegre: UFRGS, ago., 1985.
35 Id. In: Cadernos de Estudo n 01. Porto Alegre: UFRGS, out., 1984.
36 Id. In: I Seminário de Estudos Teuto-Brasileiros (Apostilado). Florianópolis: UFSC, ago., 1989.
37 Id. Ibid., p. 10.
38 Id. Ibid., p. 25.
39 Id. Ibid., p. 30.
40 Id. Ibid., p. 30.
41 Id. Ibid., p. 31.

42 KOCH, W. In: I Seminário de Estudos Teuto-Brasileiros (Apostilado). Florianópolis: UFSC, ago., 1989. p. 7-8.
43 Ib. Ibid., p. 9.
44 Id. Ibid., p. 13.
45 HOPPEN, A. Formação de Professores Evangélicos no Rio Grande do Sul - I Parte (1909 - 1939). São Leopoldo: Edição do Autor, impresso pela Gráfica Sinodal (não traz ano, mas foi lançado em 1992).
46 DREHER, Igreja e Germanidade, p. 47 a 51.
47 KOCH, op. cit., p. 11.
48 JOREV, op. cit., p. 9.
49 RAMBO, In: Cadernos de Estudo No 1, p. 64.
50 Id., I Seminário ..., p. 9-10.
51 WACHHOLZ, W. Trabalho apresentado no curso de aprofundamento teológico na EST da IECLB (apostilado). São Leopoldo: junho, 1989. p. 4.
52 Id. Ibid., p. 10-12.
53 Id. Ibid., p. 17-18.
54 Id. Ibid., p. 25.
55 Id. Ibid., p. 29.
56 Id. Ibid., p. 29.
57 JOREV, op. cit., p. 9.
58 RAMBO, op. cit., p. 68.
59 DREHER, op. cit., p. 18.
60 FISCHER, op. cit., p. 17.
61 DREHER, A História da IECLB, p. 102.
62 SAENGER, R. In: Publicação do CDEME. São Leopoldo, 1953.
63 Id. Ibid.
64 SONNTAGSBLATT der Riograndenser Synode. São Leopoldo: agosto, 1958.
65 DREHER, op. cit., p. 102.
66 FOLHA DOMINICAL, São Leopoldo: IECLB, 11/02/1961., p. 7.
67 FOLHA DOMINICAL, 30/07/61.
68 FOLHA DOMINICAL, 10/06/62.
69 FOLHA DOMINICAL, 01 e 08/11/64.
70 FOLHA DOMINICAL, 02/04/67.

71 DOERZAPFF, R.S. A Região Eclesiástica I. In: P.L., 1970, p. 35.
72 FISCHER, op. cit., p. 17.
73 Ibid., p. 18.
74 MULLER, R. A Transferência da V Assembléia Geral da F.L.M. de Porto Alegre para Evian/França. In: Ensaios Luteranos. São Leopoldo: Sinodal, 1986, p. 132.
75 Ibid., p. 133-134.
76 DREHER, op. cit., p. 76.
77 DREHER. Olhando para a frente. In: P.L., 1970, p. 19-22.
78 KELLER, V. Novas perspectivas na educação. In: P.L., 1970, p. 55.
79 Ibid., p. 59.
80 JOREV. São Leopoldo: IECLB, 1a quinzena 1976, p. 12.
81 JOREV, 2a quinzena/março 1977, p. 8.
82 JOREV, p. 12.
83 JOREV, p. 5.
84 JOREV, 2a quinzena/junho de 1977, p. 9.
85 JOREV, 2a quinzena/agosto de 1980, p. 12.
86 JOREV, 2a quinzena/fevereiro de 1981, p. 12.
87 JOREV, 1a quinzena/julho de 1981, p. 3.
88 JOREV, 2a quinzena/novembro de 1981, p. 9.
89 JOREV, 1a quinzena/junho de 1982, p. 5.
90 REVISTA DO CEM (Centro de Elaboração de Material da IECLB). São Leopoldo: Sinodal, Ano VII, 02, 1985, p. 56.
91 Ibid., Ano VII, 01, 1985, p. 47-40.
92 Ibid., Ano VII, 02, 1985, p. 2-3.
93 Ibid., p. 36-41.
94 Ibid., p. 8-11.
95 JOREV. São Leopoldo: IECLB, 1a quinzena, jan 85.
96 JOREV, 2a quinzena, jan 85, p. 11.
97 JOREV, 1a quinzena, fev 85, p. 11.
98 JOREV, p. 3.
99 JOREV, 2a quinzena, fev 85, p. 6.
100 JOREV, p. 9.
101 JOREV, 1a quinzena, mar 85, p. 12.

102 REVISTA DO CEM. São Leopoldo: Sinodal, Ano VIII, 01, 1986, p.22.
103 JOREV. São Leopoldo: IECLB, ed. especial, out 83, p.8.
104 JOREV, 23 de novembro a 6 de dezembro de 1986.
105 REVISTA DO CEM. São Leopoldo: Sinodal, Ano IX, 01, 1987, p. 8.
106 REVISTA Educação e Criatividade I. Pedagogia de Jesus. São Leopoldo: Sinodal, Departamento de Catequese da IECLB, 1988.
107 PEREIRA, Sueli W.F. ASSINTEC um breve relato histórico 1973-1989 (monografia). Curitiba, 1990. Universidade Federal do Paraná.
108 JOREV. São Leopoldo: IECLB, 1a quinzena, nov. 81, p.5.

Capítulo 5

1 M.L., Porto Alegre: IELB, jun. 1989.
2 M.L., jul. 1989.
3 REHFELDT, M.L. The First ..., 1962, p. 50-51.
4 Ibid., p. 52.
5 Ibid., p. 72.
6 Ibid., p. 75.
7 M.L., jul. 1989.
8 Id., nov. 1989.
9 Id., ago. 1989.
10 Id., set. 1989.
11 Id., out. 1989.
12 HOPPEN, A. Formação de Professores ..., 1992, p. 65.
13 M.L., out. 1989.
14 LIVRO DE REGISTROS do Instituto Histórico da IELB, p. 65.
15 M.L., out. 1989.
16 M.L., nov. 1989.
17 WARTH, C.H. A IELB no Rio Grande do Sul. In: Separata da Enciclopédia Riograndense, IV, p. 249.
18 Id., Crônicas da Igreja, 1979, p. 196-197.
19 M.L., abr. 1924.

20 M.L., jan. 1924.
21 M.L., set. 1925.
22 LIVRO DE LEITURA Ordem e Progresso 1 Livro. Porto Alegre: Concórdia, 1922.
23 Ibid., 2 Livro. Porto Alegre: Concórdia, 1922.
24 M.L., dez. 1989.
25 M.L., dez. 1989 e REHFELDT, op. cit., p. 157.
26 M.L., 1989.
27 REHFELDT, op. cit., p. 159.
28 Ibid., p. 163.
29 Ibid., p. 166.
30 Ibid., p. 167.
31 Ibid., p. 168.
32 M.L., jan. 1990 e REHFELDT, op. cit., p. 166.
33 M.L., jan. 1990.
34 M.L., jul. 1989.
35 M.L., jul. 1990.
36 M.L., jan. 1990.
37 M.L., abr. 1990.
38 REHFELDT, op. cit., p. 193.
39 WARTH, C.H. Crônicas ..., 1979, p. 197.
40 M.L., abr. 1990.
41 M.L., 1937.
42 LIVRO DE LEITURA 1 Livro. Porto Alegre: Concórdia, 1939.
43 M.L., 1940.
44 M.L., abr. 1941.
45 I.L., Porto Alegre: IELB, maio 1943.
46 I.L., 1943.
47 I.L., jan/fev 1945.
48 I.L., 1945.
49 I.L., 1955.
50 I.L., 1946.
51 I.L., 1946,
52 I.L., ano 08, 9-12, 1947, p. 162-164.
53 I.L., ano 10, 9-10, 1949.
54 LIVRO DE ARITMETICA, 2 livro. Porto Alegre: Concórdia, 1948, p 23 e 41.

55 Ibid., 3 livro, p. 89 e 105.
56 I.L., 4,5-6, 7-8, 9-12, jan-abr 1948.
57 I.L., 1949.
58 I.L., 1949.
59 I.L., 1949.
60 I.L., 1951, p. 217-229.
61 I.L., 1951, p. 148-153.
62 I.L., 1958.
63 M.L., abr. 1990.
64 M.L., jun. 1990.
65 WARTH, C.H., Crônicas da Igreja, 1979, p. 195.
66 Ibid., p. 197.
67 Ibid., p. 198.
68 M.L., 1961.
69 M.L., jan. 1962.
70 M.L., fev. 1962.
71 M.L., abr. 1962.
72 M.L., mar. 1963.
73 M.L., maio 1963.
74 JORNAL E. L. Kirchenblatt, no 16, p. 124.
75 M.L., jun. 1963.
76 M.L., jul. 1963 e Jornal E. L. Kirchenblatt, no 15.
77 M.L., ago. 1963 e Jornal E.L. Kirchenblatt no 18.
78 M.L., jun. 1990.
79 M.L., ago. 1989.
80 M.L., abr. 1990.
81 M.L., jan-fev. 1983.
82 M.L. jul. 1989.
83 BECK, Nestor. Caracterização da ULBRA. In: Igreja Sociedade e Educação - estudos em torno de Lutero. Porto Alegre: Concórdia, 1988, p. 129.
84 M.L., set. 1971.
85 M.L., out. 1974.
86 M.L., abr. 1975.
87 M.L., ago. 1979.
88 I.L., 1980.
89 M.L., ago. 1980.

90 M.L., fev. 1982.
91 M.L., maio, 1982.
92 L.C., 1982.
93 M.L., set. 1982.
94 M.L., out. 1985.
95 M.L., ago. 1986.
96 M.L., abr. 1987.
97 I.L., 1987.
98 M.L., mar. 1987.
100 M.L., jun. 1989.
101 M.L. jun. 1989.
102 M.L., ago. 1990.
103 M.L., jan. 1991.
104 M.L., jun. 1991.
105 I.L., 1987.
106 M.L., set. 1988.
107 ANEL, 3o Congresso (apostila), 1990.
108 ANEL, 1990.
109 M.L., dez. 1991.
110 M.L., jun. 1992.
111 JAHSMANN, A.H. A Igreja ensina os seus pequininos (tradução de Arnaldo Schueler). Porto Alegre: Concórdia, 1984.
112 Id., Filosofia Luterana da Educação (tradução de Martinho Lutero Hoffmann). Porto Alegre: Concórdia, 1987.
113 BECK, N. Igreja, Sociedade e Educação - estudos em torno de Lutero. Porto Alegre: Concórdia, 1988.
114 I.L., ano 43. I Trimestre, 1983.
115 I.L., ano 44, III-IV, 1984.
116 VOX CONCORDIANA, Suplemento Teológico (ICSP), Ano 06, 1, 1990.

Capítulo 7

1 WEBER, M. A 'Etica Protestante ..., 1989, p. 54.
2 MANACORDA, M.A. op.cit., p. 271.
3 FREUND, op. cit., p. 66.

Anexo A

1 Refere-se ao extrato do capítulo 2 da Monografia do Curso de Pós-Graduação - Especialização em Fundamentos da Educação da autora (LEMKE, M.D.). A Educação Luterana no Brasil ..., Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 1985. O Anexo I da Monografia traz os tratados de Lutero: "Carta aos conselheiros de todas as cidades da Alemanha para que eles estabeleçam e mantenham escolas cristãs (1524)" e "Sermão a respeito do dever de enviar os filhos à escola (1530)".

2 Ibid.

3 Ibid.

Anexo B

1 FISCHER, J. Conquistadores, missionários e novos cristãos. São Leopoldo: IECLB, Faculdade de Teologia, 1984, p. 47.

2 Ibid., p. 48.

3 Ibid., p. 56.

4 ENCICLOPEDIA ALFABETICA EM UM UNICO VOLUME. Larousse Cultural - Brasil A/Z. São Paulo: Universo, 1988.

5 MARTINS, Wilson. Um Brasil Diferente. São Paulo: Anhembi Limitada, 1955. p. 359.

6 Ibid., p. 370.

7 Ibid., p. 455.

8 AULICH, Werner. Alemães no Paraná. Curitiba: Editado pela Comissão de Festas do Grupo Etnico Germânico do Paraná, 1953. p. 86-87.

9 P.L., 1970, p. 18.

10 P.L., p. 43.

11 HENNIG, M. Os auxílios de entidades evangélicas na Alemanha em prol dos evangélicos no Brasil. In: Ensaios Luteranos. São Leopoldo: Sinodal, 1986, p. 104.

12 Ibid., p. 105.

13 DREHER, M.N. Igreja e Germanidade, 1984, p. 177-217.

14 IELB. Instituto Histórico. Documentos do Arquivo que está sendo organizado.
15 IELB. Instituto Histórico ...
16 IELB. Insituto Histórico ...
17 WARTH, C.H. Crônicas ..., 1974, p. 76.
18 Ibid., p. 78.
19 Ibid., p. 80.
20 Ibid., p. 81.
21 Ibid., p. 83-84.
22 M.L., mar., 1944.
23 M.L., maio, 1944.
24 DREHER, M.N. História da IECLB. In: P.L., 1990, 98.

Anexo C

1 DOCUMENTO fornecido pela direção do Colégio Martinus, 1990.
2 IECLB. Estabelecimentos de Ensino Médio, junho, 1953.
3 INFORMATIVO DO COLEGIO MARTINUS. Curitiba, outubro 1991. Ano 1, 01, p. 12.
4 FRANK, E. Um episódio da velha Curitiba. In: Unsere Vaeter - Pastor Floss, Max Heinrich. Publicação sob os auspícios do Sínodo Santa Catarina, Paraná e outros estados, 1911-1961.
5 DOCUMENTO fornecido pela direção do Colégio Martinus, 1960.
6 DOCUMENTO fornecido pela direção do Colégio Martinus, 1960.
7 RUDOLPH, Adelaide. Adelaide trouxe para o Martinus idéias de Vanguarda em educação. In: Informativo do Colégio Martinus. Curitiba, outubro, 1991, p. 6,7.
8 DOCUMENTO fornecido pela direção do Colégio Martinus, 1987.
9 REGIMENTOS ESCOLARES do Colégio Martinus - 1953 a 1987.
10 ENTREVISTAS concedidas à autora desta pesquisa através de fitas k-7 gravadas. Estas fitas se encontram no arquivo da biblioteca particular da autora. As

entrevistas foram gravadas no 2o semestre de 1991.

Anexo D

1 IELB. Instituto Histórico. Correspondência arquivada sob no 166. O histórico também se encontra no Lar Cristão, 1980.
2 REGIMENTO ESCOLAR da Escola Rui Barbosa. Imbituva, 1985.
3 DOCUMENTO, contendo os dados, fornecido pela direção do Colégio. Imbituva, 1991.
4 IECLB - 25 Jahre Gotteskasten - Arbeit in Brasilien. Ev. Luth. Synode von St. Catarina, Parana u.a. Staten, p. 27.
5 REGIMENTO ESCOLAR, conforme nota 2 deste Anexo.
6 ENTREVISTAS concedidas à autora, cf. nota 10, Anexo C.

Anexo E

1 PAWELKE, J. Ficando rico no oeste do Paraná. M.C. Rondon: compilado pelo autor, 1970.
2 SAATKAMP, Venilda (coord.). Desafios, Lutas e Conquistas - História de Marechal Cândido Rondon. Cascavel: ASSOESTE, 1984.
3 LUDKE, Guilherme. História da Comunidade Cristo. M.C. Rondon: Apostilado, 1984.
4 SAATKAMP, V. op. cit., p. 86.
5 Ibid.
6 IL.C., 1980.
7 LUDKE, G. op. cit.
8 WARTH, C.H. Crônicas ..., 1974.
9 LUDKE, G. op. cit.
10 Ibid.
11 L.C., 1980.
12 L.C., 1980, p. 102.
13 L.C., 1980, p. 102.
14 SAATKAMP, V. op. cit., p. 212. Estatutos da Associação Educacional e Assistencial, art 2o. Regimento Escolar.
15 DOCUMENTO fornecido pela direção da Escola M. Luther, 1991.

16 DOCUMENTO fornecido pela direção da Escola M. Luther,1991.
17 ESTATUTOS da entidade mantenedora do Colégio Martin Luther. ASSEAMAL - Associação Educacional e Assistencial "Martin Luther".
18 ESTATUTO da entidade mantenedora do Colégio Rui Barbosa. A.I.V.A.R.B - Associação do Instituto Vocacional e Assistencial Rui Barbosa.
19 REGIMENTOS ESCOLARES 1977, 1984 e 1985.
20 ENTREVISTAS concedidas para a autora, cf. nota 10 Anexo C.

Anexo F

1 L.C., 1990, p. 99-100.
2 DOCUMENTO fornecido pela direção do Colégio, Rui Barbosa 1991.
3 ESTATUTOS da Associação do Instituto Vocacional e Assistencial, entidade mantenedora da Escola Santa Cruz.
4 CONVENIO firmado entre a Associação e o Governo do Estado do Paraná em 17/11/72, publicado em 1/06/73.
5 REGIMENTO ESCOLAR, 1981.
6 ENTREVISTAS concedidas para a autora, cf. nota 10 Anexo C.

Anexo G

1 DOCUMENTO fornecido pela direção do Colégio.
2 DOCUMENTO fornecido pela direção do Colégio.
3 ENTREVISTAS concedidas para a autora, cf. nota 10 Anexo C.

Anexo H

1 IELB. Instituto Histórico - os arquivos estão sendo organizados, 1947.
2 IELB. Instituto Histórico ...

3 M.L., out., 1937.
4 IECLB, 25 Jahre Gotteskasten ..., p. 31.
5 IELB, Evangelisch Lutherisches Kirchenblatt, 03, p. 21.
6 IELB, Evangelisch Lutherisches ... 1967, 12, p. 8.
7 IECLB - Igreja Evangélica Luterana de Castro, Crônicas, 1966.
8 IECLB, 25 Jahre Gotteskasten ..., op. cit.
9 IECLB, Lutheriche Kirche in Brasilien. São Leopoldo, 1955.
10 SCHROEDER, F. Brazilien und Wittenberg. Berlin, 1936, p. 305.
11 IECLB - 25 Jahre Gotteskasten ..., op. cit.
12 IECLB - Lutherische Kirche ..., op. cit.
13 Ibid.
14 Ibid.
15 Ibid.
16 SCHROEDER, F. op. cit.
17 WACHOWICZ, Lilian. A. Relação professor/estado no Paraná tradicional. São Paulo: Cortez, 1984, p. 210.
18 DEUTSCHE WOCHE ZEITUNG. Von deutsche-brasilianischen Schulwesen in Paraná. Curitiba, 1937.
19 Ibid.
20 SCHOEDER, op. cit.
21 WACHOWICZ, L.A. op. cit., p. 207.
22 Ibid., p. 217.
23 SCHROEDER, F., op. cit.
24 IECLB - Lutherische Kirche ..., op. cit.
25 Ibid.
26 VER ANEXO G, sobre a American Lutheran Church há depoimentos nos apontamentos para o histórico do Colégio Cianortense, PR.
27 P.L., 1970, p. 43.
28 ENTREVISTAS concedidas para a autora, cf. nota 10 Anexo C.
29 Ibid.
30 WARTH, C.H. Crônicas ..., 1974.

Anexo I

- IECLB - Anuário Evangélico, 1992.

Anexo J

- IELB - Lar Cristão, 1992.